This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

## Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

## About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

NEW YORK PUBLIC LIBRARY
3 3433 04388 3564
C 10-4813
Neves, Diocleciano Fernandes das
Itinerario de uma viagem a caca dos elep




Belle Kermit Roosevelt

# ITINERARIO

DE

UMA VIAGEM

Á

# CAÇA DOS ELEPHANTES

POR

DIOCLECIANO FERNANDES DAS NEVES

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1878

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATIONS

# PROLOGO

Ha de haver dez para onze annos que me foi apresentado o auctor d'este livro, Diocleciano Fernandes das Neves. Tinha elle então trinta e seis para trinta e sete. Homem de estatura elevada, hombros largos, braços e mãos vigorosas, olhos penetrantes e muito vivos, maçãs do rosto proeminentes, bocca energica: uma ruga perpendicular e profunda partindo d'entre as sobrancelhas e morrendo a meio da testa; voz forte, mas sonora e agradavel. Nos gestos e nos meneios uma grande decisão. Ouvido apuradissimo. Sentia-se ao seu aspecto e ás suas primeiras palavras que estava ali um homem afeito a correr aventuras e a contrastar grandes perigos.

Assim era.

Diocleciano Fernandes das Neves, saira da villa onde nascera, a Figueira da Foz, aos 25 annos, tomando no rumo da Africa Oriental.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN
FOUNDATIONS

# PROLOGO

Ha de haver dez para onze annos que me foi apresentado o auctor d'este livro, Diocleciano Fernandes das Neves. Tinha elle então trinta e seis para trinta e sete. Homem de estatura elevada, hombros largos, braços e mãos vigorosas, olhos penetrantes e muito vivos, maçãs do rosto proeminentes, bocca energica; uma ruga perpendicular e profunda partindo d'entre as sobrancelhas e morrendo a meio da testa; voz forte, mas sonora e agradavel. Nos gestos e nos meneios uma grande decisão. Ouvido apuradissimo. Sentia-se ao seu aspecto e ás suas primeiras palavras que estava ali um homem afeito a correr aventuras e a contrastar grandes perigos.

Assim era.

Diocleciano Fernandes das Neves, saira da villa onde nascera, a Figueira da Foz, aos 25 annos, tomando no rumo da Africa Oriental.

Moço, forte, intelligente, decidido, ia tratar da vida. Chegado a Lourenço Marques, o mais bello porto de quantos descobriram pelas Africas e pelas Indias os nossos extraordinarios aventureiros do seculo XV e XVI, embrenhou-se por aquelles desertos fecundissimos, tão amenos n'alguns pontos, que parecem estar pedindo um idylio a Moscho; n'outros, terriveis e rugidores, scenario digno das Eumenides e do Prometheu d'Eschylo.

Quantas vezes não teve a morte diante dos olhos!... Ora nas azagaias dos negros selvagens, ora nos cornos dos bufalos, ora nas garras dos leões... e até pela fome!

Esperanças de regressar á patria com alguns haveres, abraçar familia, amigos; mostrar com ufania o fructo de tantas fadigas, poder ser util a alguem, n'uma palavra, mocidade, valor, grande sangue frio, punham peito a todas as agressões e obstaculos e venciam. Passados treze annos, Diocleciano Fernandes das Neves voltou a Portugal. Foi quando eu o conheci e me deliciei muitas vezes ouvindo-lhe narrar episodios da sua vida, sem pretenções rethoricas, com graça natural, phrase correntia e pittoresca.

Tornou ainda uma vez á Africa e demorou-se tres annos. O anno passado, estando eu na minha casa, vieram dizer-me que me procurava o auctor d'este livro. Corri a recebel-o. Aquelles tres annos tinham al-

terado muito pouco as suas feições; mas um dos sentidos é que estava perdido. Ao chegar pela segunda vez a Lourenço Marques, para liquidar os seus haveres, apanhou uma forte constipação, teve a desgraça de cair nas mãos de um curandeiro impirico, que estava ali exercendo as funcções de medico e em resultado do tratamento ficou aleijado.

Foi a Paris, a Londres, a Allemanha, a toda a parte, mas em parte alguma achou remedio ao seu mal.

Diocleciano Fernandes das Neves trazia-me o seu livro perguntando-me com a maior ingenuidade, se, depois de muito emendado, valeria a pena publical-o.

Quando tornou a procurar-me já eu tinha lido a sua obra e aconselhei-o que a publicasse tal qual estava, com o seu dizer familiar, singelo, despretencioso, incorrecto; mas cheio de vida, de movimento, de verdade.

Tem grande interesse para naturaes e até para estrangeiros. O auctor viveu largos annos na Africa Oriental e os seus negocios levaram-o a tratar intimamente com aquella gente, a conhecer a sua diplomacia, que tambem a tem, apesar de viverem n'aquellas solidões bravias, entre animaes ferozes e tendo a cada passo sanguinolentas refregas com os seus semelhantes, porventura, alguns delles, mais carniceiros ainda do que as proprias bestas feras. Observou tudo com extremo bom senso, e muitos dos seus reparos devem ser atten-

didos pelos homens do governo que tenham a prudencia de tratar a serio da nossa grande questão, a questão d'Africa.

Ha alguns quadros n'este livro, que são realmente admiraveis. O leão faminto; a chuva; aquella heroica defeza dos hollandezes contra a horda do trucolento Dingana: a casa do phantasma; scena digna de figurar entre os deliciosos episodios humoristicos de A. Dumas, aparte o primor de estylo; toda a obra, a meu ver, tem o maior interesse. Oxalá, que em breve, o auctor publique outra n'este genero, que já tem quasi concluida. No entanto estou seguro que o publico ha de apreciar devidamente este volume. Fechando esta breve noticia, escripta ao correr da pena, por minha parte, dou os meus sinceros parabens a Diocleciano Fernandes das Neves pelo seu trabalho.

Janeiro, 27 de 1878.

BULHÃO PATO.

# ITINERARIO

DE

UMA VIAGEM

Á

# CAÇA DOS ELEPHANTES

## LIVRO PRIMEIRO

Correu cheio de calamidades para os habitantes de Lourenço Marques [1] o anno de 1860. Afrouxára consideravelmente o commercio do marfim, unico d'aquelle tempo, por causa das correrias e extorsões, que os cafres do rei ***Mahuéoé***, successor do célebre ***Manicussa***, faziam em todos os pontos, onde os habitantes de Lourenço Marques exerciam o seu trafico. Os repetidos roubos dos selvagens haviam arruinado a maior parte dos negociantes d'aquella povoação.

1 Lourenço Marques é uma povoação portugueza de Africa Oriental, situada no extremo sul da provincia de Moçambique. Deriva o seu nome de um portuguez, que primeiramente descubriu e explorou a sua vastissima bahia. É o porto mais importante de toda a costa oriental, e facilmente accessivel a navios de alto bordo.

Tambem eu, infelizmente, pertencia ao numero das victimas! Bem triste, na verdade, era a minha situação! Encontrava-me despojado do pouco, que, com tantos perigos e trabalhos, havia grangeado, e os meios de agenciar a vida difficultavam-se, porque os selvagens tinham interceptado todos os pontos, onde se exercia o trafico do marfim!... Tal situação só póde bem avalial-a aquelle que sae do torrão natal em busca de fortuna, e que, após uma longa viagem de tres mezes, surge nas inhospitas praias africanas! Ahi ha uma voz estranha, que parece bradar-lhe!—Aqui tens à terra e o céo, e o mar que te separam milhares de leguas da tua patria! Longe, muito longe, fica tua familia, teus amigos, e tudo, emfim, que te é caro! Tem resignação e trabalha!—O meu futuro e a esperança de regressar um dia á minha tão desejada patria, com meios de passar a vida independentemente, estavam presos ao barbaro capricho de um selvagem.

São innumeros os perigos que cercam o emigrado nas terras de Africa Oriental! O clima, inexoravel inimigo da raça europea, tem sempre em constante ameaça a sua vida! O gentio, aváro por condição, rouba-lhe a fazenda todas as vezes, que o ensejo se lhe depara. Sobre tudo, o que mais affligia o emigrado, eram as extorções e prepotencias commettidas pelos governadores subalternos! Elles aproveitavam-se da ignorancia e desmoralisação em que jaziam os infelizes habitantes da provincia de Moçambique, e á sombra d'ellas praticavam as mais feias indignidades, só dominados pela cubiça de arrecadar cabedaes!

Inspirava muito dó aquelle infeliz povo, pela desmoralisação a que estava condemnado! O emigrado que para ali fosse, era necessario que tivesse o coração blindado de uma couraça muito forte, para não se deixar perverter desde logo! O militar e o empregado publico haviam esquecido de todo a probidade e o pundonor. Em um paiz, onde o genero humano era uma fazenda com que se mercadejava, cujo infame commercio se alimentava na connivencia não só dos governadores subalternos, como tambem de alguns governadores geraes, não era de estranhar, que os habitantes vivessem uma vida de ennegrecida desmoralisação! Não eram elles os culpados. A culpa cabia só aos governos da metropole, que não curavam da punição dos seus delegados na Africa, reprimindo a indecorosa connivencia d'aquellas auctoridades no odioso trafico da escravatura.

Em quanto a Inglaterra, esse povo que excede todas as nações civilisadas em exemplos de protecção ás classes desvalidas e de interesse que incessantemente toma pelo bem da humanidade universal, mandava os seus navios de guerra cruzar os mares de Africa portugueza, para obstar ao abominavel trafico da escravatura, que os povos civilisados olhavam com a maior indignação, Portugal, patria de heroes, séde de um povo brioso, que acabava de vibrar golpe profundo nas velhas instituições, que amparavam o despotismo, cujas formidaveis raizes se apoiavam na ignorancia e no fanatismo; este povo que se libertára da escravidão que o opprimia, não sem vêr cair aos golpes do cutello da tyrannia os seus mais dilectos filhos, Por-

tugal, emfim, ficava-se inerte, olhando indifferente para o triste espectaculo, que as nossas colonias de Africa apresentavam aos olhos das nações civilisadas!

Bem severa deve ser, n'este ponto, a historia para os governos d'esse tempo; pois que o trafico da escravatura não podéra por modo nenhum existir nas nossas colonias de Africa, sem as auctoridades serem n'elle coniventes. Tinham muitos meios á sua disposição para impedir que os habitantes exercessem aquelle vergonhoso commercio; assim como ao governo da metropole não faltavam expedientes para punir severamente todos esses indignos funccionarios, que vendiam por um punhado de oiro a confiança e a dignidade, de que os haviam investido.

Se fosse permittido examinar os archivos do ministerio da marinha ingleza, deparar-se-hia n'elles com os nomes d'esses miseraveis governadores, acompanhados de uma nota exacta do numero de navios, carregados de pretos, que sairam dos differentes pontos de Africa portugueza, no tempo do governo de cada um d'elles.

Lourenço Marques era o unico districto da provincia, onde o trafico da escravatura estava completamente annullado. Depois de 1845 não se tratou ali mais de similhante commercio. A razão de Lourenço Marques se tornar a este respeito uma excepção dos outros districtos, fôra a seguinte:—Constando em 1845 ao célebre Manicussa, que saira da bahia um navio carregado de pretos, que haviam sido vendidos por alguns regulos, que lhe eram sujeitos, ficou por tal modo indignado com a noticia, que mandou arra-

zar as povoações dos vendedores, dando a morte a todas as pessoas que n'ellas encontrou; e fez depois constar a todos os seus subditos, que de futuro procederia de egual modo com todos aquelles, que incorressem no infame crime de vender o seu similhante. «Aquelle que vende o seu similhante, dizia elle, merece mais justamente ser perseguido e caçado, que as pantheras ou leões.» Por este motivo, quando desembarquei em Lourenço Marques em 5 de outubro de 1855, não se fazia ali escravatura, nem se fez depois mais. A desmoralisação, porém, subsistia com todo o seu horror, como se a escravatura existisse ainda. O mal estava inveterado, e o seu germen provinha de um regimen estupido que os governos da metropole ineptamente mantinham na provincia de Moçambique. Em 1855, o soldo mensal dos alferes da provincia era de 12$000 réis. Anteriormente percebiam apenas 6$600 réis; e o tenente e o capitão relativamente ao alferes. Ora, n'aquelle tempo, um arratel de assucar mal refinado custava lá 300 réis, um arratel de café 500 réis; e um pão, que em Lisboa regularia por 15 réis, custava 50 réis. Os demais generos de alimentação, exceptuando arroz e mandioca, compravam-se egualmente carissimos. O calçado e o vestuario attingiam o quadruplo do custo de Lisboa. De maneira que o official de Moçambique vivia condemnado a alimentar-se eternamente só de arroz e mandioca, e a vestir um casaco e calça de zuarte, porque a mesquinhez do seu soldo não consentia que elle se excedesse d'isto.

Em taes circumstancias, como podia a primeira auctoridade da provincia, ainda mesmo que a animassem

as melhores intenções, proceder contra os malfadados officiaes, quando elles prevaricavam?... Compenetrava-se da eloquencia do dictado — a fome é inimiga da virtude — e fazia a vista grossa, como trivialmente se diz. Por consequencia a desmoralisação proseguia, auctorisada tacitamente pelos governos da metropole, e tolerada por necessidade pela auctoridade superior da provincia.

Só passados alguns annos o governo da metropole, por incessantes instancias do digno governador geral João Tavares de Almeida, melhorou um pouco a miseravel situação dos officiaes.

Era dia de grande gaudio, para os militares e empregados publicos, aquelle em que saia de um porto da provincia um barco carregado de escravos. Todos comiam do chamado — *boi* — ajustado pelo governador com o capitão do navio, e que orçava por 15:000$000 réis. A melhor parte, como deve suppor-se, era para o governador. Este, todavia, tinha o cuidado de reservar um bom quinhão para o governador geral, secretario geral e juiz de direito. A sobra, que regulava por 3:000$000, era repartida pelos empregados e militares. Até o pobre soldado era contemplado com quatro *duros*. A orgia, que se seguia á realisação de um carregamento de escravos, mettia horror! Os banquetes, as ceias e o jogo não cessavam um momento, emquanto aquelles infelizes não gastassem o ultimo *duro*, que recebiam de tão infame procedencia. Muitos d'elles succumbiam no meio d'aquellas baccanaes, asfixiados pelo excesso da comida e das bebidas.

O official, que saia de Portugal para a Africa, go-

vernar um districto, recolhia rico a Lisboa no fim de tres annos. Houve um governador geral que, quando voltou a Lisboa, trouxe tão avultada porção de *onças hespanholas*, que fizera baixar, consideravelmente, o cambio d'ellas. Entretanto a provincia definhava a olhos vistos. Os cofres da fazenda publica estavam sempre vasios, e emquanto durou a escravatura, devia-se aos empregados e militares dois e tres annos dos seus vencimentos. Felizmente, em 1862, o vergonhoso commercio estava inteiramente anniquillado em toda a provincia, porque a importação de escravos nas ilhas de Cuba, unicos pontos para onde, n'aquella epocha, levam pretos de Moçambique, era absolutamente impossivel, graças ás medidas energicas, que o governo de Hespanha havia adoptado, para combater o odioso trafico.

Não era sem um profundo desgosto que os mercenarios governadores dos districtos viam anniquillada a escravatura, que lhes assegurava um meio certo de enriquecerem em pouco tempo. Mas elles, generaes aguerridos na campanha da corrupção, não desanimavam com a primeira derrota! A ignorancia dos habitantes e a desmoralisação dos empregados e militares forneciam-lhes outros meios não menos abjectos de se locupletarem do mesmo modo. O gentio, excitado por elles, começou a sublevar-se. Pela sua parte, os mercenarios tambem se não demoravam em declarar o districto em estado de sitio, ao que se seguiam, necessariamente, despezas extraordinarias, que elles exaggeravam descaradamente. Pouco cuidado lhes dava, que ellas parecessem exorbitantes. A grande questão

para elles era arranjar um motivo de as fazer. Tinham a certeza de que a junta da fazenda não trataria nunca de averiguar se ellas eram reaes ou fantasticas. Por este lado estavam descançados; não tinham nada a temer. Os cofres dos districtos estavam á sua disposição. Elles eram os presidentes das delegações, e os thesoureiros e secretarios, puros automatos, faziam tudo quanto elles queriam, e com isso tambem lucravam alguma coisa.

Quando um districto não estava em guerra com o gentio, estes indignos funccionarios exploravam a ignorancia dos habitantes. Exerciam n'elles quantas extorsões imaginavam, e se algum commettia o erro de os contrariar, era logo, pelo primeiro navio, remettido preso para Moçambique. A desmoralisação e a intriga, provocadas por esta infame gente, opprimiam horrivelmente os habitantes de todos os districtos, que reciprocamente se odiavam.

Em 1860, Lourenço Marques caminhava a passos largos para a deploravel situação que venho de descrever, havendo infelizmente a accrescentar, que o commercio de marfim paralysára inteiramente, attentos os motivos que atraz expuz. Este conjuncto de circumstancias fez-me emprehender uma viagem á republica do Transvaal, para d'ali ir fazer uma caçada aos elephantes.

## PREPAROS DE UMA VIAGEM PARA A CAÇA DOS ELEPHANTES

Os pretos das cercanias de Lourenço Marques são indisputavelmente os primeiros atiradores e os melhores caçadores de elephantes de toda a Africa Oriental. Geralmente todos atiram bem, porém o bom caçador de elephantes distingue-se muito dos outros. É temivel na guerra: tiro seu faz infallivelmente abater um preto, ainda a grande distancia.

Antes de emprehender a primeira viagem ao interior já eu tinha caçadores que mandava, por turnos, á caça dos elephantes. Os caçadores eram remunerados na proporção do marfim que caçavam. Deduzidas as despezas, do que sobrava pagava-se-lhes metade em fazendas. Eram importantes os gastos de uma viagem a grande distancia. Cada caçador levava 12 arrateis de polvora fina; 250 balas de calibre 4, 5, e não menos de 6 em arratel, fundidas de tres quartas partes de chumbo e uma de estanho, e as respectivas capsulas. Estes artigos custavam, n'aquelle tempo, o quadruplo do custo da Europa. Para conduzir os materiaes e mais objectos de cada caçador, eram necessarios quatro carregadores. Cada um d'estes ganhava n'uma viagem de 120 leguas, 7$500 réis proximamente, pagos adiantados. Além d'estes carecia-se de outros para o transporte de fazendas, que eram indispensaveis para compra de mantimentos e outras despezas.

O dispendio mais consideravel eram os adiantamen-

tos, feitos aos caçadores. Regulavam por 18$000 réis a cada um.

A primeira coisa de que se tratava, quando se emprehendia uma viagem ao interior, era de contratar carregadores. Depois de pagos, procedia-se á fundição das balas, tarefa que durava quatro dias, e que era feita pelos proprios caçadores. Estes vinham invariavelmente acompanhados dos irmãos e cunhados, que só tinham em mira beber da aguardente que os caçadores me apanhavam por esta occasião. Acabado este trabalho, tres ou quatro dias depois, seguia-se a distribuição das balas, polvora e capsulas. N'esta occasião vinham os moços de todos os caçadores. Os paes, irmãos, cunhados e demais parentes não faltam n'este dia de grande festa, por ser dia de muita aguardente. Enxugavam-me um barril de 100 litros de cachaça, que eu tinha o cuidado de só distribuir depois de amarradas as cargas de balas e polvora, porque a embriaguez era inevitavel.

A distribuição fazia-se no quintal. Como medida preventiva de provavel invasão da negraria de fóra, attrahida pelo aroma da deliciosa bebida, tapavam-se as avenidas. Tomadas estas precauções, mandava sair para o quintal todos os pretos.

Primeiramente collocava-se no meio do quintal uma celha, e junto d'ella duas canecas de tres decilitros de capacidade; e em seguida procedia-se á abertura do barril. Mettida a respectiva torneira, era collocado sobre dois tóros. Immediatamente destacava para junto do barril uma sentinella de um dos meus pretos de casa, aos quaes, n'este dia, era absolutamente

prohibido beber aguardente, porque era indispensavel mantel-os em seu juizo, afim de policiarem os outros.

A algazarra que faziam era estrondosa e medonha, mas, apenas principiava a abertura do barril, cessava logo, sendo substituida por um silencio profundo. O impinar do barril, afim de abrir n'um dos tampos um buraco para metter a torneira; o tornar a deital-o, e a abrir-lhe junto do batoque um furo para a entrada do ar; o levantal-o depois para o encanteirar; todos estes movimentos eram acompanhados pelos olhares attentos dos pretos, que estavam sentados no chão com as mãos cruzadas em cima dos joelhos e a barba encostada ás mãos.

Encanteirado o barril, enchia-se a celha de aguardente, proximo da qual me postava logo com o poder executivo nas mãos: um varapau. Esta aguardente era só para os carregadores, que formavam um grupo separado. Os caçadores formavam magote á parte, e por traz d'elles agrupavam-se os paes, irmãos, cunhados e demais parentes. Imperava ainda profundo silencio em toda a negraria. O espirito d'elles estava magnetisado pelo espirito da celha.

Era emfim chegado o momento de beber o delicioso licôr. Em primeiro logar, por meu mandado, *chumbutava* (provava), da aguardente o carpinteiro, tambem preto, que havia mettido a torneira ao barril. Fazia-me um rapa-pés, e enchia de aguardente uma caneca, bebendo-a de um trago. Então os olhos dos pretos abriam-se extraordinariamente. O movimento das guellas do carpinteiro, no acto de beber,

reproduzia-se nas de todos os pretos em geral. As boccas abriam-se e fechavam-se involuntariamente; e mastigavam e enguliam, como se estivessem já a saborear aquelle liquido, que para os paladares africanos é o superlativo do que ha de mais estimavel. O carpinteiro, quando acabava de beber, olhava para mim, fazendo um movimento com a caneca para a celha, como quem queria repetir a dóse; porém um olhar severo da minha parte fazia-lhe comprehender, que não era permittido tirar mais. Visivelmente maguado depunha a caneca e retirava-se, executando outro rapa-pés.

Tocava então a vez aos carregadores. A cada um era permittido encher uma caneca e beber, sendo-lhes prohibido chegar ao pé da celha mais de dois de cada vez. Os que bebiam primeiro iam sentar-se para um logar separado.

Apenas os carregadores principiavam a beber, a algazarra recomeçava. Os que se aproximavam da celha, antes de chegar a sua vez, experimentavam no costado o rigor do poder executivo, o que era motivo de estrondosa risota para os outros. Depois de todos beberem, se ficava alguma aguardente na celha, abandonava-a aos carregadores mais qualificados na guerra, não deixando por isso de haver entre elles alguma lambada; acto continuo distribuia-se pelos caçadores a restante aguardente, que era mais de tres quartas partes do barril. Esta distribuição fazia-se em botijas e garrafas, e os melhores caçadores eram contemplados com maior porção. Concluida a distribuição, cada caçador formava logo um grupo separado com os seus

parentes. *O cunhado grande* (irmão da primeira mulher), era a primeira pessoa que o caçador presenteava, depois o pae, e em seguida cada um dos outros cunhados. Reservava para si tres ou quatro garrafas, que bebia com os irmãos e amigos. Os effeitos da aguardente não tardavam a apparecer. Faziam-se annunciar pela dansa e cantos de guerra. As proezas praticadas por cada um d'elles eram exprimidas em phrases bellicosas, gestos expressivos e movimentos aguerridos. Desde então a algazarra attingia proporções infernaes. Pela minha parte fechava-me dentro de casa, para fugir ás exigencias que os caçadores, depois de beberem, não cessavam de fazer-me. Algumas vezes, porém, a minha presença era absolutamente indispensavel, afim de acalmar algum magote de pretos, que estavam em desordem. O unico meio de restabelecer a ordem entre elles era á paulada, que, aliás, não parecia magual-os muito.

Eram variados os effeitos da embriaguez. Aqui viam-se uns pretos, com a *capelana* (panno de uma braça quadrada, que lhes serve de capa), cingida á cintura, estendidos no solo como uma massa inerte. Ali dois ou tres em egual estado, e ainda alguns sentados no chão com as pernas estendidas, já sem acção, e o resto do corpo vacillante, fazendo esforços desesperados para se manterem n'aquella posição. Mais além, tres ou quatro carregadores em completo estado de nudez, já sem *majóvo* (vestimenta de pelles que atam á cintura e que lhes cobre as partes sexuaes), com o corpo emborralhado e o nariz e beiços ensanguentados, em resultado dos repetidos trambo-

lhões, cantando ainda com voz muito rouca e desfallecida, e tombando ao mais pequeno movimento. N'outra parte avistava-se ainda um grupo de vinte e trinta, sem cambalear, dansando e entoando cantos de guerra; deslisando-se-lhes, todavia, a espuma pelos cantos da bocca, signal evidente de que *Baccho* principiava já a produzir n'elles a sua energica acção.

Era assim que terminava o dia da distribuição dos materiaes para a caça. Quando os carregadores levavam as cargas era já alta noite. Felizmente os caçadores, mais habituados á bebida, não perdiam de todo o tino, e acompanhavam aquelles, para evitar que extraviassem as cargas. Dois dias após a distribuição volviam os caçadores. D'esta vez traziam sómente as mulheres e paes, para receberem os adiantamentos. Por esta occasião tambem apanhavam algumas garrafas de aguardente, que repartiam com as mulheres.

## O GAGÁO

No dia immediato ao receber dos adiantamentos voltavam ainda os caçadores a pedir-me fazendas e aguardente para o *gagáo*. Esta exigencia, apezar de ser a menos importante, era a que realmente me repugnava satisfazer.

O *gagáo* compõe-se de ganizes e outros ossos pequenos de cabritos selvagens e domesticos, de ossinhos da cabeça da hyena, e de miudos seixos maritimos, brancos e pretos.

O *gagáo* é o oraculo dos pretos. Não marcham para

a guerra, não emprehendem nenhuma viagem, sem que previamente o consultem. Para qualquer acto da vida, até o menos importante, carecem de consultal-o. Todos os pretos o sabem deitar. Uma consulta simples qualquer póde fazel-a, conseguindo uma resposta do oraculo. Porém, quando um preto se dispõe a fazer viagem, tem necessariamente de soccorrer-se dos professores de *gagáo*, que são uns verdadeiros sacerdotes dos negros. Vejamos como estes doutores fazem uso do *gagáo*.

Depois dos regulos, os caçadores de elephantes eram os que melhor recompensavam os *gagaistas*. Na vespera da viagem o caçador chama a casa um dos mais afamados *gagaistas*. Este, depois de ter recebido adiantadamente o preço do seu trabalho, apresenta-se na morada do caçador, precedido de um rapazinho, que é portador dos ossos do *gagáo*, cuidadosamente encerrados em uma bolsa de coiro. O caçador recebe o *gagaista*, sem faltar a nenhuma das regras de etiqueta que é devida á alta dignidade d'esta especie de sacerdotes.

Todas as povoações têem no centro uma arvore pelo menos. A recepção é feita debaixo d'ella. O caçador manda estender uma esteira para o *gagaista* se sentar. Feito isto, senta-se tambem o caçador, mas no chão, distante d'elle cêrca de quatro passos, de braços cruzados sobre os joelhos, em signal de respeito. O *gagaista* recebe então do caçador os mais respeitosos cumprimentos, que elle retribue com palavras muito affectuosas, mas com ar de um refinadissimo velhaco. Depois de contarem um ao outro as novidades do dia, o rapazi-

nho depõe aos pés do *gagaista* a bolsa com as peças do *gagáo*, e principiam então o trabalho. Se o caçador tem pae, avô ou bisavô, é indispensavel a presença do ultimo.

Apenas o *gagáo* está a ponto de funccionar, o caçador vae postar-se a dez passos dos circumstantes, com as costas viradas para elles. Cruzados os braços sobre os joelhos, dirige preces supplicantes á alma do pae, se já for fallecido. Se ainda vive, ao avô; e assim successivamente, isto é, ao ultimo progenitor fallecido. N'estas orações pede elle ao pae, avô ou bisavô, que o proteja na viagem que vae emprehender, e que havendo obstaculos, lhe mostre a natureza d'elles, e lhe indique os meios de vencer todos. O *gagáo* encarregar-se-ha de responder pela alma ás orações do supplicante. Findas estas vae sentar-se em frente do *gagaista,* que despeja, então, no chão a bolsa do *gagáo*, passando a empunhar uma varinha, e a dar começo á solemnidade, após exordio breve e adequado ao assumpto. O caçador apanha, ás mãos ambas, todas as peças do *gagáo*, invoca de novo a alma do seu progenitor, e lança-as ao solo, dando-lhes a direcção do *gagaista*. Este pousa logo a varinha sobre os pés, apoia os cotovelos nos joelhos, e descansa sobre as mãos o rosto. E assim permanece por mais de cinco minutos, meditando e olhando vagarosamente, uma a uma, todas as peças do *gagáo*, emquanto que os assistentes guardam n'este acto silencio religioso. Depois toma a varinha, e, reunindo com ella as peças do *gagáo*, faz signal ao caçador para as lançar outra vez, o que este executa, invocando sempre a alma do

seu progenitor. O *gagaista* medita ainda na mesma posição que a anterior. Em seguida pega na varinha, que havia pousado, e principia a interpretar em diversas peças o futuro, isto é, o que deve necessariamente succeder na viagem do caçador, indicando com a ponta da varinha a significação de cada uma d'ellas, significação que varía, conforme a posição em que se acham.

O caçador continúa a deitar o *gagáo*, e o *gagaista* vae-lhe traduzindo e indicando successivameente o que tem a fazer durante a viagem, e o modo como deve encetar a caça, quer de elephantes, quer de outros animaes. Se porventura o *gagáo* manifesta algum obstaculo, o *gagaista* estuda a sua natureza e aponta o meio de o combater. O *gagáo* tambem tem obrigação de indicar se a primeira peça de caça, que o caçador matar, será macho ou femea. O caçador observa rigorosamente tudo quanto o *gagáo* lhe prescreve.

## O BAFO

No dia immediato ao da ceremonia do *gagáo*, o caçador toma *bafo* e mata um cabrito, que o *gagáo* já tem indicado se deve ser macho ou femea.

O *bafo* é um banho de estufa, de que os pretos usam para combater varias enfermidades; tomam-o tambem sempre que emprehendem alguma viagem ao interior. É preparado da seguinte maneira: — Põem ao fogo uma panella grande, cheia de agua. A tres passos do brazeiro armam, com cobertores e *capela-*

*nas*, um cubiculo, onde só cabe em pé um homem. Apenas a agua ferve, o caçador entra para o cubiculo, aonde tambem mettem a panella com a agua. Os vapores que emanam d'ella produzem effeitos extraordinarios. Torna-se tão copiosa a transpiração do corpo, que o preto fica escorrendo, como se saisse momentaneamente de um rio. O *bafo* dura apenas cinco minutos. Depois desmancham rapidamente o cubiculo e deitam uma grande porção de agua fria sobre a cabeça e corpo do caçador, afim de evitar que elle se constipe.

Concluido o *bafo*, procede-se á immolação do cabrito, que amarrado a uma arvore, não cessa nunca de gritar, adivinhando, talvez, a sorte cruel que o espera. Effectivamente o caçador, que tem entrado na palhota, apenas enxuga o corpo, sae com o ferro mortifero em punho, e dirige-se a passos lentos sobre a victimasinha. N'este momento o *gagaista*, cuja presença é indispensavel, pronuncia algumas palavras funebres. Quando elle acaba, o caçador alça a azagaia e crava-a na espadua esquerda do animal, atravessando-lhe o coração. O cabritinho depende um balido abafado; o sangue jorra-lhe immediatamente pelas ventas; vacilla um instante, e cae sem vida. Durante o curto estertor do animal tem o caçador estado sentado no chão, com os braços cruzados sobre os joelhos e a azagaia debaixo dos pés.

Dois rapazes se apoderam immediatamente da rez, que a esfolam de prompto. Extraídos os intestinos, partem a carne em pedaços, que agrupam em cima da pelle de envolta com as tripas. Em seguida parti-

cipam ao caçador a conclusão da tarefa. A cabeça do cabrito fica logo sendo propriedade dos dois rapazes.

A grande ceremonia é celebrada n'esta occasião.

## OS «SANTOS OLEOS» DOS PRETOS

Assim como os catholicos têem os seus santos oleos, com que purificam a alma, tambem os pretos têem os seus, que só são válidos quando applicados pelos seus sacerdotes — os *gagaistas* —. Com a differença, porém, dos catholicos se contentarem de purificar o corpo e a alma sómente no baptismo e nos perigos das enfermidades, emquanto que os pretos soccorrem-se d'elles muitas vezes.

O *gagaista*, apenas o caçador lhe communica que o cabrito está desmanchado, tira da sua botica uma raiz virtuosa, da qual extrae, com uma azagaia, algumas raspas, que mette na bocca. Em seguida dirige-se ao logar onde se acham as tripas do cabrito, e do intestino, que contém a comida ainda mal digerida, tira um pouco do conteúdo, que mette tambem na bocca, mastigando-o de envolta com as raspas da raiz. Vae depois para uma extremidade da povoação, e d'ali, em termos commoventes, exora a alma do progenitor do caçador, afim de o guiar e preservar de qualquer perigo que porventura lhe sobrevenha na viagem que vae encetar. Acabada a oração, expelle da bocca, para a frente, para a direita e para a esquerda, as raspas da raiz conjuntamente com o alimento mal digerido do cabrito.

O *gagaista* executa esta ceremonia completamente nú. Algumas vezes que assisti a este acto, e que observava a refinadissima hypocrisia d'estes patifes, que são geralmente coxos, vesgos ou corcundas, tinha vontade de pegar n'um pau e endireitar-lhe bem as costas. Motivos muito justos me assistiam para proceder assim contra aquelles velhacos, que, por intervenção dos caçadores, me apanhàram grande porção de peças de fazenda e centenas de garrafas de aguardente.

Immediatamente á ceremonia o *gagaista* tira da sua bem fornecida botica duas cabacinhas, que contéem os *santos oleos,* os quaes são negros como carvão. Vasa n'um caco um pouco de cada uma, mistura-lhe algumas raspas de raiz virtuosa, e mexe tudo com os dedos. N'esta occasião profere um discurso apropriado á situação, traçando com os *santos oleos,* na testa do caçador uma cruz, outras nas costas e peito, e uma pequena n'um braço, concluindo assim a ceremonia. Desde então o caçador fica sacramentalmente habilitado a fazer viagem. Purificado o corpo, pouco ou nada tem a receiar; excepto algum caso tão intrincado e difficil de prever, que escapasse ao *gagáo.*

Terminada a ceremonia, sentam-se debaixo da arvore todos os assistentes. O *gagaista* continúa a receber as maiores provas de deferencia e distincção. Só elle gosa da regalia de sentar-se na esteira. D'esta vez, porém, é licito ao caçador sentar-se junto d'elle, excepto se tem ainda pae, porque em tal caso é este que fica junto do *gagaista,* e aquelle vae sentar-se entre as demais pessoas.

Antes de findar a ceremonia já a carne tem sido

posta ao fogo em uma grande panella, servindo-lhe outra de cobertura, e ficando as bordas de ambas hermeticamente tapadas com excremento do cabrito.

As tripas, que é do cabrito, bem como dos outros animaes, o que os pretos mais apreciam, são assadas pelos dois rapazes, que as apresentam ao caçador, depois de todos sentados. O caçador dá metade d'ellas ao *gagaista,* que as devora n'um momento. Deve notar-se que as tripas são assadas sem serem lavadas. Dizem os pretos, que se fossem lavadas perderiam a melhor gordura e não seriam tão gostosas *(sic).* O resto das tripas é distribuido aos assistentes. Depois de as acabarem de comer, vae o caçador á palhota, e traz duas garrafas de aguardente, dando uma ao *gagaista,* e outra aos assistentes, que bebem logo. Vem em seguida a panella com a carne, já cozida. O caçador tira d'ella uma porção, que manda ás suas mulheres, e o resto, do qual a melhor parte é para o *gagaista,* entrega-o aos assistentes. No caldo, que bebem por fim, vêem-se boiando pedacinhos de escremento... Todos se despedem então do caçador manifestando-lhe os bons desejos, que têem, de que elle faça boa viagem e mate muitos elephantes.

Concluidas as ceremonias, os caçadores vinham participar-me que estavam desembaraçados e promptos a marchar. Eu então designava-lhes o dia da partida e a povoação onde haviam de pernoitar.

## VIAGEM A ZOUTPANSBERG

O principal motivo, que determinou a minha primeira viagem á caça dos elephantes, fôra, como já referi, o deploravel estado em que se encontrava o commercio do marfim em Lourenço Marques. Qualquer transacção d'aquelle trato tornava-se cada vez mais difficil e perigosa, por este motivo resolvi ir primeiramente á republica de Transvaal, onde se me offerecia segurança de effectuar a caçada, sem perigo de ser vexado pelos cafres do perverso *Mahuéoé*, que dominava todo o interior, desde Lourenço Marques até á Zambezia. Elle, entretanto, respeitava muito os hollandezes, que iam ou mandavam a todos os pontos do interior á caça dos elephantes, sem receio algum de serem incommodados pelos bandos d'aquelle barbaro. N'esta viagem levei para a republica algumas mercadorias proprias para o consumo dos hollandezes.

A expedição era assim composta—120 carregadores com generos para os hollandezes—30 com fazendas para compra de mantimentos e outras despezas—3 chefes dos carregadores—17 caçadores—68 carregadores dos materiaes dos caçadores—5 da minha bagagem—4 criados—o meu logar-tenente, um sub-logar-tenente e 4 carregadores d'elles.—Total 253 pretos.

A minha bagagem compunha-se de um colchão com sua cabeceira e um cobertor—uma lata grande com assucar—outra do mesmo tamanho com bolachinhas americanas—uma condeça com roupa de uso—e uma

caixa que continha uma lata com chá, outra pequena para servir o assucar, 2 chicaras e pires, 2 talheres, 1 búle de folha, 8 massos de velas de stearina, e uma lata com cerca de 8 arrateis de sal.

Parti a 3 de setembro de 1860, e pernoitei na povoação do regulo *Mabod*. As terras d'este pequeno regulo são pela parte do noruesto o extremo das de *Mafumo*. No dia 4 de setembro reuniram-se a mim os caçadores, carregadores e toda a comitiva. Ás seis horas da tarde não faltava ninguem. Pernoitei ainda n'esta povoação.

No dia 5, pelas cinco horas e meia da manhã, largamos a pousada do *Mabod*, e partimos em direcção ás terras da *Moamba*. Ás quatro da tarde chegámos á povoação do *Matinguana*, filho do *Modái*, regulo grande da *Moamba*, onde pernoitámos.

No dia 6 pelas cinco da manhã partimos para a povoação do *Modái*. N'este dia encetámos a marcha mais cedo, em consequencia da grande distancia da povoação do regulo. Só ás seis da tarde, após um trajecto de nove leguas aproximadamente, entrámos na povoação da *Mulher grande* (primeira mulher) do *Modái*.

Este regulo tem sido sempre, desde o principio do estabelecimento da feitoria em Lourenço Marques, mais ou menos inimigo dos brancos portuguezes, e particularmente dos pretos das terras de *Mafumo*, que são propriedade da corôa. O fundamento da inimisade provinha de ter sido seu tributario o regulo de *Mafumo*, e ter este deixado de pagar tributo áquelle desde que os portuguezes se estabeleceram em Lou-

renço Marques, e dos quaes se fez subdito espontaneamente.

Em consequencia dos pretos da *Moamba* maltratarem os de *Mafumo*, sempre que estes passavam pelas suas terras, os meus, pela maior parte de *Mafumo*, receiavam transpôr a *Moamba*, principalmente nas proximidades das povoações do regulo grande, mais frequentadas que as outras.

Apenas entrei na povoação, mandei abrir uma carga, da qual tirei uma peça e uma *capelana*, que enviei á mulher do *Módái*, pedindo-lhe palhotas para toda a comitiva. A mulher mostrára-se agradecida pelo meu presente, e enviou-me um secretario, encarregado de indicar as palhotas que eu pedira. Dei um *capotim* (duas braças de fazenda) ao secretario, e em seguida mandei comprar mantimento para os pretos. Segundo o costume remetti um *saguate* ao regulo, que residia n'outra povoação.

Constava o presente de tres *capelanas*, duas peças de zuarte, e uma garrafa de aguardente. O regulo veio depois visitar-me. Eram já sete horas, quando elle entrou na povoação, acompanhado dos seus secretarios e cerca de 200 pretos. Trouxe-me um soberbo cabrito e um *cherundo* (cèsto) de arroz. Recebi-o na palhota, onde entrou elle e tres secretarios principaes. Fizeram-me os seus comprimentos, aos quaes correspondi. O seu estudo-maior ficou no largo da povoação, entretendo desde logo animado *cavaco* com os meus pretos.

Este regulo devia ter de 75 a 80 annos, mas estava perfeitamente bem conservado, e caminhava com des-

embaraço. Era alto e bem feito, de feições regulares, peito saliente e fórmas um tanto herculeas. Lampejavam-lhe no rosto um olhos de grandeza pouco vulgar. Mostrou-me muita sympathia por ser o primeiro branco da Europa que tinha visto. Disse-me que, dos brancos de Lourenço Marques, só conhecia algum asiatico, *canarim* ou *baniane*, que iam á sua terra trocar fazendas por marfim. Retirou-se pelas oito horas e meia. Mandei logo matar o cabrito, que reparti pelos caçadores, reservando para o meu jantar uma das pernas, que comi cozida com arroz, e de que se serviram tambem os meus criados.

Como estava muito fatigado da grande marcha do dia deitei-me apenas acabei de comer. Só acordei ás cinco horas e meia da manhã.

Partimos ás seis e meia, em direcção ás terras de *Cossa*. Pelas duas da tarde chegámos a uma pequena povoação, situada junto do rio *Incómáte*, que divide as terras da *Moamba* das de *Cossa*. Eu e o meu logar-tenente fomos os primeiros a chegar, e sentamonos á sombra de uma arvore, á qual encostámos as armas.

O meu logar-tenente era tambem caçador de elephantes, e afamado. Chamava-se *Manóva*. Apezar de contar cêrca de 65 annos, era agil como um rapaz de 25. Sabia muito bem fallar portuguez. Era o primeiro chefe da guerra de *Mafumo*, e homem de grande valor. Era modesto. Não fazia ostentação da sua valentia. Na guerra, o tiro, expedido da sua arma, matava infallivelmente um preto, ainda a grande distancia. Possuia intelligencia, e era affavel no tracto com

os brancos. Sem que eu lhe dissesse que tinha sêde, foi ao rio buscar-me agua em uma cabaça, que trazia sempre amarrada á cintura. Entretanto preparei um cigarro para fumar.

## ARMAM-SE OS PRETOS EM GUERRA POR CAUSA DE PEDIR FOGO PARA ACCENDER UM CIGARRO

Pouco distante de uma palhota havia fogo, em volta do qual estavam sentados dois rapagões de 21 annos aproximadamente. Levantei-me empunhando o bordão — o mesmo que fazia conter em respeito os pretos desorientados pela aguardente, por occasião da distribuição dos materiaes para a caça —. Avancei para um d'elles, e disse-lhe: — *É mofana anga nhica andilo* — (ó rapaz dá-me fogo). Ao ouvir estas expressões, o preto levantou-se rapidamente, recuou dois passos, e retrucou, de mão na ilharga: — que não era nem nunca quereria ser criado dos brancos, e que se eu precisava de fogo que o fosse eu mesmo buscar —. Pronunciou muito accentuadamente estas palavras, e no seu olhar havia alguma coisa da panthera. A raiva dominava por tal modo o selvagem, que os seus olhos faiscavam e pareciam ensanguentados. Não obstante as maneiras provocadoras do negro, nada lhe respondi, por entender que elle estava no seu direito de não querer dar-me fogo; abaixei-me portanto, tomei um tição, e cheguei-o ao meu cigarro. Quando, porém, acabava de accendel-o, o preto virou-me as costas e disse, retirando-se — *machimba!* — (merda!). D'esta

vez abandonou-me a prudencia: em acto seguido á insolencia, arremessei-lhe violentamente o tição, que foi bater-lhe nas costas com o lado do fogo. O preto, vendo a sua situação gravemente compromettida, bateu precipitadamente em retirada, e fez bem.

O que ficára sentado, receiando que lhe tocasse alguma coisa por conta do camarada, pôz-se em fuga tambem. No acto, porém, de se levantar, ajustei-lhe ao costado o poder executivo, que o obrigou a beijar a terra. Safou-se, de gatinhas, conforme pôde, até que largou a correr como um gamo. As poucas pessoas que se achavam na povoação, mulheres velhas e creanças fugiram tambem.

N'esta occasião vinha já a meio caminho o Manóva com a agua. Como observasse o incidente, apressou os passos. Contei-lhe o succedido. Elle, depois de pensar um momento, respondeu-me: — Senhor, os pretos da *Moamba* são muito atrevidos, mórmente os d'esta parte do *Incómáte.* Os brancos que veem aqui comprar marfim são asiaticos, a quem elles não votam nenhum respeito. Fazem-lhes sempre mais ou menos desfeitas, que elles supportam com medo. O senhor é o primeiro branco *namatanga* (branco da Europa), que passa por estas terras. Os pretos respeitam esta qualidade de brancos; porém os da *Moamba,* que são excessivamente insolentes e muito inimigos dos brancos de Lourenço Marques, viram no seu pedido do fogo um pretexto para experimentar o modo como soffreria os vexames que elles costumam praticar aos asiaticos. Parece-me que o tal que apanhou com o tição estará agora arrependido da insolencia

que lhe dirigiu. Entretanto é provavel que tenha ido queixar-se ao regulo d'aqui; o qual não tardará a mandar hostilmente pedir satisfação pela offensa que o senhor fez a um filho do ***Modai***, (os regulos d'esta parte da Africa chamam filhos a todos os seus subditos).

Effectivamente, quando o Madóva acabava de pronunciar as ultimas palavras, ouviu-se em varias direcções o toque de *galheta* (trombeta de guerra dos pretos). É um pequeno chifre de cabrito, d'onde elles tiram um silvo agudissimo, que sôa a grande distancia. Este toque é transmittido de uma para outra povoação, e d'este modo reunem-se, com admiravel presteza, junto do regulo, todos os pretos armados para o combate.

Decorrida meia hora após o toque da *galheta*, via-se ao longe marchar sobre a povoação, em que nos achavamos, cêrca de 400 pretos armados de rodela e azagaia. Felizmente já tinham chegado todos os carregadores e caçadores. Se isto succedesse antes da chegada dos pretos, os carregadores teriam largado as cargas no caminho e fugido para ***Mafumo***.

O momento era muito critico. A mais pequena prova de fraqueza da minha parte e dos meus far-me-ia perder todas as fazendas. Era pois necessario conter em respeito o inimigo, apezar de não poder contar senão com os caçadores. Os outros de pouco valiam, posto que armados de tres azagaias cada um. Não tinham rodella; portanto era como se estivessem inermes.

Não havia tempo a perder. Formei os 17 caçadores com o Manóva, o meu vice-logar-tenente e dois

criados que tambem tinham espingardas. As armas estavam carregadas com bala; porém eu mandei augmentar a carga com balinhas, ordenando aos chefes dos carregadores que se mettessem em linha na nossa rectaguarda com todos elles, para d'este modo o inimigo os tomar a todos por caçadores. Depois de formados observei aos caçadores que era absolutamente indispensavel obstar á entrada do inimigo na povoação, que n'aquelle momento simulava uma fortaleza, cujo accesso era necessario defender a todo o transe. Adverti-lhes mais, que quando o inimigo chegasse ao alcance de tiro de espingarda, seria intimado para parar, e se elle insistisse em avançar, eu dispararia a minha arma sobre o chefe. Seria esse o signal para os caçadores descarregarem sobre elles, porém só cinco tiros de cada vez. Este alvitre foi approvado pelo Manóva e por todos os caçadores.

Quando o inimigo já estava proximo, avancei com os caçadores para a extremidade da povoação, do lado d'onde elle vinha. Marchavam sobre nós entoando cantos de guerra, de envolta com assobios e pulos, batendo com as rodellas nos joelhos e brandindo os ferros selvagens. Chegados a distancia de cèrca de 120 metros, intimei-os para parárem, observando-lhes que se continuassem a avançar, faria fogo, e o chefe seria o primeiro a perder a vida.

Em vista d'esta intimação e da attitude dos caçadores, que tinham as armas apontadas para elles, parárам. Perguntei-lhes então o que pretendiam de mim. Com a arrogancia propria de selvagem, respondeu-me o chefe, que vinha exigir-me uma reparação das offen-

sas corporaes que eu havia feito a dois filhos do *Modái*, e que se eu me demorasse em entregar-lhe 50 cargas de fazenda, como indemnisação, entraria na povoação, dando a morte a todos nós.

— A intimação que acabaes de fazer-me, lhe disse eu, é mais facil de dizer que de executar. Entretanto esta situação não póde prolongar-se. O tempo vôa, e eu quero ir hoje pernoitar na povoação do *Gingelim*. Ficae sciente que nada conseguireis pela força. Se quereis tratar amigavelmente comigo, vinde cá, acompanhado de dez pessoas, o maximo. Do contrario, senão retrocedeis, mando fazer fogo sobre vós.

Terminadas estas palavras, os carregadores proromperam em gritos enthusiasticos, entoando os seus cantos bellicosos, acompanhados de assobios e grandes pulos, e brandindo as azagaias em ar de desafio. O chefe do bando, depois de breve conferencia com os seus, adiantou-se para a povoação, acompanhado de cinco pretos dos mais graduados d'entre elles. Mandei ao seu encontro o meu vice-logar-tenente acompanhado de dois criados, afim de os conduzir á minha presença. Recebi-os sentado debaixo de uma arvore. Trocados mutuamente os cumprimentos, fiz-lhes signal de se sentarem tambem. Houve um instante de silencio, que eu fui o primeiro a romper, começando por contar-lhes a causa que determinára o incidente com o preto, demonstrando-lhes que toda a culpa provinha d'elle, pois que me havia insultado grosseiramente; acrescentando, todavia, que, para terminar amigavelmente a pendencia, não tinha duvida de fazer algum

beneficio ao preto. Em acto seguido entreguei ao chefe do bando uma peça e duas *capelanas*.

—Em presença das explicações que o *melungo* (branco), acaba de dar-me, respondeu elle, está terminada esta contenda. São más, na verdade, as palavras que o rapaz lhe dirigiu. Continúe, pois, o *melungo* a sua viagem e seja feliz. No regresso, querendo passar por esta terra, de que eu sou o chefe, tem ás suas ordens a minha povoação. Terei muito prazer em recebel-o. Vejo que *o melungo é oánuna* [1]. Os brancos que aqui costumam vir são *vassate* [2], que não sabem respeitar-se, nem fazer respeitar as pessoas que os acompanham.

Terminadas as explicações, pedi ao chefe que mandasse chamar o rapaz que levára com o tição, afim de lhe lavar a ferida com aguardente, para evitar que ella se aggravasse. Elle expediu promptamente um ajudante não *só* para chamar o rapaz, como para fazer retirar o bando. Pouco depois voltaram os dois, e com elles outros pretos, já desarmados. As mulheres e creanças que haviam fugido tambem recolheram. Não tinha nenhuma gravidade a ferida do preto; mas não obstante deitei-lhe uma pouca de aguardente, e dei ao rapaz dois calices para beber, o que elle fez tão sofregamente, que nem mesmo lhe tomou o gosto. Depois presenteei o chefe com duas *capelanas*, dando-lhe tambem dois calices de aguardente.

Assim terminou o episodio, que podia ter tomado

[1] *Oánuna*—No sentido figurado significa—homem valente.
[2] *Vassate*—Mulheres; titulo que os pretos applicam aos homens fracos ou covardes.

proporções muito deploraveis, se não se desenvolvesse tanta energia.

Saí da povoação pelas cinco horas. O chefe acompanhou-me até á passagem do rio, onde se despediu de mim, reiterando os offerecimentos que me havia feito.

## O GINGELIM

Atravessámos o rio a vau. A agua dava-nos pelos joelhos, e em alguns pontos chegava-nos á cintura. Depois de me banhar, seguimos para a povoação do *Gingelim,* aonde chegámos ás sete e meia.

Os pretos das terras de *Cossa* são mais trataveis e prazenteiros que os da *Moamba.* Veiu logo receber-me o regulo, dirigindo-me o seu — *Chdúâne, melungo!* — (Bons dias, branco!). Aprompton-me immediatamente palhotas, trazendo-me em seguida um *cherundo* de arroz, outro de feijão e um magnifico gallo castrado.

Depois de me haver accommodado na palhota, mandei comprar mantimento para os pretos e preparar o meu jantar, que constou de metade do gallo, cozido com arroz, sendo a outra metade assada em um espeto de pau.

Como estava um pouco fatigado, recostei-me na cama, que os meus criados já haviam estendido no chão. Quando estava conciliando o somno fui despertado por muitas vozes, que da parte de fóra da palhota me diziam: — *Chdúâne melungo!* — Como era noite, accendi a vela para vêr quem eram os interruptores do meu doce repouso. Deparei então com um

bando de pretinhas, que se agrupavam á entrada da palhota. —*Enguénâne!* — (entrem), disse-lhes eu. Ao ouvirem a minha voz fugiram, rindo muito, mas voltáram pouco depois, e disseram-me adeus outra vez. Tornei a dizer-lhes que entrassem. De cada vez que eu fallava riam muito. Tinham grande desejo de entrar, mas imperava n'ellas medo ou vergonha. Creio que seria medo. Por fim disse-lhes assim: —*Enguénâne m'incata, angachabe inchumo!* — (entrae minhas amiguinhas, não tenhaes medo algum!) Dirigindo-me a uma d'ellas, que contaria 17 annos, disse-lhe: —*Lavissa anuanhana odmine, osanda ingofo oéne! oéne chinchonguile ingofo e aombe!* — (olha minha querida donzella, gosto muito de ti! tu és lindissima e admiravelmente bella!) Ao ouvirem esta amabilidade as outras bateram as palmas e continuáram a soltar grandes risadas, mas desde então o medo que as continha á porta da palhota desappareceu. Entráram todas para dentro, sentando-se do lado opposto á minha cama. Eram cêrca de 20 pretinhas de 10 a 18 annos.

Os pretos de Africa oriental têem as feições mais regulares que os de Africa occidental. Os orientaes que demoram entre 9 e 18 graus de latitude sul da equinoccial são os mais feios, porém os occidentaes que vivem em egual latitude são horrendos. Os pretos orientaes que habitam de 18 graus para o sul, á proporção que se afastam da equinoccial, são mais perfeitos e de feições mais correctas. Os que habitam fóra do tropico são já muito perfeitos. Entre estes ha algumas raças que têem as feições tão regulares como os europeus, e são muito mais intelligentes do que os

que vivem dentro dos tropicos. Os pretos que habitam entre o rio *Bembe* e o *Incómáte* são notavelmente perfeitos. Têem o rosto comprido, nariz aquilino, labios finos, vivacidade no olhar, peito saliente e delgada a cintura. As mulheres são assim tambem. Porém a cutis das moças é excessivamente fina, e em geral dignas de comparar-se ás moças mais perfeitas da Europa. Vestem com muita graça. Envergam sobre os quadris uma *capelana* de lenços, e pela frente outra de zuarte, ambas suspensas de um rozario de contas azues que têem á cintura. Pela parte de traz, por cima do rozario, sobresáe-lhes um folho da largura de 10 centimetros. A *capelana* de traz e a da frente chegam-lhes aos joelhos. Em volta da cintura vêem-se-lhes muitos rozarios de contas azues e de missanga azul-celeste. As mulheres casadas, trajando do mesmo modo que as solteiras, differenceiam-se apenas d'estas em trazer os peitos cobertos com um panno da largura de 30 centimetros, bordado nas extremidades com missanga fina. As donzellas andavam com elles descobertos.

Entre as pretinhas havia duas de 19 annos aproximadamente, casadas com o regulo. Conhecia-se que eram casadas por trazerem os peitos cobertos com o panno e ainda por terem o cabello apanhado em cima da cabeça, formando uma especie de cuia, cujo penteado só é usado pelas casadas. Eram lindas as duas pretas. Entretinham comigo animada conversa, prendendo-lhes muito a attenção a minha côr e o vestuario. As demais pretinhas, com as mãos apoiadas nos joelhos não desfitavam de mim os olhos, mirando-me

por todos os lados. Os meus cabellos é que devéras as surprehendiam, duas casadas evidenciavam o mais possivel a sua curiosidade: apalpavam-me os cabellos e as barbas e mexiam-me na cara, no nariz e nos beiços. Cada analyse, que faziam em mim, era acompanhada d'uma longa admiração! As outras tambem tinham bons desejos de as imitar; não lh'o permittia porém o seu pudor de donzellas.

Depois de tão circunstanciado exame e de muitas perguntas, pediram-me missanga. Dei-lhes um masso da fina, côr de olho de rola.—Dez fios a cada uma das casadas e quatro ás solteiras. De proposito reservei para ultimo brinde a formosa pretinha, que tanto me prendèra a attenção. Quiz fazer-lhe comprehender, que me tinha inspirado certo interesse, que não estava muito longe da affeição. Mimoseei-a com um massete de 100 fios de missanga côr de rosa, qualidade que as pretas antepõem a qualquer outra. A pretinha exultou com o presente e eu confesso que participei do seu jubilo! Roguei-lhe que se sentasse junto de mim. Ella ficou indecisa, manifestando receio e vergonha ao mesmo tempo. As duas casadas tiraram a mocinha da indecisão em que estava, dizendo-lhe que não receiasse de se sentar junto de mim, pois que eu era o esposo d'ella. Este titulo foi acolhido por todas as moças com grandes risadas e palmas. A bella africana assentou-se então ao pé de mim. As outras aproximaram-se tambem. Dominava-as a curiosidade de ver o que eu diria ou faria á donzella. Tive então ensejo d'analysar bem de perto a encantadora ethiope. O seu rosto era como o das formosas e interessantes

que vivem dentro dos tropicos. Os pretos que habitam entre o rio *Bembe* e o *Incómáte* são notavelmente perfeitos. Têem o rosto comprido, nariz aquilino, labios finos, vivacidade no olhar, peito saliente e delgada a cintura. As mulheres são assim tambem. Porém a cutis das moças é excessivamente fina, e em geral dignas de comparar-se ás moças mais perfeitas da Europa. Vestem com muita graça. Envergam sobre os quadris uma *capelana* de lenços, e pela frente outra de zuarte, ambas suspensas de um rozario de contas azues que têem á cintura. Pela parte de traz, por cima do rozario, sobresáe-lhes um folho da largura de 10 centimetros. A *capelana* de traz e a da frente chegam-lhes aos joelhos. Em volta da cintura vêem-se-lhes muitos rozarios de contas azues e de missanga azul-celeste. As mulheres casadas, trajando do mesmo modo que as solteiras, differenceiam-se apenas d'estas em trazer os peitos cobertos com um panno da largura de 30 centimetros, bordado nas extremidades com missanga fina. As donzellas andavam com elles descobertos.

Entre as pretinhas havia duas de 19 annos aproximadamente, casadas com o regulo. Conhecia-se que eram casadas por trazerem os peitos cobertos com o panno e ainda por terem o cabello apanhado em cima da cabeça, formando uma especie de cuia, cujo penteado só é usado pelas casadas. Eram lindas as duas pretas. Entretinham comigo animada conversa, prendendo-lhes muito a attenção a minha côr e o vestuario. As demais pretinhas, com as mãos apoiadas nos joelhos não desfitavam de mim os olhos, mirando-me

por todos os lados. Os meus cabellos é que devéras as surprehendiam, duas casadas evidenciavam o mais possivel a sua curiosidade: apalpavam-me os cabellos e as barbas e mexiam-me na cara, no nariz e nos beiços. Cada analyse, que faziam em mim, era acompanhada d'uma longa admiração! As outras tambem tinham bons desejos de as imitar: não lh'o permittia porém o seu pudor de donzellas.

Depois de tão circumstanciado exame e de muitas perguntas, pediram-me missanga. Dei-lhes um masso da fina, côr de olho de rola.—Dez fios a cada uma das casadas e quatro ás solteiras. De proposito reservei para ultimo brinde a formosa pretinha, que tanto me prendèra a attenção. Quiz fazer-lhe comprehender, que me tinha inspirado certo interesse, que não estava muito longe da affeição. Mimoseei-a com um massete de 100 fios de missanga côr de rosa, qualidade que as pretas antepõem a qualquer outra. A pretinha exultou com o presente e eu confesso que participei do seu jubilo! Roguei-lhe que se sentasse junto de mim. Ella ficou indecisa, manifestando receio e vergonha ao mesmo tempo. As duas casadas tiraram a mocinha da indecisão em que estava, dizendo-lhe que não receiasse de se sentar junto de mim, pois que eu era o esposo d'ella. Este titulo foi acolhido por todas as moças com grandes risadas e palmas. A bella africana assentou-se então ao pé de mim. As outras aproximaram-se tambem. Dominava-as a curiosidade de ver o que eu diria ou faria á donzella. Tive então ensejo d'analysar bem de perto a encantadora ethiope. O seu rosto era como o das formosas e interessantes

que vivem dentro dos tropicos. Os pretos que habitam entre o rio *Bembe* e o *Incómáte* são notavelmente perfeitos. Têem o rosto comprido, nariz aquilino, labios finos, vivacidade no olhar, peito saliente e delgada a cintura. As mulheres são assim tambem. Porém a cutis das moças é excessivamente fina, e em geral dignas de comparar-se ás moças mais perfeitas da Europa. Vestem com muita graça. Envergam sobre os quadris uma *capelana* de lenços, e pela frente outra de zuarte, ambas suspensas de um rozario de contas azues que têem á cintura. Pela parte de traz, por cima do rozario, sobresáe-lhes um folho da largura de 10 centimetros. A *capelana* de traz e a da frente chegam-lhes aos joelhos. Em volta da cintura vêem-se-lhes muitos rozarios de contas azues e de missanga azul-celeste. As mulheres casadas, trajando do mesmo modo que as solteiras, differenceiam-se apenas d'estas em trazer os peitos cobertos com um panno da largura de 30 centimetros, bordado nas extremidades com missanga fina. As donzellas andavam com elles descobertos.

Entre as pretinhas havia duas de 19 annos aproximadamente, casadas com o regulo. Conhecia-se que eram casadas por trazerem os peitos cobertos com o panno e ainda por terem o cabello apanhado em cima da cabeça, formando uma especie de cuia, cujo penteado só é usado pelas casadas. Eram lindas as duas pretas. Entretinham comigo animada conversa, prendendo-lhes muito a attenção a minha côr e o vestuario. As demais pretinhas, com as mãos apoiadas nos joelhos não desfitavam de mim os olhos, mirando-me

por todos os lados. Os meus cabellos é que devéras as surprehendiam, duas casadas evidenciavam o mais possivel a sua curiosidade: apalpavam-me os cabellos e as barbas e mexiam-me na cara, no nariz e nos beiços. Cada analyse, que faziam em mim, era acompanhada d'uma longa admiração! As outras tambem tinham bons desejos de as imitar; não lh'o permittia porém o seu pudor de donzellas.

Depois de tão circunstanciado exame e de muitas perguntas, pediram-me missanga. Dei-lhes um masso da fina, côr de olho de rola.—Dez fios a cada uma das casadas e quatro ás solteiras. De proposito reservei para ultimo brinde a formosa pretinha, que tanto me prendêra a attenção. Quiz fazer-lhe comprehender, que me tinha inspirado certo interesse, que não estava muito longe da affeição. Mimoseei-a com um massete de 100 fios de missanga côr de rosa, qualidade que as pretas antepõem a qualquer outra. A pretinha exultou com o presente e eu confesso que participei do seu jubilo! Roguei-lhe que se sentasse junto de mim. Ella ficou indecisa, manifestando receio e vergonha ao mesmo tempo. As duas casadas tiraram a mocinha da indecisão em que estava, dizendo-lhe que não receiasse de se sentar junto de mim, pois que eu era o esposo d'ella. Este titulo foi acolhido por todas as moças com grandes risadas e palmas. A bella africana assentou-se então ao pé de mim. As outras aproximaram-se tambem. Dominava-as a curiosidade de ver o que eu diria ou faria á donzella. Tive então ensejo d'analysar bem de perto a encantadora ethiope. O seu rosto era como o das formosas e interessantes

arabes do Egypto. A bocca era lindissima, os olhos fascinavam. Os labios, entre-abrindo-se n'um gracioso sorriso, deixavam admirar duas fileiras de bellissimos dentes, cujo esmalte era admiravel. A cutis era fina e lustrosa como um setim. Os peitos eram mimosos, e apesar de não pouco salientes, não consentia a sua virgindade que tremessem quando andava. Ella tinha os braços cruzados por baixo dos delicados peitos, posição esta que a tornava ainda mais seductora. Confesso que me fascinavam tantas perfeições reunidas. Insensivelmente pousei a mão na face da mocinha, e d'ahi descaiu n'aquelle primor da natureza... mas a donzella, ao contacto da minha mão no seio virginal, fez um movimento com um bracinho para desvial-a. Eu retirei-a logo, envergonhado do acto que praticára involuntariamente.

Durante este episodio, as demais pretinhas riam muito e batiam as palmas. Na retirada fizeram fóra da palhota grande algazarra. Chacoteavam com a pretinha dando-lhe os parabens d'ella ser minha esposa.

Apenas retiraram, serviu-se-me o jantar, que comi com bom appetite.

Levantei-me ás seis horas. Quando tomava o chá, entrou o regulo. Mimoseei-o com uma chicara d'aguardente, que elle apreciou muito mais, do que se eu lhe desse do chá, que estava tomando; depois entreguei-lhe duas peças de fazenda e uma *capelana,* como prova d'agradecimento pela obsequiosidade com que me havia recebido e tratado. Elle despediu-se de mim, agradecendo tambem o presente. Quando elle saía, entrava a formosa pretinha, acompanhada de quatro

mais pequenas do que ella. Trazia-me de presente um prato com *ubsua* (papas de farinha de qualquer mantimento) de mexueira[1], e uma tijela cheia de mel. Apreciei muito a lembrança da pretinha, que assim se mostrava grata ao presente da missanga, que lhe havia dado. Provei da sua *ubsua*, o que a lisongeou bastante, brindando-a com dois lenços encarnados de algodão fino.

Pelas sete horas do dia 8 parti do *Gingelim* para a povoação do regulo grande, por nome *Magud*, chegando ás cinco horas e meia da tarde.

## A POVOAÇÃO DO «MAGUD»

Está situado na margem esquerda do rio *Sáve*, que vae desaguar no *Incómáte*. Era grande esta povoação; tinha cerca de seiscentas palhotas. No centro d'ella havia um grande largo com quatro magestosas arvores ao meio. Ficavam em frente d'uma larga rua, que se prolongava até ao rio. Era esta rua arborisada d'ambos os lados, circumstancia que dava á povoação um aspecto pittoresco. Ali descancei com toda a comitiva, esperando por um secretario que devia fornecer-me as palhotas necessarias. Decorridos vinte minutos appareceu elle, explicando-me, que a demora provinha do regulo não estar na povoação. Aprompou-me immediatamente palhotas. Entrando n'uma mandei abrir

1 *Mexueira.*—É um mantimento fino, do tamanho do que na Europa dão aos passaros; este é amarello, e aquelle cinzento escuro.

uma carga, e d'ella tirei fazenda para comprar mantimento. Quando a entregava a um preto, appareceu o secretario, acompanhado de treze mulheres, trazendo cada uma um *chernudo* de milho e elle um soberbo cabrito, que o regulo me mandava de presente. Não foi portanto, necessario mandar comprar mantimento. Brindei o secretario com uma chicara de aguardente, que elle bebeu com tal soffreguidão, que entornou mais de metade. Retirou-se lançando um olhar de tristeza para o ponto, onde havia caido o liquido.

Distribuí o mantimento pelos pretos, e mandei matar o cabrito, que reparti com os caçadores. Em seguida preparei um presente para o regulo, que constava de trinta peças de fazenda, dez *capelanas,* trinta rozarios de contas azues, dois massos de missanga e uma cabaça com aguardente. Remetti tudo por tres carregadores, acompanhados de Manóva, que se encarregou da commissão com a melhor vontade. Elle tinha a certeza, que da aguardente alguma porção lhe tocaria; pois é costume dos regulos d'aquella parte d'Africa, não beberem nem comerem cousa nenhuma, sem que primeiro tire a prova a pessoa que lh'a entregou. A esta prova chamam — *chumbutar*. O Manóva partiu já de noite.

Quando accendi a luz appareceu á porta uma legião de pretinhas. Vinham cumprimentar-me. Quatro d'ellas de dezesseis a dezoito annos, casadas com o regulo, entraram com a maior sem-ceremonia, sentando-se junto de mim; e após d'estas vieram mais de trinta. A palhota ficou completamente cheia de bellas moças africanas, capitaneadas por quatro jovens ma-

tronas, que excediam em formosura todas as donzellas.

Começaram desde logo a dirigir-me muitas perguntas. Depois analysaram-me dos pés á cabeça. Uma passava-me as mãos pelos cabellos, pelas barbas e pelas faces, outra mexia-me nos beiços, outras no nariz e ainda algumas, como tinha as mangas da camisa arregaçadas, examinavam-me os braços. Uma d'ellas admiravelmente formosa. Os olhos eram deslumbrantes. Parecia uma d'essas bellezas privilegiadas das gregas, que fascinam ao primeiro relancear d'olhos. Ella era alta, esbelta e de fórmas excessivamente delicadas. Um sorriso terno, que lhe brincava nos labios realçava extraordinariamente a sua belleza. Esta gentil creatura travou-me do braço, encostou-o ao seu mimoso seio e assim o esteve analysando. A sua admiração fixava-se principalmente nos cabellos, que alisava brandamente com a mão. Fez-me algumas perguntas ás quaes não soube responder, porque a minha rasão sumira-se n'aquelle conjuncto de graças. Afinal pediram-me missanga. Dei um massete a cada uma das mulheres do regulo, e quatro fios a cada uma das pretinhas. Todas agradeceram o brinde e retiraram, fazendo uma algazarra, que descaía muito... para a chacota.

Quem nunca visitou o interior de Lourenço Marques, dirá talvez, que exagero a belleza dos pretos d'aquella parte d'Africa. É certo que os pretos que se observam na Europa e na America são geralmente feios; deve-se porém attender, que todos estes precedem das raças mais feias d'Africa. Se este livro for lido por alguem que

tenha estado em Porto Natal, verá que não exagero; porque os pretos da raça *zula* de Natal, são tanto ou mais perfeitos que os *Blangellas*.

O Manóva regressára de casa do regulo. Mandava-me este dizer, que tencionava visitar-me no dia seguinte pela manhã.

N'esta noite deitei-me mais tarde, por ter assistido a um baile que houve no grande largo da povoação. Os homens dançavam separadamente das mulheres, ora formados em grande circulo, ora em divisões. Dançavam ao som de canções guerreiras, que entoavam com certo primor. As coplas das mulheres eram muito variadas. Na dança dos homens entravam todos que estavam nas circunstancias de pelejar. A mulher idosa só dança por occasião do fallecimento d'algum parente ou pessoa que lhe fosse affecta. É assim que demonstra o seu sentimento.

Deitei-me depois da meia noite e levantei-me ás seis e meia. Antes de tomar chá, fui ao rio banhar-me. Preparava-me para a immersão, quando vi surdir a medonha cabeça d'um enorme crocodillo. Mudei de sitio e fui tomar banho, onde o fundo do rio era claro e baixo. Pouco tempo, porém, me demorei no banho. Não tinha nenhum desejo de receber a visita d'um crocodillo. Preferia antes tomal-a ás pretinhas.

Cerca das nove horas apresentou-me o Manóva um secretario do regulo acompanhado de outro preto, que trazia uma ponta de marfim, que pesava 42 $^1/_2$ ℔. Era presente do regulo, em retribuição do que lhe havia enviado. Passado um quarto d'hora appareceu

elle, acompanhado de muita gente, dirigindo-se á minha palhota. Mandei estender uma esteira, na qual se sentou. Entraram com elle sómente o seu secretario grande, e tres familiares, que se sentaram ao lado d'elle, mas fóra da esteira. O regulo era um rapaz de vinte e quatro a vinte e cinco annos. Tomou a palavra em seu nome o secretario grande. Deu-me as boas vindas ao que correspondi por intermedio de Manóva. Findos os comprimentos, o regulo que desde a sua entrada se conservára calado, dirigiu-me o seu — *chanane melungo* — que foi o começo de animada palestra entre nós.

Pediu-me que lhe mostrasse a minha espingarda. Acudi promptamente ao seu pedido, prevenindo-o de que estava carregada. Elle gostou muito da arma e pediu-me que lh'a vendesse, offerecendo-me em troca duas pontas de marfim de mais de duas arrobas cada uma. Disse-lhe que em Lourenço Marques poderia effeituar a transacção, mas não ali, porque não podia prescindir d'ella na viagem.

Entendido na materia se mostrava o regulo, porque, na verdade, a minha espingarda era magnifica. Expedia a bala a grande distancia e com extraordinaria precisão e força. Era uma clavina ingleza de dois canos raiados, de calibre 9 em ℔. Matava com ella um ganso a 300 jardas.

Como se tinha fallado em armas e caça, perguntei ao regulo se havia hyppopotamos (cavallos-marinhos) no rio. Disse-me que a distancia de meia legua existia ha muitos annos um enorme, que causava grandes estragos aos povos que possuiam *manchambas* (quintas)

nas proximidades do rio, por que de noite saía a terra comer os milhos. Segundo o dizer do regulo o tal cavallo-marinho era muito matreiro. Desviava-se sempre dos laços que os pretos lhe armavam. Estas armadilhas consistem n'uma cova bem funda, que abrem junto ao rio, nos pontos por onde os cavallos-marinhos costumam passar, quando deixam de noite a agua para ir a terra comer. Tapam com caniço a superficie da cova, e depois cobrem com terra o fragil pavimento, que se afunda sempre que sobre elle passa o pesado animal, que assim fica tomado na ratoeira.

Tive logo desejo de ir atirar ao hippopotamo, e pedi ao regulo um guia, que fosse mostrar-me o lugar onde elle estava. Não foi necessario. Acompanhou-me elle pessoalmente seguido de toda a sua comitiva. Dos meus pretos só foram o Manóva e tres caçadores. Gastámos cerca de trinta minutos no trajecto.

Eu e o regulo sentámo-nos á borda do rio, e todos os mais pretos, aos quaes recommendei silencio, sentaram-se atraz de nós, a distancia de 50 metros.

Não tardou a surdir da agua a enorme cabeça do cavallo-marinho, que para logo se escondeu. Preparei a espingarda. Decorridos quatro minutos, reappareceu no mesmo ponto, olhando para nós. Deu-me tempo de fazer pontaria e atirar-lhe. A bala bateu-lhe na testa. Elle levantou toda a cabeça e o pescoço, abrindo a disforme bocca, onde caberia em pé o homem mais alto; revolveu-se muito e mergulhou. A cabeça do cavallo-marinho é como rocha, a bala não penetra n'ella. De quando em quando apenas deitava fóra d'agua as ventas a fim de respirar. Durou isto cerca d'uma hora.

Occorreu-me mandar sentar todos os pretos á borda do rio, recommendando-lhes que fizessem grande barulho, quando o animal deitasse as ventas de fóra. A idéa produziu excellente effeito. Quando os pretos a puzeram em pratica, o cavallo-marinho recolheu-se logo, e d'ahi a alguns segundos, foi surdir do lado da minha esquerda. Deitou toda a cabeça fóra d'agua, olhando para os pretos, e commettendo mais a imprudencia de me mostrar o cachaço. Sem perda de tempo fiz pontaria e desfechei. A cabeça começou a submergir-se muito devagar. Era evidente que o animal havia sido mortalmente ferido. A bala penetrára-lhe na nuca, fôra offender-lhe os ossos que guarnecem o cerebro, de que lhe resultou a morte instantaneamente. Havia-lhe atirado a distancia de 70 metros, pouco mais ou menos.

Ao verem a cabeça do animal recolher-se mansamente, os pretos exclamaram—*Adél! afil!*—(Matou! morreu!) Os tres caçadores vieram até ao pé de mim, aos pulos, felicitar-me pelo acontecimento. Os pretos do regulo dançavam e cantavam de contentamento. Passado tempo appareceu, aboiando á tona d'agua, o cadaver do cavallo-marinho. Atiraram-se immediatamente ao rio mais de quarenta pretos, que o trouxeram aos empurrões até o encalharem em terra.

Fiquei admirado da sem-ceremonia com que os pretos se lançaram ao rio, sem receio dos crocodillos que ali abundavam. Notei esta circumstancia ao regulo. Elle respondeu-me que eram muitas as victimas, que estes amphibios faziam, especialmente em mulheres que iam buscar agua ao rio, mas que, apenas appa-

rece morto ao de cima d'agua algum cavallo-marinho, desapparecem todos, mettendo-se nas tocas, d'onde saem sómente tres ou quatro horas depois.

A comitiva que acompanhava o regulo, compunha-se talvez, de cento e cincoenta pretos; porém, quando o cavallo-marinho chegou a terra, jâ ali havia mais de tres mil pessoas, entre homens, mulheres e creanças. Metteram-se á agua, para arrastar o animal para terra, mais de quatrocentos pretos; mas apenas conseguiram pol-o á beira do rio com pouco mais de metade do corpo de fóra.

Era um animal de proporções monstruosas. As pernas eram colossaes; a medonha e horrivelmente feia cabeça era do tamanho d'um cavallo; e todo elle dava o volume de doze grandes bois. Cortaram primeiramente a mão e a perna da parte de cima. Depois abriram-lhe o ventre e extrairam-lhe os intestinos; conseguiram então arrastar para fóra d'agua o resto do corpo, que fizeram em pedaços. Ficou só inteira a cabeça e o espinhaço, que similhava uma grossa trave.

Comecei a distribuição da carne, sendo primeiro contemplado o regulo com uma porção do lombo, toda a carne d'uma perna e metade das tripas, que elle logo remetteu para a povoação. Para os meus pretos foi tambem uma perna, a outra metade das tripas, coração, figados e rins. Reservei para mim e para os meus creados uma porção do lombo. Á comitiva do regulo dei uma pá e a quarta parte das costellas. Foi ainda brindado o chefe d'uma povoação proxima com a cabeça e o pescoço, sob condição de extrair os den-

tes e enviar-m'os. O resto da carne foi distribuido pelo povo que se achava presente.

Concluida a distribuição parti acompanhado do regulo e sua comitiva para a povoação. Reinava ali grande contentamento. Homens, mulheres e creanças, todos assavam carne e comiam. Mandei preparar o meu jantar, que constou d'arroz cozido com um bocado de rim e de lombo assado em agua, temperado com banha de cavallo-marinho. A carne d'este animal é a melhor de toda a caça selvagem. A apparencia e o sabor são os da carne de vacca.

Para entreter o tempo que o jantar levava a fazer, fui passeiar pela povoação. N'uma rua aproximou-se de mim uma preta velha, a qual sem ceremouia nehuma, me passou as mãos pela cara, dizendo—*Calimanbo melungo!*—(obrigado branco.)

—O que é que me agradece, mulher? disse-lhe eu—

—Ah! melungo, você prestou á gente d'esta terra um serviço d'alta importancia, matando o cavallo-marinho. Este feiticeiro devorava todas as nossas sementeiras de milho—

Despedi-me da preta, rindo bastante d'ella chamar feiticeiro ao cavallo-marinho. Pouco adiante encontrei á porta d'uma palhota, sentada em uma esteira, com uma creança de dez mezes ao collo, a formosa preta, que no dia antecedente estivera divertindo-se com os cabellos do meu braço. Apenas me viu pousou a creança sobre a esteira e veiu comprimentar-me.

Perguntei-lhe por brincadeira, se a creança era filha d'ella. Respondeu-me que sim. Como, porém, não visse n'ella nenhum indicio de ter sido ainda mãe,

observei-lhe que não acreditava. Ella sorriu-se, dizendo-me, que a creança era filha d'uma irmã, casada tambem com o regulo, e que por esta razão, era como se fosse sua filha. Quando ella acabava de fallar tocaram-me no hombro. Era o regulo acompanhado d'um rapazito.

—Não é bonita, melungo? perguntou-me elle, lançando um olhar affectuoso para a encantadora africana.—

—Admiravelmente formosa; tornei-lhe eu—

—É minha mulher. Ha dois mezes e meio que casei com ella. É irmã da minha mulher grande—

Se não fôra ser regulo, ter-lhe-ia dito que a preta era mal empregada n'elle, porque realmente era feio Não porque tivesse o nariz achatado e as feições grossas. Elle era alto e bem feito; o nariz era aquilino e finos os beiços. Mas tinha os olhos piscos e as orelhas excessivamente grandes e arqueadas, destacando-se para a frente, cujo defeito lhe dava um aspecto d'orelhas de macho. Contentei-me em lhe dizer, que era muito feliz em possuir uma mulher tão bella. Elle manifestou visivel prazer pelo elogio que fiz á preta. Depois d'este episodio, convidou-me a entrar na palhota, aonde o rapazinho estendera duas esteiras. Elle e a mulher sentaram-se em uma e eu n'outra. Em seguida mandou o pequeno chamar a mulher grande.

—Vou apresentar-lhe a minha mulher grande, disse elle; e verá que é tão bonita como esta.—

Pouco depois entrou a mulher, que se sentou á direita do marido, dirigindo-me um engraçado—*chauane melungo*—Tinha razão o regulo, era realmente

muito formosa a preta. Não obstante ter já dois filhos, a sua frescura estava tão bem conservada, que parecia não os haver tido ainda. Contava os seus vinte e dois annos. Decorridos tres minutos, appareceram dois pretos, conduzindo uma enorme panella cheia de *bejála* [1] que pousaram á porta da palhota do lado de fóra, e junto d'ella quatro vasos de páu, proprios para beber o liquido.

Após a chegada da panella, compareceram cerca de vinte familiares do regulo, que se sentaram defronte da porta. O regulo chamou para dentro um d'elles que se chamava *Chicomanhana* [2] a quem tratava por irmão, por ser seu parente muito proximo. Era o seu primeiro chefe de guerra e homem muito valente. Regulava pela mesma edade do regulo.

Em virtude do convite o chefe da guerra entrou para dentro, sentando-se junto á umbreira da porta, com aquella submissão e respeito, que os pretos tanto guardam ao regulo. Encheu uma vasilha de *bejála*, que passou ás mãos do regulo. Este depois de tirar a competente prova, offereceu-m'a. Eu bebi mais de metade. O chefe encheu successivamente as tres vasilhas, entregando uma ao regulo, outra á mulher grande

1 *Bejála* — É uma bebida fermentada, feita de farinha de milho ou d'outro qualquer mantimento.

2 Passados dois annos, tive occasião de tratar com este preto varias questões politicas, que se suscitaram na grande guerra que houve entre os dois filhos do *Manicussa*, *Mosila* e *Mahméoé*, a qual durou desde 1861 até 1866. Elle pelejava a favor do *Mozila*. Em mais de doze combates desbaratou, com o corpo do exercito de *Cossa*, as aguerridas hostes do *Mahméoé*.

e a terceira á irmã d'esta. Tanto o regulo como as mulheres repetiram a dóse. Pela minha parte contentei-me com a primeira e fiquei sufficientemente satisfeito, pois continha quasi um litro de liquido. O chefe e os familiares beberam o resto.

Despedi-me do regulo já de noite. O meu jantar estava prompto; pouco comi porque a *bejála,* tirára-me o appettite inteiramente. Tambem n'essa noite houve grande baile, ao qual assisti.

No dia immediato, pela manhã, veiu o regulo vender-me uma ponta de marfim, que pesava 85 ℔. Comprei-a a troco de fazendas e missanga.

O preto, a quem havia encarregado d'extrair os dentes do cavallo-marinho, foi muito diligente na commissão; ás nove horas da manhã apresentou-m'os todos. Os dois tortos lateraes do queixo de baixo, pesaram $13\frac{1}{4}$ ℔; os dois direitos da frente 8 ℔; e os oito restantes $11\frac{1}{2}$ ℔. Os dentes maxillares não se aproveitam.

Parti da povoação do *Magud* ás dez horas e meia da manhã do dia 10. O regulo fez-me a fineza de acompanhar-me até um quarto de legua de distancia.

Pernoitei em uma pequena povoação, no fim das terras de *Cossa,* cujo chefe chamava-se *Malange.* Cheguei ás seis horas da tarde. Como não havia palhotas sufficientes para toda a comitiva, acampámos debaixo de arvores.

Partimos d'aqui ás seis e meia da manhã (dia 11). Andámos muito n'este dia. Pernoitámos nas terras do *Changano* em uma povoação, da qual o chefe chama-

va-se *Idvine*. Chegámos ás seis e meia da tarde. Acampámos tambem debaixo de arvores. O mantimento aqui custou muito caro, além de ter sido necessario ir compral-o a outra povoação muito distante, por não o haver para vender n'aquella em que estavamos. Passava das oito horas quando o trouxeram. Reparti-o logo pelos pretos, que trataram de o cozinhar com carne de cavallo-marinho, que ainda tinham. Constou o meu jantar de uma gallinha assada ao fogo n'um espeto de pau, e de umas papas de farinha de mexueira. Como estava muito fatigado deitei-me apenas acabei de jantar.

Levantei-me ás quatro horas e meia da manhã, mandando logo pôr agua ao fogo para o chá; pois era necessario partir cêdo. Sahimos ás cinco. Chegámos ás oito e meia a uma pequena povoação, que tinha apenas nove palhotas, andando até ali sem descansar. Demoramo-nos algumas horas a fim de fazer a caça; pois tinhamos de atravessar um deserto de dois dias e meio de marcha. Ao cabo de meia hora de descanso, todos os caçadores partiram para a caça.

## UMA BOA CAÇADA

Pouco depois da saida dos caçadores appareceu o chefe da povoação. Dirigiu-se a mim dizendo-me — *morro basse*. Como não sabia o que estas duas palavras significavam suppuz, que se fallava ali uma lingua, de que eu não tinha conhecimento. Perguntando ao *Montanhana,* meu vice-logar-tenente, a significação d'el-

las, respondeu-me que o preto comprimentava-me em lingua hollandeza, julgando que era hollandez, pois ali iam caçar, muitas vezes, alguns de *Lydenburg*.

As duas palavras eram uma imitação de—*guimorgen*, que em hollandez quer dizer—bons dias, e que elle transtornava, dizendo—*morro*, ajuntando-lhe a palavra *landina-basse*,—que significa—claro ou branco.

Findos os comprimentos, disse-me o chefe que a distancia de um quarto de legua da povoação, andava um bando de gazellas, sendo de suppôr que ellas estivessem ainda no mesmo sitio, por serem horas da força do calor. Parti logo com elle e mais dois criados; e realmente lá se achavam ainda as gazellas no mesmo sitio, segundo disse o preto. Estavam á sombra de uma grande arvore.

Esta caça é muito timorata. Em sentindo o mais leve movimento foge logo, e por este motivo, só atirando-lhe de mui longe é que se consegue matal-a.

Aproximei-me d'ellas tanto quanto a prudencia aconselhava. Chegado a cerca de cento e vinte metros, parei, e sentei-me no chão. Fiz pontaria a uma, apoiando o braço sobre o joelho, e disparei. A gazella deu um pulo e caiu no chão a espernear. As companheiras fugiram immediatamente. Os pretos correram sobre o animal ferido para o acabarem de matar com as azagaias, mas não foi necessario fazerem uso d'ellas, porque já estava morto quando chegaram ao pé d'elle. A bala atravessara-lhe o figado e partira-lhe uma das espaduas, por onde saiu. Regressei immediatamente á povoação, a fim de expedir mais dois carregadores para transportar a carne.

No momento em que chegava, entrava o Manova e o caçador *Macindana*, trazendo, cada um, dependurado na arma um rabo de bufalo que haviam morto. Vieram chamar gente para carregar a carne. O caçador Maxotil matou uma zebra, e o caçador *Mabana* uma *Tuongonhe* : estes dois ultimos haviam já levado gente.

Á uma hora recolheram todos os caçadores com uma excellente provisão de carne, que trataram logo de assar parte nas fogueiras que accenderam. Comeram todas as tripas dos cinco animaes e toda a carne da zebra.

Continuámos a marcha ás tres horas, andando sem descansar até ás sete. Acampámos proximo d'um ribeiro, por onde corria deliciosa agua, indo logo os carregadores procurar lenha para as fogueiras.

Os caçadores bivacaram todos debaixo de uma arvore, que ficava proximo da minha, e os carregadores d'elles n'outra em seguida. Os carregadores de fazendas á minha direita, e o meu estado maior debaixo da minha arvore.

## AS HYENAS

A noite estava serena e lindissima. Não havia luar, mas em compensação desfructava-se o sublime espectaculo de um brilhante cortejo d'estrellas, que tornavam admiraveis aquellas paragens, desertas de gente, mas habitadas por arvores magestosas e por mil diversidades de animaes selvagens. Attenuava porém a extraordinaria poesia da noite as fogueiras que os pretos accenderam.

Depois de tomar chá, fui sentar-me junto dos caçadores, para ouvir d'elles a descripção das caçadas que haviam feito n'este dia. Com a caça grossa succedem sempre mais ou menos aventuras. As d'este dia tiveram logar com a *Tuongonhe* [1] que o *Mabana* matou. Eram cinco os animaes d'esta especie que se achavam arrebanhados; o caçador atirou a um de muito longe. Observou que quatro fugiram logo, porém a *Tuongonhe* a que atirara andava devagar e coxeando. O caçador mandou correr sobre ella dois carregadores que ali estavam, e entretanto carregou a arma. Em breve os pretos alcançaram o animal. Elle não podia fugir; tinha uma mão partida. Quando sentiu perto de si os dois carregadores, virou-se para elles. Os pretos afastaram-se um do outro, collocando-se aos lados do animal, que ora olhava para um ora para o outro. Atacaram-n'o, arremessando-lhe as azagaias, porém o animal varria-lh'as com os chifres. N'este momento chegou o caçador que lhe deu um tiro na testa, caindo a *Tuongonhe* instantaneamente sem vida.

Com os outros tres animaes não houve incidente nenhum. O Manóva matou um bufalo com um tiro no peito. O Macindana matou outro com um tiro no sovaco direito, e o Maxotil tambem matou a zebra com um só tiro, que lhe atravessou ambas as espaduas.

Pela primeira vez, n'esta viagem, fomos mimoseados com a desafinada musica das hyenas. Em grande numero vieram uivar perto de nós, provocadas pelo cheiro

[1] *Tuongonhe.* É um animal muito similhante ao boi, mas um pouco mais pequeno : tem os chifres exactamente como os d'este animal, porém as patas são como as do veado.

da carne. Incommodaram-nos com a sua aborrecida berraria mais de uma hora; e teriam continuado toda a noite, se não fôra o rugido formidavel de um leão, que as fez calar e por em debandada.

Não foram só as hyenas que se calaram. Tambem os pretos dos grupos dos carregadores, que riam e conversavam animadamente, se recolheram ao silencio. Um instante depois outro rugido terrivel acabou de impor profundo silencio em todo o acampamento. Após este ouviram-se tres, ao mesmo tempo, que troavam aos ouvidos e faziam estremecer o chão debaixo do corpo. Eram pelo menos tres leões, que vieram beber agua ao rio muito perto de nós.

Quem unicamente tem visto o leão escravo, e só assim lhe tem ouvido o rugido, não póde fazer idéa perfeita das enormes proporções d'este temivel animal no seu estado de selvagem; e muito menos do seu estrondoso rugido. O leão adulto de Africa Oriental, de primeira raça (ha cinco raças differentes) é do tamanho de um boi. O leão escravo, ainda que lhe atirem para dentro da jaula uma grande quantidade de carne, não comerá n'um dia mais de vinte kilogrammas, em quanto que o leão selvagem agarra um bufalo e devora-o quasi todo, abandonando apenas a cabeça, patas e espinhaço. Com respeito ao rugido dos leões, só o bramir da tempestade os excede em estrondo. O troar da artilheria n'um campo de batalha não é mais estrepitoso, nem infunde mais respeito, do que os leões.

Quando elle ruge amiudadas vezes, não é porque tenha fome, não. Pelo contrario, é quando está satisfeito, depois de ter acabado de devorar a presa. Quando

tem fome, ruge irádo, mas com intervallos de oito minutos pelo menos. N'aquellas paragens, onde ha milhões de animaes selvagens, só ruge com fome o leão velho, que já não tem agilidade para caçar. Este alimenta-se unicamente dos restos da caça que os outros abandonam.

O leão velho é o flagello das povoações que têem bois. De noite vae a uma povoação, onde ha gado, quebra duas ou tres estacas do curral, entra dentro, e, n'um momento, estrangula um boi, que arrasta para longe, onde o vae devorar. Algumas vezes succede agarrar tambem pretos que haviam saido fóra das palhotas, por alguma necessidade imperiosa.

Depois dos medonhos rugidos dos leões, ainda estive mais d'uma hora a conversar com os caçadores. A palestra desde então constou das particularidades e variada audacia d'aquelles animaes. Passava das onze quando me deitei. Como deve suppôr-se, dormi vestido, tendo sobre mim um cobertor, e descalçando apenas os sapatos.

## O ROMPER DA AURORA NO DESERTO

Acordei ás quatro horas e meia. Fazia escuro ainda, todavia a aurora começava já a levantar, a pouco e pouco, o negro manto da noite, que encobria um quadro tão extraordinariamente pittoresco e encantador, que não seria facil encontrar outro que o excedesse, em qualquer parte do mundo. Depois de me lavar sentei-me na cama, para gozar a amenidade da manhã.

Cerca de quatro centos metros do lado opposto ao ribeiro, havia uma saliencia da terra, que se prolongava a grande distancia. Parecia falta de vegetação. Quando porém aclareou a aurora, observei o contrario. Effectivamente as extremidades, que eram de terra argilosa, estavam despidas de vegetação, mas pela parte de dentro havia um bosque espessissimo de mil diversidades de arbustos verdejantes. O iutervallo, entre o bosque e o ribeiro, era povoado de gigantescas arvores frondentes. A terra do lado onde estavamos acampados era menos alta, mas igualmente povoada de magestosas arvores, que se erguiam n'um tapete de fina relva, matisada de mil florinhas mimosas.

Ali não se conhece nunca a severidade do outono, que n'outras partes faz seccar e cair as folhas das arvores, murchar a verdura das plantas, e amarellecer as ervinhas no campo! Não! ali as arvores estão eternamente vestidas de folhas virentes, os arbustos sempre viçosos, e o prado sempre verdejante! E se n'aquelle solo immensamente procreador, alguns vegetaes, murchando, se vão da vida, logo se erguem outros a substituir-lhes a falta!

Os pretos dormiam todos ainda. Além do doce murmurio da agua, que descia brandamente pelo ribeiro, e do sussuro subtil das oscillações dos raminhos das arvores, que uma deliciosa aragem sacudia brandamente, não se ouvia nem sentia mais nada! Tudo era um silencio e um socego encantadores! Havia ali uma poesia immensa, que fazia estar contente o coração no peito! O homem, verdadeiramente poeta, que tivesse a ventura de achar-se ali um momento, encontraria

n'aquelle precioso quadro uma bibliotheca de variadissima poesia, que faria crear n'elle engenho sublime e estylo inteiramente novo.

Apenas a aurora acabou de levantar de todo o escuro manto da noite, começaram a sair do bosque milhares de rôlas, que iam povoar o arvoredo; d'onde com gemidos saudosos, davam largas á tristeza eterna, que no seu canto transparece. Após as melancolicas rôlas vieram as *viuvinhas* pousar nos ramos dos arbustos, que havia junto do ribeiro. Miravam-se na limpida agua, que corria em leito de fina arêa. Que maviosos cantos soltavam estas interessantes avesinhas, que são o verdadeiro symbolo da candura! Como ellas são lindas com os seus biquinhos de prata, com as suas pennas mais negras que o ebano, mas mais finas e lustrosas que o setim! *O bornudo*, vaidoso das suas brilhantes plumas, não tardou a vir completar, com os seus alégres e harmoniosos trinados, aquella aprazivel musica, que era uma verdadeira orchestra de anjos!

Nunca, desde que me auzentei da patria, tivera tanta saudade da minha terra, como a que eu tive n'este dia! Os gemidos saudosos das innocentes rôlas e os maviosos cantos das avezinhas faziam acordar em meu peito, um a um, todos os prazeres e gosos da infancia, ainda os mais insignificantes! As lembranças da familia e dos amigos; as affeições que sujeitaram o coração na adolescencia, depois a recordação de um pae querido, que, já não existia quando larguei a patria; o receio e incerteza de ser ou não viva ainda minha mãe; tudo corria em tropel a cercar-me o coração de

soffrimento e de pungente saudade! Eu que, desde que chegara á adolescencia, jamais havia chorado, n'aquelle momento senti abundantes lagrimas correr-me dos olhos pelas faces! A saudade... a deliciosa saudade tem o poder magico de fazer brotar dos olhos esse doce lenitivo ás affliçōes do coração!

Depressa seccaram-se as lagrimas amigas! Caí n'um estado de meditação tal que tudo que via era-me indifferente. Pensava na minha terra... pensava na enorme distancia que me separava d'ella, e nos perigos eminentes, que a cada passo corria a minha fraca vida! Affligia-me muitissimo o receio de não tornar a ver a minha patria!

Eu temerario que, não contente de ter experimentado os perigos das tempestades pelos longos mares que atravessei, expunha-me agora a outros maiores, devassando regiões habitadas só por selvagens e por toda a casta de feras! E com que meios de defeza committia eu a imprudencia de transpôr aquelle paiz indomito? Com uma escolta de homens semi-selvagens, cuja indole, naturalmente avára e feroz, podia n'um momento provocal-os a estrangular-me, para depois se apoderarem da minha fazenda!

O receio, que por momentos me inquietou, de não tornar a ver a patria, fizera nascer em minha mente considerações aterradoras e ao mesmo tempo injustas! Sim! fôra injusto ou antes ingrato em formar n'um momento mal reflectido uma idéa tão desfavoravel dos pretos que me acompanhavam!

Aquelles negros que me cercavam, e que n'aquelle momento dormiam um somno socegado, eram todos

meus amigos; principalmente os caçadores! A minha vida e a minha propriedade estavam mais seguras entre elles, do que se estivessem entre tantos homens da minha raça. Estimavam-me tanto como se eu fôra pae d'elles. Não havia carinho nenhum que não me prodigalisassem. Empregavam o maior desvelo para que os rigores e incommodos da viagem me fossem o menos penosos possivel. Nos rios que se atravessavam a váo, não consentiam nunca, que eu me despisse ou descalçasse; passavam-me sempre ás costas.

E quereis saber porque elles me estimavam tanto, e me respeitavam ao mesmo tempo? Era porque eu os estimava tambem. Mostrava-me sempre benigno para com elles. Fallava ao preto grande e ao pequeno, com attenção igual áquella com que tratava as pessoas da minha raça. Brincava e ria com elles. Contava-lhes as particularidades dos brancos e elles a mim as suas. Os caçadores quando se demoravam em casa muito tempo sem ir á caça, e que, por consequencia, não ganhavam dinheiro, vinham muitas vezes pedir-me *capelanas* emprestadas, para vestirem as mulheres; eu promptamente lh'as subministrava, declarando logo que eram dadas e não emprestadas.

Respeitavam-me, porque tinham a convicção, de que eu jámais abusára da sua ignorancia. No sertão tinham por mim tanta consideração como se eu fôra o regulo d'elles. Nas tribus pequenas, por onde passava não consentia nunca que elles tratassem mal os outros pretos, e muito menos extorquir-lhes a sua propriedade. Finalmente sabia conter-lhes a sua natural avareza, sem os vexar.

Principiavam já a reflectir no horisonte os raios brilhantes do astro luminoso, e eu continuava ainda pensativo e meditabundo, a ponto de não ter dado fé dos caçadores se levantarem e irem ao ribeiro lavar-se.

Foi o Manóva que me acordou da especie de lethargia em que a saudade da minha terra me havia prostrado; elle, commovido sinceramente da tristeza que observava em meu rosto, perguntou-me — O senhor está doente, sente algum incommodo? Que cousa o faz soffrer?

Pronunciou estas palavras com tanto affecto, que me fez estremecer o coração de agradecido. Tive vontade n'aquelle momento de lhe pedir perdão pelo juizo injusto, que pouco antes havia feito d'elle, dos seus e meus companheiros. Não procedi assim por vergonha. Respondi-lhe que a causa da minha tristeza era a recordação de meu pae que já não existia!

O preto, ao ouvir estas palavras, inclinou a cabeça para o chão, e após um instante de silencio, com os olhos fitos n'um mesmo objecto, balbuciou — Os brancos tambem têem coração!... Tambem eu tinha um pae, que estimava mais que tudo n'este mundo... já não existe tambem!

Ao acabar as lagrimas inundaram-lhe as faces! Commoveu-me, deveras, de presenciar o immenso amor filial, que o selvagem tem por aquelle que lhe deu o ser. Confesso que escondi duas lagrimas, que elle me fizera correr dos olhos. Dissimulei a minha commoção, chamando um criado, ao qual mandei pôr agua ao fogo para chá, e dizendo ao bom preto, que fosse avisar os caçadores e carregadores para marcharmos.

Logo que elle avisou os differentes grupos, os pretos avivaram o fogo e assaram carne para almoçar. Entretanto preparei o meu chá que tomei com bolachinhas.

Ás seis horas e meia largámos aquelle logar extraordinariamente pittoresco e encantador. Chegamos ás dez horas a uma vertente do rio *Save*, aonde descansámos até passar a maior fôrça do calor.

Continuámos a marcha á uma hora e meia da tarde, e chegámos ás cinco e meia a uma outra vertente do *Save*, onde pernoitamos.

Este logar apesar de não ser tão pittoresco como o anterior, não deixava por isso de ter a sua poesia. Era um paiz montanhoso. Em algumas partes do lado do norte do rio, a terra era uma especie de saibro incrustado de seixos muito miudos: n'outras havia grandes montes de rocha. Como deve suppor-se a vegetação era ali muito rara. Do lado do sul, onde ficámos, observava-se mais arvores que do outro, e em muitas partes havia tambem rocha, mas toda ella cercada de vegetação, em virtude de assentar em terra fina.

Eu, o meu estado maior e os caçadores bivacámos debaixo de uma grande arvore. Todos os carregadores foram acampar debaixo de outra ainda maior, que ficava distante da minha cerca de 200 metros.

O meu jantar constou de um pedaço de carne de gazella assada nas brazas, e duas chicaras de chá com bolachinhas.

Os pretos acabaram, por assim dizer, o resto da carne. Pouca lhes ficou para comerem de manhã.

## A DOENÇA «MATONICE»

Quando estava tomando o chá veiu o Manóva participar-me, que o Montanhana estava com febre, e que perdera inteiramente a vontade de comer. Lembrei-me dar-lhe uma chicara de chá bem quente, a fim de lhe promover a transpiração, applicando-lhe depois 12 grãos de sulphato de quinino, que é a doze sufficiente para combater uma febre grande a um africano. Para um europeu são precisos 24 grãos.

Como o Montanhana estava no grupo dos carregadores era necessario que o chá fosse lá feito, a fim de o tomar bem quente. Por este motivo entreguei ao Manóva os aprestos necessarios para isso, recommendando-lhe que abafasse bem o doente com um cobertor, e de me avisar, apenas lhe apparecesse a transpiração.

Depois do Manóva partir fui entreter-me com os caçadores. Ordinariamente conversava mais com o Manóva do que com qualquer outro; depois d'elle era o caçador Mabana com quem fallava mais frequentemente. O motivo d'esta preferencia provinha de ter sido este caçador o primeiro que tive. Era o mais novo de todos; teria cerca de 26 annos. Não sabia fallar portuguez nem entendia nenhuma palavra. Divertia-me muito em viagem com este caçador, rindo e caçoando com elle

Quando cheguei, todos estavam calados contra o

şeu costume. Sentei-me na esteira do Mabana, dizendo-lhe — Ó Mabana tens a barriga tão chata!... Diacho! parece que a carne dos bufalos já acabou?!...

— O senhor está sempre a caçoar comigo; porém hoje não é bom dia. Temos grande *combo!* (infelicidade).

— Então, que desgraça te succedeu!

— Pois o senhor não sabe que o Montanhana está doente!

— Sei sim, está com febre: mas ámanhã ha de estar bom.

— Senhor, a doença do Montanhana é muito grave! ámanhã não sairemos d'aqui, porque elle não poderá marchar.

— Então que doença é?

— A *matonice* grande [1].

[1] *Matonice grande* — É o nome que os pretos de Lourenço Marques dão a uma febre perniciosa, que agglomera rapidamente no thorax grande quantidade de humores. A pessoa que tiver esta doença, senão tomar logo o remedio que a combate, que é um vomitorio extraordinariamente energico, feito de uma raiz que os pretos conhecem, morre irremediavelmente, dentro de doze horas, começando-a a sair-lhe materia pela bocca, uma hora antes de fallecer. Passadas duas horas do fallecimento, o cadaver fica em completo estado de putrefacção. Esta enfermidade começa por uma ligeira dôr de cabeça que dura uma hora e meia até tres: passa depois, rapidamente para uma febre terrivel, fazendo inchar a cara extraordinariamente. Os europeus são muito atacados d'esta doença, da qual são sempre victimas. Julio Pio dos Santos, cirurgião militar fallecido em Lourenço Marques, havia estudado e analysado bem esta mortifera febre: desde que d'ella teve verdadeiro conhecimento, nunca mais lhe falleceu no hospital nenhum soldado da *matonice* grande; porque apenas ob-

—Porém o Manóva não me disse que elle tinha essa doença.

— O Manóva não lhe fallou na qualidade da doença, para não assustar o *Mandissa* (era um caçador, filho de Montanhana).

—Mas se realmente o Montanhana tem a *matonice grande*, creio que não haverá grande perigo, porque ámanhã, muito cedo vae-se procurar o remedio para elle tomar.

—Ah! senhor, n'esta terra não ha o remedio da *matonice*.

Comprehendi, então, a gravidade da situação em que o pobre preto se encontrava. D'esta vez tambem eu fiquei calado. Passou-se mais de meia hora sem se trocar uma unica palavra, entre mim e os caçadores. Foi porém quebrado o silencio com a chegada do Manóva, ao qual perguntei logo, pelo estado do doente.

servava em um enfermo os symptomas da horrivel molestia, mandava tratal-o por um preto, que tinha a seu serviço, expressamente para este fim.

O vomitorio, com que os pretos combatem a *matonice*, é de um amargor muito superior não só ao do sulphato de quinino como ao de todas as substancias amargosas. A acção que elle exerce sobre aquella terrivel doença, é por tal modo energica, que produz effeito mesmo depois d'ella attingir o ultimo periodo, em que o enfermo já tem perdidas, inteiramente, as faculdades intellectuaes e o uso da falla, e ainda quando lhe começa a sair materia pela bocca. Se o doente não lançar dentro de quatro minutos, depois de lhe applicarem o vomitorio, passados seis deixou de existir. O que ha de mais singular n'esta enfermidade, é que o atacado do mal, após duas horas de acabar de lançar, tem recuperado todas as suas faculdades, ficando apenas um pouco abatido.

Elle sentou-se na esteira muito triste, e só passados dois minutos me respondeu, que a grande *matonice* se desenvolvera com todo o seu horror. A cara principiava a inchar-lhe, e o uso da rasão ia-lhe desapparecendo. Perguntei-lhe ainda, se no paiz em que estavamos não havia o remedio da *matonice.*

Respondeu-me, que não; e com o mais profundo sentimento, acrescentou: — O Montanhana está irremediavelmente perdido!

O Montanhana regulava pela mesma idade do Manóva; nasceram na mesma povoação, e eram amigos desde a infancia. Por este motivo avaliei bem quão grande devera ser a dôr que o Manóva sentia pela perda inevitavel do seu amigo.

Levantei-me sem dizer nada, e fui deitar-me; eram onze horas e meia. Acordei muitas vezes de noite com o pensamento no pobre preto. Affligia-me muitissimo a idéa de não se lhe poder valer.

Levantei-me ás quatro horas da madrugada. Os pretos dormiam todos. Fui ao grupo dos caçadores com tenção de acordar o Manóva, porém não o encontrei. Havia-se levantado primeiro que eu, a fim de ir vêr o doente. Pouco depois vi-o a correr para mim.

Calculei logo que era má a noticia que elle trazia; e com effeito, apenas chegou ao pé de mim, disse que o Montanhana estava a expirar.

De repente, como se fosse inspirado por um pensamento feliz, lancei a mão á condessa da roupa, que tinha atras da cabeceira e d'ali tirei uma caixinha de folha que continha sulphato de quinino; depois abri a caixa e tomei um copo, uma colher de chá, e uma vela;

e sem arrumar coisa nenhuma, disse para o Manóva — Pega n'aquella chaleira e vamos vêr o Montanhana. Fomos a correr.

Apenas chegámos, vazei no copo quatro papeis de quinino de vinte quatro grãos, cada um, deitei-lhe em cima um decilitro de agua, pouco mais ou menos, e mexi muito bem com a colher. Feito isto, aproximei-me do enfermo. A aurora já principiava a romper, mas fazia ainda escuro; por isso accendi a vela.

Encontrei o doente estendido em uma esteira, de costas. A cara estava extraordinariamente inchada, e tinha já materia aos cantos da bocca. O filho estava de um lado e do outro o *Tunguene,* que era meu comprador de marfim e parente do Montanhana. O Tunguene chorava, o filho não; estava como petreficado, com os olhos fitos no rosto do pae; creio que não tinha mesmo dado fé de eu ter ali chegado.

Um segundo perdido seria fatal. Disse a um dos carregadores, que trouxesse uma colher de pau, para o Manóva abrir a bocca ao doente, cujos dentes estavam cerrados. Logo que isto se conseguiu, fui vasando a pouco e pouco o quinino, que o enfermo engolia, á porporção que respirava.

Passados tres minutos, notou-se, que o peito do enfermo arquejava levemente. Este movimento foi gradualmente augmentando. Todos nós julgámos que o pobre preto entrava nas ancias da morte. Disse ao filho e ao Tunguene, que lhe levantassem o corpo um pouco, e lhe inclinassem a cabeça para um lado, por que podia ser que elle sentisse vómitos. Os dois pretos assim fizeram, porém a cabeça do doente pendia, como se

já não tivesse vida. O Manóva correu a segurar-lh'a. Esteve assim quasi um minuto, começando então a lançar com grande custo. Os primeiros vómitos eram uma materia côr de açafrão; depois veio grande quantidade de humores esverdinhados. Com grande contentamento de todos ouviu-se gemer o preto. Passados dez minutos mexia os braços e o corpo, forcejando por sustentar-se sem apoio dos dois pretos. Como cessára de lançar deitei uma pouca d'agua no copo, que tinha ainda quinino pegado ao vidro, mexi bem com a colher e dei-lh'o. D'esta vez bebeu sem auxilio de ninguem. Depois de lançar ainda bastante, sentou-se na esteira, e pediu agua para se lavar. Lavou primeiro a boca, depois as mãos e o rosto. Quando acabou, olhou para mim dando-me os bons dias, e em seguida comprimentou o Manóva, perguntando-lhe que remedio lhe tinham dado, que amargava tanto.

O Mandissa, que tinha estado sempre calado, apressou-se em responder pelo Manóva—Pae, o remedio que tomou nem o Manóva nem nenhum de nós conhece; o pae esteve ás bordas da sepultura; no momento, porém, de cair, appareceu um homem que não é da nossa raça, que o agarrou pelos cabellos e o salvou! O homem que deu o remedio que lhe fez volver a vida é este branco!—Apontou para mim.

No acto de me designar, lançou-me um olhar que parecia de tigre, fazendo ao mesmo tempo um movimento como de quem queria arremessar-se a mim.

Outro qualquer europêo, que não estivesse habituado a lidar com esta qualidade de pretos, assustar-se-ia, sem duvida, do terrivel olhar e movimentos ameaça-

dores do preto. Eu, porém, só vi n'isto a manifestação do grande contentamento e alegria de vêr salvo o pae. No seu transporte tivera vontade de abraçar-me, porém o respeito e consideração, que todos os pretos me guardavam, contiveram-o de repente. Duas lagrimas, que em seguida vi cair-lhe dos olhos, confirmavam exuberantemente que a gratidão, de envolta com a alegria trasbordavam no peito d'aquelle selvagem.

O Montanhana, muito commovido, balbuciou estas palavras :—Meu filho o coração d'este *melungo* é bom.

Pela minha parte não estava menos satisfeito de vêr salvo o pobre preto. Foi, na verdade, uma feliz lembrança a que eu tive de dar-lhe a enorme quantidade de 96 grãos de sulphato de quinino. N'outras circunstancias tel-o-ia envenenado infallivelmente, porém n'esta occasião produziu igual effeito ao do remedio que os pretos applicam, com tanta vantagem, áquella horrivel doença.

—Então, Montanhana, perguntei-lhe eu, poderás marchar ámanhã?

—Hoje, agora mesmo podemos partir; respondeu elle alegremente.

Em virtude da boa disposição em que elle já se achava, disse-lhe que se apromptasse, e, quando podesse, fosse ao meu acampamento, para tomar chá com bolachinhas.

Os caçadores estavam todos ali e marcharam comigo para o acampamento, muito contentes por verem o Montanhana fóra de todo o perigo. Pelo caminho, não pude deixar de dizer ao caçador Mabana, que a sua prophecia, com respeito ao estado perigoso do Montanhana,

não tinha tido importancia. Elle riu-se muito, respondendo-me que os brancos são feiticeiros, porque fazem levantar-se gente morta.

Não pude tambem deixar de me rir, do honroso titulo de feiticeiro com que o caçador me agraciou.

O Montanhana chegou ao acampamento passada uma hora e meia de eu me ter separado d'elle; vinha um tanto abatido, todavia marchava soffrivelmente desembaraçado.

Dei-lhe um pucaro de lata cheio de chá com bolachinhas, que elle bebeu e comeu com appetite.

Partimos ás sete horas e meia (dia 14).

## O VEADO D'AFRICA ORIENTAL

Parámos ás onze horas n'um valle por onde corria excellente agua, e ali passámos agradavelmente a força do calor, depois de havermos interrompido a marcha duas vezes, por causa do Montanhana, que se achava bastante debilitado. Era muitissimo pittoresco este logar. Observava-se um extenso bosque de grandes arvores, cujos ramos se entrelaçavam de umas ás outras.

Passado cerca de um quarto de hora, os caçadores Mabana e Maxotil, subiram ao alto da collina, da parte do norte, a fim de observar se apparecia alguma caça perto. Não foi sem proveito a descoberta que elles foram fazer. Quinze minutos depois de partirem, ouviu-se a detonação de dois tiros, e após dez minutos veiu o caçador Maxotil participar-me, que o Mabana havia morto um grande veado. Como era perto fui vêr este

animal que ainda não tinha encontrado: acompanharam-me alguns carregadores para transportar a carne.

O veado d'Africa Oriental é duas vezes maior que o da Europa, e tem as hastes inteiramente differentes das d'este ultimo. Este tem esgalhos nas hastes que são muito abertas e compridas; e aquelle tem as hastes direitas, sem esgalhos destacando-se da cabeça exactamente como as da cabra, porém mais perpendiculares; são retorcidas até ao meio e redondas d'aqui para cima. As ventas, orelhas, rabo, patas e côr da pelle são exactamente como as do veado da Europa. Differenceiam-se apenas nas hastes e no tamanho.

Encontrei o Mabana sentado ao pé do veado, cheirando a sua pitada de tabaco, signal de que estava satisfeito. Felicitei-o pela boa caçada que fizera. Os carregadores lançaram-se logo ao veado, que, n'um momento, fizeram em pedaços.

Tinham razão de concluir depressa a tarefa, porque os seus estomagos estavam muito vasios.

Quando regressei ao acampamento encontrei já fogueiras accesas. Distribui a carne pelos pretos que a assavam immediatamente. O Montanhana comeu com appetite um bom pedaço. Passada meia hora não se observava indicio algum de ter ali havido carne: apenas o cheiro que as brazas ainda exhalavam, denunciava a sua passageira existencia n'aquelle sitio.

Continuámos a marcha á uma hora e meia da tarde. Chegámos ás sete a uma pequena povoação das terras de *Valôi,* cujo chefe chamava-se—*Maximba já inlhofo* —(Escremento de elephante). Como não havia palhotas sufficientes para todos, acampámos debaixo das arvores.

## O QUE NÃO SE CONSEGUE POR BOAS MANEIRAS, DIFFICULTOSAMENTE SE OBTEM PELA FORÇA

Depois de bivacarmos, chamei o chefe da povoação para me vender mantimento. Elle respondeu-me que o não tinha para comer, quanto mais para vender. Calculando, porém, que o preto exagerava a sua infelicidade, com receio de não lhe pagar os generos, tratei de desviar-lhe o animo de tal pensamento. Principiei lamentando a infeliz situação dos povos d'aquella terra, por se verem constantemente opprimidos pelos bandos do *Mahuéoé*, os quaes não contentes de lhes extorquir a fazenda, que elles com tanto sacrificio obtinham, ainda lhes devoravam os mantimentos.

Observei com satisfação, que havia tocado na corda sensivel do chefe, pois começou logo a contar-me os vexames que soffria dos bandos do *Mahuéoé;* dizendo que as mulheres d'alli não podiam vestir senão pelles, porque os barbaros, se as vissem com *capelanas* de fazenda, arrancar-lh'as-iam; e que algum alimento que escapava á voracidade dos ladrões, era o que escondiam no mato, muito longe das povoações.

Quando elle acabou de fallar, mandei um creado buscar duas peças de fazenda, e disse em portuguez ao Manóva, que me deixasse só com o chefe.

Continuei ainda a fallar-lhe no mesmo assumpto, lamentando sempre a triste situação dos povos de *Valói*, e mostrando-me ao mesmo tempo indignado pelas atrocidades que os do *Mahuéoé* praticavam.

Quando o creado trouxe a fazenda, fiz-lhe signal para se retirar, e disse ao chefe que se aproximasse

de mim. Peguei nas duas peças e pousei-as silenciosamente aos pés d'elle. O preto ficou de bocca aberta admirado de tanta generosidade. Houve um momento de silencio, que me custou muito a romper, por que do acerto das palavras que eu pronunciasse, dependia a acquisição do mantimento. Animei-me um pouco, e disse-lhe :—Ahi tens essas duas peças para vestires as tuas mulheres. Confesso-te que me impressionou muitissimo a tua deploravel situação. Eu já sabia que havia fome na tua terra ; todavia far-me-ias um especial favor, se me desses um pouco de mantimento; não para toda a minha gente, que o não terias de certo, mas só para uns quatro pretos, que se acham doentes e não podem comer carne.

O chefe exclamou :—*Calimanbo*, *melungo* (obrigado, branco) o senhor tem bom coração. É certo que ha fome na minha terra ; todavia tenho ainda um pouco de mantimento : dar-lhe-hei algum d'elle; mas como já é noute não posso trazer-lh'o hoje, por que o tenho no mato, muito longe d'aqui. Ámanhã de madrugada vou buscal-o.—Quando acabou de fallar, levantou as duas peças e retirou-se com ellas muito satisfeito.

Como estava um pouco fatigado, deitei-me apenas acabei de tomar chá. Acordei ás seis horas da manhã. Os caçadores estavam preparando-se para marchar para a caça. Partiram, pouco depois, em duas direcções, acompanhados de dois rapazes da povoação, que lhes foram mostrar as paragens dos bufalos.

Depois d'elles sairem, descarreguei a minha espingarda, a fim de lhe fazer uma limpeza geral, trabalho este que durou mais de uma hora.

Ás nove e meia chegou o chefe da povoação, acompanhado de tres mulheres, que traziam, cada uma, um *cherundo* de *mapilla* (milho miudo).

O Montanhana, na qualidade de meu secretario na ausencia do Manóva, recebeu e apresentou-me o chefe. Este pediu-me desculpa de trazer tão pouco mantimento; mas eu, que não esperava que elle trouxesse tanto, agradeci-lhe muito aquelle, brindando cada preta com quinze fios de missanga e dois rozarios de contas azues. Elle agradeceu-me por seu turno o brinde que fiz ás mulheres, e retirou-se com ellas.

O Montanhana veio sentar-se ao pé de mim, muito admirado do preto me trazer os tres *cherundos* de milho miudo. Contei-lhe então o ardil que empregára para o conseguir; fazendo-lhe vêr que, o que não se obtem por boas maneiras, difficultosamente se consegue pela força.

—É verdade o que o senhor diz, respondeu o Montanhana; os *vatuas*, quando aqui vèem, amarram os pretos, ameaçam-os com a morte, e todavia não conseguem d'elles nenhum mantimento—Quando acabava de dizer estas palavras, chegou o caçador *Chanâna*, participando-me que tinha morto um bufalo. Tornou a sair, levando carregadores para transportar a carne. Pouco depois chegou o caçador Maxotil noticiandome haver tambem caçado um bufalo, o Manóva outro, o Mabana um rhinoceronte, e o Mandissa uma girafa. Levou todos os carregadores para trazerem a carne; inclusivamente as mulheres da povoação partiram para o mesmo fim.

## UM CAÇADOR FERIDO POR UM BUFALO

Cerca das onze horas appareceu o caçador Mandissa annunciando-me uma grande desgraça — *O Nacichacha* fôra apanhado por um bufalo, que o deixara em perigo de vida. Como não havia já ali nenhum carregador, expedi os meus quatro creados para o logar do desastre, a fim de transportarem o ferido para a povoação.

O Maxotil recolheu pela uma hora da tarde, e os outros caçadores chegaram successivamente, trazendo toda a carne dos tres bufalos, uma perna e os dois lombos do rhinoceronte, e as duas pernas da girafa. A maior parte da carne dos dois ultimos animaes ficou no mato, por não haver gente sufficiente para a transportar. Não ficou, porém perdida, por que o chefe com as mulheres e filhos foram dormir no sitio onde se havia feito a caça, a fim de cortarem a carne em tiras para seccar, e leval-a depois para casa. N'este dia os caçadores fizeram boa caçada; não pela quantidade; mas pela qualidade; pois, á excepção do elephante e do hippopotamo, o rhinoceronte e a girafa são os animaes de maiores dimensões, que existem nos sertões d'Africa.

Ás quatro horas chegaram os creados com o ferido, deitado em uma padiola, que improvisaram no mato. Era lastimoso o estado do pobre preto: tinha a coxa direita quasi atravessada por um chifre do bufalo e muitas contusões pelo corpo, provenientes dos boléos que a fera lhe déra.

O desgraçado caçava de camaradagem com o caçador *Maxumbana*. N'um sitio em que andavam dois bu-

falos a pastar, os dois caçadores aproximaram-se d'elles cada um de per si. O *Nacichacha* atirou primeiro; porém o animal sentindo-se ferido partiu sobre elle. O caçador largou a arma, e fugiu em direcção a uma arvore para trepar, mas, infelizmente, o bufalo alcançou-o antes d'elle lá chegar: pegou-lhe com os chifres e atirou-o ao ar duas vezes. O Maxumbana, que não tinha disparado, acudiu-lhe immediatamente; e, no acto do bufalo atirar terceira vez com a victima ao ar, fez-lhe um tiro, acertando-lhe a bala nos quadris: a féra fugiu então, deixando o caçador em um estado lamentavel.

Na caça dos bufalos é muito perigoso atirar a um, dois, ou tres isolados, por que se o tiro não for mortal, quasi sempre o animal se volta ao caçador; e se este tiver a infelicidade de não alcançar uma arvore para trepar, a desgraça raras vezes deixa de ser fatal. Quando os bufalos andam em grandes bandos, não se corre risco algum em lhes atirar, por que ao ouvirem o tiro fogem todos, mesmo aquelle que for ferido.

O leão caça o bufalo, as mais das vezes, nos grandes bandos. O instincto ensina-lhe, que ali corre menos risco do que se fôr atacar algum entre dois ou tres isolados. Quando dá o salto os outros fogem todos. É sempre no cimo das espaduas que elle crava terrivelmente os dentes, abraçando-o e fincando-lhe as garras de mãos e pés. O bufalo cáe logo no chão golfando sangue pelas ventas.

Nem sempre, porém, o leão tem ensejo de caçar este animal nos grandes bandos. Algumas vezes que o ataca entre dois ou tres isolados, sae-lhe amargo o gosto que elle tem da carne dos bufalos. Quando dá o salto

sobre um, os outros dois ou um só que seja investem immediatamente com elle. O leão vê-se então na contingencia de combater de frente com um inimigo terrivel: se é só um, algumas vezes sae victorioso do combate; se porém forem dois, é inevitavelmente esmagado e estripado, com grande applauso das hyenas, que não tardarão em ir banquetear-se com o seu cadaver e o do bufalo, que matára no salto.

Todos os animaes selvagens têem o olfato muitissimo fino. Para caçar qualquer é necessario que o caçador se aproxime d'elle do lado de sotavento. O leão procede de egual modo que o bom caçador, indo de rojo até á distancia de 25 a 20 palmos da presa; e d'ali forma o grande pulo sobre ella. Parece incrivel, que um animal enorme, cujo peso regula de 14 a 22 arrobas, dê um salto a uma distancia tão grande,

Antes da chegada do ferido, mandei a outra povoação procurar um preto, que soubesse de cirurgia, para tratar d'elle. O ferimento da coxa era muito feio, mas não estava ali o maior perigo. Toda a gravidade do desgraçado consistia nas contusões que tinha pelo corpo. Mandei recolhel-o em uma palhota, onde o cirurgião foi fazer-lhe os primeiros curativos. O prognostico do medico era assustador. Dizia elle que o estado do doente era extremamente perigoso, mas que no entretanto, se resistisse até ao outro dia, seria possivel escapar.

Dadas as competentes ordens com respeito ao ferido, fui repartir a comida pelos pretos. Pouco tocou a cada um; todavia fez-lhe bom arranjo por que a cozinharam com carne. Mandei depois preparar o meu

jantar, que constou de um pedaço de carne de bufalo, da parte do peito, cozida, um pedaço de lombo do rhinoceronte assado nas brazas, e um prato de papas.

Se não fôra o deploravel acontecimento do caçador, este dia teria sido de grande regozijo para toda a comitiva. Quando acabei de jantar fui dar um passeio pelos differentes grupos. Não se ouvia a animada palestra, que se observava sempre em todos os pretos: fallavam pouco e em voz baixa. Era uma prova sincera de sentimento pelo desgraçado accidente que tivera logar.

Pelas nove horas e meia fomos comprimentados por um bando de hyenas, que vieram muito perto de nós uivar, e namorar a carne que estava dependurada pelas arvores. Mimosearam-nos com a sua infernal musica até passada a meia noite, que foi quando pude conciliar o somno.

Levantei-me ás quatro horas e meia da manhã. Acordei um creado para pôr agua ao fogo para o chá, accendendo em seguida um cigarro, que saboreei sentado na caixa. O Manova, Montanhana e Tunguene já estavam a pé.

N'um ramo da arvore, debaixo da qual estava a minha cama, havia eu mandado pendurar um lombo de bufalo, que destinára para mim. Olhando por casualidade para aquelle sitio, não vi a carne. Perguntei ao creado se a tinha mudado para outra parte; elle respondeu-me negativamente. Levantei-me e fui passar revista. Observei logo as pégadas de uma hyena, e signal no chão de haver caido a carne. Estava averiguadamente descoberto o destino d'ella. Fôra a auda-

ciôsa hyena, que viera alta noite roubal-a. Não foi só a mim que a ladra logrou, tambem havia ido a um dos grupos dos carregadores roubar metade das costellas de um bufalo. Todos estavam indignados pelo atrevimento da hyena: mas ao mesmo tempo a hilaridade era geral por todo o acampamento.

Depois de tomar chá mandei chamar o chefe da povoação e o cirurgião. Este ultimo veio logo. O chefe não tinha ainda regressado do mato onde dormira com a familia. Tive de esperar por elle tres quartos de hora.

O ferido passou toda a noute a gemer, sem dormir um momento; no entanto o cirurgião tinha esperança de o salvar. Dizia elle que a respeito da fractura não havia perigo nenhum. Sómente receiava das pisaduras, que o infeliz tinha pelo corpo. Entretanto affiançava-me, que se o enfermo vivesse até á noite, seria salvo e restabelecido completamente no periodo de vinte cinco dias.

Á hora que o chefe chegou, todos estavam promptos para marchar, inclusivamente os carregadores, que já tinham a carne amarrada ás cargas. O Manóva conduziu logo o chefe á minha presença. Fiz signal a um creado para me trazer oito peças de fazenda, que antecipadamente lhe hávia mandado tirar de uma carga. Entreguei quatro ao chefe, dizendo que lhe dava esta fazenda, a fim de elle tratar e dar de comer ao caçador que deixava na povoação confiado á sua protecção. Elle prometteu tratal-o como se fosse seu filho. Em seguida entreguei duas peças ao cirurgião, como paga do tratamento, que elle havia de continuar a fazer ao doente.

Antes de partir fui com o Manóva despedir-me d'elle. O pobre preto estava com febre. Um rapaz do cirurgião lavava-lhe o peito e as ilhargas com umas ervas cozidas. Instrui-o da recommendação que a seu respeito fiz ao chefe, e da fazenda que lhe dei. Deixei com elle um carregador seu parente, ao qual entreguei duas peças de fazenda e um masso de missanga.

Parti ás sete e meia da manhã dia (16). Acompanhou-me o chefe a uma legoa da povoação.

Ás cinco e meia da tarde parámos n'um logar, onde, além de palmeiras bravas, não havia outras arvores. Não avançámos mais, por que só muito longe encontrariamos agua. Os pretos fizeram barracas de ramos de palmeiras. Para mim fizeram elles uma muito bem feita: se por ventura chovesse não me incommodaria de certo a chuva. Concluidas as barracas, foram procurar ramos seccos de palmeiras, para fazerem fogueiras; pois n'aquelle sitio não havia outra qualidade de lenha. Era proveniente da chuva a agua que ali havia.

N'esta noite não houve acontecimento algum, digno de menção. Os pretos jantaram muito bem carne assada.

Partimos no dia seguinte (17), ás 5 horas da manhã. A marcha d'este dia foi muito grande. Andámos sem descançar até ás nove e meia. Parámos n'um logar muito arborisado, onde corria agua crystalina. Os pretos foram logo banhar-se; eu imitei-os, mas passada meia hora de descanço. Almoçámos depois do banho, e continuámos a marcha á uma hora da tarde. Andámos outra vez sem interrupção até ás cinco e meia. Parámos a final proximo de um grande campo, pelo meio

do qual corria uma vertente do grande rio *Imbélúle* e ali bivacamos debaixo do magestoso arvoredo.

## OS CAMPOS DESERTOS DE GENTE SÃO SEMPRE FREQUENTADOS DE GRANDE NUMERO DE ANIMAES SELVAGENS DIVERSOS

O rio ficava distante do nosso acampamento cerca de 1:200 metros. Não nos aproximámos mais d'elle, em razão de não haver arvores no campo. Apenas acampámos começou grande lida. Uns cincoenta pretos partiram para o rio com cabaças para encher d'agua, alguns procuravam lenha para o fogo, outros, ainda, partiram ramos de arvores, com que fizeram liças para se resguardarem do vento; e, emfim, os meus creados construiram uma palhota para mim e para elles, onde estenderam a minha cama.

Aquelle immenso campo, que se estendia do norte ao sul, era habitado por milhares de animaes diversos. Muitos animaes selvagens procuram os campos, que lhes servem de defesa contra os ataques dos leões. De noite estão sempre álerta. Se presentem o leão aproximar-se fogem logo para outro logar do campo. Todavia em certa hora da noite, todos os animaes precisam necessariamente de repouso, que entre os selvagens é das tres da noite até ao romper da aurora. O leão, sempre infatigavel, aproveita-se d'este ensejo, para fazer n'elles uma caça certa. Algumas vezes, alta noite, senti o tropel de bandos de animaes a correr pelo

campo: fugiam, sem duvida, do leão, que se aproximára d'elles.

No dia 18, ás nove horas e meia da manhã, chegámos ao grande rio *Imbélúle*, ao qual os hollandezes deram o nome de — rio dos elephantes — em virtude das suas margens serem frequentadas por muitos d'estes animaes, no tempo em que elles o descobriram. Passei o rio aos hombros de dois pretos; a agua chegava-lhes aos peitos. Era ali pouco largo; não excedia 70 metros o espaço que havia de um lado ao outro. Pelo meio destacavam-se muitos penedos, por entre os quaes corria a agua fazendo um ruido extraordinario. Toda a margem esquerda era uma grande montanha que se elevava logo do leito do rio.

## UMA CABRA SELVAGEM

Quando acabei de atravessar o rio, apontou para o alto da montanha um rapaz meu creado, mostrando-me um cabrito selvagem. Estava a distancia de cerca de 200 metros. Não podia aproximar-me d'elle, por que a montanha era ali quasi a prumo, e o caminho praticavel afastava-se inteiramente d'aquelle sitio, sendo preciso andar mais 400 metros para depois ir perto d'elle. Desisti por consequencia de ir atirar-lhe.

Os caçadores, quando repararam no animal, fizeram grande algazarra. Alguns, como não podiam chegar-lhe, diziam que estava muito magro e que a sua carne não prestava. Até o Manóva saiu da sua habitual se-

riedade, dizendo ao Montanhana: — Aquelle cabrito é tolo: insiste em permanecer n'um sitio onde estão tantos inimigos que gostam de lhe provar a carne!

O animalzinho não fugiu logo, por que nem via os pretos nem ouvia o grande barulho que faziam. O enorme estrepito que a agua produzia ao precipitar-se dos penedos, cobria a algazarra que elles faziam. Por este motivo o cabrito continuava a comer socegadamente o feno que sahia d'entre as pedras.

Sentei-me n'um penedo e fiz pontaria, sem tenção, por assim dizer, de disparar. O vulto do animal era tão pequeno, que se sumia na pontaria da arma. Ajoelhei no chão e ajustei-o novamente, apoiando os canos da espingarda sobre o penedo, e quando consegui distinguil-o em frente da pontaria, desfechei. O animalzinho deu um salto: julguei que fosse para fugir, mas não, fôra para cair mortalmente. Ao verem abatido o animal todos os pretos fizeram grande assuada, acompanhada de ditos mais ou menos chistosos. Foram buscar o cabrito, ou antes cabra, pois era femea, dois carregadores: um d'elles pediu-me a pelle, e o outro os ganizes, para presentear o pae que era um insigne *gagaista*. Prometti satisfazer o pedido de ambos, logo que a cabra fosse esfolada.

Estava muitissimo gorda. Mandei guardar para mim as duas pernas, e dei o resto ao Manóva e Montanhana, que trataram logo de o assar e comer juntamente com os caçadores.

Partimos á meia hora da tarde, e chegámos ás tres e meia á primeira povoação das terras de *Palaúre*,

tendo feito uma marcha de constante ascenção por grandes montanhas.

Havia batuque (dança) na povoação, em consequencia de ter fallecido uma pessoa d'ali.

## OS PRETOS DE PALAÚRE

Os costumes d'estes pretos são inteiramente differentes dos de outras partes. Unicamente o Montanhana, Tunguene, e um carregador sabiam o idioma que elles fallavam. Os outros atravessavam este paiz pela primeira vez.

Estava situada a povoação no cume de uma montanha. Alguns algodoeiros espontaneos eram as unicas arvores que ali se observavam. No centro da povoação havia duas d'esta qualidade. O solo era immensamente productor, apesar de ser composto de quasi tantos seixos miudos como de terra, que era vermelha e fina. Nunca ali havia falta de mantimento. A prodigalidade que se nota não só nas montanhas de *Palaúre* como nas de *Beja* provém das frequentes trovoadas, acompanhadas de fortes aguaceiros, que caem n'aquellas vastas terras nos mezes de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, que são a epocha das sementeiras e a estação do calor. Os dias, em que não chove, são sempre precedidos de neblinas extraordinariamente carregadas de humidade, que duram toda a noite até ao nascer do sol. O chão apparece de manhã tão molhado, como se tivera chovido.

Encontrámos os pretos da povoação a cantar e a

dançar. Os meus estavam admiradissimos da dança e cantigas, que eram inteiramente differentes das d'elles. O traje era o que deveras os surprehendia. Na verdade, além de ser exquisito, demonstrava que elles viviam no estado primitivo de selvagens.

As pretas solteiras andavam em completo estado de nudez. Tinham as partes sexuaes somente cobertas com um tecido triangular de missanga fina, cujos lados não excediam quinze centimetros de extensão. Duas pontas d'este tecido estavam seguras, pela frente, por dois cordeis, que prendiam n'um rôlo, tambem tecido de missanga, que traziam á cintura. A terceira passava-lhes por entre pernas, e prendia tambem ao rôlo da cintura, com o auxilio de um trapo, a que estava ligada. Entre o trapo e as nadegas havia um rôlo de pau de cerca de dezoito centimetros de comprimento; delgado no centro e grosso nas extremidades, que eram guarnecidas de uma franja de missanga.

As mulheres casadas envergavam uma braça de zuarte em volta da cintura, a qual lhes chegava até ao meio das coxas; e traziam aos hombros uma pelle de cabra.

Os homens tinham as partes sexuaes cobertas com uma pequena pelle de cabrito selvagem, presa, pela frente, por duas pontas, a uma correia afivelada á cintura: as outras duas pontas passando-lhes por entre pernas, iam prender á mesma correia.

Era este o traje ordinario dos homens; porém na dança improvisaram outro, que era da seguinte maneira: — Cobria-lhes o peito e as costas uma enfiada de rabos de macaco. Do pescoço pendia-lhes ao peito um

collar de seis chifres de cabrito, destacando-se tres para cada lado, e ornava-lhes a testa dois formidaveis chifres de bode velho. A figura que elles apresentavam não se differençava da de verdadeiros quadrupedes.

Dançavam ao som de tres tambores de differentes dimensões. O maior era tangido com uma baqueta, coberta de borracha no lado com que batiam; o immediato, que tinha a fórma de barril, com duas baquetas delgadas, e o terceiro com os dedos. Estavam assentes no chão, e os pretos tocavam n'elles, sentados.

Quando suspenderam a dança, que durou cerca de um quarto de hora, depois de chegarmos, aproximou-se de nós um preto da povoação, pedindo desculpa de não ter vindo logo receber-nos, pois não era licito, dizia elle, interromper o acto que solemnisavam, chorando (a dança significava o choro) um bisneto do regulo, que fallecera no dia antecedente. Findas as explicações, pediu-lhe o Montanhana palhotas para a comitiva. O preto apromptou-nos quinze, que foram distribuidas assim: — uma para mim e para os meus creados — outra para o Manóva, Montanhana e Tunguene — tres para os caçadores e as dez restantes para os carregadores.

Depois de aquartelada toda a comitiva, mandei o Montanhana fallar com o regulo, para me vender mantimento. Elle enviou-me um *cherundo* de feijão, dizendo que as mulheres da povoação viriam vender-m'o. Effectivamente, passado algum tempo, chegaram á minha palhota muitas raparigas trazendo *supos* (cestos pequenos) de mantimento para vender. Comprei cada um por cinco fios de missanga fina que valiam quatro réis.

Desde que sahi de Lourenço Marques não havia obtido em parte alguma do sertão, mantimento tão barato como aqui. Com o valor de 500 réis forneci-me do sufficiente para toda a comitiva.

Repartido o mantimento, mandei preparar o meu jantar, que foi magnifico—uma perna de cabra cozida, que fez um caldo muito saboroso, um prato de feijões e outro de papas de farinha de milho com assucar.

Ás oito horas da noite veiu visitar-me o regulo, acompanhado de um filho e do secretario. Serviu-me de interprete o Montanhana. Era extraordinariamente alto e o homem mais edoso de todos da terra de *Palaúre* e de *Beja*. O filho era mais velho vinte cinco annos, pelo menos, que o Montanhana, que contava cerca de sessenta e cinco. Tivera mais cinco filhas e um filho, que haviam já fallecido, todos mais velhos que este. Podia-se por tanto calcular, muito aproximadamente, em 125 annos a idade d'elle. Havia na povoação bisnetos casados, já com filhos.

Tinha todos os sentidos bem conservados. Marchava soffrivelmente desembaraçado, notando-se-lhe apenas um pequeno arqueamento nas costas, e a falta dos dois dentes da frente do queixo de cima e os dois do de baixo.

Tive um grande prazer em receber a visita d'esta antiguidade, que era, por assim dizer, a historia viva dos povos d'aquella terra. Como não sabia a lingua d'ali, disse ao Montanhana para lhe traduzir — que eu sentia a maior satisfação em receber a sua visita — depois enchi um copo de aguardente e offereci-lh'a; porém elle não a bebeu. Passou o copo ao filho, que o levou

aos beiços e provou do liquido, mas retirou-o logo, fazendo uma careta muito feia, e transmittindo-o ao secretario. Este provou tambem, torcendo os labios por um modo mais feio ainda que o filho do regulo.

O Montanhana, que estimou muitissimo que elles não gostassem da aguardente, apoderou-se do copo e bebeu o liquido de um trago.

Os *Palaúres* diziam que a aguardente era como fogo, que lhes estava ardendo nas guelas, mas ao mesmo tempo olhavam muito admirados para o Montanhana, por haver bebido toda, e não observarem n'elle o mesmo effeito que produzira n'elles.

O Montanhana disse-lhes então — Todos que provam aguardente a primeira vez, fazem caretas como vós outros; se porém beberem mais duas vezes, gostam logo d'ella — Os pretos riram muito, inclusivamente o ancião deixou escapar um sorriso.

Findo este episodio, presenteei o regulo com um peça e uma *capelana*. Elle retirou-se visivelmente satisfeito.

Deitei-me ás 10 horas. Como jantei bem, dormi igualmente bem. Acordei ás quatro e meia da manhã. Depois de me lavar, accendi um cigarro, que fui fumar fóra da palhota. Encontrei no largo, sentados debaixo dos algodoeiros, o regulo e o secretario: eram as unicas pessoas da povoação que estavam a pé. Aproximei-me d'elles, e comprimentei o regulo em lingua *vatua*[1] sup-

[1] *Vatua* — É o idioma que fallam os *Zulos* ou *Vatuas*. A nação d'estes pretos confina com Porto Natal. Exceptuando os *Massussas*, cujo paiz comprehende todo o territorio entre Porto Natal e Elysabethe até aos limites da republica de Transvaal, os *Vatuas* ou *Zulos* são os povos mais poderosos de toda

pondo que elle a comprehendia, pois na vespera, á noite, ouvira alguns pretos d'ali fallar com os meus n'esta lingua, porém, nem o regulo nem o secretario a entendiam.

Pouco depois appareceu o Manova. Ás cinco horas todos estavam a pé. Dei então ordem de se prepararem para partir, e entretanto fui tomar chá.

## O PASSARO ALGODÃO

Quando estava para sair, vi na mão de um preto um objecto branco, que me pareceu uma luva: aproximei-me d'elle, e fiz-lhe signal para m'o mostrar. Perguntando ao Tunguene que objecto era aquelle, disse-me que era um ninho de passaros. Deséjoso de possuir este objecto, perguntei ao dono se o vendia. Elle respondeu affirmativamente, dizendo que queria missanga. Mandei vir um massete da de côr de olho de rola, que lhe entreguei; com o que se mostrou satisfeito; declarando que ficava realisada a troca. Se me pedisse quarenta massetes ter-lh'os-ia dado.

a Africa Oriental. Desde Porto Natal até á Zambezia quasi todos os pretos sabem fallar esta lingua; em virtude do *Manicussa*, principe d'aquella nação, ter emigrado, em 1823 pouco mais ou menos, com mais de quinze mil familias para as margens do rio *Inhapura* ou *Bembe*, onde se proclamára rei; tendo feito sujeitar as nações dos *Changano*, *Valoi*, *Palaúre*, *Beja*, e as vastas terras do *Chinguine* até á Zambezia, devendo acrescentar-se a grande nação dos *Blangellas*, cuja raça está actualmente cruzada com a dos *vatuas*, dos quaes é agora rei o *Mosila* filho do *Manicussa*.

Era um objecto preciosissimo este ninho de passaros, aos quaes os *landins* chamam — *Inhónhana já ochaile* (passaro-algodão), em virtude d'estas avesinhas fazerem o ninho unicamente nos algodoeiros com o algodão que tiram d'estas arvores. São muito parecidos com a alvéloa. O ninho é similhante a uma luva enchumaçada, d'aquellas com que se aprende a jogar a espada. É quasi todo tapado. Tem apenas dois canudos aos lados que dão entrada para dois compartimentos, que se communicam interiormente: um pequeno é para o macho se recolher de noite; e o outro maior é onde a femea tem os ovos. Fica dependurado, a uma haste da arvore, por um fio d'algodão, tendo os dois canudos virados para baixo. Ainda que chova muito não póde entrar agua dentro do ninho, ficando as duas avesinhas perfeitamente abrigadas da maior tempestade que possa fazer. Era admiravel a delicadeza com que estava construido; similhava-se a uma fazenda de um tecido finissimo.

Quando fui a Pretoria, capital da republica de Transvaal, commetti a imprudencia de mostrar o ninho a uma senhora ingleza, casada recentemente com um negociante tambem inglez, pessoa do meu conhecimento. A dama namorou-se logo do ninho, e n'esse mesmo dia o marido perguntou-me se eu o queria vender. Respondi-lhe negativamente; porém elle instou comigo, dizendo que pedisse eu o dinheiro que quizesse, porque a esposa manifestára o maior desejo de possuir aquelle objecto. Em presença de tão forte empenho, não tive outro remedio, senão cedel-o, mas dado. Com grande saudade vi depois, na sala do inglez, o meu

querido ninho figurando entre outros objectos de raridade, que estavam em cima de uma mesa.

## AS POVOAÇÕES DOS «PALAÚRES»

A marcha do dia 19 tambem foi de constante ascenção. Apenas se acabava de subir uma montanha, apresentava-sé logo outra em frente. Pelas quatro horas da tarde, chegado ao alto de um monte, deparei com um extensissimo campo. Observava-se a distancia de uma e meia legua um pequeno monte isolado. Marchámos sobre este ponto por haver n'elle povoação, e aonde chegámos ás cinco horas e meia da tarde. Era circular e todo de rocha: elevava-se do solo quasi ao prumo. A sua circumferencia não excedia oitocentos metros, porém a sua altura devia attingir cem. A povoação estava situada ao meio do lado do sul. Para lá chegar era necessario subir por um caminho em caracol, pelo qual só podia passar uma pessoa. Em consequencia da difficuldade da subida preferimos acampar fóra da povoação debaixo de arvores.

Os *Palaúres* e os *Bejas* têem as suas povoações situadas em montes isolados, que se elevam do solo quasi a prumo. Escolhem estas localidades, a fim de se defenderem dos inimigos. A não ser pelo meio de assedio, os pretos não podem conquistar estas povoações. Atacados por inimigo mais poderoso, sobem para o cume do monte, despedindo sobre elle enormes penedos. A arma d'elles é a flexa, cujo ferro é hervado. O ferimento mais insignificante da sua terrivel arma produz a morte dentro de uma hora e meia.

N'este dia os pretos não tiveram trabalho de cozinhar; compraram a comida já feita, que custou tambem muito barata. Comprava-se por dez fios de missanga um covilhete cheio de *ubsua* (papas duras) muito bem feita, que chegava a fartar para duas pessoas.

Estavam todos muito satisfeitos. Cantaram e dansaram até ás dez horas e meia da noite. Muitos da povoação estiveram no acampamento até áquella hora.

Chegámos no dia 20 a uma pequena povoação, ultima de *Palaúre*. Tambem dormimos acampados.

No dia 21 partimos ás cinco horas, e chegámos ás oito e meia ao rio *Litave* o grande. Continuámos a marcha ás nove e meia; e ás onze e meia descansámos segunda vez perto de um ribeiro immensamente arborisado de um e d'outro lado. Passámos ali a maior força do calor. Continuámos a marcha ás duas horas da tarde, e andámos sem parar mais até alcançar a povoação do regulo *Cheluana*, á qual chegámos ás seis horas.

## O «CHELUANA»

Fôra um dos principaes regulos das terras de *Gassa* ou *Bilene*, onde actualmente estão estabelecidos os *vatuas*. Quando o *Manicussa* se assenhoreou d'aquellas terras, o *Cheluana*, não querendo ficar sujeito a elle, emigrou para *Beja* com toda a sua gente, aonde pediu e obteve da rainha *Mojajú* terras para se estabelecer com os seus, ficando por consequencia tributario a ella. Contava cerca de 85 annos.

Veiu comprimentar-me apenas entrei na povoação,

apromptando-me palhotas em seguida. Depois de eu estar alojado, enviou-me um cabrito e dez *cherundas* grandes de mantimento, que chegou para toda a comitiva. Retribui-lhe o presente com oito peças de panninho tinto a anil, seis *capelanas* diversas, seis massetes de missanga e quinze rosarios de contas azues, tudo no valor de 17$500 réis.

Á noite, depois de eu ter jantado, veiu elle visitar-me acompanhado de dois secretarios e um rapaz, que trazia uma ponta de marfim de elephante femea. Mandei estender uma esteira onde elle se sentou. Os dois secretarios e o rapaz sentaram-se no chão. O regulo fez signal ao rapaz para me entregar a ponta de marfim, dizendo que era em recompensa do presente que eu lhe havia dado. Agradeci-lhe a sua retribuição, brindando-o com uma garrafa de aguardente. Segundo o costume, o Manóva *chumbotou* (provou) um copo do delicioso liquido. Em seguida, o regulo encheu um copo e bebeu, dando depois igual dóse aos secretarios e ao rapaz. O resto, que era mais de metade entregou-o a um filho d'elle, que estava fóra da palhota, que o bebeu juntamente com os seus amigos. Na occasião de se retirar, pedi-lhe o favor de no dia seguinte mandar um homem da povoação, em companhia de um meu, levar uma carta ao sr. João Albazini, que era vice-consul portuguez na republica de Transvaal. Elle prometteu-me apromptar um homem para esta commissão.

Depois do regulo sair. entrou um rancho de pretinhas. Eram todas muito lindas, como são geralmente as da raça *blangella*, á qual pertenciam. Pediram-me

missanga: e eu para me desembaraçar d'ellas dei quatro fios a cada uma.

Os meus pretos quando acabaram de comer improvisaram um grande baile. Os rapazes da povoação tambem organisaram outro. Estes dançavam separadamente dos meus; mas a final uniram-se todos, cantando e dançando juntamente rapazes e raparigas. Passei horas divertidas. Deitei-me á meia noite.

De madrugada escrevi a carta para o sr. Albazini, na qual lhe dava parte da minha chegada á povoação do *Chéluana*. O preto que eu havia pedido ao regulo já estava á espera com um dos meus, que havia de ir com elle, por isso quando acabei de escrever a carta despedi-os logo, dando-lhes dois massetes de missanga para comprarem comida na viagem; pois tinham de gastar mais de tres dias para chegar á praça do sr. Albazini. Partiram ás sete e meia.

Ás oito horas veiu o regulo vender-me uma ponta d marfim, que pesava 69 ℔. Gastei mais de duas horas para realisar a compra. Os pretos tem o costume de pedir seis e oito vezes o valor do marfim. Leva-se muito trabalho para conseguir que elles cheguem a um accordo rasoavel. Comprei a ponta a final por trinta peças de panninho tinto a anil, cinco de *carlagani* (fazenda da India) dez *capelanas* diversas, trinta massetes de missanga e quinze rosarios de contas azues; tudo no valor de 66$000 réis. A ponta valia n'aquella épocha 86$700.

Concluida a transacção e depois do regulo sair, accendi um cigarro, que fui fumar fóra da palhota. Encontrei sentados no largo, debaixo de uma arvore, cerca de vinte pretos estrangeiros.

Tinham tres grandes pontas de marfim encostadas ao tronco de uma arvore. Pela qualidade dos *majôros* (vestimenta de pelles que cingem a cintura) conheci que eram *Blangellas* de *Gassa*, nação do *Manicussa*. Podiam ser tambem *Blangellas* da nação *Cossa*, que são da mesma raça e usam *majôros* do mesmo feitio. Com a differença, porém, dos *majoros* dos de *Gassa* serem feitos de tiras de pelle de vitella, emquanto que os de *Cossa* são de tiras de pelle de gazella.

## EMBAIXADA DO MAHUÉCÉ Á RAINHA «MOJÁJÚ» A PEDIR-LHE CHUVA

Levantou-se do grupo um preto de trinta annos, pouco mais ou menos. Era regular a sua estatura; bem feito, e bonito o seu typo. Approximou-se de mim a passos lentos, mas imponentes, de mão esquerda na ilharga, pousando franca e desembaraçadamente os seus olhos sobre os meus, que reparavam nos d'elle, e endereçou-me as seguintes palavras: — *Sá bonna Ma-amba-tabil sá bonna miungo á mase: sá bonna mungane á Mahuéoé!* — Bons dias Ma-amba-tabil: bons dias branco claro; bons dias amigo do *Mahuéoé!)* Pronunciou estas palavras com uma accentuação tão expressiva, e ao mesmo tempo graciosa, como só é natural a lingua *vatua*.

Conheci logo a nação a que pertencia o preto: não por fallar a lingua *vatua*, por que todos os *blangellas* do *Manicussa* a sabem, nem fallam outra, não obstante terem o seu idioma, que é o *laudim;* mas pelo des-

embaraço com que fallava, que só é natural aos *vatuas* verdadeiros, e ainda pelo vestuario que era differente do dos *blangellas*.

Os *vatuas* envergam em volta da cintura pequenas pelles de gato bravo, que são mais bonitas que as do leopardo, especialmente as caudas. Tambem vestem pelles de uma qualidade de macaco, que tem a cabeça e as pernas pretas, e o resto do pello loiro escuro. Os *vatuas* ligam grande importancia a estas pelles, a ponto de não permittirem que os *blangellas* as usem.

No grupo, havia ainda dois *vatuas*, mais novos do que aquelle que nos fallou, e que era o chefe do bando; os outros eram todos *blangellas*.

Depois de lhe corresponder ao comprimento, que me dirigiu, perguntei-lhe d'onde me conhecia. Respondeu-me, que de me ter visto em casa do *Mahuéoé*. Effectivamente, seis mezes antes d'esta viagem, havia ido ás terras de *Gassa* trocar fazendas por marfim. N'esta occasião estive em casa do celebre *Mahuéoé*, filho do fallecido *Manicussa*. Elle era então rei d'aquella grande nação. Dera-lhe um presente de fazendas no valôr de 800$000 réis, que me retribuiu apenas com o valôr de 350$000 réis, em marfim. Recordando-me d'isto não pude deixar de dizer ao *vatua*, que o rei d'elle era um ladrão. Elle procurou defender o *Mahuéoé*, dizendo que o culpado de não me ter sido retribuido o presente, como devia, fôra o filho do secretario grande que roubára mais de tres quartas partes da fazenda. Troquei ainda algumas palavras com o *vatua* a este respeito e sobre a minha viagem a casa do *Mahuéoé;* e afinal

perguntei-lhe se elle ia á republica incumbido de alguma embaixada. Respondeu-me negativamente.

—Então onde ides? lhe disse eu.

—A casa da rainha *Mojajú*, enviado pelo *Mahuéoé*, pedir-lhe para mandar fazer chuva na nossa terra, pois ha oito mezes que lá não chove nada.

Fiquei extraordinariamente surprehendido ao ouvir a novidade, que o *vatua* me dava. Até áquelle momento ignorava completamente que a industria cafrial estivesse por tal modo adiantada, que os pretos soubessem fabricar chuva.

Provoquei o *vatua* a dar-me algumas explicações a este respeito, mas elle pediu-me desculpa de não poder demorar-se mais tempo, por quanto n'aquelle mesmo dia precisava chegar á povoação da rainha, que distava cerca de cinco leguas da do *Cheluana*.

## A RAINHA «MOJÁJÚ»

Apenas o *vatua* partiu, chamei o Manóva para me fazer uma descripção completa, tanto da rainha *Mojájú*, como do milagre da chuva que ella sabia fazer.

O Manóva com a sua habitual seriedade, começou a contar-me a historia da rainha, da chuva, e ainda de differentes milagres, de que ella era *proprietaria*.

A existencia da rainha, por si só, constitue um verdadeiro milagre. Ha muitos seculos que ella tem sido sempre a mesma rainha *Mojájú*. Não é casada nem póde casar. Todavia é indispensavel que tenha uma

filha, que por sua morte venha a ser a herdeira da corôa. N'um bello dia, inesperadamente, ella faz o milagre de dar á luz uma filha, sem ter commettido, dizem, o peccado de Eva, mas sim concebido por obra e graça da natureza!

Antes dos hollandezes se estabelecerem em *Zoutpansberg*, todos os regulos das vastas terras de *Beja* lhe pagavam tributo. Não era o seu poder material, que sujeitava os *Bejas* a esta vassallagem. Muitos regulos havia mais poderosos dez vezes do que ella, e pagavam-lhe todavia tributo, pelo respeito aos milagres que lhe attribuiam, especialmente com relação á chuva. Todos elles estavam, e estão ainda hoje persuadidos, que a *Mojájú* é infallivel em fazer chover quando quer. Actualmente os *Bejas* pagam tributo aos hollandezes. Por este facto, todos os regulos, que formavam um estado separado, ficaram desligados da obrigação de pagar tributo a outros mais poderosos. Apesar d'isto, quasi todos continuaram, espontaneamente, a pagar tributo á rainha.

Ella é a unica que sabe o remedio de combater efficazmente qualquer epidemia, de que, por desgraça, forem acommettidas uma ou muitas povoações. Possue o respeitavel segredo de fazer, por meio de mezinhas que ella emprega, com que um exercito desbarate *infallivelmente* outro, ainda que tres ou quatro vezes mais poderoso. Mas na chuva é que ella é verdadeiramente admiravel. Jámais deixa de chover quando a manda fazer; e se alguma vez succede falhar, é porque existe uma causa desconhecida, que a faz afastar

para longe. Mas ella, em breve, tomará verdadeiro conhecimento d'esse obstaculo occulto, empregando a magia e a sciencia, que possue em larga escala; e uma vez senhora do segredo não lhe faltam meios seguros para combater, até extinguir de todo, a causa que se oppunha á chuva, que depois cáe em grande copia. Entretanto, para obter d'ella um milagre, especialmente este ultimo, é necessario pagar-lhe muito bem.

Os leitores terão, de certo, desejo de conhecer os meios que a rainha emprega para realisar o milagre da chuva: vou satisfazer-lhes a curiosidade, descrevendo o episodio da que o *Mahuéoé* lhe mandou pedir pelo *vatua* com que me encontrei na povoação do *Chelúana*. Occorreram circumstancias muito curiosas, para elle tomar entre os pretos proporções de um grande milagre.

## O GRANDE MILAGRE DA CHUVA

Foi o enviado do *Mahuéoé* recebido com as maiores provas de consideração, que era devida á sua alta dignidade de embaixador. A rainha, depois de ouvir a exposição da mensagem, de que elle era portador, mandou entregar-lhe um boi, promettendo dar solução á supplica do *Mahuéoé* no prazo de tres dias. Findo elle foi o *vatua* admittido segunda vez á sua presença. Ella então com maneiras verdadeiramente reaes, e ao mesmo tempo *pontificaes*, pela sua dupla qualidade de rainha e de *maxima pontifixia* disse — que havia por bem resolvido mandar tres dos seus mais sabios sacerdotes a casa do *Mahuéoé* para fazer chuva em todo o

reino. Declarou, porém, que divisára em suas profundas cogitações um grande obstaculo, que se oppunha á chuva, que havia empregado muitos dos variados meios de que dispunha, a fim de conhecer a natureza d'elle, quando porventura se apresentasse, mas como era uma coisa que não tinha succedido ainda, não podia descobrir a sua qualidade. Despedir o enviado do *Mahuéoé* sem mandar com elle nenhum sujeito seu, fôra a primeira impressão que a dominara, em presença do obstaculo que tinha divisado; tendo porém em muita consideração as boas relações que existiram sempre entre ella e o fallecido *Manicussa*, e sendo o pedido da chuva a primeira graça que o seu successor lhe implorava, fôra-lhe assás penoso deixar de attendel-o.

Em virtude de tão ponderosa quanto justa consideração, resolvera definitivamente enviar-lhe tres ministros. Se porventura apparecesse algum obstaculo, elles descobririam a causa que o determinava. Entretanto era possivel que se apresentasse com uma natureza tal, que os ministros se vissem embaraçados; mas ella então, certa da existencia d'elle, descobriria facilmente a sua origem. Os meios para depois o combater e destruir, eram circumstancias de pouca importancia. Quando acabou de fallar, retirou-se, sem esperar por nenhuma observação do embaixador, mostrando assim, que as suas decisões eram *indiscutiveis*.

O *vatua* ficou contentissimo, por ter conseguido da rainha gente para ir fazer chuva à casa do *Mahuéoé*; pouco cuidado lhe dava, que surgissem depois obstaculos.

No dia immediato, o *vatua* e os tres sacerdotes, acompanhados dos seus coadjutores, e criados que conduziam o laboratorio, donde a chuva havia de ser extrahida, marchavam para casa do *Mahuéoé*. Este recebeu-os com a deferencia a que tinham direito, pela alta dignidade que occupavam junto á rainha. Toda a côrte assistiu á recepção. (Isto succedeu em meado de outubro de 1860.)

Teve a palavra, em primeiro logar, o enviado do *Mahuéoé*, que repetiu a mensagem de que havia sido portador para a rainha, e a resposta d'esta com todas as minuciosidades. Os tres sacerdotes confirmaram tudo que o *vatua* disse.

Finda a exposição da embaixada, os *Bejas* pediram ao *Mahuéoé* uma povoação, onde elles estivessem livres do contacto de qualquer outra gente, que não fosse a sua, pois assim o exigia a delicadeza do trabalho, que tinham de preparar para fazer o remedio da chuva.

O *Mahuéoé* mandou logo designar-lhes uma povoação, ordenando ao chefe d'ella que saisse com toda a gente.

Passados quatro dias, os sacerdotes mandaram pela manhã dizer ao *Mahuéoé*, que haviam concluido todos os seus trabalhos, resolvendo, n'aquelle dia, por occasião do sol descer do meio dia para o poente, fazer o remedio para chover, a cuja ceremonia era indispensavel a sua presença.

O *Mahuéoé* respondeu, que sentia immenso prazer em assistir ao grande milagre da *Mojájú*, promettendo comparecer á hora indicada.

Antes do meio dia entravam o *Mahuéoé* e toda a sua

corte na povoação dos *Bejas*. Como estes já tinham tudo prompto, partiram para um logar inculto, que haviam escolhido de antemão. Chegados ali, sentaram-se todos no chão, formando um grande circulo: os *Bejas* ficaram no centro.

Um dos sacerdotes, creio, primaz das terras da *Mojájú*, fez signal a um *gagaista* real, que os acompanhava, para se aproximar. Levantou-se logo do grupo dos *Bejas* um preto com uma bolsa de couro em uma das mãos e uma varinha na outra, indo sentar-se defronte do sacerdote primaz. Era o *gagaista*. Arrancou com as mãos as ervas que havia no terreno d'entre um e outro, alisou depois a terra, e despejou cautelosamente a bolsa do *gagáo*.

O *gagaista* mór do *Mahuéoé*, á vista das peças do primeiro *gagáo* d'Africa Oriental, não poude conter-se, levantou-se do circulo e deu alguns passos para o grupo dos *Bejas* a fim de ver e admirar o *gagáo* modelo. Era muito desculpavel a curiosidade do *gagaista*, pois havia algumas peças, que elle desconhecia completamente.

O sacerdote primaz fez-lhe signal para se aproximar mais, dizendo, que, em virtude d'elle ser o *gagaista* mór do rei, não podia deixar de consentir em elle observar de perto a ceremonia, por ser o unico que podia comprehender alguma coisa do seu difficil trabalho. O *gagaista* não se fez rogado, aproximou-se logo e sentou-se, dirigindo ao sacerdote um gesto em que significava o seu agradecimento pelo elogio que lhe fizera.

Incorporado aos *Bejas* o *gagaista* do *Mahuéoé*, o sa-

cerdote primaz pronunciou uma oração, na qual invocava a alma da mãe da rainha, para lhe mostrar qualquer obstacnlo, que porventura existisse contra o desenvolvimento da chuva, que a sua filha o tinha incumbido de fazer no reino de *Jámine* (era o nome do pae do *Manicussa*.) Finda a oração pegou com as suas enormes mãos em todas as peças do *gagáo*, revolveu-as, e espalhou-as no chão a um tempo, cruzando depois os braços sobre os joelhos. O *gagaista* começou então a funccionar. Apontou com a varinha para varias peças, mostrando que cada uma d'ellas lhe revelava um segredo; em seguida depoz a varinha, pousou os cotovelos sobre os joelhos, e apoiando o rosto nas mãos, esteve cerca de oito minutos meditando profundamente, e olhando uma a uma todas as peças. Entretanto quatro pretos *Bejas* lançavam fogo a um monte de lenha, que já estava junta quando ali chegaram.

O *gagaista* pegou outra vez na varinha, brandiu-a levemente, indicando d'este modo ao seu superior, que era necessario deitar o *gagáo* novamente. O sacerdote, comprehendendo a indicação, juntou todas as peças e espalhou-as outra vez. O *gagaista* lançou um golpe de vista por todas ellas, dando de algumas breve significação. De repente toda a sua attenção se fixou em uma peça, á qual, até áquelle momento não tinha ligado importancia; bateu-lhe levemente com a varinha tres pancadas, dizendo ao sacerdote que observasse bem aquella peça, pela singularidade com que estava collocada, e ainda a coincidencia de ser seguida por tres outras, que apesar de differente natureza, tinham com ella muita afinidade.

O sacerdote olhou attentamente para o *gagáo*, fazendo signal com a cabeça, de que começava a comprehender a significação importante da peça. Depois reuniu todas, lançando-as outra vez.

O *gagaista* procurou rapidamente com a vista a peça que tanto lhe prendera a attenção: observou se as tres que antes a tinham acompanhado, continuavam a seguil-a; e depois de ter examinado e estudado a situação de todas, bateu melancolicamente com a varinha sobre a peça que se tornára saliente e nas tres que se obstinavam a seguil-a já por outro caminho. Visivelmente desanimado deixou cair a varinha no chão, escondendo o rosto com as mãos, que descançou nos joelhos.

Grande importancia tinha, de certo, o segredo que o *gagáo* revelava, para o *gagaista* se commover tão profundamente.

O sacerdote primaz que não cessára um instante de analysar e estudar a situação das differentes peças do *gagáo*, levantou a varinha e exclamou — O *gagaista* da *Mojájú* tem razão de perturbar-se. Vêde, disse elle ao *gagaista* do *Mahuéoé*, apontando para a peça saliente; o successor do reino do *Manicussa* tem grando *combo!* (infelicidade). Eis um obstaculo que contraria infatigavelmente a chuva. Depois começou a traduzir em differentes peças a razão da existencia do obstaculo. Tanta sciencia e logica empregou nas suas demonstrações, que o *gagaista* mór do *Mahuéoé*, apesar de ser um sabio na sua profissão, estava de boca aberta, pasmado da sabedoria e da admiravel eloquencia do grande sacerdote da *Mojájú*.

Quando acabou de fazer as demonstrações, disse, que não obstante as contrariedades que observava, ia fazer o remedio da chuva, porque só depois d'elle realisado poderia indagar a qualidade do obstaculo, que afastava a chuva.

Um criado apresentou-lhe então um volume, que continha o miraculoso remedio da chuva. O *gagaista* recolheu na bolsa todas as peças do *gagáo*, e retirou para o grupo dos *Bejas*. O *gagaista* do *Mahuéoé* havia já saido. Ficaram sós os tres sacerdotes. Uns d'elles tirou do volume um pedacinho de raiz que entregou ao sacerdote primaz, o qual cortou com os dentes um bocadito que esteve mastigando muito tempo. Depois tirou o *majovo*, ficando completamente nú, e dirigiu-se n'este estado para a fogueira: pronunciou algumas palavras em lingua de *Beja*, e cospiu n'ella uma parte da raiz.

Em seguida aproximou-se do *Mahuéoé*, e cuspiu na direcção d'elle o resto da raiz. Depois foi ao logar onde estava o laboratorio, tirou d'elle dois pequenos envoltorios de folhas de arvores, e dirigiu-se outra vez para a fogueira; porém a meia distancia parou, e sentou-se no chão. Abriu os dois pequenos volumes, um dos quaes continha pós pretos, e outro uma materia que perecia, e era naturalmente, cinza. Pousou cautelosamente no chão ambas as drogas, e pronunciou então uma oração, que deixou os circumstantes tão commovidos como admirados da sua eloquencia. Findo o discurso, aproximou-se da fogueira, na qual deitou a cinza e depois os pós pretos. No acto d'isto se executar, todos os *Bejas* inclinaram a cabeça até ao chão, e assim permaneceram mais de quatro minutos. O sacer-

dote, apenas lançou as drogas ao fogo, foi sentar-se juntamente com os *Bejas*, inclinando tambem a cabeça até ao chão.

Da fogueira começou a sair fumo, proveniente das duas materias, que subia direito ao ar, em consequencia de não haver vento. No circulo dos *vatuas* não se observava um unico movimento; nem mesmo respiravam. Todos os seus olhares acompanhavam a ascenção do fumo: parecia-lhes, que entreviam já no ar a chuva. Passados seis minutos, o sacerdote primaz foi dizer ao primeiro ministro do *Mahuéoé*, que tinha concluido o remedio da chuva; acrescentando, que se ella não caisse dentro de quarenta e oito horas, era porque existia de facto um obstaculo que a fazia afastar para longe; mas elle então trataria de indagar a sua origem.

O *Mahuéoé* levantou-se e partiu com toda a côrte. Os *Bejas* tambem retiraram.

Bem fundadas eram as suspeitas que a *Mojájú* presentia do apparecimento de um obstaculo que faria afastar a chuva. Decorreram cinco dias, depois de se fazer o remedio, sem apparecer nenhum indicio d'ella. Já não era pois licito duvidar da existencia de um terrivel obstaculo. Quatro dias consecutivos esteve o grande sacerdote trabalhando e estudando no *gagáo*, a fim de conhecer a sua qualidade, mas infelizmente, sem nenhum resultado. No quinto, porém, á noite, depois de ter incessantemente trabalhado todo o dia, conseguiu descubrir-lhe a origem e qualidade. Todos os *Bejas* ficaram contentissimos com a descoberta do sabio sa-

cerdote, para a realisação da qual concorreu, não pouco, o *gagaista* real. Immediatamente foi um dos sacerdotes participar ao primeiro ministro do *Mahuéoé*, que haviam finalmente conseguido descobrir a causa que se oppunha á chuva; mas, infelizmente, era ella de tão grande importancia, que só a propria *Mojáju* seria capaz de combinar elementos para a combater.

Toda a côrte do *Mahuéoé* ficou profundamente impressionada ao saber da causa que se oppunha á chuva. O *Mahuéoé* foi colhido por um susto tal, que se tornou invisivel oito dias; durante este tempo só a mulher grande e o *gagaista* mór tinham permissão para lhe fallar.

Era bem justificado o terror do *Mahuéoé*, pois era elle o proprio obstaculo que se oppunha á chuva. Um maldito osso pequenito de lebre, que significava no *gagáo* o obstaculo, havia maliciosamente tomado a fórma do *Mahuéoé*; e as tres peças, que o perseguiam, representavam os seus tres irmãos *Chuóne*, *Sipanjoa* e *Modanissa*, que elle mandára matar traiçoeiramente, por occasião do fallecimento do *Manicussa*, temendo que se sublevassem.

As almas dos irmãos do *Mahuéoé* pretendiam vingar-se d'elle, fazendo afugentar a chuva, e destruir-lhe o reino pelo meio da fome.

No dia immediato á descoberta os sacerdotes despediram-se do *Mahuéoé*, dizendo-lhe que não tendo sciencia bastante para resolver um obstaculo de tanta gravidade, iam dar conhecimento d'elle á rainha para ella o decifrar.

O *Mahuéoé* entregou-lhe ainda uma grande ponta de marfim para a *Mojájú*, e outra pequena a cada um,

a fim de intercederem com ella, para resolver o obstaculo com brevidade. Elles prometteram voltar com o problema já resolvido, no prazo de mez e meio.

Em meiado de dezembro do mesmo anno voltaram os sacerdotes a casa do *Mahuéoé* annunciando, que a rainha havia resolvido o difficil problema do obstaculo, e a qual affiançára, que d'esta vez, a chuva seria copiosa em todo o reino do *Manicussa*. No dia da chegada mandáram dizer ao *Mahuéoé*, que só no immediato podiam fallar-lhe, porque a rainha lhes havia recommendado de tomar *báfo* primeiramente..

Quando entraram na povoação do *Mahuéoé* encontrámos já toda a côrte reunida em um grande curral de gado, que é o salão do docél, onde os reis *vatuas* recebem as grandes embaixadas. Foram acolhidos por toda a côrte com vivas demonstrações de alegria. O primeiro ministro indicou-lhes uma esteira que lhes estava destinada. Sentaram-se n'ella unicamente os tres sacerdotes, ficando na retaguarda a sua comitiva.

O *Mahucoé* só appareceu passada meia hora, em consequencia de ter tomado *bafo* por esta occasião. Sentou-se em uma esteira que lhe estava reservada: o primeiro ministro ficou á sua direita, um pouco afastado da esteira; em seguida a este os grandes do reino, á esquerda do *Mahuéoé* os creados fidalgos, e os *Bejas* em frente da côrte. Por traz d'estes ultimos havia muito povo.

O sacerdote primaz, depois de apresentar ao *Mahuéoé* os comprimentos que a rainha lhe enviava, aos

quaes correspondeu e agradeceu o primeiro ministro, começou a exposição da mensagem de que era portador. — Nunca, disse elle, se apresentou á rainha *Mojájú* um problema tão difficil como o de combater o formidavel obstaculo, que tanto trabalho me deu para lhe descubrir a qualidade! Muitos dias e outras tantas noites havia elle prendido a real attenção da rainha. Não atinava em combinar elementos para o combater. Todavia similhante embaraço não devia durar muito: a extraordinaria sciencia da rainha e especialmente a sua singular qualidade de milagrosa não podiam consentir por muito tempo, que ella não descobrisse meios adequados para extirpar um mal, que tem assoberbado o vosso reino, e que ameaça destruil-o pelo meio da fome. O obstaculo tem raizes: é necessario destruil-as para o exterminar. Mas a maior difficuldade com que ella lutou, fôra a de conhecer a localidade do mal, para ali o combater radicalmente. Com estudos rigorosos, e difficeis combinações da sciencia, conseguiu a final descobrir-lhe o escondrijo. Os meios que se deviam empregar para o exterminar eram particularidades secundarias, que ella facilmente combinou depois. Apresentar-vos-hei agora as providencias que a rainha colligiu para acabar com o mal, que vos afflige; é o seguinte:

No curral estavam mais de dois mil pretos; todavia se caísse um alfinete sobre um seixo, o choque produzido pela queda seria presentido; tal era o silencio profundo com que escutavam o sacerdote primaz.

— As almas de vossos irmãos, continuou elle, an-

dam vagueando nas terras que eram suas, desde que os mandastes matar. É necessario pois fazel-as saír, não á força, que nem vós nem a rainha teriam poder para tanto, mas implorando e pedindo-lhes perdão. Deveis começar em primeiro logar pela alma do *Modanissa*, vosso irmão mais velho, indo pessoalmente ao logar, onde elle tinha a sua residencia, e mandar ali matar um touro que seja todo negro. Extrahido o bucho, mandal-o-heis transportar para o local da palhota em que elle dormia. Feito isto proferireis a seguinte oração: «Meu querido irmão, pela alma de nosso bom pae vos peço, que me perdoeis todo o mal, que n'um momento de delirio mandei fazer a vós e a nossos nunca assás chorados irmãos *Chuóne* e *Sipanjoa*. Vós bem sabeis, meu querido irmão, quantas lagrimas eu tenho derramado! bem sabeis quão grande tem sido o meu soffrimento! bem sabeis finalmente, que o remorso de ter sido um perverso fratricida me esmaga constantemente a consciencia! Dizei a nossos irmãos, e particularmente ao bom *Chuóne*, a quem, por morte de nosso bom pae e rei devêra pertencer a corôa[1] que não tive culpa da injustiça e

[1] O herdeiro da corôa das nações *vatuas* é o filho primogenito da mulher do rei, para cujas nupcias toda a nação contribue com dinheiro. O *Manicussa* teve muitos filhos de differentes mulheres. O *Modanissa* era o mais velho de todos, filho da primeira mulher; seguia-se-lhe o *Mosila*, filho de outra; após d'este o *Couce* tambem filho de outra mãe, depois d'este ultimo o *Chuóne*, filho da mulher para cujo casamento todo o povo havia contribuido. Era, por consequencia, a este que pertencia o reinado por morte do pae. Mas os grandes esconderam por alguns dias o fallecimento do *Manicussa*, e entre-

do mal, que os grandes do reino fizeram. Eu era uma creança. Proclamaram-me rei, porque a minha inexperiencia lhes convinha, para explorarem em seu proveito a ignorancia do nosso bom povo. Alma do meu querido irmão *Modanissa*, a vossa vingança seria justa, se por ventura caísse só sobre mim e nos grandes que vos fizeram mal; mas lembrae-vos que o povo não tem culpa nenhuma. Pela alma de nosso pae vos supplico, que vos retireis, levando comvosco as almas de nossos irmãos *Chuóne* e *Sipanjoa* que andam a penar nas suas terras por minha culpa: ide todos descançar em paz, na eternidade, ao lado de nossos avós!» Finda a oração abrireis então o bucho do boi, e extrahindo, vós mesmo, o esterco, no qual eu juntarei n'essa occasião um remedio que a rainha me entregou, espalhal-o-heis pelo logar, em que estava edificada a palhota d'elle. No acto d'isto se executar proferireis as seguintes palavras — Vae em paz, meu querido irmão, e não voltes mais — Igual oração repetireis nas povoações de vossos irmãos *Chuóne* e *Sipanjoa*; com a differença porém de que na do primeiro deveis matar uma vacca toda branca que esteja prenhe de

tanto organisaram uma grande guerra, que mandaram ás terras do *Modanissa*, *Chuóne*, *Sipanjoa* e *Mosila*, proclamado rei o *Mahuéoé*, filho mais novo: houve um combate terrivel entre elles, no qual pereceram mais de doze mil homens, porém os outros irmãos mais velhos retiraram, por não haverem tido tempo de reunir toda a sua gente, que era muito mais numerosa que a do *Mahuéoé* e a de todos os grandes. O *Mosila* foi para *Beja* pedir protecção aos hollandezes; porém o *Modanissa*, *Chuóne* e *Sipanjoa* fugiram para as proximidades do rio Zambéze, aonde o *Mahuéoé* mandou depois uma guerra que os matou.

primeira vez, e na segunda uma vitella preta com malhas brancas. Aqui tendes, rei, o remedio que a rainha vos recommenda que façaes immediatamente, a fim de debellar o horroroso mal, que ameaça destruir o vosso reino. Concluida a ceremonia em todas as terras de vossos irmãos, farei então o remedio para chover, devendo desde já afiançar-vos, que cairá chuva em tanta abundancia, que de futuro se ha de fallar n'ella, como de um facto altamente notavel.

Quando o sacerdote acabou de fallar, toda a côrte o applaudiu enthusiasticamente. O *Mahuéoé* mandou logo entregar-lhe um boi castrado, havendo combinado com elle, de começar no dia seguinte a fazer o remedio indicado pela rainha; o qual durou cinco dias, em virtude das terras dos tres irmãos ficarem muito distantes umas das outras.

Terminado o remedio, começaram os *Bejas* os primeiros preparativos para a chuva; tendo feito constar, que lhes era indispensavel trabalhar com o *gagáo* tres ou quatro dias antes de fazer o remedio final. Era em fins de dezembro, faltavam dois ou tres dias para a lua cheia, quando elles principiaram a trabalhar com o *gagáo*.

Os mezes de dezembro e janeiro são a epocha das grandes chuvas na Africa Oriental; procedem sempre de fortes trovoadas, que se fazem annunciar por um vento do norte, excessivamente quente, sendo mais frequentes na lua nova e na lua cheia. Se ao nascer do sol o vento norte começar a soprar com violencia, é annuncio de uma grande trovoada. Quanto mais forte fôr,

mais depressa acalmará. É abrazador o calôr que se sente em quanto elle dura. Apenas acalma, forma-se rapidamente da parte do sudoeste uma medonha trovoada, que cresce com a mesma rapidez com que se fórma, começando então a descarregar ameaçadoramente. Na occasião em que ella está perpendicular, o ar que se respira é enxofrado. Descarrega por algum tempo em completa calmaria, circumstancia esta que a torna mais medonha. Felizmente não dura assim muito tempo, porque da parte d'onde ella subiu, começa tambem crescendo negro aguaceiro, que vem sempre acompanhado de um vento perfeitamente de tufão. A chuva que então cae é extraordinaria; em um momento deixa tudo alagado.

No dia immediato ao que os *Bejas* principiaram a trabalhar com o *gagáo*, logo ao nascer do sol, começou a soprar o vento norte com grande violencia. Os ministros da *Mojájú*, que, além da sua respeitavel qualidade de sacerdotes, eram tambem profundos astrologos, conheceram, que uma grande trovoada estava proxima, e que sem duvida seria acompanhada de muita chuva. Favorecidos d'este modo pela fortuna de occasião, mandaram de manhã cedo dizer a *Mahuéoé*, que ás dez horas iam fazer o remedio para chover, em virtude do *gagáo* lhe haver determinado. Elle respondeu que iria assistir a este acto.

D'esta vez a mézinha foi feita em um campo cultivado. Ás dez horas toda a côrte estava ali reunida. Mais de oito mil curiosos haviam ido presenciar a ceremonia. Formavam um circulo immensamente grande,

ficando os *Bejas* no centro. O vento soprava já com menos violencia; entretanto o calor era abrazador, e os pretos transpiravam em tanta abundancia, que parecia haverem saido de um banho n'aquelle momento. O sacerdote primaz começou logo a deitar o *gagão*, cujo trabalho durou apenas um quarto de hora. Quando acabou, o vento havia acalmado inteiramente, e a trovoada principiou a formar-se da parte do sudoeste, crescendo com rapidez. O *Beja*, de proposito, demorou-se mais que o costume em lançar ao fogo as mézinhas; e quando elle a final executou esta manobra, a trovoada estava eminente, e momentos depois caiu chuva em tanta abundancia, que poz em debandada tanto os do *Mahuéoé* como os *Bejas*.

Como se vê os ministros da *Mojájú* alcançaram um verdeiro triumpho. Toda a côrte ficou vivamente impressionada do grande milagre que a rainha acabava de fazer no reino do *Mahuéoé*. Este não cabia em si de contente, por se considerar livre da perseguição das almas dos irmãos. Passados quatro dias despedia elle os *Bejas*, entregando-lhes cinco grandes pontas de marfim para a rainha, e brindando o sacerdote primaz com duas tambem grandes e uma a cada um dos outros. O *gagaista* real tambem foi contemplado com uma ponta de marfim.

Os milagres de *Lourdes* e outros perdem toda a sua importancia em presença dos da *Mojájú*, pela perfeição com que os executa. Os jesuistas e toda a casta de tonsurados lucrariam muitissimo em ir aprender com aquelles sacerdotes selvagens a fina velhacaria, que sabem empregar para illudir os ignorantes.

Como os leitores já sabem os meios, que a celebre rainha *Mojájú* emprega, para fazer o milagre da chuva, passo a continuar a narração da minha viagem.

Parti da povoação do *Cheluana* no dia immediato ao da remessa da carta que escrevi ao sr. Albazini. Fui pernoitar na ultima povoação das terras da *Mojájú*, Como tambem era situada no alto de um monte, acampámos debaixo das arvores.

No dia 24 pernoitámos no mato, e chegámos a 25 ás cinco horas e meia da tarde á povoação do regulo *Mangorro*, onde pernoitámos. Esta povoação era muito grande; tinha mais de 800 palhotas. Estava situada em um pequeno monte oval, de cerca de 600 metros de comprimento, e 400 de largura. Elevava-se no meio de um extenso campo a uma altura de mais de 100 metros.

No dia 26, chegámos ao meio dia á povoação do regulo *Macia:* era tambem situada em monte, mas pouco alto. A distancia de uns 400 metros da povoação, havia no campo uma casa de madeira, coberta de palha, com as paredes tambem de madeira e caniço, cobertas de barro por dentro e por fóra; onde habitava um empregado do sr. Albazini que fazia ali o commercio de marfim. Era indiano natural de Gôa. Convidou-me para jantar com elle, cujo offerecimento aceitei de muita boa vontade. Encontrei ali um hollandez, que o sr. Albazini mandára expressamente para me acompanhar até á sua praça. Era um homem muito alto, magro e já edoso, mas muito vigoroso. Comprimentou-me dando-me parte da commissão de que o sr.

Albazini o encarregára. Como não sabia o hollandez, serviu-me de interprete o empregado. Depois de jantar, montámos a cavallo, e partimos para a praça do sr. Albazini. Chegámos ás sete horas da tarde.

A comitiva dormiu na povoação do *Macia* partindo no dia seguinte para a praça.

## A PRAÇA DE JOÃO ALBAZINI

Fui recebido com aquella franqueza e amabilidade, que o sr. Albazini tão sinceramente dispensa ás pessoas que tratam com elle. Apresentou-me logo a sua esposa, que era uma senhora esbelta e muito formosa : contava 26 annos e tinha quatro filhos, sendo um menino e tres meninas, todos muitos galantes. O sr. Albazini tinha 51 annos.

Ceiámos ás oito horas e meia da noite. Como era natural comi com bom appetite, pois o meu alimento, durante vinte e quatro dias que gastei de Lourenço Marques até ali, á excepção do chá e bolachinhas que tomava pela manhã, era egual ao dos pretos. Assistiram á ceia alguns hollandezes, que moravam na praça. Não os levára só a curiosidade, que geralmente influe nos habitantes de uma aldeia, a ir vêr um estrangeiro; movia-os principalmente o desejo de me analysar e de observar se eu era da raça asiatica ou europea, pois estavam inteiramente persuadidos, de que não havia outros portuguezes senão os de Gôa. Similhante persuasão provinha de não terem visto na republica senão indianos de Gôa, e de ignorarem que na

Europa havia uma nação chamada Portugal. Com respeito ao sr. Albazini, que era o unico portuguez que até 1859 havia ido á republica, estavam convencidos, de que elle não era portuguez, mas sim italiano. Tão illudidos andavam de que não havia outros portuguezes além dos de Gôa, que, quando o sr. Antonio de Paiva Raposo, portuguez europeu, appareceu na republica, diziam que elle ou era francez, italiano, ou hespanhol. Depois da minha chegada a Transvaal e do correio que em seguida se estabeleceu entre Lourenço Marques e Zoutpansberg, cuja mala era conduzida por um soldado europeu, começaram então a convencer-se, de que os verdadeiros portuguezes eram europeus.

Repetidas vezes, durante a ceia, perguntaram ao sr. Albazini a que nação pertencia eu; elle respondia-lhes sempre, que eu era portuguez puro; porém elles reparavam-me muito, e abanavam depois a cabeça, dando a entender que não acreditavam. Eu então pedi ao sr. Albazini que lhes explicasse, que no extremo do Oeste da Europa existe uma nação de um povo heroico, chamada Portugal, que fôra quem descobriu a terra em que elles habitavam; e que os indianos de Gôa, uma das innumeras partes da Asia que Portugal avassalára, tendo adoptado a religião e lingua dos portuguezes, ficaram por este facto com direito a ser e a chamar-se portuguezes.

Os hollandezes ouviram isto com muita attenção, e começaram, por assim dizer, a convencer-se da verdade que eu lhes dizia. Estivemos á mesa mais de duas horas. A palestra fixou-se em curiosidades relativas a Portugal. Elles retiraram ás onze horas; po-

rém eu fiquei ainda a conversar com o sr. Albazini cerca de meia hora. Deitei-me quasi á meia noite.

Não pude dormir um momento. Succede isto sempre que se muda de uma cama má para uma bôa. Levantei-me apenas amanheceu. Encontrei já de pé o sr. Albazini, que tinha por habito levantar-se muito cedo. Mandou logo apromptar café, que tomámos com leite, e depois fomos passear pela praça. Quando voltámos do passeio, tomámos outra vez café. Na casa do sr. Albazini, assim como, geralmente, nas de todos os hollandezes, tomava-se café com leite algumas doze vezes por dia. Antes de almoçar tomei-o duas vezes mais.

Os meus pretos chegaram das onze para o meio dia. Entraram na praça cantando. Encontraram ali parentes e amigos, que havia muitos annos, tinham saido ' Lourenço Marques com o sr. Albazini, e que com elle se haviam conservado sempre. Após a entrada d'elles, appareceram alguns hollandezes, não para verem os pretos, mas o que elles traziam.

Entre as cargas havia duas ancoretas que continham um e meio almude de aguardente cada uma, estes dois volumes espirituosos foi o que mais prendeu a attenção d'elles. Perguntaram ao sr. Albazini, que qualidade de liquido continham: elle disse-lhes que era aguardente do Brazil.

Oh! exclamaram elles; é uma bebida magnifica! É para vender?

Como observei n'elles tanto empenho pela aguardente, disse que não; mas que, para satisfazer o seu desejo, resolver-me-ia a vender-lhe algumas garrafas.

Cada um encommendou logo quatro, e no mesmo dia chegaram, de outras praças, diversos pedidos tambem de aguardente. Finalmente no dia seguinte vendi por especial favor 50 garrafas de aguardente a seis *schilings* cada uma. Reservei apenas 20 garrafas para os caçadores e para a viagem que tinha de fazer ás terras do *Chinguine*.

A polvora, chumbo e estanho que havia levado para commercio foram vendidos por muito bom preço no dia immediato á minha chegada.

Os caçadores descançaram dois dias, e marcharam no terceiro para a caça dos elephantes. Foram acompanhados por tres pretos do sr. Albazini, que os conduziram ás terras do *Chiquaraquara* no *Chinguine*. Dei-lhes á despedida 8 garrafas de aguardente, promettendo reunir-me a elles passados vinte e cinco dias. Na mesma occasião despedi para Lourenço Marques os carregadores de fazendas, mandando com elles o Montanhana, que havia de tomar no caminho o marfim, que comprára aos regulos *Cheluana* e *Magud*.

De toda a comitiva só ficaram comigo o comprador *Tunguene*, um rapaz d'elle, os carregadorés da minha bagagem e os quatro criados.

Tres dias depois da partida dos caçadores, expedi o *Tunguene* para as terras de *Unhâe*, ao qual entreguei uma porção de fazendas e missanga para comprar marfim.

Demorei-me ainda na praça vinte e cinco dias, a fim de realisar a venda de tecidos, proprios do consumo dos hollandezes.

## VIAGEM AO «CHINGUINE»

### O MOSILA

No dia 2 de novembro parti para as terras do *Chiquaraquara* no *Chinguine,* onde estavam os caçadores, levando comigo o resto das fazendas cafriaes que ainda tinha. Fui pernoitar em uma pequena povoação de *Beja.* No dia seguinte, pelas duas horas da tarde, cheguei ás primeiras povoações de *vatuas,* na terra em que *Mosila,* filho do *Manicussa* e irmão do *Mahuéoé,* estava refugiado. Como tinha desejo de o ver, perguntei se a povoação d'elle ficava em caminho. Disseram-me que não. Era necessario desviar-me um quarto de legua. Apesar d'isto resolvi lá ir. Eu já conhecia o *Mosila,* desde 1857, anno em que naufraguei em Inhambane, donde parti para Lourenço Marques, por terra. Quando atravessei o paiz do *Manicussa,* que vivia ainda então, estive em casa do *Mosila,* que me tratou muito bem, mostrando-se meu amigo, em razão, dizia elle, de eu ser o primeiro branco europeu, que tinha visto até áquella epoca.

Não o encontrei em casa: havia ido á povoação da irmã mais velha, que elle estímava muitissimo. Foram chamal-o.

Chegou passados vinte minutos, com a irmã e onze mulheres suas, acompanhados de um sequito de cincoenta *vatuas.* Aproximou-se de mim e apertou-me a mão dirigindo-me o seguinte comprimento: — *Sá bóna Maamba-tabil, sá bóna mungane ame!* (Bons dias *Mam-*

*batabil*, bons dias meu amigo!) Em seguida fui comprimentado pela irmã e mulheres d'elle, pelo secretario grande que se chamava *Sámesol* e por ultimo por *Encame*, primo d'elle, e filho do general em chefe do exercito do *Manicussa*.

Depois de corresponder aos comprimentos que me dirigiram, disse ao *Mosila*, que sentia profundamente os soffrimentos e desgostos porque elle havia passado, tanto pela perseguição que o irmão lhe fizera, como da injustiça que os grandes do seu paiz praticaram, por morte do *Manicussa*, proclamando rei um filho, que nenhum direito tinha á successão do pae.

A este tempo já o *Mosila* estava sentado em uma esteira e eu n'outra. Todos os grandes estavam sentados no chão: a irmã e as mulheres haviam já retirado.

O *Mosila* era alto, as fórmas do seu corpo eram admiravelmente bem feitas; e o seu typo muito perfeito. Havia-me escutado com o rosto recostado na mão esquerda, tendo o braço apoiado no joelho, e a mão direita negligentemente pousada sobre a perna. Divisava-se no seu semblante uma certa tristeza, mas ao mesmo tempo muita serenidade. Com aquella suavidade e brandura da lingua dos *vatuas*, quando fallam em coisas intimas com um amigo, respondeu-me: — *Iébo, bó miungo! Incómo, incomo inéne* (Sim, bom branco! Obrigado, muito obrigado).

Quem porém podésse penetrar no intimo de seu coração, havia de observar, que toda aquella serenidade e brandura abafavam no peito a sede de uma terrivel vingança. Ninguem, como o *vatua*, sabe mandar o coração com tanto imperio! Em quanto medonha tem-

pestade de vingança lhe brame no peito; em quanto mil paixões diversas lhe escaldam o sangue nas veias, o seu rosto conserva a serenidade do romper da aurora em manhã de outono! Mas se chegar o momento opportuno de satisfazer a sua vingança, de desenvolver as tremendas paixões, vel-o-heis repentinamente transformado em uma panthera quando sae do covil no momento de a ferirem!

Passado um instante de silencio ao breve agradecimento que me dirigiu, continuou assim: — É verdade!... Os grandes de meu paiz fizeram mal, muito mal em proclamar rei o meu irmão pequeno... ao qual meu pae nem ao menos havia dado um governo do reino! Se tivessem proclamado rei meu irmão *Chuone*, que era quem tinha direito á corôa, tanto eu como todos os meus irmãos ficar-lhe-hiamos obedientes. Mas depois que morreu meu irmão *Chuone*, nenhum filho do *Manicussa* tem direito ao governo das terras de Gossa, senão eu. O *Mahuéoé* é muito creança; os conselheiros que o cercam são todos rapazes sem experiencia: inclinal-o-hão sempre para o mal, que não pouco tem sido o que elle já tem feito aos povos de nações com quem o *Manicussa* estava em paz. Elle já é odiado pelos estrangeiros; e não tardará, que os seus proprios vassallos, cançados das perseguições e vexames, que de certo o hão de induzir a fazer-lhes, com a mira na pilhagem, aborrecel-o-hão tambem. Eu que hei de reparar attento para todas as suas más acções, saberei, opportunamente, aproveitar-me da consequencia d'ellas, apresentando-me no meu paiz, como seu legitimo rei, depois de ter reunido a mim os descontentes!

Ao proferir as ultimas palavras notava-se n'elle bastante animação. Após um momento de silencio, voltou vagarosamente a cabeça para o lado onde estavam os grandes, e disse-lhes docemente — *Pumanine* — (Retirae-vos). Todos se levantaram immediatamente e retiraram, mesmo o secretario grande e o *Encame*; porém o *Mosila* disse assim a estes dois — É *Samesol, é Encame imanine* — (Ficae Samesol e Encame). Em seguida pediu-me para mandar retirar todos os meus pretos; o que eu fiz, ficando sómente o meu creado particular, que se chamava *Mandissa*, e que era quem occupava o encargo de meu secretario na ausencia do Manóva e do Montanhana.

Depois de todos retirarem, o *Mosila* perguntou-me de donde era o meu criado.

Este *Mandissa*, respondi-lhe eu, é de *Cafumo*, filho do secretario grande do *Maxaquene* (regulo maior das terras do districto de Lourenço Marques). O *Mosila* pareceu ficar satisfeito.

Vou communicar-vos um segredo importante, disse elle. Espero que o guardeis no intimo de vosso coração. — Accentuou estas palavras, pousando os seus penetrantes olhos sobre os do *Mandissa*, fazendo-o assim comprehender, que era necessario que elle tambem guardasse segredo — *Maambatabil*, continuou elle, deveis bem saber, que os segredos d'Estado, que se agitam entre os conselheiros de meu irmão *Mahuéoé*, me são logo revelados. Um de maxima importancia combinára-se ultimamente entre elles. Meu irmão está definitivamente resolvido a mandar guerra á terra de *Cossa*, por occasião de se recolherem os mantimentos das

searas, com o fim de matar o regulo *Magud*, e collocar em seu logar um tio d'elle. Esta guerra é movida por *Bómana*, filho do secretario grande do *Mahuéoé*, ao qual o tio do *Magud* dera uma porção de cargas de fazenda, promettendo dar-lhe mais, depois de feita a guerra. Se isto se chega a realisar, proporcionar-me-ha a melhor das occasiões, para eu me apresentar no meu paiz como seu legitimo rei.

A guerra que o *Mahuéoé* expedir deverá ser acompanhada por dois homens meus, a fim de avisarem os habitantes das povoações de *Cossa*, doze horas antes de lá entrar os do *Mahuéoé*, cujo espaço de tempo é sufficiente para o *Magud* fugir com toda a sua gente, mandando matar por esta occasião o tio d'elle.

Quatro ou cinco mezes depois da guerra, abandono estas terras de *Beja* com toda a minha gente, e marcho a reunir-me ao *Magud*, que deverá estar com todos os seus nas margens do rio *Imbélule*—Quando chegou a este ponto, ficou por algum tempo suspenso.

—Mas, *Maambatabil*, continuou elle, após dois minutos de pausa; é certo que a minha gente reunida á do *Magud* apresenta um corpo de exercito bastante numeroso; todavia sería muito insignificante em presença das numerosas hostes do *Mahuéoé*. Para vencel-as e esmagal-as, ser-me-ia necessario o auxilio de mais uma nação amiga. Ultimamente os do *Mahuéoé* nas suas interminaveis correrias têem feito toda a qualidade de roubos e vexames, tanto aos pretos como aos brancos de Lourenço Marques. Apresenta-se pois um ensejo favoravel ao vosso governo para corrigir o

*Mahuéoé*, combinando com o regulo *Maxaquene*, de, em occasião opportuna, reunir a mim toda a força de *Mafumo*, para irmos expulsal-o das terras de *Gassa*. Eis-aqui tendes, meu amigo, o segredo importante, que eu tinha escondido no coração, e que de toda a minha gente que está nas terras de *Beja*, só estes dois conhecem (apontou para o secretario grande e primo). Confio-vos este segredo, por que vos conheço ha muito tempo, e sois meu amigo; e n'esta qualidade podeis concorrer muitissimo, fazendo resolver o governador de Lourenço Marques e o *Maxaquene* a realisar a combinação, que acabei de indicar-vos.

Eu respondi-lhe o seguinte:

—Não tenho intimidade bastante com o governador de Lourenço Marques, para lhe propor uma combinação de tão grande importancia, como aquella que acabaes de expor-me. Seria todavia bem acólhida, não só pelo governador e *Maxaquene*, como por todos os brancos de Lourenço Marques, porque os insultos e roubos que têem soffrido dos do *Mahuéoé* são enormes. Ha porém tanta gravidade em similhante combinação, que a menor imprudencia perder-vos-hia, e comprometteria muitissimo o districto de Lourenço Marques. Por este motivo acho de todo ponto conveniente, que o governador ignore a combinação até á occasião de succederem os acontecimentos, porque podia elle confiar o segredo a algum amigo, que imprudentemente o divulgasse. É porém indispensavel tratar antecipadamente com o *Maxaquene*. Eu calculo regressar a Lourenço Marques em maio do proximo anno. Segundo dizeis, é por este tempo que o *Mahuéoé* deverá

mandar a guerra á nação *Cossa*; por esta razão não poderei talvez marchar n'aquella occasião; porém os meus negocios urgem que eu esteja em Lourenço Marques por todo o mez de julho. Portanto, em junho, hei de partir necessariamente; e se depois da guerra os caminhos ficarem intransitaveis marcharei pelas montanhas. Chegado a Lourenço Marques fallarei então com o *Maxaquene* sobre este assumpto, e do que se resolver ser-vos-ha communicado por um secretario d'elle. Quando se effeituar a vossa juncção com o *Magud*, é então que deveis mandar pedir auxilio ao governador.—O *Mosila* achou acertado tudo quanto lhe disse.

Despedi-me d'elle ás cinco horas da tarde, dandolhe vinte e cinco peças de fazenda, que elle me agradeceu muito, pois n'aquella epocha era pobre. Cheguei ás seis e meia a uma povoação de *Bejas* onde pernoitei. Desde aqui até chegar ao *Chiquaraquara*, não houve acontecimento nenhum digno de fazer d'elle menção, gastando nove dias na viagem.

## O CHIQUARAQUARA

Era um dos regulos mais ricos das terras do *Chinguine*, em virtude do grande territorio que possuia, e haver n'elle muitos elephantes. Pagava tributo aos hollandezes e ao *Mahuéoé*. Os pretos d'ali fallam a lingua landina e são da raça *Blangella*.

As terras do *Chinguine* são de extraordinaria productibilidade. Não obstante a excellente qualidade do

solo, ha sempre mais ou menos fome, por causa das continuadas correrias dos *vatuas*, que não cessam de andar a pedir tributo, que lhes é pago em marfim, devorando os mantimentos áquella pobre gente.

Os meus caçadores tinham já morto tinta e dois elephantes, sendo a maior parte femeas.

Havia grande fome nas terras do *Chiquaraquara*: os pretos d'ali sustentavam-se com a carne dos elephantes que os caçadores matavam. Para alimentar os que tinha comigo era necessario que os caçadores me mandassem carne, a qual, quando chegava á povoação, já estava em principio de putrefacção. Felizmente havia proximo do *Chiquaraquara* grande abundancia de *gangas* (aves a que em Portugal chamam gallinhas da India) de cuja caça me sustentava, e que muitas vezes chegava para todos os meus pretos comerem a fartar. Andavam aos bandos de trinta e mais. Em algumas occasiões que podia atirar-lhe no chão, matava quatro e ás vezes cinco de um tiro. A carne d'estas aves, sendo selvagens, é muito branca e mais especial que a de perú, mas sendo criadas em casa, a carne é escura e menos saborosa. As d'aquella parte d'Africa são quasi do tamanho de perúas.

Vendi o resto das fazendas ao *Chiquaraquara* a troco de marfim. Gastei onze dias para effeituar a transacção. Só para realisar a compra da primeira ponta, que pesava 107 ℔, foram necessarios oito dias; porém depois de lhe comprar esta, facilmente obtive as outras.

Como restavam poucas munições aos caçadores, mandei no dia 3 de dezembro ordem a todos de reunirem a mim, para retirarmos. No dia 5 de tarde che-

garam os caçadores Manóva, Maxotil e Macindana. Os outros só podiam recolher no dia 6 de tarde, em razão de estarem mais longe. Não podia, portanto, partir senão no dia 7.

Fôra cincoenta e cinco o numero de elephantes que elles mataram. O marfim havia já sido remettido para a praça do sr. Albazini.

## UMA GUERRA DO MAHUÉOÉ

Apresentára-se logo ao nascer do sol o dia 6 de dezembro com um vento do norte fortissimo e excessivamente quente. Havia acalmado cerca das dez e meia, porém o calôr que se sentia era abrazador. Exceptuando o *Chiquaraquara*, que estava estendido ao comprido, nú, sobre uma esteira, dentro de uma palhota contigua á minha, não havia na povoação um unico preto ou preta d'ali. Notei eu e o Manóva esta falta, porém não lhe ligámos grande importancia, em virtude do regulo estar na povoação.

Não podendo já supportar dentro da palhota o enorme calôr que fazia, fui sentar-me debaixo de uma arvore: os meus pretos estavam debaixo de outra. Eram onze horas. Uma grande trovoada estava eminente; relampagueava de todos os lados, e o estampido dos trovões era medonho. Entrára n'este momento na povoação um caçador do sr. Albazini, o qual chamou de parte o Manóva, com quem esteve fallando. Um instante depois, levantou-se este ultimo e veiu apres-

sadamente ter comigo, assentou-se ao meu lado, e disse-me em voz baixa, que era necessario sair immediatamente da povoação, e atravessar o rio para o outro lado, por causa d'uma guerra do *Mahuéoé*, que estava a duas horas de caminho, expedida expressamente para me matar, e a qual não tardaria vinte minutos em entrar na povoação. Os promenores a este respeito explical-os-hia o caçador depois de atravessarmos o rio.

Mandei immediatamente enrolar a minha cama, que estava estendida dentro da palhota, e partimos. Felizmente havia já expedido para a praça do sr. Albazini o marfim que comprára ao *Chiquaraquara*. Saimos da povoação debaixo de um enorme aguaceiro, acompanhado de incessantes relampagos e trovões. A passagem do rio *Bembe* ficava distante do *Chiquaraquara* meia hora de marcha regular; pois apesar da furiosa tempestade, gastámos pouco mais de um quarto de hora para a alcançar. Atravessei o rio mesmo vestido, por que o meu corpo e o fato estavam tão molhados, como se eu estivêra dentro d'elle. A chuva era tão extraordinaria, que o rio, não obstante ser muito largo, havia já crescido quasi um palmo. Quando o atravessei á ida, chegava-me a agua á cintura, agora dava-me pelos peitos. Meia hora depois era impossivel a passagem a váo, porque a chuva continuou ainda.

Chegados ao outro lado, fizemos alto; e consideramo-nos livres do perigo; por quanto só a distancia de cinco leguas se podia atravessar o rio a váo. Para defendermos a passagem onde estavamos eram sufficientes a minha arma e as dos quatro caçadores. Ali

aguentamos a pé firme, toda a enorme chuva, que continuou a cair desapiedadamente sobre nós até ás tres horas da tarde. Felizmente quando parou, acalmou o vento, e pouco depois appareceu o sol, com todo o seu esplendor, n'um formosissimo céu de anil.

Devi a salvação, n'este dia, á providencial tempestade, pois na occasião em que saía da povoação já a guerra havia chegado a uma outra, que ficava apenas um quarto de legua de distancia. Se não fôra pois a tempestade estava irremediavelmente perdido. Os barbaros tinham planeado, no acto de marcharem sobre a povoação do *Chiquaraquara*, destacar metade do bando, que se compunha de cerca de 800 pretos, para a passagem. Effectivamente, pouco depois de parar a chuva, appareceram elles do outro lado. Sentaram-se no chão, virados para o caminho do *Chiquaraquara*, esperando que eu viesse de lá fugido, para então me matarem. Nós embuscamo-nos atrás do caniçal, para, no caso de tentarem atravessar o rio, fazer-lhes fogo quando chegassem ao meio. Passado um quarto de hora, viu-se ao longe quatro pretos do *Mahuéoé*, correndo pelo caminho e gritando para o bando: — *Mafambacheca á tutômile, calutane nambo, tútúma* — (o Mafambacheca já fugiu, passae o rio, depressa...) Do bando responderam — *Nambo chitél* — (o rio está cheio).

Passados seis minutos retiraram todos na direcção do *Chiquaraquara*. Depois de os perdermos de vista saimos da embuscada, e mandei logo apanhar lenha para fazer fogo, a fim de enxugar o fato e o colxão, que estavam encharcados; entretanto mudei de roupa branca.

## A FOME

Estavamos todos muito satisfeitos por nos considerarmos salvos, mas tinhamos em perspectiva a fome. Com a pressa com que saimos da povoação esquecera aos carregadores uma porção de carne secca de elephante, que haviam reservado para o regresso á praça do sr. Albazini, pois tínhamos de atravessar um deserto de tres dias de grande marcha, e n'aquella parte do sertão não havia caça de qualidade alguma, excepto algum cabrito selvagem que só o acaso podia deparar; todavia os caçadores Macinda e Maxotil e o do sr. Albazini sairam, a fim de ver se caçavam este animal. Por occasião d'elles partirem veiu um dos meus criados dizer-me, que se achava pousado á borda do rio um grande pato. Tomei logo a espingarda e parti com o rapaz para lhe atirar. Aproximei-me d'elle muito devagar e abaixado; quando porém cheguei a distancia de cerca de 200 metros, virou a cabeça para mim. Receiando que elle se pozesse nas azas, sentei-me no chão e fiz-lhe d'ali mesmo pontaria, e disparei. O pato abriu as azas, porém não teve força para voar; mas metteu-se ao rio e foi nadando por elle abaixo. Dois pretos que me acompanhavam correram logo sobre elle, que nadava com tanta velocidade, que o não podiam alcançar. Felizmente prendeu-se nos esgalhos de uma arvore que estava á borda do rio com o tronco dentro d'agua, e não podia safar-se d'ali por lhe faltarem as forças. Um dos pretos deitou-se ao rio, se-

gurando-se ás hastes da arvore, porque havia ali muito fundo, e a corrente era violentissima, conseguindo agarrar o pato por uma aza, e puxal-o para terra com o auxilio da arvore.

O pato, quando se viu em terra, debateu-se com a aza livre contra o preto, chegando a fazer-lhe com o agudo esporão um ferimento em uma perna, porém outro preto segurou-lh'a logo. Era enorme; fazia o volume de tres gansos. A bala atravessara-o de lado a lado. Os dois pretos levaram-o pendurado pelas azas para o acampamento, onde chegou ainda vivo. Os caçadores já tinham recolhido com uma lebre que o Macindana matou.

Eram dezenove pretos que me acompanhavam n'esta occasião, sendo quatro criados, quatro carregadores da minha bagagem, os tres caçadores Manóva, Maxotil e Macindana, seis carregadores, d'elles, o caçador do sr. Albazini e seu carregador, e todavia apenas havia para elles comerem a carne do pato e a da lebre. A nossa situação era realmente má, porque só passados tres dias de grande marcha podiamos encontrar de comer; mas ainda assim podia ser peor, se não se tivesse caçado o pato e a lebre. Reparti a carne d'esta ave pelos carregadores e meus criados, e a da lebre pelos caçadores. Era insignificante o bocado que tocou a cada um, no entanto estavam todos muito contentes; riam e cantavam sentados ás fogueiras, fazendo muitos commentarios, acompanhados de gargalhadas, a respeito da guerra do *Mahuéoé*. Eu tomei tres chicaras de chá com mais bolachas, que o costume, por não ter outra coisa para comer; depois fui sentar-me

na esteira do Manóva, e chamei o caçador do sr. Albazini para me contar os promenores da guerra.

Este preto era um *blangella* do *Mosila*, que estava ao serviço do sr. Albazini, e já conhecido do Manóva, desde o tempo em que eu o mandára á caça dos elephantes nas terras do *Mosila*, quando o *Manicussa* era ainda vivo.

Achava-se elle em uma povoação que distava da do *Chiquaraquara* duas horas de caminho, no momento em que lá entrou a guerra. Como entre os do *Mahuéoé* havia alguns amigos e até parentes do caçador; este perguntou por curiosidade a um para onde se dirigia a guerra e este contou-lhe em segredo, que ia marchar para a povoação do *Chiquaraquara*, expedida pelo *Mahuéoé* com o fim de me matar; e que o chefe do bando havia mandado, na vespera, avisar o regulo, para fazer sair da povoação toda a sua gente, porque a guerra devia matar todos que encontrasse. O caçador mudou a conversação para outro objecto, a fim do amigo não desconfiar, e um instante depois partiu a correr para me avisar. O *Chiquaraquara* conservára-se na povoação por ordem do chefe da guerra, a fim de eu não desconfiar da ausencia dos habitantes.

O motivo, que o *Mahuéoé*, dizia ter, em mandar a guerra para me matar, fundava-se na supposição de que eu tinha ido expressamente á republica tratar com *Mosila* de lhe fazer a guerra.

Ninguem de certo lhe contou a conversação que eu tivéra com o *Mosila*. Todas as suas conjecturas eram filhas do grande medo que tinha do irmão. Os insultos que dirigira ao governo de Lourenço Marques, e

os innumeros roubos aos habitantes, commettidos pela sua gente, faziam receiar o barbaro. A sua propria malvadez impunha-lhe cobardia.

Por occasião da minha viagem ás terras de *Gassa*, estive em casa d'este malvado, tendo então ensejo de observar quanto elle era cobarde. No acto de lhe fallar, o cafre denunciava, máo grado seu, um certo receio que a minha presença lhe impunha. Agitava-se ao mais leve movimento que eu fazia, e não tinha coragem de me encarar abertamente. Creio que influia muito no animo do negro o trage que eu usava no sertão, e que era simplesmente, sapatos, calças, colete, em mangas de camisa e chapeo redondo com grandes plumas de ema, pretas e brancas; uma correia afivelada á cintura, na qual estava presa, pela frente, uma cartuxeira e ao lado um polvorinho de ponta de boi, com a competente espingarda ao hombro e um pau na mão. Entreguei-lhe um presente, que elle retribuiu com menos de metade do seu valor. Presenteára-me n'este dia com um boi que mandei para a povoação do filho do seu secretario grande, onde estava hospedado. Uma circumstancia curiosa, que occorreu com o animal augmentou muitissimo o receio ou medo que eu lhe inspirava.

Chegado á povoação da minha hospedagem, mandei matar o boi. Era o *Tunguene* que se preparava com uma azagaia para matar o animal; tendo porém observado, muitas vezes, que não obstante os pretos dirigirem com justeza o golpe ao coração, sempre o animal padecia mais de dois minutos, disse ao *Tunguene* que não queria que matasse o boi d'aquella maneira.

Eu costumava matal-os com um tiro na testa, que produz a morte instantaneamente, mas ali era imprudencia disparar a arma, por haver muita gente nas proximidades da povoação. O acaso podia fazer com que a bala alcançasse algum preto; por esta razão resolvi eu mesmo abater o boi á choupa, visto os pretos não saberem matal-o. Como porém não tinha navalha de ponta, e as azagaias não se prestarem a dar o golpe como a choupa, servi-me de um canivete. Encostei-me ao pescoço do animal que era muito manso, appliquei a ponta da folha sobre o cachaço no centro do logar em que o cabello fórma um rodomoinho, e cravei ali o ferro: o boi caiu redondamente sem vida.

Estavam presentes mais de quatrocentos pretos do *Máhuéoé*, que se haviam agrupado em volta de mim e do boi, a fim de observar a maneira estranha, para elles, de matar um animal grande com um pequeno ferro, quasi invisivel, em relação ás suas enormes azagaias. Quando o viram cair, abriram as bocas, bateram as palmas muito devagar, signal nos pretos de grande admiração, e retiraram-se todos silenciosamente.

Este episodio foi objecto de larga discussão entre elles: uns diziam que eu era feiticeiro; outros exclamavam— esta raça de *namatanga* (nome que os pretos da costa de Moçambique dão aos europeus) são como leões; são capazes de comer gente.—D'ali em diante, quando passavam por mim, davam-me um grande resguardo. O *Mahuéoé* em virtude d'isto não me appareceu, quando fui dispedir-me d'elle; mandou-me dizer que estava doente: porém um *vatua*, que

eu conhecia desde o tempo do *Manicussa*, disse-me que elle não me recebera por medo.

## A FOME COMEÇA A FAZER SENTIR OS SEUS TERRIVEIS EFFEITOS

A marcha do dia 7 de dezembro foi a maior de toda a viagem; andámos cerca de onze leguas. Chegámos ás seis horas da tarde ás abas de uma montanha quasi toda de granito. As suas entranhas expelliam copiosa agua, que se despenhava em jorros crystallinos até ao solo, onde havia um grande deposito de magnifica agua, que corria depois em manso ribeiro. Acampámos ali debaixo de arvores.

A noite estava admiravelmente linda; tudo jazia n'um socego encantador. Mandára fazer o chá mais tarde que o costume; não tinha mesmo vontade de o mandar fazer. Doía-me o coração, olhando para os pretos, nos quaes se divisavam os terriveis signaes da fome, aggravados pela grande marcha do dia. Eu tambem tinha fome; todavia restavam-me ainda umas poucas de bolachinhas americanas, Lembrava-me porém que, tomando chá, havia de comer d'aquellas boachinhas, e que, em taes circumstancias, não tinha eu só direito a comer d'ellas; entendia que os pretos tinham eguaes direitòs.

Resolvi-me a final mandar fazer o chá, e entretanto, escondidamente dos pretos, despejei em cima da cama a lata das bolachas, e contei-as. Eram quarenta e duas. Bem, disse eu comigo; como hoje duas com o chá, e

ámanhã, quando marchar, dou duas a cada preto, e eu comerei as duas restantes. Chamei o Manóva e communiquei-lhe a minha intenção. Elle abriu muito os olhos, dizendo com um modo de quem governava não só os pretos que estavam ali, mas tambem a mim proprio. O senhor não ha de fazer isso que nem eu nem os mais pretos o consentiremos. É necessario andar ámanhã quasi tanto como hoje, para chegar no dia seguinte á primeira povoação de *Beja*. Se o senhor tivesse fome, ser-lhe-ia impossivel vencer esta distancia, porque não poderia andar, e estavamos então irremediavelmente perdidos: morreriamos todos á fome, porque n'esta terra não ha caça nenhuma, excepto algum cabrito, que só o acaso nos póde deparar. Senhor, nós pretos estamos costumados a passar grandes fomes; podemos aguentar-nos, marchando, tres dias sem comer; mas o senhor não está habituado a isto. O estado de magreza em que o vemos já, é o que n'este momento nos dá grande cuidado, temendo que o senhor não possa marchar.

—Tambem eu vos vejo muito magros.

—É verdade; mas nós havemos de vencer a distancia que nos separa da povoação, o que o senhor não poderia conseguir com fome. É necessario, pois, comer hoje metade d'essas bolachas, e guardar a outra metade para ámanhã.

Quando acabou as ultimas palavras, levantou-se, e foi para o grupo dos caçadores, indicando-me por este módo, que não admittiam réplica as reflexões que me fez.

O chá já estava feito; passou-se porém muito tempo

sem o tomar, pensando nas acertadas reflexões do Manóva. Resolvi, todavia, comer só duas bolachas, tencionando distribuir, no dia seguinte, o resto pelos pretos. Firmei-me resolutamente n'este proposito, não só por considerar uma acção infame utilisar-me eu só, entre tanta gente com fome, do pouco alimento que havia, como tambem por não querer mostrar fraqueza aos pretos, de que não era capaz de affrontar como elles os grandes trabalhos.

Não fui segundo o costume conversar com o Manóva; deitei-me logo depois de tomar o chá. Custou-me muito a pegar no somno, o qne não é de estranhar a quem se deita com fome. Levantei-me ao romper da aurora: os pretos dormiam ainda todos. Accendi um cigarro, e sentei-me na cama a contemplar a suavidade e os variados encantos do amanhecer n'aquelles logares desertos.

Depois de fumar o cigarro, fui ao ribeiro lavar-me. Quando acabei, deparei com dois cabritos, que andavam a pastar do outro lado, a distancia de cerca de setenta metros. Abaixei-me e fui de gatinhas até á cama; lancei mão da espingarda, que estava ao lado d'ella, e d'ali mesmo fiz pontaria aos dois cabritos, que se conservavam ainda quasi unidos, e fiz fogo. O que estava do meu lado caiu logo, fugindo o outro, que ora caia, ora se levantava. Todos os pretos se ergueram ao mesmo tempo com o estrondo do tiro. D'entre elles saltou um de azagaia na mão, correndo sobre o cabrito que fugia. Era o meu criado Mandissa, que, quando acordou ao estrondo do tiro, o primeiro objecto que viu foi o cabrito a fugir. Em breve se apoderou d'elle

por estar muito ferido. A bala atravessou as espaduas do primeiro, indo depois atravessar o pescoço do outro. Um era macho e outro femea.

Os carregadores foram logo buscal-os. Entretanto fui ao ribeiro lavar as mãos que estavam cheias de terra, em consequencia de ter andado de gatinhas.

Não é facil fazer uma verdadeira descripção do grande contentamento, que reinava entre os pretos. Fôra necessario estar ali presente, e ter tanta fome como nós tinhamos, para avaliar bem a immensa satisfação de que todos estavamos possuidos. N'um estante esfolaram os cabritos. Coube-me uma perna, que comi assada, tomando depois duas chicaras de chá. Senti-me então vigoroso e com forças bastantes para continuar a marcha.

Os pretos não comeram, de certo, quanto desejavam; mas ao menos mataram a fome, e estavam contentes.

Partimos ás sete horas e meia da manhã, e ás cinco e meia da tarde acampámos proximo de uma grande montanha, onde havia muito ferro. Agua qua ali havia era deliciosa. Fizeram-se barracas, por se receiar que houvesse chuva, em razão do vento ter mudado para o sul. Effectivamente caiu um fortissimo aguaceiro por volta da uma hora da noite.

Partimos antes de nascer o sol. Os pretos iam cantando pelo caminho, para illudirem a grande fome, que lhes ia estreitando os estomagos consideravelmente. Andámos sem interrupção até ás oito, descançando meia hora. Ás dez e meia chegámos á povoação tão desejada. Comprei immediatamente man-

timento, que mandei preparar pelos pretos da povoação, porque os meus estavam exhaustos de forças.

Comeram quanto tinham na vontade, e dormiram desde as quatro horas da tarde até ao outro dia pela manhã. Demorei-me dois dias n'esta povoação, a fim de reparar as forças que havia perdido na violenta marcha pelo extenso deserto.

Gastei cinco dias d'aqui á praça do sr. Albazini, não tendo occorrido na viagem nenhum incidente mais, de que mereça fazer-se menção. Todo aquelle territorio é immensamente montanhoso, mas muito productor. Encontra-se n'elle toda a qualidade de metaes, sendo mais abundante em ferro e cobre.

Tanto o sr. Albazini como os hollandezes ficaram indignados contra o *Chiquaraquara*, por não me ter avisado da guerra do *Mahuéoé*. Eu, porém, conhecendo melhor que elles a perversidade d'este barbaro, desculpei o procedimento do *Chiquaraquara*, a quem o malvado mandaria matar, se porventura desconfiasse que me havia avisado.

Cinco dias depois da minha chegada á praça, appareceram os caçadores que tinham ficado atraz, por não haverem tido tempo de se reunir a mim. Estiveram escondidos da guerra todo o tempo, que o rio levou a vasar, conseguindo atravessal-o cinco dias depois da extraordinaria chuva.

O comprador *Tunguene* havia já regressado, tendo feito um bello negocio. Entregára-lhe 300$000 rèis em fazendas e missangas; e elle trouxe-me de retorno, em marfim, 750$000 réis.

Estava desembaraçado para regressar a Lourenço

Marques. Era porém perigosissimo metter-me em marcha, levando comigo todo o marfim. Os bandos do *Mahúéoé* não cessavam um momento de transitar pelas terras da *Moamba*, por onde necessariamente tinha de passar. Angmentava ainda a difficuldade da viagem a circumstancia do *Modái*, regulo d'aquellas terras, haver-se declarado inimigo do governo de Lourenço Marques. Em virtude de tantas contrariedades, resolvi demorar-me na republica, até á chegada dos negociantes inglezes, que costumavam ir a Zoutpansberg em maio, junho e julho, expressamente para comprar marfim, aos quaes esperava vender o meu. Como estava porém fazendo grande despeza com os caçadores e carregadores, expedi-os para Lourenço Marques no dia 3 de janeiro de 1861. Fôra com elles o *Tunguene*, a quem entreguei 700 ℔ de marfim, que os carregadores levaram. Aventurei-me a fazer esta remessa, em virtude de um compromisso, que tinha em Lourenço Marques com um negociante mouro da India, relativo a algumas fazendas que lhe comprei, com a condição de lh'as pagar, em marfim, no dia 3 de março de 1861. Felizmente chegou a salvamento, graças á prudencia do *Tunguene*, que, ao aproximar-se das terras da Moamba, marchava de noite, e escondia-se de dia no mato.

Ficaram comigo, para me acompanhar no meu regresso, os caçadores Manóva, Maxotil, Macindana e Mabana, e quatro carregadores d'elles; quatro da minha bagagem e dois criados. O *Mandissa*, meu criado particular, partiu com o *Tungene*, a fim de contar ao *Maxaquene* a conversação que eu tive com o *Mosila*.

Como precisava estar em Zoutpansberg antes da chegada dos primeiros negociantes inglezes, fui em 5 de fevereiro a esta villa, a fim de alugar uma casa para habitar. Acompanhára-me o sr. Antonio de Paiva Raposo, que tambem tinha de tratar ali de um negocio seu. Partimos a cavallo ás nove horas da manhã, e chegámos ás tres da tarde, tendo descançado meia hora na praça de um hollandez, que ficava a meio caminho. Eram sete leguas e meia a distancia que separava a praça do sr. Albazini de Zoutpansberg.

Fez-nos o favor de nos hospedar em sua casa o sr. Casimiro Simões, natural de Goa. Era o negociante mais forte que, n'aquelle tempo, havia na republica. Tinha tres estabelecimentos bem fornecidos de fazendas, e grande variedade de outros generos, sendo um em Zoutpansberg, outro em Rhenorter-Port e o terceiro em Lydenburg. Era uma pessoa respeitavel e negociante muito intelligente.

Suspendo aqui a historia da minha viagem, a fim de fazer uma breve descripção de Zoutpansberg, da agricultura, industria e costumes dos hollandezes; bem como de alguns acontecimentos mais extraordinarios da sua historia.

## ZOUTPANSBERG, A AGRICULTURA, INDUSTRIA E COSTUMES DOS HOLLANDEZES, E ALGUNS ACONTECIMENTOS MAIS NOTAVEIS DA SUA HISTORIA.

Zoutpansberg é uma pequena povoação com cerca de setenta casas: é a capital do districto do extremo

norte da republica. Está situada em um campo. O solo é vermelho e muito productor, em virtude da grande abundancia d'agua que o banha. Todas as ruas da villa téem uma valla de cada lado, junto ás casas, por onde corre agua constantemente.

Geralmente os hollandezes vivem separados uns dos outros. Cada familia habita na sua quinta, a que dão o nome de praça.

A distancia de duas leguas, do lado do norte da povoação, ha uma grande montanha, que se prolonga para leste até á praça do sr. Albazini; e d'ali segue para as terras de *Beja*, onde se confunde com outras maiores. Os hollandezes deram a esta montanha o nome de Zout-pans-berg, (Monte da mina de sal) nome este que applicaram tambem á povoação.

Da parte do sul, observa-se um vasto campo, que se dilata, a perder de vista, tanto para leste, como para o oeste, continuando para o sul até Rhenoster-Port. É povoado de gigantescas arvores, cuja madeira é excellente para toda a classe de construcções.

A videira dá-se bem n'aquelle solo; mas os hollandezes pouco se applicam á cultura d'ella. Alguns, que se entretinham com esta tão valiosa cultura, faziam aguardente das uvas, que vendiam por bom preço.

São os pecegueiros as arvores de fructa que os hollandezes cultivam em maior escala; todas as ruas das suas praças são arborisadas d'estas arvores, que produzem extraordinariamente, e cujo fructo seccam em grande quantidade.

As figueiras tambem produzem regularmente. Não ha porém em parte alguma laranjas tão deliciosas, como

as de Zoutpansberg, e todavia poucos as tinham nas suas praças.

A colheita do trigo é sempre certa e regular em toda a republica, pela circumstancia de não ser necessaria a chuva para fazer desenvolver as sementeiras. Cada hollandez lavra unicamente a porção de terra, que calcula sufficiente á producção de trigo para o consumo de um anno para toda a sua familia.

Todas as praças têem uma valla mestra na parte mais elevada da propriedade, por onde corre sempre agua em abundancia. Lavrada e gradada uma porção de terreno, abrem um rego em toda a extremidade mais superior, e outro que parte da valla mestra até communicar com este. Feito isto deitam a semente á terra, e no dia immediato regam a sementeira, até o terreno ficar enxarcado.

Nascidas e crescidas as sementes á altura de cinco pollegadas, fazem segunda rega; e quando o trigo está meio crescido applicam-lhe terceira e ultima.

Na epocha das sementeiras do trigo não chove; porém a immensa prodigalidade da natureza, n'aquellas preciosas terras, substitue esta falta com innumeros rios, que faz brotar das entranhas dos montes.

Todos os campos do districto de Zoutpansberg abundam extraordinariamente em animaes selvagens. Encontra-se por toda a parte grandes bandos de bufalos. As *tuongonhes*, as zebras e as gazellas andam de camaradagem, em bandos de milhares. Encontram-se tambem muitos veados. Com relação a cabritos selvagens, ha uma infinidade de qualidades diversas. Em parte alguma de Africa ha tantos leões e hyenas como

ali: os milhões de animaes selvagens, que a immensa vegetação d'aquelle campo alimenta, são a causa da abundancia d'estas feras.

Os leões dão muito trabalho e serios cuidados aos hollandezes: não se contentam só com a immensidade de caça, que ha n'aquellas paragens; atacam tambem de noite os curraes de bois. Como já disse atraz, são os leões velhos, que já não têem agilidade para caçar, que assaltam os curraes, sendo nas noites nebulosas que elles effectuam os ataques. Os hollandezes não dormem n'estas noites; estão sempre álerta, tendo de vigia grandes cães, que fazem excellente serviço. Se o leão se aproxima dão logo signal; apenas o hollandez o ouve, sae para fóra de casa, armado da sua espingarda. Se o leão está muito proximo, os cães cercam o dono arremettendo para o sitio onde elle está, e o hollandez prepara a espingarda, dirigindo-se cautelosamente para o logar que os cães lhe indicam. Os animaes continuam sempre ladrando e arremettendo para o leão, que nenhum caso faz do barulho que elles fazem: n'aquelle momento toda a sua attenção está fixa no curral. Succede algumas vezes o hollandez descobrir o terrivel animal a quinze e a doze passos de distancia, fazendo então pagar-lhe bem cara a ousadia, atravessando-lhe a enorme cabeça com a bala da sua espingarda. Se porém o não descobre, o que succede quasi sempre, faz então alguns tiros para o dispersar. Este expediente de fazer muitos tiros é o que quasi todos os hollandezes adoptam, porque poucos ha que tenham audacia de se aproximar do rei dos animaes.

As noites de grande neblina são fataes para os hollandezes, porque a vigilancia dos cães é inefficaz, em virtude da humidade lhes restringir o olfato. Triste quadro os aguarda no amanhecer do dia que se segue áquellas noites tão funestas: dois ou tres bois mortos, e um de menos com que o leão carregára para ir devorar no mato; e algumas vezes, a poucos passos do curral, o melhor cão estendido com as tripas de fóra, victima da imprudencia de ir ladrar muito perto do terrivel animal, no acto de arrastar a presa.

Os generos, que a republica de Transvaal exporta, são marfim, dentes de cavallo-marinho, pontas d'abada, plumas de ema, bois já amestrados para o trabalho, coiros de animaes selvagens e madeiras. Este ultimo artigo é importantissimo, pela grande quantidade que exportam para a colonia ingleza. A maior parte vae já cortada em taboas de seis a nove metros de comprimento por vinte a trinta centimetros de largura e tres a quatro de espessura. Os inglezes compram na republica, estas tabuas de excellente madeira branca e macia por 4 a 8 *schillings* cada uma.

Pouco importante é a industria dos hollandezes, proveniente da agricultura, não obstante possuirem um vastissimo territorio extraordinariamente fertil, e que póde produzir todo os productos do Brazil, America do norte e India, com muito mais vantagem que estas nações. Os vastos campos do Zoutpansberg, Rhenoster-Port, Pretoria e Potchefstroom, além de prometterem uma colheita, sempre certa, de trigo e milho, são essencialmente adequados á cultura do algodão. E

se os hollandezes se aproximassem das montanhas de *Lobombo*, limites da republica com o districto de Lourenço Marqes, encontrariam nas margens do *Incómate* e *Save* terras de uma fertilidade espantosa, superiores ás melhores do Brazil para cultura do café, canna de assucar, e de muitos outros productos da India.

Não se julgue, porém, que os hollandezes desconhecem a immensa productibilidade do seu solo; não! elles vêem e comprehendem perfeitamente que elle encerra em suas entranhas incalculaveis theșouros de riqueza; mas a grande distancia qne os separa das praias, e especialmente a falta de uma boa via de communicação com os portos de mar lhes tem feito gelar no peito a vontade de revolver os seios da terra, com receio de devassarem extemporaneamente a immensa riqueza de que ella está pejada.

Não se póde com justa razão arguil-os de indolentes. Dirão que elles podiam ter no seu paiz alguns productos de primeira necessidade, taes como o assucar, o café e o algodão. Isto é verdade; mas tambem não é menos certo, que não podiam exportar estes artigos, por causa do grande custo do transporte para Porto Natal e Elysabethe, que seria quasi o valor d'elles.

Ora um povo que teve a coragem de emigrar do Cabo de Boa Esperança para o centro d'Africa, onde só viviam selvagens, para não soffrer os vexames que os seus conquistadores lhe impunham, não podia, de certo, encontrar entre o gentio nenhuma das muitas coisas, que são indispensaveis á vida de um povo civilisado.

Entre os milhares de familias que emigraram haviam bons artifices de todas as artes mecanicas, agricultores muito entendidos, e homens muito illustradòs. Mas elles luctaram com mil difficuldades para fundar e estabelecer alguma coisa regular que se parecesse com o viver de gente civilisada.

Muitos foram os perigos e soffrimentos, e grandes e terriveis haviam sido as privações que aquelle heroico povo experimentou, primeiro que conseguisse estabelecer-se no paiz onde actualmente está!

Mais de um anno gastaram os hollandezes, para atravessar aquella região selvagem, porque o gentio, tão numeroso e feroz, como o mais audaz de toda a Africa, embargava-lhes o passo a cada momento! Tiveram primeiro de conquistar o terreno palmo a palmo e passo a passo, ferindo um combate em cada dia. Os mais illustres d'entre elles succumbiram nos tremendos recontros com os cafres. Chegaram a final esfarrapados, carecendo de todos os recursos da vida, a *Orange River-Freestate*. Felizmente havia ao norte do rio Orange muitos elephantes. Empregaram-se logo na caça d'estes animaes, e com o marfim que obtinham iam a Elysabethe comprar fazendas e outros artigos de mais urgente necessidade. Como caçavam muito marfim, concorreram a *Freestate* grande numero de inglezes, de Elysabethe e de Porto Natal, com carretas carregadas de fazendas e todas as mercadorias de primeira necessidade.

Com o auxilio da caça estabeleceram povoações em diversos pontos, cultivando só o indispensavel para o seu alimento. Precisavam empregar a maior parte do

tempo na caça, porque só com um genero muito rico, como é o marfim, podiam obter no paiz em que estavam, tão longe dos portos de mar, fazendas para se vestirem. Não tinham tempo de fazer plantações de canna d'assucar, de café e de algodão, artigos estes que constituem a immensa riqueza de toda a America e India, mas que pouco valeriam no seu paiz, porque as despezas do transporte não permittiriam a exportação d'estes generos.

Elles conheciam e sabiam perfeitamente avaliar esta triste verdade; todavia não desanimaram nunca, têem trabalhado e continuam trabalhando ainda para melhorar a sua situação.

Grandes tem sido os esforços, e muito importantes os sacrificios que elles têem feito, para conseguir o estabelecimento de uma boa via de communicação com os portos de mar mais proximos da republica; têem porém, sido todos mallogrados pela inercia do governo de Portugal. Um grande numero de familias passára para o norte do rio Orange, indo estabelecer-se nos campos de Potechefstroom e nos de Pretoria.

Passado algum tempo, seiscentas d'estas familias partiram para o norte, inclinando-se mais para leste, com o fim de irem estabelecer-se em um ponto que ficasse o mais proximo possivel da bahia de Lourenço Marques. Chegados a meia distancia, entre Lydenburg e Pretoria, suspenderam a marcha, a fim de mandarem uma embaixada de sessenta hollandezes a cavallo a casa do rei *Dingana*, irmão mais velho do *Panda*, rei dos *Zulos*, fallecido ha pouco. O paiz d'onde partira a embaixada, era habitado por *Macatis-*

*ses* (indigenas de *Beja*) que tributavam ao rei dos *Zulos*.

O intuito da embaixada consistia em procurar estabelecer relações amigaveis com este potentado, fazendo-o ao mesmo tempo convencer, que da parte d'elles não havia nenhuma idéa de conquista, e que o motivo de terem penetrado em terras a elle tributarias fôra a necessidade de se aproximarem da bahia de Lourenço Marques, aonde projectavam estabelecer relações commerciaes com os portuguezes.

Gastaram os sessenta seis dias á povoação do *Dingana*, que os recebeu com maneiras agradaveis, tratando-os ás mil maravilhas. Todos os dias lhes dava um boi e toda a qualidade de alimentação de que dispunha. Em resposta á mensagem, de que os sessenta foram portadores, significou-lhes o *Dingana* a mais viva satisfação, por ter no seu reino uma vizinhança de gente tão forte como eram os hollandezes.

Na vespera do dia em que elles deviam partir, preparára-lhes o *Dingana* um batuque (dança) na sua povoação, em signal de grande consideração, que fingia ter por elles. Os hollandezes ficaram muito contentes com o obsequioso divertimento, por terem occasião de observar a dança e ouvir as canções dos *vatuas*, que são mais variadas e bem entoadas, que as de outra qualquer raça de prétos. O batuque principiou pelo meio da tarde, havendo no grande largo cerca de seis mil pretos e outras tantas mulheres. Os hollandezes agruparam-se a um lado do largo, fumando nos seus cachimbos, e rindo muitissimo dos saltos e gesticulações que os *vatuas* empregavam na dança: em fim estavam satisfeitissimos.

Os *vatuas*, quando dançam, empunham um pequeno cacete delgado, do comprimento de meio metro com uma das extremidades muito mais grossa. Os movimentos, saltos e gestos, que empregam na dança, são acompanhados com movimentos do cacete, que lhes serve, por assim dizer, de compasso.

Dançavam, ora em grande circulo, ora em linha, virados para os hollandezes. N'uma occasião em que dançavam em duas grandes linhas, ao aproximarem-se d'elles, cercaram-os repentinamente, e n'um instante os mataram ferozmente á cacetada.

O perverso *Dingana*, que durante a dança estivera sempre no grupo dos hollandezes a rir juntamente com elles, teve a cautela de retirar-se, um momento antes dos barbaros perpetrarem os monstruosos assassinios. E fez bem o cobarde selvagem; porque os hollandezes tel-o-iam morto primeiro, antes de perecerem, pois ficaram estendidos juntamente com elles trinta dos assassinos, que estriparam com as suas pequenas navalhas de picar tabaco.

O feroz rei, consummada a horrenda matança abandonou a povoação, e no dia immediato reuniu uma formidavel guerra de mais de trinta mil *vatuas*, que expediu immediatamente sobre as seiscentas familias, com o terrivel intento de exterminar homens, mulheres e creanças.

Era grande a inquietação que lavrava no acampamento dos hollandezes. Estavam extremamente afflictos e assustados, em virtude da excessiva demora dos sessenta, pois que deviam ter regressado em deze-

sete dias, que fôra o maximo espaço de tempo de ida e volta, que os chefes lhes haviam determinado, sendo seis para ida, cinco para se demorarem em casa do *Dingana*, e seis para regressarem. Entretanto eram já passados 20 dias, e nenhuma noticia havia d'elles.

Os chefes reuniram-se em conselho para determinar as medidas que fosse necessario adoptar immediatamente, a fim de tomar conhecimento do déstino dos sessenta. Todos receiavam que tivessem sido victimas de traição dos *vatuas*. Resolveram expedir no dia seguinte uma força de 250 hollandezes a cavallo sobre a povoação do *Dingana*. N'este momento apresentára-se um hollandez, acompanhado de uma preta velha. Dos olhos do hollandez rebentavam-lhe as lagrimas em borbotões. Houve grande intervallo de profundo silencio. Nenhum dos do conselho tinha animo de perguntar-lhe a novidade que vinha contar-lhes, pois que muito bem a traduziam no seu rosto, e muito menos o hollandez em fallar, porque era pae de dois dos sessenta. Passado algum tempo, este ultimo, com a mais profunda dôr, disse aos chefes: — Perguntae a esta preta que vos contará tudo. Eu vou ter com minha mulher, que bem necessita agora da minha presença.

Como nenhum dos do conselho sabia a lingua *vatua*, chamaram um hollandez que a entendia, para fallar com a preta que era *Zúla*.

No dia dos horrorosos assassinios o chefe de uma povoação proxima da do *Dingana*, expulsára uma preta velha, pelo crime de feiticeira, despojando-a de tudo

que possuia; e muito favor lhe fizera em não a matar, pois a maior parte das vezes os regulos castigam os infelizes feiticeiros com a pena de morte. Como ella tinha a certeza que nenhuma povoação de *vatuas* a receberia, com medo da sua perigosa qualidade de feiticeria, resolveu fugir para os hollandezes. Calculando que elles não podiam ter nenhum conhecimento, não só da horrivel traição de que foram victimas os sessenta, como da cilada que o infame *Dingana* lhes havia preparado, correu, andou de noite e de dia, a fim de chegar primeiro que a guerra ao acampamento dos hollandezes. É esta a preta que fôra apresentada ao conselho.

Apenas o interprete compareceu a mulher contou todos os promenores da monstruosa traição, e da grande guerra que o perverso *Dingana* reuniu, a fim de cair inopinadamente sobre elles, acrescentando ainda que calculava, que a guerra devia apparecer no dia seguinte de madrugada.

Quando ella acabou a narração dos acontecimentos, o presidente do conselho mandou-a sair, sendo acompanhada por um hollandez, que foi dar-lhe de comer, por que durante sete dias que gastou das povoações do *Dingana* até ali, apenas havia comido alguma fructa brava, que encontrára pelo mato. Em seguida mandou ordem a todos hollandezes, para atrelarem immediatamente os bois ás carretas, e reunirem todos em um logar, que elle indicou, promptos a marchar com todas as suas familias. Discutiram depois os meios que lhes pareceram mais convenientes, para salvar as familias do grande perigo que as ameaçava.

Se elles estivessem sós sem mulheres e creanças, nada tinham que discutir: montavam logo a cavallo e iam esperar o inimigo, que, com toda a certeza, poriam em debandada; mas as mulheres e as creanças eram para elles, n'aquelle momento, um grande obstaculo, que augmentava o perigo extraordinariamente. Por este motivo resolveram retirar para Potchefstroom.

No acto do conselho acabar de deliberar, um mancebo, de pouco mais de vinte annos, pediu licença para fazer algumas observações importantes, a respeito da resolução que haviam tomado.

—Fallae, disse o presidente.

O mancebo começou assim:—É perigosissima a situação em que nos encontramos n'este momento. Nunca, desde que abandonámos o cabo de Boa Esperança, corremos tão grande perigo como agora. Fôra-nos facil combater o gentio, nas regiões que atravessámos, porque eramos muitos. Metade da nossa legião ficava de reserva e de guarda ás nossas familias, em quanto a outra ia a cavallo combater com o inimigo, que vencemos sempre. Mas agora somos poucos, e o gentio que não tardará em cercar-nos, é muito numeroso. A resolução, que acabaes de tomar de retirar para Potchefstroom, podia ser em outras circumstancias uma medida acertada e prudente. Muitas vezes nos tendes salvado a todos com a esclarecida prudencia, que, em occasiões muito difficeis, tanto a proposito tendes sabido empregar, mas agora, sinto extremamente dizer-vos que seria a perdição de nós todos. É certo, que, se esperarmos aqui o inimigo, corremos o risco de pe-

recer de envolta com nossas mães, nossas irmãs, vossas esposas e vossos filhos; mas se retirarmos, não escapará uma só mulher ou creança. Eu já estive em algumas povoações dos *Zulos*; sei bem a lingua que elles fallam, conheço perfeitamente a sua extraordinaria audacia. Sabei, que n'este momento estamos sendo espiados e observados por elles, que conhecem já o nosso numero e a nossa posição. A guerra tem hoje sete dias de marcha accelerada, e necessariamente deve ter chegado esta manhã a duas ou tres leguas d'aqui, onde fez alto, a fim de mandar espias para observar com exactidão a nossa posição e numero, e a esta hora já deve ter recolhido a ella a maior parte dos espias: outros conservar-se-hão ainda para investigar todos os nossos movimentos. Esta noite marchará sobre nós: e ámanhã quando romper o dia ver-nos-hemos cercados dos selvagens por todos os lados. É necessario pois formar immediatamente um circulo com todas as carretas, mettendo no centro os bois e os cavallos: bem unidas umas ás outras são uma fortaleza para oppormos aos cafres. Elles, não obstante serem muito numerosos e valentes, não terão talvez animo e principalmente a tactica de romper a nossa improvisada fortaleza. Quando nos atacarem, far-lhes-hemos fogo de dentro das carretas, devendo as nossas espingardas ser carregadas com balinhas, porque o inimigo atacar-nos-ha em massa; e cada uma d'ellas, que só devemos disparar quando elle chegar perto, póde matar quatro homens ou mais. Os cafres, vendo caidos ao primeiro impeto alguns centos d'elles, acobardar-se-hão e é provavel que retirem. Confesso que é terrivelmente

perigoso este meio de defeza; mas se retirarmos, os cafres perseguir-nos-hão, e vós bem sabeis que a unica maneira de os bater, é chegando a cavallo perto d'elles, fazer-lhes fogo, e retirar para carregar as armas, tornando depois a accommettel-os. E como haviamos nós usar d'esta tactica, acompanhados de nossas familias dentro das carretas em marcha? Os selvagens n'um momento estrangulariam todas as mulheres e creanças, e nós para as defendermos teriamos de perecer juntamente com ellas.

Quando o mancebo chegou a este ponto, todos bradaram a um tempo:—Basta, basta; não percamos tempo! mancebo a idéa que apresentaste é boa, adoptal-a-hemos.

Os chefes partiram logo para o campo, onde já estavam as carretas com as familias dentro. Principiáram immediatamente o trabalho, collocando quatrocentas em circulo com os varaes mettidos por entre as rodas de umas ás outras. Concluido este trabalho, encheram o espaço d'entre as rodas, e o que havia entre uma e outra carreta, com ramos de uma arvore que tem muito espinhos. As mulheres ajudaram os maridos em toda a faina, que findou alta noite.

Os chefes nomearam alguns d'entre elles para fazer sentinellas de noite, do lado de fóra do circulo. Tomadas todas as medidas de precaução, cada chefe de familia metteu-se dentro da sua carreta com mulher e filhos, e armas carregadas e munições a postos.

Ao romper da aurora, um dos hollandezes que estava de sentinella foi lavar as mãos a um ribeiro, que distava do circulo cerca de duzentos e cincoenta metros.

Como era natural olhou para todos os lados, fazendo reparo em uma sombra, muito escura, que apparecia um pouco longe em frente do ribeiro, e que se prolongava a uma grande distancia, tanto para a direita, como para a esquerda. O hollandez não teve mais vontade de se lavar: agachou-se, empregando toda a sua attenção em ver se observava algum movimento. Effectivamente, quando a aurora começou a aclarar, a sombra desappareceu, substituindo-se por vultos que se moviam. O hollandez não esperou mais, foi quasi de rastos para o circulo dar parte do que viu aos chefes, que fizeram logo recolher todas as sentinellas, e passado um instante todos estavam a postos.

As carretas dos hollandezes são muito compridas e giram sobre quatro rodas; tem portas na frente e atraz, sendo cobertas com um panno de lona alcatroado, Abriram buracos aos lados, com a circumferencia apenas necessaria para a entrada do cano de uma espingarda, e fazer-se pontaria. Todas as carretas estavam fechadas pela parte de traz, e meio abertas pela frente, a fim de defender d'ali a entrada para o circulo: tinham para este fim machadinhas bem afiadas. O espaço que mediava entre uma e outra era pouco mais largo que a grossura de um homem. Pela parte de dentro do circulo estava collocado um hollandez a cada carreta, para defender a entrada por baixo, podendo tambem fazer fogo por entre os espinhos.

Quando o dia aclarou appareceram de todos os lados bandos de *vatuas*, que marchavam sobre as carretas, fechando em circulo. Paráram a duzentos metros de distancia, começando então a entoar os seus

temiveis cantos de guerra. O estrondoso echo dos milhares de vozes, que cantavam a compasso, produzia um effeito medonho. As mulheres apertavam contra o seio os queridos filhinhos, que mais temiam perder, que a propria vida. A distancia de duzentos e cincoenta metros dos pretos que cercavam as carretas, observavam-se outros bandos em maior numero do que estes. Era a reserva onde estava o chefe da guerra.

Os sitiadores estiveram cantando mais de dez minutos : de repente substituiram os cantos por assobios e deram o temivel assalto em massa. Quando chegaram a uns vinte passos de distancia, foi então que os assediados lhes fizeram fogo, caindo em terra centos dos selvagens. Os que escaparam pozeram-se em completa debandada, como o mancebo havia previsto.

Do corpo da reserva saiu logo um destacamento, que fez conter os fugitivos, obrigando-os a cercar novamente as carretas. Estimulados pelos chefes deram segundo assalto, de encontro aos carros, aos quaes chegaram a trepar; porém os hollandezes deitavam-os a terra a golpe de machado. D'esta vez a mortandade attingiu maiores proporções, que no primeiro assalto, em consequencia do fogo que os de dentro do circulo faziam por baixo das carretas e pelos intervallos das portas. Os cafres, que não esperavam que se lhes fizesse fogo d'ali, bateram precipitadamente em retirada. Os destacamentos que sairam da reserva não conseguiram organisar novo cerco, porque os negros fugiram para longe, e só reuniram á reserva passado muito tempo. Duas horas após do segundo assalto, avançou para o circulo toda a guerra dividida em dois

corpos, tomando posição com a frente virada, um para o outro, e ficando o circulo no centro d'elles. Cada um estava formado em dez grandes divisões. Os hollandezes comprehenderam então que se aproximava o momento mais terrivel.

Os cafres usaram agora de melhor tactica que das mais vezes. Partiram para o cêrco só as primeiras e segundas divisões, e quando estas chegaram perto, avançaram as terceiras e quartas, de modo que os primeiros assaltantes não poderam retirar, por se verem picados na retaguarda pelos segundos. Logo após d'estes carregou sobre o circulo toda a guerra em massa. A mortandade então foi extraordinaria. Os hollandezes não cessavam um momento de fazer fogo. Cada um d'elles tinha duas armas de calibre 8, e 6 balas por @, sendo as esposas e as filhas quem as carregavam: o maior espaço de tempo, que gastavam n'isto, era o de pôr a capsula no tubo; a polvora era mettida aos punhados e as balinhas ás mãoscheias em cima da polvora, sem bucha. Os barbaros cairam com tal impeto sobre as carretas, que estas vacillaram a ponto de quasi tombarem.

Os hollandezes, aquelle punhado de homens de coração fortissimo, estiveram momentaneamente perdidos. Os selvagens trepavam a cima das carretas e muitos chegaram a saltar para dentro do circulo; porém os que o defendiam pela parte de dentro, aproveitando-se do momento em que elles vacillavam no acto de cairem no chão, descarregavam-lhes immediatamente uma machadada sobre a cabeça, e entretanto iam fusilando os que appareciam em cima

dos carros. As esposas dos hollandezes combateram com tanto valor como os maridos. Eram ellas que defendiam a machado a entrada dos carros, em quanto elles faziam fogo para fóra. Centenas dos barbaros foram mortos a machado, descarregado pelos vigorosos braços d'aquellas heroinas, costumadas a grandes trabalhos e a grandes perigos.

Os cafres não podendo conseguir entrar, nem dentro das carretas nem do circulo, e vendo a cada momento cair aos centos d'entre elles, fugiram desanimados em completa debandada.

Os chefes mandaram logo sair do circulo quatro homens a cavallo para os ir espiar.

Era meio dia quando os negros retiraram de todo. Em volta do circulo apresentava-se um espectaculo horroroso: mais de quatro mil pretos prostrados, mortos a maior parte, e outros ainda com vida. Em cima dos toldos havia muitos cadaveres, e da parte de dentro do circulo jaziam cerca de trezentos dos que haviam saltado de cima; tinham os craneos fendidos a machado. Junto aos carros pela parte de fóra, os cadaveres estavam aos montes. Os hollandezes só tiveram a lamentar a perda de uma menina de dezeseis annos, que estando em pé de machado na mão a defender ao lado da mãe a entrada do carro, foi atravessada, n'uma clavicula com uma azagaia que um selvagem espetou de cima da carreta pelo toldo abaixo.

Era indizivel a alegria e satisfação que imperava entre os hollandezes por se verem salvos do tremendo perigo em que estiveram envolvidos. Este acon-

tecimento será um dos mais extraordinarios da historia d'aquelle povo.

Pelas quatro horas da tarde vieram dois, dos que tinham ido espiar a guerra, participar aos chefes que os selvagens haviam retirado de todo e que já estavam a duas leguas d'ali. Os chefes então mandaram desfazer o circulo, e atrelar os bois ás carretas, partindo todos para uma legua de distancia, onde tornaram a metter as carretas em circulo, cujo numero foi reduzido a duzentas e cincoenta.

Effeituaram esta transferencia não só para não presenciar mais o horroroso espectaculo d'aquelle campo regado de sangue e semeado de cadaveres, como tambem para fugir ás emanações feticas, que os corpos não tardariam em exhalar.

Os dois hollandezes, que haviam seguido a guerra regressaram de noite, confirmando a continuação da retirada dos selvagens, que marchavam devagar, em consequencia de muitos feridos que levavam. Os chefes reunidos em conselho deliberaram expedir no dia seguinte duzentos e cincoenta homens a cavallo, a fim de seguirem a guerra até ás povoações do *Dingana*, empregando todos os meios que as circumstancias lhes permittissem, para matar este barbaro rei.

Marcharam de madrugada, e ás tres horas da tarde alcançaram a guerra. Apenas os negros os descobriram fizeram alto, formando em linha. Os hollandezes aproximaram-se, e deram-lhes uma descarga, que fez abater grande numero d'elles. Os selvagens correram então sobre os hollandezes, arremessando-lhes as azagaias; porém estes chegaram as esporas aos cavallos

e retiraram para longe. Carregadas as armas, aproximaram-se outra vez, e deram segunda descarga. Depois de repetirem esta manobra mais duas vezes, os cafres pozeram-se em completa debandada, abandonando todos os feridos.

No dia seguinte, os hollandezes, com as suas repetidas cargas, fizeram dispersar de todo os *vatuas* que fugiam em pequenos bandos para diversas direcções. No outro dia, como não vissem nenhum negro mais, marcharam direitos ás povoações do *Dingana*, que encontraram desertas. O barbaro rei apenas soube da grande derrota dos seus, e da marcha dos hollandezes sobre a sua povoação, reuniu toda a gente que poude, e fugiu para as terras do *Sabussa*, pae do rei *Messuate;* nação tambem de *vatuas*, que confina pelo norte com a dos *Zulos*.

Como os hollandezes não sabiam o caminho que elle havia tomado, seguiram para outras povoações mais distantes, a fim de procurar alguem, que os informasse da fuga d'elle. A distancia de cerca de duas leguas conseguiram encontrar no mato, proximo de povoações, uma familia de *vatuas*, que estava escondida; a qual constava de tres mulheres, sete creanças, um homem e dois rapazes.

O *vatua*, transido de terror, declarou logo que o *Dingana* fugira para as terras do *Sabussa*. Os hollandezes largaram os prisioneiros, e partiram immediamente para o paiz d'este rei, cuja povoação distava da do *Dingana* seis dias de marcha a cavallo.

Chegados ás primeiras povoações, intimaram o regulo para mandar dar parte ao rei da sua chegada, e

dizer-lhe que no dia immediato deviam seguir para a povoação d'elle, a fim de lhe exigir a entrega do *Dingana*. O regulo expediu logo um secretario para o *Sabussa*, participando-lhe a chegada dos hollandezes, e o motivo que os conduzia ali. Entregou-lhes em seguida dois bois e uma porção de milho para os cavallos. O chefe do esquadrão intimou ainda o regulo para mandar sair da povoação toda a gente, prevenindo-o ao mesmo tempo, de que ficava prohibido o transito pelas proximidades da povoação, e que as sentinellas tinham ordem de atirar a quem apparecesse de noite.

O regulo cumpriu promptamente a segunda intimação, transmittindo aos habitantes o aviso da prohibição do transito por ali. Ficaram unicamente com os hollandezes algumas mulheres para lhes fazer a comida.

N'este dia os hollandezes comeram melhor do que em todos os treze que estiveram ausentes de suas familias. O seu alimento durante a perseguição dos *vatuas* tinha sido unicamente carne de caça assada nas brazas, e milho cosido, inteiro, que encontravam nas povoações abandonadas.

Os hollandezes quando andam na guerra deitam-se muito tarde, em consequencia de esperarem que os cavallos comam bem, para depois os apparelhar, e amarrar cada um a uma estaca, promptos a marchar. Feito isto vão então deitar-se, deixando sentinellas para vigiar não só o inimigo, como tambem os cavallos.

No dia seguinte, depois de darem uma ração de milho e agua aos cavallos, partiram para casa do *Sabussa*,

em cuja marcha gastaram dois dias e meio. Chegados a uma povoação que distava da do *Sabussa* cerca de uma legua, pararam.

Tomadas todas as precauções necessarias, o chefe do esquadrão mandou-lhe tres hollandezes que sabiam a lingua *vatua*.

Era concebida nos seguintes termos a mensagem, que os enviados lhe apresentaram:—Os hollandezes não temem a guerra de nenhum rei preto por mais poderoso que seja. Não são porém nunca os primeiros a provocal-a: pelo contrario, empregam sempre os meios mais suaves para estarem em paz com todo o rei ou regulo, ainda o menos forte. Os nossos chefes haviam mandado ao rei *Dingana* uma embaixada de sessenta homens, com o fim de estabelecer relações de amisade entre nós e os povos d'aquella nação. Porém o malvado commetteu o maior dos attentados e cobardia; mandando assassinar os sessenta de uma maneira tão barbaramente traiçoeira, que faz arder o coração no peito com sede de vingança. Logo em seguida ao crime, o perverso mandou em nossa perseguição uma formidavel guerra com o proposito de nos exterminar. Com ajuda da Providencia derrotámos a guerra, juncando o campo em volta de nós de cadaveres dos barbaros. Quando elles se pozeram em retirada, os nossos chefes mandaram-nos em sua perseguição. Tres dias successivos fizemos grande mortandade no inimigo, que fugia em pequenos bandos, e a final cada um para seu lado. Marchámos então sobre a povoação do *Dingana* com o firme proposito de o matar. Encontrámos porém a povoação deserta: o

malvado havia fugido antes da nossa chegada. Andámos muito tempo pelo mato a procurar algum preto fugido, que nos indicasse o logar em que o barbaro se escondera. Só muito longe da povoação d'elle podemos encontrar uma familia, que estava escondida no mato, a qual nos disse que o *Dingana* havia fugido para o vosso paiz. Partimos immediatamente para aqui. Agora que já sabeis a historia dos acontecimentos, vamos apresentar-vos a missão de que o nosso chefe nos encarregou. Exige elle amigavelmente de vós: 1.º A entrega do *Dingana*; 2.º A entrega dos sessenta cavallos dos infelizes assassinados, com todos os arreios, armamentos e munições; 3.º Finalmente a entrega de todo o gado do *Dingana*. Com relação á entrega do malvado, concedemo-vos unicamente quarenta e oito horas para a realisardes. A segunda e terceira reclamações podeis effeitual-ás no praso de quinze dias. Se annuis ás nossas reclamação viveremos em paz comvosco; mas se recusaes far-vos-hemos a guerra immediatamente.

Era grave a contingencia em que os hollandezes collocavam o *Sabussa*: ou entregar o *Dingana* ou a guerra. Muita vontade tinha elle de se descartar do rei dos *Zulos*, de quem não era mais amigo, que os hollandezes. Mas como podia elle agarral-o para o entregar, ou mesmo mandal-o matar? Era-lhe impossivel pôr em execução qualquer das duas maneiras, porque o *Dingana* entrára no seu paiz com mais de quarenta mil homens e o dobro de mulheres e creanças; era: por assim dizer, o rei da terra, porque toda a nação do *Sabussa* não tinha talvez mais gente. Apresentára estas reflexões aos hollandezes, mostrando

com ellas a impossibilidade de satisfazer as suas reclamações. Mas estes não queriam saber das difficuldades em que elle se via: renováram a ameaça de lhe fazer a guerra, se no fim de quarenta e oito horas não lhes entregasse o *Dingana*.

Entretanto o *Sabussa*, não obstante a impossibilidade em que se encontrava de satisfazer a principal reclamação, que era a entrega do *Dingana*, não desanimou. O praso de quarenta e oito horas era sufficiente, para um preto astuto, como o são os *vatuas*, de procurar uma solução que satisfizesse os hollandezes. Esteve um instante calado, meditando a resposta que havia de dar. De repente, como inspirado, disse-lhes assim: Senhores, dizei ao vosso chefe, que ámanhã até ás dez horas do dia mandar-lhe-hei uma embaixada com a resposta definitiva ás reclamações que acabaes de fazer-me em nome d'elle. Asseverae-lhe que o meu maior desejo é viver em paz e sincera amisade com os brancos. Animado d'este proposito, procurarei dar ás vossas justas exigencias uma solução tal, que justifique as boas relações que eu muito estimo conservar com vosco.

Os tres hollandezes partiram logo para o acampamento com a resposta do *Sabussa*. Este, apenas elles partiram, mandou um enviado ao *Dingana*, que estava a quatro leguas da sua povoação communicar-lhe a embaixada dos hollandezes.

Como as conveniencias da etiqueta não permittiam que os dois monarchas se encontrassem, em virtude do *Dingana* considerar-se superior ao *Sabussa*; este ultimo mandou-lhe dizer que era conveniente e urgente

que os seus ministros viessem á sua povoação, a fim de combinar a resposta que deviam dar ás reclamações dos hollandezes. O *Dingana* expediu immediatamente os seus ministros, recommendando-lhes de fazerem toda a diligencia de resolver o *Sabussa* a mandar uma guerra cercar de noite os hollandezes e matal-os a todos.

Alta noite entravam elles, acompanhados de cêrca de quinhentos *vatuas* na povoação do *Sabussa*, que os esperava já com impaciencia. Apenas chegaram mandou este ultimo um secretario conduzil-os para dentro da palhota. Entraram o primeiro ministro e vinte conselheiros do *Dingana:* a guarda de honra ficou no largo da povoação. Acompanhavam o *Sabussa* apenas o seu primeiro ministro e tres cortezãos.

Trocados mutuamente os comprimentos, usou da palavra o primeiro ministro do *Dingana*. Começou por agradecer ao *Sabussa* a participação que mandára communicar ao seu rei da embaixada dos hollandezes. Foram extraordinarios os esforços que elle empregou, para o convencer da necessidade de cercar de noite os hollandezes, e matal-os.

Segundo o costume dos *vatuas*, foi o primeiro ministro do *Sabussa*, que respondeu ao do *Dingana*. Mostrou-lhe os gravissimos inconvenientes, que necessariamente sobreviriam ao paiz, se se chegasse a levar a effeito a proposta que o *Dingana* mandava fazer. Similhante procedimento, ajuntou elle, seria um acto tão desleal e traiçoeiro, como aquelle que o *Dingana* praticou com os sessenta. Além d'isto o *Sabussa* não tem motivo nenhum para usar de hostilidades contra os brancos. É certo que vieram aqui fazer reclama-

ções. Deve-se porém attender, que elles usaram do direito que os vencedores tem sobre os vencidos. Supponhamos que o *Sabussa* mandavava guerra cercar estes brancos, dando a morte a todos! Não passariam muitos dias, que não viessem outros, em muito maior numero que estes, fazer-nos pagar bem cara tão infame traição. Desenganae-vos, nós não podemos fazer a guerra a estes brancos, por que em campo de batalha não podemos matar nem um só d'elles, por que nos fazem fogo de longe, montados em cavallos que andam mais que nós. Foi mau o procedimento do *Dingana* de mandar matar gente que ia tratar de fazer amizade com elle. Nós só vemos um meio de serenar a justa colera dos brancos, impedir que o nosso paiz se precipite nos acontecimentos que o *Dingana* creou, e finalmente, dos *zulos* fazerem a paz com elles.

— Mostrae-nos esse meio, disseram os ministros do *Dingana*.

— É grave, muito grave, o alvitre que vou propor-vos; mas só elle poderá salvar a vossa nação de uma ruina completa, e assegurar o socego á nossa. O meio que vos proponho é o de depôr o *Dingana*, e proclamar rei o *Panda*, irmão d'elle!

O *Sabussa*, que estivera calado até então, accrescentou — É necessario que vós mesmos o mateis, proclamando rei o irmão, com quem deveis immediatamente combinar em segredo o golpe de estado.

Os *zulos* ficaram muito tempo pensativos, sem proferirem uma unica palavra. O primeiro ministro rompeu o silencio, declarando que ninguem se atreveria a commetter tão grande audacia.

O *Dingana*, respondeu-lhe o *Sabussa*, commetteu a maior das perversidades, matando os sessenta brancos. Em seguida ao monstruoso attentado, mandou uma grande guerra á terra d'onde elles sairam, com intento de exterminar todas as suas familias. Porém os *zulos* foram encontrar lá, em logar de homens, leões que as defendiam, e que os derrotaram completamente, perseguindo-os depois, e fazendo dispersar, cada um para seu lado. Os brancos, aproveitando-se da victoria, marcharam sobre a povoação do *Dingana* para o matar. Elle, porém, teve tempo de fugir para o meu paiz. Está aqui como se fôra o rei da minha terra. Não contesto a superioridade da nação dos *zulos* á minha; mas elle preparou a ruina do seu paiz, e pretende precipitar n'ella o meu! Não, não; não consentirei em tal! Quando um rei é o causador da ruina da sua nação, o povo tem direito de depol-o e substituil-o por outro. Os brancos vieram hoje exigir-me a entrega do *Dingana*, ameaçando-me de me fazer a guerra, se eu em quarenta e oito horas lh'o não apresentar. O meu desejo é estar em paz tanto com os brancos como comvosco; todavia é necessario, quanto antes, tomar uma resolução definitiva. Não posso porém deixar de confessar-vos, que um povo, que entregasse ao vencedor o seu rei, seria tão infame como cobarde. Mas se esse rei tivesse sido a causa da ruina e desgraça de seus subditos, o povo praticaria um acto de pura justiça em o condemnar á morte, e ninguem com razão o podia arguir por isso. É o caso em que vos encontraes: matando vós mesmos o *Dingana*, praticareis um acto de justiça. Aconselho-vos pois a recorrer a

este expediente: não percaes tempo. Ide quanto antes tratar com o *Panda* o modo de realisar mais depressa o golpe de estado. Finalmente, declaro-vos com a maior sinceridade, que se recusaes pôr em pratica o alvitre que acabei de indicar-vos, collocar-me-heis na contingencia de amanhã mesmo tomar um partido; ou o vosso ou o dos brancos.

Os *zulos* comprehenderam perfeitamente o alcance das ultimas palavras do *Sabussa*, que os collocava em uma situação extremamente embaraçosa. Se recusassem fazer o que elle lhes aconselhava, tinham a certeza, que se reuniria aos hollandezes, e a ruina dos *zulos* era então completa.

Um dos grandes, parente muito chegado do *Dingana*, respondeu-lhe n'estes termos:—É infelizmente verdade tudo quanto o *Sabussa* disse a respeito do mau procedimento do *Dingana*. Doloroso é confessar que o golpe de estado que elle nos aconselha é o unico meio de podermos salvar a nação de uma ruina completa; e nós os grandes do reino temos obrigação de fazer desapparecer um rei que é a causa da desgraça do seu povo. Qual é a vossa opinião? perguntou elle aos seus.

Como todos ficaram indecisos, o primeiro ministro declarou que acceitava o alvitre do *Sabussa*, e em seguida a elle todos os conselheiros fizeram egual declaração.

Decidiram então partir, mesmo de noite, para casa do *Panda*, a fim de combinarem com elle os meios que deviam empregar para matar o *Dingana*, e proclamal-o rei. Entretanto, para illudir o *Dingana*, foram

dizer-lhe no dia seguinte pela manhã, que o *Sabussa* recusava, por emquanto, fazer a guerra aos hollandezes, mas que concordava todavia em não annuir a nenhuma das suas reclamações.

Pela sua parte o *Sabussa* mandou, pela manhã muito cedo, um secretario dar parte aos hollandezes da combinação que fizera com os *zulos*, prevenindo-os de que era necessario esperar alguns dias, a fim dos grandes combinarem amigavelmente na execução do barbaro.

Passados dez dias mandava o *Sabussa* uma embaixada aos hollandezes, com a qual ia juntamente uma outra dos *zulos*, expedida já pelo *Panda*, participar-lhes que haviam feito justiça matando o perverso *Dingana* e com elle os maus conselheiros. Mandára-lhes o *Panda* dizer, que dentro de dois dias havia de entregar-lhes metade do gado do irmão; e que a respeito das armas e arreios dos cavallos, só podia realisar a entrega d'estes objectos, depois de recolher ao seu paíz, por que o irmão os havia lá deixado. Os cavallos seriam entregues juntamente com o gado.

O chefe do esquadrão disse ás duas embaixadas, que ficava satisfeito com a execução do perverso *Dingana*, accrescentando que estava auctorisado pelo seu governo, a quem havia participado todas as negociações que entabolára com o *Sabussa*, a declarar que acceitava o *Panda* como rei dos *zulos*; e que finalmente não exigia maior contribuição de guerra, que aquella que o *Panda* lhe propunha. Á embaixada do *Sabussa* fez elle especial declaração, agradecendo muito a parte activa, que este rei tomou nas negociações com

os *zulos*; do qual dependeu exclusivamente resolver-se em paz um acontecimento de tanta gravidade.

Como deve suppor-se o *Panda* concordou logo com os grandes em matar o irmão. O barbaro fôra executado dentro da sua palhota pelo seu criado particular, que lhe cravou uma azagaia nas costas. Effectuada a barbara execução, os grandes annunciaram que o *Dingana* fallecêra repentinamente, proclamando rei o *Panda*. O corpo d'elle fôra embrulhado n'um coiro de boi e transportado para o seu paiz, a fim de ser sepultado no cemiterio dos reis *zulos*.

Passados quatro dias da execução do *Dingana* retiraram os hollandezes, levando milhares de bois e milhares de carneiros e cabritos, que o *Panda* lhes entregára como contribuição de guerra. Os cavallos iam em manada com os bois.

Acompanharam o *Panda* até ao seu paiz quatro hollandezes, para receber d'elle as armas e os arreios dos cavallos. Assim acabou a guerra mais terrivel que os hollandezes tiveram com o gentio.

Por occasião da minha viagem a Pretoria, passei pélo campo onde os hollandezes haviam sido atacados: era no tempo em que acabavam de queimar a palha nos campos. A grande quantidade de ossos humanos, que alli havia insepultos, alvejavam ao longe. Analysei com muito interesse aquelle memoravel logar, que é documento authentico da façanha mais extraordinaria d'aquelle povo.

Concluida a paz com os *zulos*, dividiram-se as seis-

centas familias em dois grupos. Um marchou para Phenoster-Port e Zoutpansberg, e outro para Lydenburg, onde fizeram povoações.

Em 1848 partiram de Lydenburg para Lourenço Marques, enviados pelo governo da republica, alguns hollandezes para tratar com o governador d'aquelle districto sobre demarcação de limites, e combinar o melhor modo de estabelecer uma via de communicação entre a republica e Lourenço Marques. Bons desejos manifestavam os hollandezes de estreitar, quanto possivel fosse, as suas relações com Lourenço Marques, para onde pretendiam encaminhar todo o trato, por ser o porto de mar mais proximo de Transvaal. Infelizmente, n'aquelle tempo, a provincia de Moçambique estava, por assim dizer, abandonada de toda a protecção do governo da metropole. O governador, que então estava em Lourenço Marques, não soube avaliar a grande importancia, que devia necessariamente resultar para ambos os lados, estabelecendo-se relações commerciaes e uma boa via de communicação entre o districto e a republica. É de presumir que elle desse d'isto conhecimento ao governador geral e que este o participasse ao governo da metropole; mas tanto um como outro não ligaram a este assumpto a importancia que merecia; pois não empregaram nenhuma medida que fizesse attrahir a Lourenço Marques os habitantes da republica.

Retiraram afinal os hollandezes extremamente desanimados, não só por observarem que o governador não comprehendia nem ligava importancia alguma ao assumpto, que elles foram tratar com elle, mas tam-

bem pela miseria em que encontraram a povoação.

N'aquelle tempo Lourenço Marques era uma reles aldeia de pretos. Uma casa mal construida de Vicente Thomaz dos Santos, que tivera o exclusivo da exportação do marfim pela bahia de Lourenço Marques, e quatro paredes já derrocadas em parte, a que davam o nome de fortaleza e aonde vivia o governador e pouco mais de uma duzia de soldados pretos, que envergavam um panno em volta da cintura, trazendo nu o resto do corpo, eram os unicos edificios que faziam suspeitar, que tivessem alli existido brancos. Os poucos negociantes, que havia, que eram *canarins* ou *mouros*, e dois ou tres europeus, habitavam em palhotas como as dos pretos. O estado miseravel da povoação foi o que principalmente desanimou os hollandezes.

Nos ultimos annos, a republica de Transvaal tem augmentado consideravelmente em população, em virtude de grande numero de emigrantes austriacos, allemães e hollandezes europeus que para lá tem ido e os quaes concorrem muitissimo para a civilisação caminhar a largos passos em toda a republica. Ha quatro para cinco annos, que os hollandezes começaram a ir a Lourenço Marques comprar generos para seu consumo. Fôra isto sufficiente para se observar, em menos de dois annos uma mudança repentina em Lourenço Marques. O commercio e a receita na alfandega augmentaram dez vezes mais. Construiram-se logo muitas casas, quintuplicando o valor e o preço dos alugueis, em virtude de affluirem alli um grande numero de negociantes de Natal e Elysabethe. Não obstante o grande desenvolvimento, que se tem effeituado nos

ultimos annos, parece que o governo de Portugal entendêra, que não havia ainda chegado o tempo de subscrever para esse tão necessario desenvolvimento da parte mais valiosa de todas as nossas possessões ultramarinas.

Receio muito, que quando decidir occorrer ás muitas necessidades urgentissimas de Lourenço Marques, seja já tarde.

De dia para dia, os hollandezes crescem em numero e civilisação. A industria e sobre tudo a agricultura hão de desenvolver-se progressivamente entre elles. Ora Lourenço Marques, já pela sua approximação, como pelo seu excellente porto e extensa bahia, tem, forçosamente, de ser o grande centro, onde se hão de realisar as transacções de todos os productos da republica, para d'alli irem para os grandes mercados do mundo. Isto ha de succeder, ainda que o governo de Portugal não dê um unico passo para favorecer o progresso d'uma e d'outra parte. Mas um bello dia os hollandezes podem dizer ao governador de Lourenço Marques:—Sentimos profundamente em vos intimar a abandonar-nos esta povoação. Bem vêdes que o vosso governo está sendo, com a sua inercia, um obstaculo que enerva o progresso da republica, e tolhe a prosperidade d'este porto, que tem de ser o mais importante de toda a Africa. O vosso governo não tem concorrido em nada para o desenvolvimento e progresso da republica. Pelo contrario, fomos nós que cooperámos para Lourenço Marques se transformar de uma reles povoação de pretos, em uma villa de gente civilisada. O vosso governo nem ao menos fez uma estrada

regular até á fronteira da republica. Não tem um edificio para residencia do governo, não tem uma alfandega, não tem nm quartel para tropa, não tem hospital, finalmente não possue nada. Tudo que existe é da iniciativa particular. Ora nós precisamos absolutamente, que Lourenço Marques tenha todos estes edificios publicos, dignos de uma povoação de primeira ordem. Abandonae-nos pois Lourenço Marques, que nós faremos rapidamente todos os melhoramentos que são necessarios para o progresso e prosperidade d'este districto, e conseguintemente para o desenvolvimento da republica.

Como verdadeiramente amante da minha patria, sinto profundamente em presenciar a exiguidade de conhecimentos que o governo de Portugal dispõe para administrar convenientemente a provincia de Moçambique, a parte mais preciosa de todas as nossas possessões ultramarinas. Compõe-se esta provincia de sete districtos, cada um quasi tão grande como Portugal; os quacs são Lourenço Marques, Inhambane, Sofala, Quilimane, Zambezia, Moçambique e Ibo; mas Lourenço Marques por si só é de muito maior importancia que todo o resto da provincia.

Tem tido o governo de Portugal a maior facilidade em tomar a sério os projectos, que se lhe tem apresentado, de construcções de caminhos de ferro entre a republica e Lourenço Marques: desconfio muito de que as concessões, que se tem pedido ao governo para este fim, tenham a mira em especulações unicamente dos proponentes, e, quiçá, em futuras indemnisações.

Se o governo de Portugal tivesse um verdadeiro conhecimento do districto de Lourenço Marques e da republica, não acreditaria, de certo, que houvessem emprehendedores serios, que fossem ali empregar os seus capitaes na construcção de um caminho de ferro. Não duvido; estou mesmo convencido que se ha de fazer, mas só passados muitos annos. É necessario primeiro fazer uma estrada em taes condições, que não deixem nada a desejar; e só depois d'ella feita, é que os hollandezes se hão dedicar á cultura do café, canna d'assucar, algodão e muitos outros productos valiosos. A pouco e pouco depois, com o auxilio da estrada, hão de levar a Lourenço Marques estes productos; e quando o movimento d'elles fôr consideravel, apparecerão emprezarios serios, que empreguem os seus capitaes na construcção de um caminho de ferro, porque têem então a certeza de obter o juro do seu capital.

Lourenço Marques por uma ordem de circumstancias, todas de grande valor, e principalmente pela sua visinhança com a republica, tem necessidade de ser administrado por um modo muito especial. As muitas obras que está urgentemente reclamando, para ter direito a ser o principal apoio do desenvolvimento da republica, e uma povoação hygienica com todas as commodidades e segurança para os emigrantes, que para lá forem habitar, exigem dos funccionarios, que o governo d'ellas incumbir, muito saber, muita intelligencia e muita seriedade.

Para facilitar o regular desempenho dos variados ramos de administração, e com especialidade a parte

que toca á diplomacia, que necessariamente se ha de desenvolver entre os dois estados, precisa o governo de Lourenço Marques estar em immediatas relações com o da metropole, e ser independente do governo geral da provincia, ou então ter este a sua séde em Lourenço Marques.

A povoação está situada em um estreito cabeço de areia. Por occasião das marés de aguas-vivas transforma-se em uma pequena peninsula, que liga pela parte de sueste com a terra firme, por um braço tambem de areia, que não tem de largura mais de quarenta metros. Pela parte do norueste segue-se-lhe uma praia de cêrca de duas leguas de comprimento por mil e duzentos metros na maior largura. É composta de pouca areia e muito lodo: de quinze em quinze dias é toda coberta, seis dias, pelas marés grandes, ficando nove em secco, exposta ao rigor do grande calor, que faz immediatamente corromper os corpos que a maré deixa quando vasa. As emanações pestilenciaes, que os infelizes habitantes d'ali absorvem, envenenam-lhes rapidamente os pulmões. N'um espaço de tres annos succumbem duas terças partes dos europeus que para lá vão; e o resto fica por tal modo com a sua vida deteriorada, que não póde ser util nem a i nem ao seu paiz.

O saneamento da povoação é portanto a primeira obra que o governo devia emprehender; e não seria ella muito despendiosa. Com cincoenta contos de réis bem administrados, poder-se-ia aterrar toda a praia um e meio metro de altura, pela facilidade da conducção da terra, que podia ser feita em carros de mão,

girando em caminhos que se fizessem da terra firme que é toda muito alta. Não faltam em Lourenço Marques braços para o trabalho. O maximo que póde custar o jornal de um preto é 140 réis e o de uma mulher 70 réis. Duas grandes utilidades se conseguiam com a realisação d'esta obra. A primeira e principal seria a de defender os habitantes do veneno que aspiram; e a segunda, tambem muito importante, a do aformoseamento da povoação, ficando com um espaço amplo para crescer; e podendo o governo de futuro vender o terreno para edificios, por muito maior valor que aquelle que despendesse.

## UMA ALMA DO OUTRO MUNDO

No dia da minha chegada a Zoutpansberg, pedi ao sr. Simões o favor de indagar, se havia alguem que quizesse alugar uma casa para eu habitar, porém elle disse-me logo que seria difficultoso encontrar o que eu procurava, e que só sabia de haver uma disponivel, aonde fallecera recentemente um negociante hollandez europeu, e na qual ninguem queria habitar, por se dizer que apparecia lá todas as noites a alma do fallecido.

— E se apesar d'esse defeito me resolvesse a ir habitar essa casa, o proprietario alugar-m'a-ia? perguntei eu.

— Prestar-lh'a-ia de muito boa vontade sem lhe exigir coisa nenhuma pelo aluguel. O proprietario tem grande desejo de a vender, porém ninguem a quer

por dinheiro nenhum, por causa do phantasma; mas se o senhor estiver n'ella algum tempo, é possivel que depois appareça alguem que se resolva a compral-a.

—N'esse caso, o sr. Simões far-me-ia um especial favor em perguntar ao proprietario se a quer alugar, por que estou resolvido a ir habitar n'ella.

O sr. Simões foi logo fallar-lhe, voltando passados dez minutos, com o proprietario, que era o juiz do districto, o qual me entregou a chave da casa, declarando que m'a prestava gratuitamente e que podia eu estar n'ella todo o tempo que quizesse.

Como consegui a casa, parti no dia seguinte para a praça do sr. Albazini, tendo fretado duas carretas, a fim de transportar para Zoutpansberg o marfim que eu tinha em casa d'este cavalheiro. As carretas chegaram passados tres dias, e no quarto parti com todos os meus pretos para Zoutpansberg, aonde cheguei á uma hora da tarde. As carretas chegaram á noite.

Depois de fazer descarregar o marfim para dentro de casa, fui cear com o sr. Simões. Recolhi á minha nova habitação ás dez horas e meia da noite, encontrando os pretos ainda de pé. Demorei-me meia hora a conversar com o Manóva, indo então deitar-me.

Levantei-me ás seis da manhã, tendo dormido muito bem, sem que tivesse sido importunado pela alma do outro mundo. Depois de me lavar accendi um cigarro, que fui saborear no quintal, onde já estavam os caçadores acocorados, esfregando os dentes com um pedacito de páo, que era o primeiro serviço que faziam, apenas se levantavam.

Ás sete horas fui para casa do sr. Simões. Este ca-

valheiro fizera-me o especial favor de convidar-me para a sua mesa, durante todo o tempo da minha residencia em Zoutpansberg. Encontrei na loja quasi todos os hollandezes que moravam na villa. Comprimentei a todos em geral. Elles corresponderam ao meu comprimento, olhando para mim com certo ar de espanto.

— Então que tal se deu com a sua nova habitação? perguntou-me o sr. Simões sorrindo-se. Appareceu-lhe, ou sentiu alguma coisa de noite?

— Se por ventura lá entrou a alma do fallecido hollandez, eu nem a vi nem a senti, porque dormi toda a noite e só acordei ás seis horas da manhã.

— Estes senhores, continuou o sr. Simões, estavam com mnito cuidado em si. Estão aqui desde as seis e meia, anciosos de saber se porventura lhe appareceu a alma do hollandez; pois dois d'elles, que guardavam a casa de noite, em rasão de haver no armazem mercadorias do fallecido, tiveram a infelicidade de lhes apparecer a alma do outro mundo: fugiram tão transidos de susto, que um d'elles, no acto de fugir, caiu dentro da valla, ficando alguns dias de cama doente, mais por causa do medo, do que por effeito da queda. O companheiro não lhe acudiu n'aquelle extremo com receio de ser filado pela alma do outro mundo.

Provocou-me uma forte gargalhada o episodio dos dois hollandezes, porém elles, percebendo que se fallava na aventura que lhes tinha succedido, levantaram-se e vieram direitos a mim confirmar, por um modo muito terminante, o facto de lhes ter apparecido a alma do outro mundo.

Em presença da attitude grave que elles tomaram,

achei prudente conter o riso, dizendo-lhes por intermedio do sr. Simões, que estava inclinado a acreditar na alma do outro mundo desde que elles affirmavam que a tinham visto.

Os hollandezes ficaram satisfeitos com a minha resposta, manifestando então grande admiração, por eu dormir só dentro de uma casa frequentada por almas do outro mundo. Observei-lhes que os meus pretos tambem dormiam dentro de casa; porém elles, que não consideravam os pretos como gente, não admittiam que eu os mettesse em linha de conta.

Ás nove horas fomos almoçar. Todos os que estavam presentes assistiram á refeição como simples espectadores. A apparição da alma do outro mundo foi o assumpto da conversação, todo o tempo que estivemos á mesa.

Durante dois mezes não se fallava n'outra coisa, senão no phantasma. Todos os dias, tanto ao almoço como ao jantar, a casa do sr. Simões era invadida por grande numero de hollandezes, que iam ali expressamente para me perguntar noticias da alma do outro mundo.

Em meados de abril aluguei duas carretas, e fui a Pretoria, para vender o marfim. Não consegui porém realisar a venda, em virtude dos negociantes inglezes, que ali havia, não terem n'aquella occasião dinheiro para m'o comprarem. Voltei para Zoutpansberg, resignado a esperar pelos negociantes de Natal, todo o tempo que fosse necessario. Felizmente, quando cheguei a Zoutpansberg, o sr. Simões havia recebido muitos debitos em dinheiro, e comprou-me todo o marfim.

Em principios de maio estava desembaraçado para regressar a Lourenço Marques. Não podia porém partir logo, em consequencia da guerra que o *Mahuéoé* mandou ás terras de *Cossa*, aonde se demorou mais de um mez. Por este motivo fui obrigado a esperar até ter noticias da retirada da guerra.

Em maio ha uma festa em Zoutpansberg, á qual concorrem quasi todos os hollandezes do districto com suas familias. Por este tempo o sr. Simões fazia muito commercio: vendia grande quantidade de fazendas, assucar, café, polvora, chumbo e muitos outros artigos.

Os visitantes bivacavam no campo proximo da povoação com as suas carretas, que são para elles umas verdadeiras casas ambulantes. Levam n'ellas todos os utensilios, que são indispensaveis ao serviço domestico de uma familia.

Á noite o bivaque ficava completamente illuminado com as fogueiras que accendiam proximo das carretas para fazer a ceia.

Eu e o sr. Simões, quando acabámos de jantar, fomos passear pelo arraial. Estivemos entretidos a conversar com diversas familias, e recolhemos a casa, quasi á meia noite. Ao aproximar-me da minha, observei com surpresa que havia luz na sala contra o costume. Naturalmente apressei os passos para saber a razão porque os pretos tinham luz na sala áquella hora. Ao entrar deparei com oito hollandezes, quatro dos quaes estavam sentados em volta de uma mesa a jogar as cartas, e os outros a conversar em lingua *vatua* com os caçadores. Tanto os que jogavam como os que

fallavam com os pretos aproximaram-se de mim e comprimentaram-se em lingua *vatua*. Tive vontade de perguntar-lhes o motivo porque tinham entrado e estavam com tanta sem-ceremonia áquella hora dentro de minha casa, porém tinha acanhamento de lhes dirigir esta pergunta, com receio de os offender. Entretanto elles com a sua habitual sinceridade tiraram-me do embaraço em que me encontrava. Após os comprimentos disseram-me sem mais preambulos, que haviam entrado em minha casa com o firme proposito de lá dormir; pois era uma aposta que tinham feito com outros, que diziam que elles não tinham coragem de dormir uma noite na casa, por apparecer n'ella uma alma do outro mundo. Dada esta explicação, pediram que fosse eu deitar-me, e que não fizesse nenhum caso d'elles, por que assim era preciso, para ganhar a aposta licitamente.

Custou-me muitissimo a conter o riso; pude porém disfarçar, dizendo-lhes que podiam estar á sua vontade, deitados, sentados ou a pé; que, pela minha parte aceitava o convite de ir deitar-me; accrescentando que estava persuadido, que a noticia, que propalavam de apparecer na casa almas do outro mundo, era destituida de fundamento, pois que habitava n'ella ha dois mezes, e nunca me apparecera nada. Apenas, algumas noites, sentia um leve rumor, que parecia com o abrir-se a porta do armazem, que dava para a sala, todavia não podia affirmar que partisse d'aquella parte: podia ser proveniente de pancadas que os pretos dessem com os pés na porta da cozinha, onde dormiam.

Os quatro hollandezes, que tinham outra vez continuado a jogar, ao ouvirem as palavras—abrir-se a porta do armazem—deixaram cair as cartas sobre a meza, olhando para mim muito espantados. Os rostos dos outros, que haviam prestado mais attenção, contrairam-se de terror; parecia-lhes que viam já sair da porta do armazem, para onde todos olharam ao mesmo tempo, o phantasma do hollandez fallecido.

N'esta occasião estive inteiramente perdido com riso. Para evitar alguma gargalhada, despedi-me d'elles e fui deitar-me. Não podia por modo nenhum pegar no somno, despertado pela incessante conversação d'elles. Creio que a razão de fallarem constantemente, era de se persuadirem que faziam assim afastar o phantasma.

O meu quarto de dormir era separado da sala por um tabique de táboas unicamente forradas de papel pintado. A meza em que jogavam estava encostada ao tabique, no qual havia uma fenda, por onde eu os via da cama. Esta circumstancia provocou-me o desejo de pregar-lhes uma peça. Levantei-me da cama, e mesmo descalço fui á carteira tirar uma folha de papel, com que fiz um canudo. Aproximei-me da fenda, introduzi n'ella uma extremidade do canudo e soprei na direcção da luz que se apagou promptamente. Os hollandezes cessaram logo de conversar, ficando em profundo silencio; em seguida fingi um suspiro muito terno, que quasi se traduzia em grande gargalhada. Os que estavam a jogar, ao ouvirem o suspiro levantaram-se tão precipitadamente, que fizeram tombar a meza, caindo de envolta com ella. O barulho,

que fizeram para se desenvencilhar da meza e das cadeiras, foi enorme. Entretanto os outros quatro correram espavoridos á porta para fugir, mas como ella estava cerrada, em vez de a abrirem, fecharam-a mais. Levaram n'isto um minuto. Pode bem avaliar-se quão angustioso seria aquelle momento para elles. Quando conseguiram abrir a porta precipitaram-se uns por cima dos outros, indo todos de ventas ao chão. Andaram alguns instantes de gatinhas até poderem equilibrar-se de pé, e fugiram então, correndo como corsas.

Depois d'elles sairem accendi a luz. Encontrei na sala todos os pretos, que acudiram ao barulho, persuadidos de que os hollandezes estavam jogando a pancada. Olhavam espantados para mim, para a meza e cadeiras tombadas, sem saberem o que havia succedido.

Foram importantes os despojos que abandonaram na sua espavorida fuga. De envolta com a meza e as cadeiras havia quatro chapéos. Como elles cairam á saida da porta, fui com a luz observar se haviam largado alguma coisa. Encontrei tambem dois chapéos, que guardei juntamente com os outros; depois mandei arrumar a meza e as cadeiras. Concluido este serviço fui deitar-me, sem contar nada aos pretos do que havia succedido. Elles retiraram mais espantados do que estavam no acto de acudir ao barulho.

Depois de me deitar foi então que tive um grande ataque de riso. Aquelles oito homens, que arrostariam com o perigo maior que houvesse, em que a sua vida corresse grande risco, que não recuariam um passo d'outros oito homens por mais valentes que fossem,

fugiam ante uma chimera! tal é o poder que a superstição exerce sobre homens ignorantes.

Fiquei por tal modo despertado, que só sobre a madrugada pude conciliar o somno, acordando ás nove horas da manhã. Levantei-me logo, e vesti-me á pressa para ir almoçar.

Encontrei a casa do sr. Simões cheia de hollandezes, que sabiam já do acontecimento da noute. Suppondo que me fariam muitas perguntas áquelle respeito, ia prevenido para me conter no sério.

Apenas entrei, o sr. Simões perguntou-me pela novidade da noite.—Contei-lhe, que, depois de me separar d'elle, fôra encontrar em casa os oito hollandezes, que haviam apostado com outros de ficar lá toda a noite — que me despedira d'elles e fôra deitar-me, ignorando completamente se depois lhes havia succedido alguma cousa ; e que só pela manhã quando me levantei me apresentaram os pretos seis chapéos que encontraram na sala e á porta da rua, perguntando-lhes o motivo porque haviam os hollandezes abandonado os chapéos, responderam-me que nada sabiam a tal respeito.

O sr. Simões ficou muito admirado de eu não saber o resto. Disse-me elle então, que os oito hollandezes contaram que por volta de uma hora e meia da noute lhes apparecera o phantasma, apagando a luz, e dando em seguida um suspiro tão melancolico, que os fez fugir precipitadamente, caindo-lhes, por essa occasião, os chapéos da cabeça. N'este momento entrou um preto meu com os seis chapéos, que entreguei ao sr. Simões para os mandar a seus donos.

Os chapéos foram provocar em todo o auditorio uma gargalhada geral, que eu não pude deixar de acompanhar. Depois de acabar de almoçar e ficar só com o sr. Simões, contei-lhe então o episodio da noite exactamente como tinha succedido. Elle fartou-se de rir.

## O PHANTASMA INTIMA OS PRETOS PARA SAIR DE CASA

Passados oito dias da peça que preguei aos hollandezes, veiu o Manova de manhã cedo, ainda eu estava deitado, participar-me uma grande novidade, que succedera em casa alta noite.

—Senhor, disse elle tristemente, esta casa é muito má!

—Que razão tens tu para dizeres isso?

—Esta noite appareceu no quintal uma alma do outro mundo, a qual, segundo ouvi dizer a pretos d'aqui, é a alma de um senhor, que ha tempos morreu n'esta casa. O *Iequá*, (era um rapaz de 18 annos, carregador do Manóva) quando foi de noite ao quintal, viu-a em cima do monte da cal; elle correu para dentro de casa, e lançando mão de uma azagaia voltou ao quintal com o proposito de a arremessar á alma do outro mundo. Felizmente, no momento d'elle a expellir, appareceu o Macindana que teve tempo de a segurar pelo cabo: empurrou o rapaz para dentro, fazendo-lhe comprehender o grande perigo em que esteve, se porventura chegasse a arremessar a azagaia; a qual em vez de ir ferir a alma do outro mundo, volver-se-ia contra elle proprio. O Macindana

entrou em seguida para o nosso quarto e fechou a porta por dentro, e o rapaz escondeu-se na cozinha, onde dorme com os outros carregadores; porém como a porta não tem chave, a alma do senhor hollandez entrou lá, e deitando as mãos ás guellas do rapaz, intimou-o para que saisse elle e nós todos d'esta casa, e ameaçando de levar-nos a todos para o outro mundo, se porventura nos encontrar quando aqui voltar.

Fiquei devéras surprendido com a novidade que o Manova me contou. Até áquelle momento não acreditava na alma do outro mundo, que diziam ter apparecido na minha casa. Como sabia que os hollandezes eram muito supersticiosos, estava persuadido, que tal apparecimento não passava de uma illusão que o mêdo lhes afigurava; mas como os meus pretos tambem viram a alma do fallecido hollandez, que trajava de branco, segundo dizia o Manóva, acrescentando o facto de ter apertado as guellas ao pobre *Iequá*, fiquei obrigado a acreditar provisoriamente em almas do outro mundo.

A apparição do phantasma na minha casa tinha sido para mim um objecto de riso e de divertimento; mas desde que elle appareceu aos pretos, o caso mudou completamente de aspecto, tomando não pouca gravidade, pois que o Manóva declarou-me formalmente que os pretos estavam resolvidos a não dormir mais n'aquella casa.

Tentei fazer persuadir o Manóva e os outros, que o supposto phantasma devia ser alguma pessoa que se mascarava, para conseguir algum fim. Fiz-lhe com-

prehender, que a apparição de almas do outro mundo é uma simples mentira em que só acreditam pessoas ignorantes. Demonstrei-lhe que o homem depois de morrer não torna mais a apparecer—é como o arbusto, que abandonado da vegetação, sécca logo, apodrece depois, e desfaz-se em pó que se sóme e confunde na terra! Nenhuma razão porém era capaz de desvanecer o immenso terror de que estavam possuidos. Tentei ainda com mais algumas razões modificar-lhes o mêdo, mas não foi possivel: estavam firmemente resolvidos a não dormir mais na casa.

A situação em qne elles me collocavam era realmente deploravel, pois que sería impossivel obter outra casa.

Fiquei muito tempo calado a pensar no que havia de fazer; mas não me occorria nenhum expediente razoavel. O desespero então apossou-se de mim. Toda a minha attenção se virou para o patife que tivera a ruim lembrança de se disfarçar em phantasma, e vir espalhar o terror e mesmo a anarchia entre os meus pretos. Não pensava já senão na maneira de o filar, fazendo-lhe pagar bem cara a deploravel situação em que me havia collocado. Resolvi pois esperar o maroto pelo meio da noite para lhe fazer comprehender, que o seu disfarce em alma do outro mundo podia ter a funesta consequencia de o fazer para lá ir realmente.

Não era difficil agarrar o tratante, se elle voltasse outra vez, mas toda a difficuldade consistia em conseguir que os pretos continuassem a dormir na casa. Felizmente lembrou-me fazer-lhes a seguinte proposta

—A nossa partida para Lourenço Marques não pode

demorar-se mais de oito dias. Bem sabeis que se não fora a maldita guerra que o *Mahuéoé* mandou ás terras de *Cossa*, já ha muito teriamos partido. Eu só espera pelo Mabana que mandei a caza do *Mosila* saber noticias da guerra: logo que elle chegue tenciono partir, embora a guerra não tenha ainda retirado, e n'este caso tomaremos o caminho das montanhas. Entretanto é indispensavel que continueis a dormir n'esta casa, pois bem sabeis que é impossivel arranjar outra; mas como tendes medo da supposta alma do outro mundo, d'hojé em diante dormireis todos dentro do meu quarto. Eu collocarei a minha cama atravessada na porta, de modo que se o phantasma ateimar em voltar e vir aqui será forçosamente em mim, que ha de mexer primeiro. Se elle chegar a ter similhante audacia prometto-vos de o agarrar, e mostrar-vos então que é uma pessoa d'este e não do outro mundo.

Esta proposta produziu excellente effeito. Os pretos resolveram dormir no meu quarto.

Como eram horas do almoço fui para casa do sr. Simões. Contei-lhe a novidade da noite, pedindo-lhe o favor de ir comigo, depois de almoçarmos, a casa do juiz participar-lhe o acontecimento, e pedir-lhe providencias, ou auctorisação para eu as tomar, a fim de evitar que a alma do outro mundo continuasse a ir a minha casa, de noite, alarmar os pretos.

Fomos com effeito, a casa do juiz. Contei-lhe a novidade exactamente como o *Manóva* m'a relatou. Ao chegar ao ponto da—alma do outro mundo apertar as guellas do rapaz—o juiz deu um passo para traz, contraindo-se-lhe os labios. Mas, senhor juiz, atalhei eu

logo para suffocar o riso que elle me provocou; eu não acredito em almas do outro mundo, por que quem morre não torna mais a apparecer. O disfarce em phantasma é uma brincadeira que se costuma praticar em muitas partes, unicamente com o fim de metter medo a creanças, e mesmo a homens poltrões e ignorantes; não obstante ser feita com este proposito, é um divertimento estupido, que muitas vezes tem produzido consequencias fataes a quem o pratica. Não creio porém, que o individuo que foi alta noite a minha casa disfarçado em phantasma, fosse alli unicamente com o espirito de metter medo aos pretos. Em tal procedimento não pode deixar de haver especulação, que eu não posso tolerar, por que os meus pretos ficaram por tal modo amedrontados, que não queriam continuar a dormir na casa. A muito custo pude conseguir resolvel-os a dormir no meu quarto. Se porém apparecer outra vez o phantasma, então não poderei contel-os, e corro o risco de me abandonarem e fugirem para Lourenço Marques. Para evitar tão deploravel acontecimento, resolvi vir a sua casa pedir-lhe providencias para obstar a que isto se repita. Pela minha parte estou resolvido a vigiar de noite a casa; e se o phantasma lá entrar outra vez, hei de empregar todos os meios que as circumstancias permittirem para o agarrar, a fim de mostrar aos pretos que não é uma alma do outro mundo, mas sim um individuo. Se porém elle reagir, facilmente me pode fazer chegar ao extremo de lhe dar um tiro. É sobre este ponto principalmente, que eu venho pedir providencias, para evitar um conflicto que póde vir a ser fatal. Zoutpans-

berg, senhor juiz, é uma povoação muito pequena. Não tardará uma hora que não seja do conhecimento de todos, não só o acontecimento que teve logar em minha casa, como tambem a minha resolução, que acabei de manifestar-lhe, de esperar de noite o individuo que se finge em phantasma para o agarrar, ou dar-lhe um tiro no caso d'elle reagir; por tanto, quem quer que fôr, fica sabendo o perigo a que se expõe.

Eu já tinha calculado, que o juiz não podia dar nenhumas providencias. Ainda mesmo qne elle quizesse mandar alguns hollandezes rondar a minha casa de noite, não encontraria em toda a republica um unico homem que tivesse coragem de ir fazer a singular policia de vigiar almas do outro mundo. Entre tanto era indispensavel prevenil-o, a fim de salvar a minha responsabilidade de qualquer eventualidade, que porventura succedesse entre mim e o tratante que tinha o mau gosto de se disfarçar em alma do outro mundo.

O juiz ficou algum tempo calado, pensando no melhor modo de providenciar a representação que lhe fiz. Resolveu a final fazer constar a toda a gente de Zoutpansberg o acontecimento, e o modo por que eu estava resolvido a obstar a que elle se repetisse. Em presença d'este aviso, ninguem podia depois queixar-se de qualquer mau resultado, que sobreviesse ao individuo que insistisse em ir de noite a minha casa disfarçado em phantasma.

—Se realmente é uma alma do outro mundo que vae a sua casa, accrescentou o juiz, ainda que o senhor lhe dê um tiro, não lhe fará, de certo, mal nenhum, por que ella não pode morrer duas vezes.

Quando elle acabou de dizer as ultimas palavras eu e o sr. Simões soltámos involuntariamente estrondosa gargalhada, que o juiz acompanhou por condescendencia, pois estou convencido, de que elle era crente em almas do outro mundo. Despedi-me do bom homem, agradecendo-lhe muito a solução que deu á minha representação, promettendo-lhe todavia, de obrar com muita prudencia, se o acontecimento se repetisse.

Apenas saí de casa do juiz fui contar ao Manóva as prevenções que tomei, para punir o tratante desconhecido, se porventura voltasse. Esperei-o seis noites consecutivas desde as onze até ás tres da madrugada, porém elle teve a prudencia de não voltar mais.

Por esta occasião os hollandezes foram fazer a guerra á rainha *Mojaju* e *Cheluana*, e os meus pretos pediram-me para ir tambem com elles. Annuí da melhor vontade ao seu desejo a fim de descançar das sentinellas, que fazia de noite á alma do outro mundo.

No dia em que partiu a guerra, regressou o Mabana de casa do *Mosila*, com a boa noticia de haver já retirado das terras de *Cossa* a guerra do *Mahuéoé*.

O Mosila recommendava-me de me acautelar ao passar por *Palaure*; pois sabia que o barbaro irmão havia destacado para differentes povoações d'este paiz, por onde eu tinha de passar necessariamente, tres bandos com ordem de me assassinar. Tambem dizia que me desviasse da *Moamba*, tomando o caminho da serra do *Messuate*.

Resolvi partir apenas os pretos regressassem da guerra. Entretanto comprei assucar, café e biscoitos,

e alguns generos cafriaes para comprar mantimento nas povoações que ficavam em caminho.

Os hollandezes regressaram da guerra passados oito dias, trazendo muitos bois, carneiros e cabras, colhidos na peleja, bem como cerca de quatrocentas creanças de ambos os sexos.

Os meus pretos depois de regressarem da guerra não tinham já tanto medo da alma do outro mundo, todavia continuaram a dormir no meu quarto. Quando me deitava prevenia sempre o Manóva de me acordar, se porventura sentisse alguem em casa ou mesmo no quintal.

## UM PHANTASMA FAZ FUGIR OUTRO PHANTASMA

Na antevespera da minha partida para Lourenço Marques fui acordado pelo Manóva por volta das tres horas da madrugada.

Havia-me passado a idéa de agarrar o individuo que se disfarçava em phantasma, por que na realisação da sua captura podia succeder algum acontecimento desagradavel; por este motivo resolvi mettel-o a ridiculo, se porventura voltasse. Para conseguir este fim, deixava sempre preparado, ao deitar-me, um prato com estopa, um pequeno frasco com alcool, e uns dentes de cebôla.

Apenas acordei, perguntei que novidade havia: o Manóva respondeu-me muito devagar, que applicasse eu a attenção para o quintal. Um momento depois, ouvi distinctamente na direcção indicada um melancolico—ai!... que se repetia em breves intervallos.

Levantei-me immediatamente. Amarrei um lenço branco na cabeça, embrulhei-me n'um lençol, puz na boca os dentes de cebôla, e tomei depois o prato, no qual vasei o alcool. Feito isto aproximei-me da porta do quintal, tendo conseguido que o Manóva me acompanhasse, afim de o convencer que a alma do outro mundo era fingida. Chegado á porta espreitei para fóra, deparando logo com um vulto que estava em cima de um monte de cal, embrulhado n'um lençol, e de chapéo na cabeça coberto com um panno branco. Accendi então um phosphoro e lancei fogo ao alcool. O Manóva, quando viu a horrenda figura que eu apresentava, se não fôra encostar-se á parede, teria caido com sústo. Appareci immediatamente á porta, levantando com uma das mãos a estopa incendiada, que produzia chammas muito pallidas.

A alma do outro mundo apenas encarou comigo, atirou ao chão todos os arreios do seu disfarce, e poz-se em tão desordenada fuga, que caiu n'uma valla que separava o quintal de outra propriedade: trepou como pôde e fugiu sem olhar mais para traz. No momento do tratante fugír, tirei os dentes de cebôla e chamei o Manóva para o ver correr. Este, conhecendo então que a alma do outro mundo era fingida, fartou-se de rir muito tempo.

Os despojos abandonados constavam de um lençol novo de algodão intrançado, uma toalha da mesma fazenda e um chapéo de copa alta. Brindei o *Iequá* com todos estes objectos, por ter sido a elle que a alma do outro mundo apertou as guellas

Quando tornámos ao quarto, o Manóva acordou os

pretos, a fim de contar-lhes a novidade, que foi objecto de constante risota até pela manhã. Passei o resto da noite deitado na cama a ouvir os chistosos commentarios, que os pretos faziam a respeito da situação ridicula, em que caira o patife que se disfarçava em phantasma.

Levantei-me apenas amanheceu, indo em seguida tomar café a casa do sr. Simões, que costumava levantar-se muito cêdo. Quando elle ouviu a narração do divertimento teve um grande ataque de riso, pela circunstancia de desconfiar, que o individuo, que se disfarçava em alma do outro mundo, era um negociante hollandez europeu estabelecido em Zoutpansberg. Bem fundadas eram as suspeitas do sr. Simões, pois passados tres mezes, o tal sujeito comprou a casa em leilão pela terça parte do seu valor, por não haver ninguem que a quizesse por dinheiro nenhum, em consequencia de apparecer n'ella almas do outro mundo. Disfarçava-se em phantasma a fim de metter medo aos pretendentes da casa, e ninguem lançar n'ella por occasião de ser arrematada.

Esta ruim lembrança produziu o effeito que o tratante desejava, não obstante o grande susto que lhe preguei, e o perigo que correu de ser atravessado pela azagaia do *Iequá*.

# LIVRO SEGUNDO

## REGRESSO A LOURENÇO MARQUES

Na madrugada do dia 9 de junho de 1861 partia eu de Zoutpansberg de regresso a Lourenço Marques. Ao sair da villa os pretos começaram a entoar os seus cantos, nos quaes se expandia agora a alegria e logo a saudade. Havia alguma cousa de sublime nos cantos d'aquelles selvagens que imporia profundo respeito ao homem civilisado, que entendesse a lingua que elles fallavam. A saudade, que pouco antes abafavam no peito, corria-lhes agora aos labios, d'onde se desprendia em phrases sentidas que enviavam á immensidade do espaço! e, como se vissem ali o Ente infinito, imploravam-lhe humildemente, que as transmittisse ao pae, á mãe, á esposa e aos filhinhos! A esperança de verem em breve os entes que lhes eram queridos acariciava-lhes os corações. Iam contentes e alegres, não obstante conhecerem os muitos perigos que tinham de atravessar.

Chegámos ás quatro horas á praça do sr. Albazini,

aonde encontrei o correio de Lourenço Marques, que já ali estava ha dois mezes, em consequencia de não ter podido partir por causa das guerras do *Mahuéoé*. Era europeu, cabo da companhia militar de Lourenço Marques, e chamava-se José. Era alto, bem feito e bem parecido, contando trinta annos. Apenas entrei na praça veiu logo pedir-me para partir na minha companhia. Com a melhor vontade annuí ao seu pedido, pois estimava muito levar um companheiro branco.

No dia seguinte partimos muito cêdo da praça do sr. Albazini, para outra perto, onde morava o sr. Antonio de Paiva Rapozo. Almocei e jantei com este cavalheiro, dormindo na sua casa, a fim de esperar que elle acabasse a correspondencia para seu irmão o sr. Ignacio José de Paiva Rapozo, que estava em Lourenço Marques.

Parti d'esta praça ás nove horas da manhã do dia 11, e fui pernoitar na povoação do regulo *Macia*. Comprei milho quanto os pretos poderam carregar, pois d'ali em diante era necessario andar pelo mato, a fim de nos afastarmos das terras da *Mojájú* e *Cheluana*.

A minha comitiva compunha-se agora dos caçadores Manóva, Maxotil e Macindana, com tres carregadores d'elles, quatro da minha bagagem e dois creados; o cabo José e quatro pretos que o acompanhavam, dois dos quaes eram caçadores improvisados.

O caçador Mabana não pôde acompanhar-me; em razão de um cunhado, que aprendia com elle a caçar, ter adoecido repentinamente e não poder marchar. Ficaram na praça do sr. Rapozo.

No dia 12 partimos do *Macia* ás seis e meia da

manhã. Andámos ainda pelo caminho até á povoação do *Mangorro*, aonde chegámos ás onze horas e meia. Descançámos proximo d'esta povoação até passar a maior força do calor, continuando a marcha á uma hora e meia da tarde. Tomámos então o caminho do mato, principiando logo a descrever meio circulo, para nos afastarmos da gente do *Cheluana* e da *Mojájú*. Andámos sem interrupção, mais de quatro leguas para alcançar uma vertente do rio *Litave*, o pequeno, aonde pernoitamos.

Fizeram-se barracas de ramos de arvores, e cozinhou-se milho em panellas, que se havia comprado na povoação do *Macia*, e que os caçadores se encarregavam de levar dependuradas nos cannos das armas. Estas panellas fizeram muito bom arranjo aos pretos na viagem.

Como tinha agora um companheiro branco, entretinha as noites a conversar com elle até se deitar, o que fazia sempre primeiro que eu. Depois ainda ia *cavaquear* com os caçadores.

No dia 13 partimos ás seis e meia. Só tomámos o primeiro descanço ás nove e meia. Continuámos a marcha ás dez horas, e ás onze e meia descançámos n'um logar muito arborisado, onde corria agua crystallina. Partimos d'alli á uma hora e meia, e chegámos ás cinco e meia a um sitio onde havia muitas palmeirás bravas; resolvemos pernoitar aqui, em razão de haver boa agua.

Os caçadores com alguns carregadores trataram de fazer barracas com ramos de palmeiras, e outros fôram procurar lenha a um arvoredo que havia perto.

## ENCONTRO COM PRETOS DO «CHELUANA»

Pouco depois do sol posto appareceu um preto já edoso, acompanhado de um rapaz, que se sentaram ao pé do Manóva, com quem estiveram conversando. Após seis minutos levantou-se este ultimo, e approximou-se de mim dizendo—Senhor, este *melungo* que vem comsigo não é bom.

—Porque motivo?

—Elle e a gente que o acompanha agarraram dois filhos a este homem, sendo uma menina e um pequeno; e o tal *melungo* tenciona leval-os para Lourenço Marques escondidamente do senhor.

Este preto pertencia ao regulo *Cheluana*, e estava ali escondido com a sua familia e mais tres outras.

Tão indignado fiquei com o infame procedimento do cabo, que tive vontade de o abandonar, contive-me, porém, lembrando-me do perigo que podia resultar a elle mesmo, se porventura se separasse de mim. Mandei immediatamente o meu creado Martinho chamal-o. Estava afastado do meu acampamento já com o ruim proposito de levar escondidamente de mim as duas creanças, que, naturalmente, havia calculado vender por cinco ou seis libras cada uma. Esta idéa fazia ainda mais subir de ponto a minha indignação.

Passado um instante chegou elle. A complicidade desenhava-se-lhe no rosto.—Ó José, disse-lhe eu, fazendo esforço para moderar a minha indignação; este preto veiu aqui queixar-se de que tu lhe agarráras dois filhos. É realmente repugnante o acto que pra-

ticaste. Dominára-te talvez a idéa de ires a troco de meia duzia de libras escravisares os innocentes, que são tão livres como tu! Um tal procedimento é mais que repugnante é um crime infame! Devias comprehender que nós passamos aqui fugidos d'estes mesmos pretos; pois que sahímos de uma terra, cujos habitantes lhes tinham feito a guerra. O acaso determinou que nos encontrassemos com os mesmos pretos, de que nos temos desviado. Felizmente estão em menor numero que nós; porém tu abusando da superioridade do numero arrebataste-lhes os caros filhinhos, que são o seu unico thesouro, com o infame projecto de os venderes! Insensato! não chegarias a levar ao cabo tão monstruoso crime, ainda mesmo que eu não estivesse comtigo; por que estes pretos, que agora vês em menor numero que nós, não tardariam em ir procurar outros, e em breve voltariam aqui matar-te como se fôras um tigre! Vae, vae depressa buscar as creanças para as entregar a seu pae.

O cabo ficou completamente corrido com a admoestação que lhe fiz. Retirou-se sem pronunciar uma unica palavra, mandando depois as creanças por um dos pretos d'elle.

Entreguei os filhos ao pae pedindo-lhe desculpa do indigno procedimento do cabo, asseverando-lhe que até ao momento d'elle vir reclamal-os, ignorava completamente similhante acontecimento, aliás não podia consentir um instante no vexame que o cabo lhe fizera. Dadas estas explicações, brindei o preto com uma *capelana* de chella, e a pretinha com dez fios de missanga. Elle agradeceu-me muito, declarando que

ficava satisfeito com o meu procedimento. Retirou-se então seguido dos dois filhinhos e' do rapaz, que tambem era filho d'elle.

Passado um quarto de hora voltou o mesmo preto, trazendo-me de presente uma perna de gazella, que havia morto á flecha n'aquelle mesmo dia — Melungo, disse elle, trago-lhe esta carne em signal do meu reconhecimento. N'outra parte, pouco ou nada podia valer, mas aqui no mato, tão distante das povoações vale muito. Como observei que o *melungo* tem bom coração, voltei aqui para o avisar, de que ámanhã, quando partir, é necessario abandonar o mato e entrar no caminho. Não tenha nenhum receio de se encontrar com a nossa gente, que nenhum mal lhe fará. O nosso regulo já mandou uma embaixada aos hollandezes *pegar pé* (pedir obediencia) para voltarmos ás nossas povoações. Digo-lhe que é necessario entrar no caminho, por que só por elle poderá atravessar a váo o grande rio *Litave*. Devo porém prevenil-o, que na primeira povoação de *Palaúre*, além do río quatro horas de caminho, está um bando de *vatuas* do *Mahuéoé* — Agradeci-lhe o aviso, bem como a informação a respeito dos *vatuas*, brindando-o com mais uma *capelana* de algodão.

Depois d'elle partir cortei dois pedaços de carne, um para mim e outro para o cabo, entregando o resto ao Manóva que repartiu com os caçadores. O meu jantar e ceia constaram de um pedaço de carne assada nas brazas e de um pouco de milho cosido.

Depois de jantar fui para o grupo dos caçadores, a fim de combinar com elles o itinerario do dia se-

guinte. Estavam indignados contra o procedimento do cabo, e muito mais por elle ainda em cima fallar mal de mim. Dissera elle ao Macindana, que eu era um fracalhão — que entreguei as creanças unicamente por cobardia — e que, finalmente, já estava arrependido de ter vindo na minha companhia.

Creio que elle se arrependeu, no mesmo instante, do que dissera de mim, em presença da resposta que o caçador lhe deu, que foi a seguinte — Nós é que estamos muito descontentes do nosso melungo trazer em sua companhia um ladrão de gente. Se o senhor tivesse vindo só com os seus pretos matal-o-iam como a um cão. — Depois virou-lhe as costas e retirou-se.

Tanto o Manóva como os outros instaram comigo para abandonar o cabo; porém eu observei-lhes, que se devia usar de indulgencia com as pessoas ignorantes. Fiz-lhes comprehender que os brancos, que não tem illustração nenhuma, são tanto ou mais selvagens que o gentio do interior d'Africa. Não quero por modo nenhum, acrescentei eu, que continueis a mostrar máos modos ao cabo. Desculpae-lhe assim como eu lhe desculpo os seus despropositos e a acção má que fez. Affianço-vos que elle não tornará a praticar outra egual em nossa companhia. Tambem eu estou arrependido de ter consentido em elle vir comigo, mas abandonal-o agora n'este logar deserto, seria um acto tão condemnavel, como o que elle praticou.

Os caçadores não fallaram mais no cabo. Perguntei então ao Manóva, se seria conveniente tomar o conselho que o preto nos deu de entrarmos no dia seguinte no caminho, a fim de atravessarmos o *Litave*. O Ma-

nóva respondeu, que era indispensavel acceitar o conselho, por que, effectivamente, só com grande difficuldade se podia encontrar outra passagem; e que a respeito de qualquer encontro com os pretos do *Cheluana* nenhum perigo havia já, em virtude do régulo ter mandado *pegar pé* aos hollandezes.

Deitei-me ás onze horas e acordei ás cinco e meia, tendo atravessado a noite de um somno. Levantei-me e mandei pôr agua ao fogo para fazer o café, e entretanto limpei os canos da minha espingarda, passando-lhe a competente revista aos tubos e aos fulminantes; todos os dias fazia este serviço apenas me levantava; os caçadores procediam de egual modo com as suas, que traziam sempre perfeitamente limpas.

Finda a limpeza, mandei chamar o cabo para tomar café. Vinha ainda um pouco amuado, mas depois que tomou café com biscoitos tornou-se mais prazenteiro.

## ENCONTRO COM OS VATUAS DO MAHUÊOÊ

Partimos ás seis horas e meia (dia 14) na direcção do caminho, andando cerca de quatro leguas pelo mato. Entrámos n'elle ás nove e meia. Descançámos tres quartos de hora marchando então sobre o rio. O Manóva ia na frente de todos; atraz d'elle ia eu e o meu criado Martinho, que em marcha não se separava de mim, em razão de trazer uma arma de grande calibre, carregada de balinhas, com a qual eu podia fazer uso, no caso de algum encontro imprevisto com pretos inimigos. Atraz de mim os caçadores Macindana

e Maxotil; em seguida a estes o cabo com os seus pretos, e na rectaguarda de todos os carregadores.

Por volta das onze e meia, o Manóva parou repentinamente, armando o cão á espingarda e gritando para a frente — Quem sois? — No mesmo instante levantou-se do mato do lado direito do caminho, a distancia do Manóva cerca de cem metros, um bando de pretos armados de rodella e azagaia: seriam setenta pouco mais ou menos. Conheci logo, pelos *majavos*, que eram *vatuas* do *Mahuéoé*. Á pergunta do Manóva responderam do bando umas poucas de vozes — Impi! — (guerra!)

Corri immediatamente a reunir-me ao *Manóva*. Apontei a minha arma para o bando, o que o *Manóva*, fez tambem, e bradei-lhes — Se daes um unico passo mais disparo sobre vós, e o vosso chefe é o primeiro a perder a vida — Intimei-os ainda para se sentarem no chão.

A este tempo já o Macindana e o Machotil estavam ao meu lado com as armas apontadas para o bando, e com grande surpresa deparei com o rapaz *Iequá* ao lado do Manóva com uma espingarda, objecto que elle não possuia, tambem apontada para o inimigo.

A attitude ameaçadora que eu e os caçadores tomámos para com os *vatuas*, fez com que o panico se apoderasse d'elles inteiramente, e sentaram-se no chão. Em seguida disse-lhes que viesse o chefe só á minha presença. Saiu logo um d'entre elles, avançando para nós a passos lentos.

N'este momento olhei para traz, a fim de observar se os carregadores estavam presentes; porém não vi

nem estes nem tão pouco os caçadores do cabo; todos haviam fugido largando aquelles as cargas e estes as armas. Foi d'estas que o *Itquá* lançou mão de uma, correndo com ella para junto do Manóva. O cabo estava trinta passos á nossa rectaguarda, com a coronha da espingarda no chão e o cano encostado ao braço, ao desdem; tinha a cabeça pendente para o solo, e no seu rosto havia a pallidez de um defunto.

O chefe do bando sentou-se na minha frente, dizendo — *Sábóna Maambatabil* — (bons dias Maambatabil).

Perguntei-lhe de d'onde vinha e para onde ia.

Respondeu-me que o *Mahuéoé*, sabendo da guerra que os hollandezes haviam feito á *Mojájú* e *Cheluana*, o mandára procurar estes dois régulos, para lhes offerecer as suas terras, no caso d'elles quererem para lá emigrar.

—Isso é uma simples invenção tua, disse-lhe eu. É possivel que o *Mahuéoé* tenha já conhecimento da guerra que os hollandezes fizeram a esses dois régulos, porém não acredito que tu tivesses tempo de chegar aqui mandado por elle para o fim que dizes, ainda mesmo que tivesses andado noite e dia. É escusado occultares a verdade, por que eu já sei tudo. Tu foste enviado pelo teu perverso rei para *Palaure*, com ordem de explorares o caminho, a fim de me surprehenderes e assassinar-me. Sei ainda, que para os lados do *Imbelúle* estão mais dois bandos expedidos para o mesmo fim que tu foste enviado. Pois bem, vae dizer ao *Mahuéoé*, que surprehendeste o Maambatabil no caminho, mas que não tiveste coragem de o accom-

metteres, em virtude da attitude hostil que elle tomou contra ti e os teus. Diz-lhe mais que era facil matares-me a mim e aos meus, porque somos poucos, mas que seria preciso morrer primeiro metade dos teus e tu mesmo provavelmente. Olha, cada uma d'estas armas, se chegasse a disparar-se contra os teus, havia de abater cinco ou seis de vós, pois estão carregadas com mais de vinte balas cada uma.

—*Á manga miungo* (isso que o senhor diz não é verdade). O *Mahuéoé* é o seu amigo grande; não podia, nem sequer pensar, fazer-lhe mal. Affianço-lhe que passo aqui só com o fim de ir fallar á *Mojájú* e ao *Cheluana.*

Seja como fôr, lhe disse eu afinal; podes retirar-te e partir com os teus, mas fóra do caminho e longe. Previno-te, que se marchares direito a nós faço-te fogo.

O *vatua* levantou-se e despediu-se de nós. Apenas elle entrou no bando, todos se ergueram e partiram immediatamente, descrevendo meio circulo, a fim de se afastarem de nós.

Conservámos a mesma posição até os perdermos de vista. A este tempo já o cabo se havia approximado, ficando um pouco afastado de mim, envergonhado do ataque de cobardia de que fora accommettido. Quando perdemos os *vatuas* de vista, appareceram então os carregadores e caçadores do cabo. Como era indispensavel partir immediatamente, bradei-lhes, um pouco encolerisado, que viessem depressa. O cabo quando me ouviu estas palavras correu sobre os pretos d'elle, e fez-lhe um tiro.

Foi tal a indignação que o brutal procedimento do cabo

me provocou, que cheguei um instante a ser dominado pelo pensamento de o castigar corporalmente. Corri sobre elle com este proposito: felizmente contive-me e só lhe disse isto quando cheguei ao pé d'elle—Ó José, já com esta são duas acções infames que praticas em minha companhia. Á terceira obrigar-me-has a sair da prudencia que tenho tido comtigo, e o resultado então pode fazer-te passar por um grande vexame. Em toda a parte é indispensavel a ordem, principalmente aqui; e para a manutenção d'ella é necessario um chefe que a faça respeitar. Pois bem, de hoje em diante fica sabendo, o que já devêras ter comprehendido, que eu sou o chefe de todos quantos aqui estão; por consequencia é preciso que todos me obedeçam e me respeitem, e não pratiquem nenhum acto indigno: do contrario, tenho energia bastante para cohibir qualquer insubordinação, seja tua ou dos pretos. Se te conformas a esta lei, podes continuar a viagem na minha companhia; se porém não estás satisfeito com ella, então separa-te immediatamente de mim.

O cabo esteve alguns instantes sem saber o que havia de responder-me. Desculpou-se afinal, que commettêra aquelle excesso, indignado do procedimento dos pretos d'elle largarem as armas e fugirem; mas que disparára a arma sem tenção de ferir nenhum.

— José, tornei-lhe eu, ninguem tem poder de dominar os impulsos imperativos do seu proprio coração. O terror apoderára-se de repente dos teus pretos e dos meus carregadores. O coração, que é o centro onde rezidem a energia e a vontade, e d'onde

partem todas as resoluções, impressionou-se pelo terror e impelliu-os a fugir: não ha nada mais natural. Podia ainda o terror produzir um effeito mais deploravel, annullando-lhes a energia e a vontade, e ficarem, por consequencia, sem acção nem para fugir nem para se defender... Ora pois este incidente acabou. Espero que d'hoje em diante te portarás como homem de bem.

Partimos logo que os carregadores e caçadores do cabo se reuniram a nós. Andámos seguidamente mais de quatro horas pelo mato em direcção opposta ao caminho, com a frente virada para o Oeste. Descançámos ás quatro horas e meia, continuando a marcha ás cinco, já com a frente para o rio.

Ás seis fizemos alto nas abas de uma grande montanha, onde havia boa agua. Bivacámos em barracas, que se fizeram de ramos de arvores e de palha que havia junto da agua. N'esta noite cozinhou-se o resto do milho.

Depois de tomar café com o cabo, fui sentar-me no grupo dos caçadores. O Macindana estava fallando a respeito do cabo, dizia para o Manóva — este *melungo ómáge* (soldado branco) não é gente; hontem, quando roubou as duas creanças, arrotava de grande valentão; hoje, que nos encontrámos com o inimigo, mostrou-se mais fraco que uma rapariga.

O Manóva ria do que o Macindana dizia, mas este não podia admittir que elle risse.

— Vossê Manóva, continuou o Macindana, ri, mas isto não é objecto para rir. Se elle se mostrasse só fraco, pouco ou nada importava. Mas mostrou ainda

que era um cobarde mal intencionado dando um tiro na sua gente.

— Tu pareces creança, respondeu-lhe o Manóva, continuando a rir. Pois não comprehendeste, que elle deu o tiro com o fim, unicamente, de disfarçar a sua cobardia? Elle estava persuadido que nós não reparámos para o seu estado de prostração e de terror.

O modo porque o Manóva apreciou o procedimento do cabo com respeito ao tiro, provocóu-me uma forte gargalhada, que o Macindana não poude deixar de acompanhar tambem. O Maxotil era da opinião do Manóva. Afinal o Macindana conveio com ambos, e todos riam do episodio do cabo.

Como o milho estava acabado, combinei com elles de se fazer a caça no dia seguinte, depois de chegarmos ao *Litave*.

Deitei-me esta noite mais cêdo que o costume, por estar muito fatigado da grande marcha. Levantei-me um pouco tarde; passava das seis e meia da manhã. Os pretos já estavam todos a pé, promptos a marchar. Partimos ás sete horas, e chegámos ás onze e meia ao *Litave*, passando ali a maior força do calôr.

Após meia hora de descanço, o Macindana e um carregador foram pela margem acima afim de procurar algum logar mais baixo, por onde se podesse atravessar o rio a váo. Voltaram passados tres quartos de hora, sem que tivessem descoberto nenhuma passagem. Resolvemos seguir pela margem do rio acima até encontrar algum ponto accessivel. Continuámos a marcha á uma e meia, andando até ás quatro e meia, sem encontrarmos nenhum indicio de se poder effectuar a

passagem. Em toda a parte a agua era escura o que demonstrava haver muito fundo. Como n'esta occasião observámos numerosas pégadas de animaes diversos, que iam ao rio beber agua, parámos para se fazer a caça. Partiram para este fim o Manóva e o Maxotil, ficando o Macindana para dirigir os carregadores na construcção de palhotas.

## UM CAVALLO-MARINHO MANHOSO

Quando os pretos já estavam a armar as barracas fez-se ouvir, do lado de cima do rio, o rincho estridente de um hippopotamo. Tomei logo a minha arma, e fui com o Macindana comprimentar este principe de agua doce. Encontramol-o a distancia de cerca de quatrocentos metros do acampamento. Não esperava encontrar ali o cavallo-marinho, em razão de haver, n'aquella parte da rio, muitos penedos, por onde a agua se precipitava de uns aos outros, fazendo grande estrepito. Estava em uma bacia formada por dois enormes penedos, que se elevavam a grande altura da superficie da agua, similhando-se a dois castellos inexpugnaveis. Via-se-lhe uma pequena parte da cabeça, que parecia exactamente a de um cavallo. Preparei-me para lhe atirar, porém o manhoso hippopotamo não me deu tempo de fazer-lhe boa pontaria: mergulhou logo.

De quando em quando deitava a cabeça de fóra, porém recolhia-a em acto seguido. Atirei-lhe assim mesmo tres vezes, sem nunca lhe acertar, por causa

da pontaria ser feita com precipitação. Como haviam chegado dois carregadores, chamei-os para junto de mim, recommendando a elles e ao Macindana de se levantarem apenas o cavallo-marinho surdisse, e retirarem d'ali, como quem se ausentava de todo. Entretanto fui esconder-me atraz de um penedo, que ficava a vinte cinco passos da borda d'agua.

Quando o manhoso animal deitou outra vez a cabeça de fóra, e que viu os pretos levantarem-se, afundou-se immediatamente, surdindo um instante depois. Como d'esta vez não viu ninguem deitou a enorme cabeça de fóra, virando-se até encontrar a vista com os pretos, que iam marchando já longe, nos quaes fixou toda a sua attenção. Aproveitando-me da excellente posição em que elle se achava, fiz-lhe pontaria atraz da orelha, e disparei. O animal afundou-se muito devagar, signal evidente de que estava ferido mortalmente.

O Macindana, ao ouvir o tiro, voltou logo a perguntar-me se eu tinha acertado.

—Matei o cavallo marinho com toda a certeza, respondi-lhe eu—O caçador ficou muito contente, observando-me que seria melhor mudar o bivaque para ali, a fim de se vigiar o animal quando viesse á tona de agua.

Concordei com a lembrança do caçador, mandando-o ao acampamento chamar o cabo e dizer aos carregadores que trouxessem a bagagem. Como era já noite partiu a correr com os dois pretos que ali estavam, voltando todos passados vinte minutos.

O Manóva e o Maxotil haviam recolhido da caça,

tendo este ultimo morto uma cabra. Foi bom ser um animal do sexo feminino, por que se fosse macho, os caçadores não podiam comer a carne, nem tão pouco a do cavallo marinho que era macho tambem, em virtude do *gagão* lhes ter prohibido de comerem carne de animal macho sem primeiro provarem da de femea. Era deploravel se os animaes fossem ambos machos: elles não podiam por modo nenhum ir de encontro ás determinações do *gagão*, embora estivessem com fome de tres dias.

Não se fizeram barracas; bivacámos debaixo de arvores. Depois de accenderem as fogueiras passei a fazer a distribuição da carne da cabra, pelo modo seguinte—uma das pernas para mim, uma mão para o cabo, a outra perna e as tripas para os caçadores, as costellas para os pretos do cabo, e o resto para os carregadores.

Quando acabaram de comer a carne, o Macindana foi ao rio observar se via o cavallo marinho. Não obstante estar clara, não era possivel distinguil-o, por causa da sombra, que os dois penedos faziam na agua.

Estive segundo o costume a conversar com os caçadores, deitando-me ás onze e meia. Por esta occasião, o Macindana foi ao rio passar revista, e um momento depois gritou de lá—*Infugo ácóne!*—(cá está o cavallo marinho). Todos se levantaram, e foram ao rio ver o animal, o que eu fiz tambem.

Estava á borda d'agua, distante da terra, cêrca de quatro metros: via-se só um lado da barriga. Fôra o vento que o impelliu para ali. A corrente do rio

apesar de muito violenta, proximo de terra, não podia leval-o, por que estava encalhado nas pedras.

Os pretos tiveram vontade de o puxar logo para terra, mas detiveram-se, com receio dos crocodilos lhe apalparem as pernas. Não obstante não poder haver n'aquelle sitio d'estes animaes, elles por prudencia resolveram guardar este serviço para de manhã. Era quasi meia noite quando fui deitar-me.

Acordei ás cinco horas e meia da manhã; os pretos já estavam tratando de puxar o cavallo-marinho para terra. Apesar dos grandes esforços que empregaram, apenas conseguiram pôr fóra d'agua um terço do corpo. Cortaram uma perna que trouxeram aos pedaços para terra; depois separaram uma mão que abandonaram; em seguida cortaram a cabeça do animal com machadinhas, que são armas indispensaveis aos caçadores para extrahirem as pontas de marfim aos elephantes que matam. Poderam então puxar mais para terra o resto do corpo. Tiraram toda a carne do lombo da parte de cima, o coração, metade do figado, o bucho e as tripas mais grossas, abandonando todo o resto da carne. O contentamento era geral.

Os caçadores cortaram o bucho em pedaços que cozeram nas panellas; entretanto os carregadores assavam as tripas e alguma carne. Tambem mandei assar para mim um pedaço de lombo, que me soube muitissimo bem, tomando no fim café com o cabo. Os pretos pouca carne comeram; gostaram mais das tripas.

Partimos ás nove da manhã (dia 16) e tomámos o primeiro descanço ás onze e meia. Continuámos a

marcha á uma hora da tarde andando até ás tres e meia, sem se encontrar em parte alguma do rio indicio de o podermos atravessar a váo. A inquietação começou a agitar-nos, pois já estavamos longe do caminho cêrca de doze leguas.

A distancia de um quarto de legua, para a nossa frente não se via no rio senão penedos. O barulho que a agua fazia na sua precipitação de uns aos outros era medonho. A vinte passos não se entendiam as palavras de quem fallava. Era possivel atravessar o rio por ali, mas com immenso perigo. Se escorregasse um pé a morte era infallivel, por que seria logo envolvido pelas ondas que a agua formava ao precipitar-se dos penedos.

Quando ali chegámos, observou-se a distancia de um quarto de legua uma porção de praia de areia. Calculando que seria facil encontrar passagem n'aquelle sitio apressámos os passos. Effectivamente o fundo era geralmente baixo. Pareceu-nos porém, que adiante de um pouco de caniçal havia ainda menos fundo: fomos explorar.

## UM BUFALO A ENSINAR A PASSAGEM DE UM RIO

Quando chegámos quasi defronte do caniçal, saiu de dentro um bufalo, que se safou pela margem acima, indo atravessar o rio, para o outro lado, por entre penedos, que ficavam distantes do caniçal cêrca de quatrocentos metros.

Era com effeito muito baixo o rio n'aquelle sitio, e o fundo era de areia; infelizmente observámos dentro

em pouco, que tinha o grande inconveniente de ser habitado por uma infinidade de crocodilos de um tamanho enorme. Desistimos logo de o atravessar por ali. Fiquei realmente desgostoso por vêr que n'aquelle dia era já impossivel atravessar o rio; porém o Manóva reparando na minha inquietação, disse para mim — *Melungo*, não se amofine: hoje mesmo havemos de dormir do outro lado.

— Por onde se ha de passar? perguntei-lhe eu. Por este sitio é impossivel por causa dos crocodilos.

— *Melungo*, o bufalo, que d'aqui saiu, mostrou-nos o caminho por onde devemos passar. Os animaes selvagens são os verdadeiros conhecedores das differentes passagens dos rios. Veja lá, como este, vendo-se entre dois inimigos, nós e os crocodilos, ambos bons apreciadores da carne d'elle, soube avaliar qual era o mais perigoso. Para se salvar, tinha de passar por um dos dois. Pelo rio seria necessariamente agarrado pelos crocodilos, por isso preferiu investir comnosco, e fugir pela margem acima, passando para o outro lado por entre penedos, onde elle sabia muito bem que não havia perigo nenhum; isto é, onde não ha crocodilos. No acto d'elle atravessar o rio, observei que a agua chegava-lhe apenas á barriga.

Não hesitámos um momento, partimos logo para o sitio onde o bufalo havia effectuado a passagem. O caçador Maxotil foi o primeiro a explorar o rio; passou para o outro lado, e tornou a voltar, chegando-lhe a agua, no logar mais fundo, um pouco acima das coxas. Descalcei os sapatos, calças, ceroulas e meias, e atravessei-o assim: em muitas partes não era ne-

cessario metter os pés n'agua, passava-se por cima dos penedos, por entre os quaes ella corria; e só no centro, onde havia dois espaços largos, era necessario molhal-os, chegando a agua ao meio das coxas; porém a cada passo era preciso firmar bem os pés no fundo por causa da corrente impetuosa, que nos fazia vacillar. Eram seis horas da tarde, quando realisámos a passagem. O contentamento foi geral, ao ver-nos todos do outro lado.

Tratou-se immediatamente de fazer barracas de caniço que havia á borda do rio. Concluido este trabalho accenderam-se fogueiras, e os pretos encheram as suas panellas de carne que pozeram ao fogo a cozer; entretanto comiam o seu pedaço assado nas brazas. N'este ultimo serviço acompanhei-os de muito boa vontade.

No dia seguinte (17) partimos ás seis horas da manhã. Tomámos logo o rumo de L. sueste que era o caminho para Lourenço Marques. O Manóva dirigia a derrota.

## UM LEÃO COM FOME

No principio da marcha, um preto do cabo inculcou-se piloto muito entendido do mato; e effectivamente havia feito algumas viagens áquelle paiz, em companhia de compradores de marfim. O Manóva condescendeu em lhe entregar a direcção da derrota da viagem, não deixando todavia de lhe dizer, quando lhe parecia conveniente, que *orçasse* ou *arribasse*. Passou por consequencia para a frente de todos o novo

piloto. Ia muito satisfeito cantando coplas allusivas ás viagens pelo mato, nas quaes se gabava de ser profundo conhecedor de todos os caminhos. De repente ouviu-se um rugido muito distante do leão; o preto então improvisou versos ao rei das selvas: ora o chamava, como se o animal ouvisse e entendesse, para o presentear com a carne do cavallo-marinho, ora o provocava a apparecer-lhe para lutar com elle. Como era natural, todos riam muito do que o preto dizia: não cessava de cantar, dirigindo ao leão agora affagos e logo impropérios. Assim foi mais de um quarto de hora; mas então fez-se ouvir de perto outro rugido, que foi estrondoso d'esta vez. O novo piloto calou-se em acto seguido, diminuindo consideravelmente a velocidade com que marchava. O Machotil, que ia atraz do Manóva, disse para elle — Ó *Tindavine* (nome do piloto) por que paraste de cantar e encurtaste os passos? Diacho! parece que o rugido do leão faz-te assustar!?

O piloto não respondeu nada, continuou a andar; mas d'ali a um instante, o leão rugiu terceira vez, não tão forte como da segunda; porém conhecia-se perfeitamente que era de muito perto, por ser um rugido reconcentrado. Foi isto motivo para o piloto pousar a carga e sentar-se. O Manóva que ia atraz d'elle, perguntou-lhe a razão por que parava.

O preto respondeu-lhe que estava fechado o caminho.

— Quem o fechou? disse o Manóva.

— O leão que está perto de nós; exclamou o piloto.

Todos reparámos para a frente, para a esquerda e para a direita, porém não vimos o leão. O preto desde

aquelle momento desistiu da direcção da derrota, voltando para a rectaguarda a juntar-se com os carregadores. Tornou por tanto o Manóva a encarregar-se d'este serviço.

Quando chegámos ao cimo de um outeiro que ficava em frente do logar, onde o preto parou, encontrámos logo a vista com o rei dos animaes. Estava n'uma esplanada, cêrca de quatrocentos metros distante de nós, sentado sobre as ancas de cabeça levantada, e virado para o sitio em que estavamos. O Manóva com a sua prudencia, queria que nos desviassemos d'elle; porém eu, que tinha immenso desejo de ver este animal no seu perfeito estado de selvagem, resolvi approximar-me.

O Manóva fez-me varias reflexões todas sensatas para me desviar d'este proposito. Entre as muitas razões que elle apresentou, a principal era — que a caça d'este animal tem sómente muito perigo e nenhum ganho, e que a carne d'elle nem para comer é boa. — A caça do elephante, ajuntava o Manóva, ainda é mais perigosa, que a do leão; todavia nós expomo-nos com vontade ao perigo, por que encontramos dinheiro n'elle.

Quando o leão se approxima das nossas povoações, então não temos remedio senão fazer-lhe a guerra, a fim de defender os nossos bois que o ladrão intenta roubar-nos; mas aqui no mato é inutil expôr-nos ao perigo, por que nenhum damno nos póde causar.

— Tens razão em tudo que dizes, disse-lhe eu, porém tenho immenso desejo de vêr o leão bem de perto. Sei perfeitamente que nos expomos a grande perigo, approximando-nos d'este terrivel animal; mas eu tenho bastante confiança no coração, na minha e nas

vossas armas. Comprehendo que é necessaria muita coragem para chegar perto d'elle, e sobretudo muita prudencia em lhe atirar; porém, sem se possuir a primeira qualidade não se consegue a segunda; e eu sinto-me com animo de o encarar de perto. Demais; sei que é preciso abatel-o de um só tiro, por que ainda que o atravessassemos com quatro balas, sé elle não caisse logo, seriamos despedaçados em um instante. É necessario por consequencia atirar-lhe á cabeça que é o logar onde a bala lhe produz a morte instantaneamente. A cabeça do leão é enorme, não é facil erral-a quando a pontaria seja feita com prudencia.

Os caçadores em presença do meu desejo, resolveram approximar-se do animal.

Quando andámos cêrca de cem metros, o cabo, os carregadores e mais pretos sentaram-se debaixo de uma arvore. Desde ali parti eu só com os caçadores. O leão deu pela nossa presença, quando chegámos a setenta metros d'elle. Preparámos as armas e avançámos ainda, mas muito devagar. O valente animal não tirou mais os olhos de nós, conservando-se ainda sentado.

Quando chegámos entre quarenta a cincoenta metros, levantou-se; avançou tres passos e estacou, olhando-nos com um ar terrivelmente ameaçador. Era um leão formidavel; fazia o volume de um grande boi. Os caçadores disseram que nunca tinham visto outro tão grande. A juba, quasi toda preta com poucos cabellos amarellos, era immensamente comprida; cobria-lhe todo o corpo até aos ilhaes, e descia-lhe

por entre as mãos até tocar no chão. Mal se lhe viam as pontas das orelhas de escondidas que estavam nas compridas e bastas guedelhas; e de dentro d'aquella expessa mata de cabello scintillavam dois olhos chammejantes, onde a sede de sangue se desenhava medonhamente. Avançámos ainda para elle, parando a vinte e cinco passos de distancia.

O leão começou a agitar-se soltando rugidos comprimidos, similhantes ao estrondo longinquo do trovão. Voltou um instante a cabeça para o outro lado, talvez para observar se estava cercado, mas tornou logo a encarar-nos com altivez admiravel. Depois começou a dar curtos passeios na nossa frente, não excedendo nunca nove passos de um lado ao outro. De quando em quando parava um instante e deitava-nos um olhar ameaçador; mas o leão, não obstante as suas immensas forças peculiares, não póde supportar por muito tempo o olhar penetrante do homem que tem o coração socegado no peito; incommóda-o muito o seu olhar. De cada vez que encontrava os seus com os nossos olhos, desviava-os logo, vexado de não poder supportar a vista de um animal cem vezes menos forte que elle.

Era um leão já velho. As costellas appareciam-lhe muito salientes, e encolhidos os ilhaes, o que demonstrava que elle estava atravessando um periodo de grande fome. Por duas vezes tive a arma apontada á sua espaçosa testa, porém no momento de encostar o dedo ao gatilho para disparar desviava-a logo. Á terceira vez que parou, agachou-se para formar o salto sobre nós; porém como mettemos rapidamente as armas á cara,

o terrivel animal mudou de resolução, continuando logo o passeio, e impondo as patas sobre o solo com a altivez de um guerreiro victorioso.

Era admiravel o quadro que tinhamos na nossa frente. Tão enlevado estava n'elle, que cheguei a esquecer o perigo inteiramente.

Parou quarta vez n'uma extremidade do passeio, virando só a cabeça para nós: apontei-lhe á formidavel testa, porém no acto de principiar a carregar no gatilho, volveu-a para o outro lado, e retirou-se lentamente, dando um rugido tão estrondoso, que o chão parecia que estalava debaixo dos pés.

Com grande magoa o vimos desapparecer são e salvo, por causa da minha demasiada prudencia em demorar-me na pontaria. Devêra tel-o morto na segunda ou quarta vez que parou, porque em cada uma demorou-se mais de cinco segundos, tempo sufficientissimo de lhe fazer pontaria certa e disparar.

O Macindana chamou os carregadores e partimos. Ás onze horas e meia chegámos a uma vertente do *Litave*, onde passámos a força do calôr.

Como tinha vontade de comer, mandei assar um pedaço de carne. Os pretos comeram da que tinham levado cozida.

Continuámos a marcha á uma e meia, e acampámos ás seis n'um logar onde havia agua. N'este dia não se fizeram barracas por não haver n'aquelle sitio arvoredo pequeno.

Só haviam grandes arvores.

## OS ABUTRES SÃO MUITAS VEZES UTEIS AO VIAJANTE NO INTERIOR D'AFRICA

Partimos no dia 18 ás seis horas e meia da manhã. Ás cinco da tarde, quando procuravamos logar para pernoitar, descobrimos no ar, cerca de quinhentos metros á nossa esquerda, muitas aves de rapina, que ora desciam até ao chão, ora se levantavam. Segundo diziam os pretos, eram estas aves indicio certo de haver animal morto n'aquelle sitio. Resolveram logo passar-lhe revista, porque a carne do cavallo-marinho estava quasi acabada; pouca nos restava para comer á noite. Acampámos pouco adiante em um logar, onde havia agua, partindo o Manóva com tres carregadores para o sitio, em que pairavam os abutres. Os outros trataram de fazer barracas para dormir.

Passado pouco mais de um quarto de hora, veiu o Manóva dizer-me, que encontrára um espectaculo, como nunca tinha visto na sua vida: uma *tuongonhe* e dois leões mortos. Parti immediatamente com elle para o campo, onde se ferira uma grande batalha, por que, com toda a certeza os dois leões haviam succumbido em combate que tiveram um com o outro.

Era, com effeito digno de ver-se o quadro que fui encontrar. Um leão estava estirado com a boca extraordinariamente aberta, e junto d'elle a *tuongonhe* meio devorada. O outro leão estava a oito passos de distancia. Tinha profundos e compridos rasgões pela barriga e pelas costellas e um grande ferimento no jogo das espaduas, aonde a carne apparecia horrivel-

mente dilacerada: fôra ali que o inimigo lhe cravára os dentes. Em muitas partes o solo achava-se revolvido das patas dos leões, o que demonstrava que a luta entre elles fôra tremenda e demorada.

O leão que estava junto da *tuongonhe* tambem tinha profundos rasgões pela barriga e duas ligeiras mordeduras em uma das espaduas. Era evidente que fôra este o vencedor, mas tambem estava morto! seria por effeito dos rasgões que o outro lhe fizera?

Não se podia determinar ao certo a morte d'este ultimo leão. Notando-se porem que elle tinha a bôca excessivamente aberta e a lingua de fóra, o Manóva passou minucioso exame áquella parte, descobrindo um osso atravessado nas guellas.

Naturalmente, sem um ter conhecimento da presença do outro, haviam, ao mesmo tempo, feito espera ao animal, e na occasião de o bater, lutaram até um d'elles perecer. O vencedor que estava faminto, depois de esmagar o seu adversario, atirou-se com tal sofreguidão a devorar a presa, que se lhe atravessou um osso nas guellas, produzindo-lhe uma morte violenta e desesperada. Estavam ambos inteiros, o que demonstrava que a luta tivera logar sobre a madrugada, porque se fosse de noute as hyenas teriam já devorado os cadaveres.

Os pretos levaram para o acampamento o resto da carne da *tuongonhe,* abandonando os leões, que estavam destinados a servir de banquete ás hyenas.

Eram de differente raça d'aquelle com que nos encontrámos na vespera: tinham a juba toda amarella.

Conheci cinco raças de leões n'Africa Oriental. O

que, na vespera, tivemos diante de nós, é o maior de todos, e só se encontra nas terras de *Palaure, Changano* e serra do *Messuate*. Como elle é muito pesado procura sempre o bufalo para caçar, em razão d'este animal ser menos agil para fugir que a zebra, a *tuongonhe* e outros animaes.

Os da segunda raça, á qual pertenciam os dois que encontrámos mortos, são do tamanho de um boi de tres annos e meio.

Tambem caçam o bufalo, mas com mais frequencia a *Tuongonhe*, a Zebra, e outros animaes, em virtude da resistencia tenaz que aquelle lhes oppõe.

Os da terceira raça são um pouco mais pequenos que os da segunda, porem mais audazes, tendo a juba preta e comprida como os da primeira. Tambem caçam o bufalo, mas com mais frequencia outros animaes, pela mesma razão que succede com os da segunda. O leão que esteve em Lisboa no passeio da Estrella pertencia a esta qualidade.

Os da quarta raça são exactamente como os da segunda, só com a differença de serem muito mais pequenos: regulam pelo tamanho de um garraio de dois annos e meio.

Os leões pertencentes á quinta raça excedem em ferocidade todos os animaes da sua especie. Teem a juba amarella e curta, mas muito fina e lustrosa, e as orelhas pequenas e agudas. São do tamanho de um garraio de dezoito mezes.

Era realmente para agradecer muito o especial favor que as aves de rapina nos fizeram, mostrando-nos a *tuongonhe*, porque sem ella, no dia seguinte os pre-

tos haviam de sentir a fome. É assim que ellas prestam muitas vezes valioso auxilio aos que atravessam regiões despovoadas.

## UM ENCONTRO FELIZ NO MATO

Partimos no dia 19 ás cinco horas da manhã. Como estavamos ainda afastados do caminho cerca de duas leguas, inclinámos um pouco sobre a esquerda, afim de lhe fazer um reconhecimento, o que effeituámos ás nove e meia; porem internámo-nos outra vez. Ás onze e meia estavamos a tres leguas da primeira povoação de *Palaúre*, onde havia pernoitado, quando á ida atravessei o *Imbélúle*.

Era n'esta povoação que devia estar um bando do *Mahuéoé*, á minha espera, segundo informações que o *Mosila* me havia dado. Por este motivo combinámos pernoitar no mato o mais proximo possivel d'ella, e marchar pelo caminho ás tres horas da madrugada do dia seguinte.

Acampámos ás seis da tarde proximo de uma grande nascente de agua, que descia do cume de uma montanha. A povoação ficava a um quarto de legua. O Macindana foi logo explorar toda a distancia, que nos separava do caminho, afim de fixar um distinctivo qualquer, que lhe mostrasse a posição certa d'elle, na occasião de partirmos de noite. Passado um quarto de hora descobrimos, para o lado da povoação, um preto e uma preta, que estavam enfeixando maçarocas de *mapila;* (é uma qualidade de milho miudo do feitio e

tamanho de sementes de pimenta da India) abaixámo-nos todos para que elles nos não vissem.

Não ficámos, porém, nada satisfeitos com este encontro. Estavamos perdidos, se porventura nos tivessem observado, porque, de certo, haviam de participar ao regulo a nossa chegada, e consequentemente seriam os *vatuas* sabedores. N'estas circumstancias a unica maneira de nos salvarmos era chamar os dois pretos e contar-lhes o motivo porque não tinhamos entrado na povoação. Como o *pilóto* sabia a lingua de Beja foi a elle que encarreguei de ir fallar-lhes, commissão esta que desempenhou com intelligencia, pois passado pouco tempo voltou acompanhado dos dois.

O preto era ja meu conhecido: fôra elle que havia vendido o ninho de passaro-algodão, quando passei por ali. Comprimentou-me com maneiras de quem era meu antigo conhecido: a preta tambem nos saudou alegremente.

Terminados os comprimentos, declarei-lhes o motivo que me obrigára a acampar no mato, perguntando-lhes em seguida, se, os *vatuas* do *Mahuéoé* estavam na povoação.

Responderam-me affirmativamente, acrescentando que já ali se achavam havia mais de um mez.

Depois de lhes fazer comprehender o grande perigo que eu corria, se porventura os *vatuas* soubessem da minha chegada, pedi-lhes para guardarem d'ella o maior segredo. Este pedido foi acompanhado de uma *capelana* com que brindei o preto, entregando-lhe mais tres para o regulo, a quem elle devia instruir do motivo porque me escondia dos *vatuas*. A

preta tambem foi mimoseada com uma braça de chella, um massete de missanga, e dois rosarios de contas azues.

Retiraram-se ambos visivelmente contentes, afiançando-me, que excepto o regulo ninguem mais saberia da minha chegada. O preto no acto de partir deu ao Manóva uma senha para no caso de voltar não nos pôr em alvoroço.

Cerca das nove horas appareceram elles, acompanhados de duas pretinhas e o filho do regulo. O preto trazia um grande cherundo de milho, e cada uma das mulheres uma panella cheia de *ubsua* (papas duras). Era um presente que o regulo me mandava, em signal de agradecimento das capelanas que lhe enviei.

Mandava-me dizer, que podia eu dormir descançado, porque os *vatuas* não tinham nenhum conhecimento da minha chegada. Prevenia-me todavia, que era necessario partir cêdo, em virtude de metade do bando costumar sair todos os dias de madrugada. O filho do regulo poz á minha disposição o preto que me havia vendido o ninho de passaro-algodão, afim de nos ensinar de noite o caminho até ao rio; depois retirou-se com as tres mulheres.

Reparti então a comida pelos pretos, reservando parte d'ella para mim e para o cabo. Souberam-me muito bem as taes papas: estavam temperadas com oleo de amendoas de *ucanha* [1]. Dormi pouco mais de

[1] *Ucanha.*—É uma fruta de que os pretos fazem uma bebida fermentada. Tem um caroço do tamanho do de um pêcego com duas amendoas dentro, das quaes se extrahe finissimo oleo, de gosto delicioso.

duas horas n'esta noite. Ás tres da madrugada estavamos em marcha. Apesar de não haver luar, a noite estava lindissima.

Chegámos ao rio ás cinco e meia. Despedi então o nosso guia, agradecendo-lhe muito o bom serviço que nos fez; agradecimento este que foi acompanhado de uma *capelana* e cinco rozarios de contas azues. Elle demorou-se até passarmos para o outro lado, despedindo-se então de nós.

Quando nos vimos do outro lado do rio, considerámo-nos livres de todo o perigo, com relação aos *vatuas* do *Mahuéoé* que estavam em *Palaúre*. Continuámos logo a marcha, e descançámos ás oito horas proximo de uma vertente do *Imbélúle*, onde fiz o café, que tomei com o cabo.

Continuámos a marcha ás nove horas, e ás cinco e meia da tarde acampámos n'um logar já de nós conhecido.

## UM BUFALO FERIDO È MAIS TEMIVEL QUE UM LEÃO

Partimos ás cinco horas e meia (dia 21). Como não havia nada que comer era necessario fazer a caça. Felizmente estavamos em um paiz onde abundavam os bufalos. Esta caça, não obstante ser a mais perigosa depois do elephante e do leão, é tambem a mais facil de matar, em razão de permittir atirar-se-lhe de perto.

O Manóva e o Macindana marchavam pelo lado direito, e o Maxotil pela esquerda, a fim de procurar o rasto dos bufalos. Passados tres quartos de hora, este ultimo caçador encontrou bosta recente d'aquelles ani-

maes. Não podiam estar muito longe por serem horas proprias d'elles pastarem. Disse ao cabo que esperasse com os pretos, e parti com os caçadores no rasto dos bufalos.

Effectivamente não estavam muito longe: encontramol-os depois de andarmos cêrca de quatrocentos metros. Eram cinco.

Como o vento partia do nosso lado para elles, descrevemos meio circulo a fim de ficarmos a sotavento. Chegados a uns cento e vinte metros de distancia, cada um de nós aproximou-se de um, tendo convencionado de ninguem atirar sem que todos chegassem á posição de fazer pontaria ao seu.

Fomos, por assim dizer, de rastos até chegar a trinta e cinco metros dos bufalos, e sentámo-nos no chão. O Manóva estava á minha direita quarenta passos, o Macindana á direita do Manóva cincoenta, e o Maxotil á minha esquerda cêrca de cem. Todos fizemos pontaria, porém o Maxotil foi o primeiro que atirou: eu, o Manóva e o Macindana não chegámos a disparar porque os bufalos da nossa parte ao ouvirem o tiro do caçador pozeram-se em fuga rapidamente.

O bufalo a que o Maxotil atirou caiu no chão, mas levantou-se logo, partindo sobre o caçador; este largou a arma e correu para uma arvore, onde subiu. Por um instante que a féra o não apanha: chegou a tocar-lhe com os chifres nas pernas no acto d'elle trepar para cima. O animal olhou enfurecido para o caçador dando um mugido terrivel. Voltou-se depois para o lado onde eu estava e o Manóva, e partiu a correr sobre mim. Reparei para traz a fim de observar se via alguma

arvore perto para trepar; infelizmente havia um espaço muito grande entre mim e uma que ficava mais perto: não podia escapar ao bufalo.

Era realmente perigosissima a situação em que me encontrei n'aquelle momento. Fugindo do animal a morte era certa: esperal-o o perigo era enorme, por que ainda mesmo que lhe acertasse um tiro na cabeça, a bala não penetraria, por que toda a testa do bufalo é blindada de uma crusta da materia do corno. Sómente entre os olhos ha uma pequena concavidade sem crusta, que não excede cinco decimetros de diametro, aonde a bala pode facilmente penetrar. A minha salvação estava em acertar-lhe n'aquelle sitio. Era porém necessario esquecer todo o perigo e revestir-me de muita presença de espirito; por que só assim podia fazer-lhe pontaria com firmeza: estas condições protegeram-me n'aquelle momento.

Esperei socegadamente o bufalo que corria sobre mim, com muito maior velocidade, que a de um toiro quando sae espicaçado do curro para a praça. Quando elle vinha a trinta passos, comecei a fazer-lhe pontaria á concavidade de entre os olhos, e só disparei á queima-roupa. A bala atravessou-lhe o craneo, e o animal caiu sem vida aos meus pés.

O Manóva correu a mim, exclamando — Ah! melungo, obrigado, muito obrigado por ter morto esta maldita fera! Quando a vi correr para o senhor, o meu coração ficou por tal modo agitado, que parecia querer saltar-me do peito para fóra. Se porventura tivessemos a infelicidade do senhor ser colhido pelo

bufalo, o meu sentimento seria tão profundo, como o que tive no dia em que perdi o ente que mais estimava n'este mundo, aquelle que me deu o ser.

O Maxotil e o Macindana correram tambem para mim, manifestando as mais significativas demonstrações de contentamento, por me verem salvo do perigo em que estive. Fiquei tão commovido com as sinceras demonstrações de affecto dos caçadores, que não pude articular uma unica palavra para lhes agradecer. Por um espaço de mais de quatro minutos esqueceram o bufalo inteiramente, tal era o contentamento de me verem salvo. Este acontecimento demonstrou-me, de um modo muito apreciavel, o alto grau de estima, em que os caçadores me tinham.

Acalmadas as felicitações, disse o Mancindana para mim—Realmente o senhor tem muita coragem! Sem ella não podia de certo fazer abater o bufalo, por que era necessario ter muita firmeza na pontaria.

Rapazes, disse eu aos caçadores, o perigo já passou; não fallemos mais n'elle; pelo contrario congratulemo-nos com elle, por nos haver proporcionado meio de enchermos as nossas barrigas, que, realmente, estão um pouco vazias. Não é verdade que os vossos estomagos estão com gana de se indemnisarem com usura do susto que o bufalo nos pregou? Os caçadores riram muito e foram encostar as armas a uma arvore, começando então a desmanchar o animal.

A bala acertou-lhe na extremidade superior da concavidade entre os olhos. Se porventura tivesse subido mais meia pollegada tocava na couraça, e não o teria talvez derrubado. A bala do Maxotil tinha acertado no

pescoço junto á espadua esquerda, saindo pelo outro lado.

Quando os caçadores principiavam a cortar no bufalo chegou o cabo com todos os carregadores, que se lançaram logo com as azagaias sobre o animal. Tinham razão em abreviar a autopsia, por que nos seus estomagos observava-se já um vacuo um tanto fundo.

Como já disse, o bufalo é, de toda a caça grossa, o mais facil de matar por permittir atirar-se-lhe de perto; com tudo em certas circumstancias, como na precedente, corre-se muito risco.

Quando estes animaes andam em grandes bandos, não ha nenhum perigo em lhes atirar, por que o ferido foge de envolta com os outros; porém isolados, menos de dez, o que não fôr ferido mortalmente accommette quasi sempre o caçador, e se este tiver a infelicidade de não encontrar uma arvore para trepar, o resultado é-lhe fatal. Por isso quando se atirar ao bufalo isolado deve-se usar de muita prudencia, fazendo a pontaria sem precipitação, e com firmeza, de modo que a bala lhe acerte em sitio que lhe produza a morte infallivelmente. As extremidades do jogo das espaduas são logares proprios para atirar; acertando-lhe ali, a bala vae offender-lhe as partes mais essenciaes do organismo vital. O peito é o melhor sitio, porém é necessario calcular bem a pontaria, de modo que a bala lhe atravesse os pulmões ou o coração. Finalmente, para se ser bom caçador de grandes animaes, como o bufalo, o leão, o cavallo-marinho, a abada e o elephante, é necessario ter coragem, atirar bem, e saber alguma

coisa de anatomia, principalmente na caça do ultimo animal, que é a mais difficil e perigosa.

Em quanto os pretos desmancham o bufalo vou apresentar aos leitores uma descripção do elephante, e o modo de o caçar.

Além da immensa superioridade de forças que o elephante possue com relação, não ao bufalo que é, em proporção do tamanho do elephante, egual ao do cordeiro de um anno com relação ao bufalo, mas do rhinoceronte e do cavallo-marinho que são tambem dois animaes collossaes, não obstante serem tres ou quatro vezes inferiores em grandeza, tem ainda o elephante umas poucas de vezes mais vitalidade que nenhum outro animal. Elle, ferido no coração, não morre logo; sustenta-se de pé mais de meia hora, marchando ainda embora devagar. Só cae no chão no acto da vida o abandonar. Vive mais de quatro horas com os pulmões atravessados por tres, quatro e mais balas, e no acto de ser assim ferido corre, em menos de uma hora, mais de duas leguas, despedaçando tudo que encontra diante de si. Gosta muito de maçarocas verdes de milho grosso e fino. Por occasião das seáras terem o fructo desenvolvido, os pretos do interior que não teem armas de fogo passam grande trabalho com os elephantes, que não cessam de ir devorar-lhes as seáras.

Não deixa de ser curioso o modo como elles afugentam o elephante. Correm sobre elle fazendo grande alarido, persuadidos de que o obrigam a retirar por esta maneira; porém o elephante não faz caso nenhum da gritaria d'elles; continua socegadamente a partir

com a tromba as maçarocas de mantimento, que vai mettendo na boca e comendo, olhando com indifferença para os pretos. Estes então recorrem a um meio ardiloso, com o qual conseguem sempre fazer retirar o elephante, mas infelizmente depois de lhes devorar uma grande parte da seára. Queimam pedaços de coiro, que põem em cima de tições, indo depois collocar-se a barlavento muito perto d'elle; o animal apenas o cheiro lhe chega aos respiradoiros da tromba, retira immediatamente, correndo.

Excepto o mantimento que elle rouba aos pretos, consiste o seu alimento em ramos de arvores, que come conjuntamente com a madeira, que apparece depois no escremento em grossos cavacos.

Nos arvoredos muito fechados é geralmente onde elle come. Quando succede atirar-se-lhe alí, o elephante, na sua fuga precipitada, faz enorme barulho proveniente das arvores que vae despedaçando com a tromba e partindo com o corpo. Mil homens de machados nas mãos a racharem lenha dentro de uma floresta, não produziriam tanto barulho como elle faz ao fugir por entre um arvoredo fechado.

O elephante é um animal colossal. Quem o tem visto só na Europa, não pode fazer idéa das enormes proporções do de Africa Oriental no seu estado de selvagem. As pernas são quatro columnas collossaes: teem a grossura de uma pipa junto ao tronco. O diametro das plantas das mãos, que são circulares, é maior que o fundo de um barril de 5.º Os pés tem o feitio dos de gente, e a tromba na parte superior é da grossura do bojo de um barril de 5.º: é elastica; encolhe e

estende. As orelhas regulam por tres metros de comprimento e outro tanto de largura.

N'uma caçada que fiz em 1864 entre Sofala e Inhambane, tive a curiosidade de medir o primeiro elephante que se matou, e que foi o maior da caçada. Contei trinta e oito palmos desde a planta da mão até ao espinhaço. Como tive de subir a cima do tronco para fazer a medição, é natural que houvesse alguma differença para menos, a qual não podia exceder quatro palmos. Por tanto pode-se calcular em trinta e quatro palmos, pelo menos, a verdadeira altura. As duas pontas de marfim pesavam uma 114 e a outra 109 $^1/_2$ arrateis. Demorei-me tres dias no sitio onde se matou este elephante. Acompanhavam-me 160 pretos, cada um dos quaes não comeu menos de 16 arrateis de carne limpa por dia. Este calculo não pode ser exagerado por que os pretos não tinham outra coisa que comer; devendo notar-se que a carne era assada nas brazas, processo este que a faz diminuir consideravelmente. N'esta occasião passou um bando de oitenta *vatuas* do *Mosila*, que estiveram comnosco dois dias a comer do elephante. Quando retirámos, tanto os meus pretos como os *vatuas*, levaram cada um mais de uma arroba de carne, ficando abandonado quasi metade do elephante. Por aqui se pode calcular, sem receio de errar muito, em 1:500 arrobas o peso total d'este animal.

Tenho lido algumas descripções, que se referem ao combate de dois rhinocerontes contra um elephante. Isto não passa de uma historia de imaginação de individuos que não teem conhecimento dos dois animaes.

Ainda que fôra um exercito de mil rhinocerontes, que tivesse a imprudencia de atacar um elephante, seriam todos esmagados. Elle não faria mais que arrancar uma arvore com a tromba, e arrebentar de uma só pancada um ou dois de cada vez, e quando não tivesse perto uma arvore, esmagaria a uns com os pés e faria estalar os ossos a outros com a tromba, Podiam, todavia, alguns rhinocerontes ferir com o corno o corpo do elephante; não conseguiriam porém fazer-lhe maior damno, que o effeito de uma picada de alfinete na coxa de uma pessoa. Todos os animaes, apenas descobrem o elephante fogem immediatamente, apesar d'elle não perseguir nenhum, exceptuando o cavallo-marinho e o leão, aos quaes vota odio extraordinario.

Comprehende-se que elle tenha odio e persiga o leão, em virtude d'este animal ter a audacia de atacar os elephantes pequenitos; mas não obstante a muita cautela que emprega, quando se põe de embuscada para derrubar um elephantesinho, succede algumas vezes não ter tempo de fugir, sendo agarrado pela mãe que o despedaça contra uma arvore.

Não se conhece porém a causa que influe no elephante, para ter tanto odio ao cavallo-marinho, a ponto de o perseguir todas as vezes que o vê, até entrar conjunctamente com elle dentro de agua. Se o cavallo-marinho fosse carnivoro ou atacasse os elephantes pequenos, daria razão ao odio e á perseguição, mas elle nem é carnivoro nem ataca os outros animaes, excepto o leão se o encontra.

O elephante é o animal que verdadeiramente se assimilha ao genero humano, não na figura que é intei-

ramente differente, mas nos actos que pratica, no desenvolvimento da vida, e no extremoso amor que dedica aos filhos. A femea tem tanto cuidado e trabalho com elles, em quanto não chegam a comer por si, como a mulher. Depois de os desmamar começa a ministrar-lhes alimento de raizes, que extrae da terra, mastigando-as primeiramente, e mettendo-lh'as depois na boca. Quando o elephantesinho chega ao periodo de comer por si, a mãe então leva-o para junto de arvores pequenas, das que os elephantes se alimentam e ali o ensina a comer. Todos os dias vae ao rio banhar o filho, durante o tempo dos primeiros dois periodos da vida. Embora tenha dois, tres ou mais filhos de differentes partos, ella dedicará egual desvelo e carinho a todos. Os filhos acompanham a mãe até attingirem a edade adulta á qual levam mais annos a chegar que o genero humano.

O elephante é excessivamente honesto nos seus amores. É sempre de noite, em logar proximo de agua, onde elle com a sua amante vão pratical-os, fóra das vistas de outros elephantes, banhando-se ambos depois. As particularidades, que elles exercem n'este acto são em tudo similhantes ás do genero humano.

Elle deita-se e levanta-se com tanta facilidade como o boi.

Para caçar este collossal animal são indispensaveis armas de grande força e de calibre 4 a 6 balas por arratel. É necessario chegar muito perto d'elle para lhe atirar, a fim da bala penetrar muito. Geralmente atira-se-lhe de quinze a quarenta passos de distancia, o maximo. Se fôr de mais longe, embora a bala acerte

em logar conveniente, não penetrará a ponto de lhe offender alguns dos orgãos mais principaes da sua vitalidade.

Se elle se achar perfeitamente atravessado em frente do caçador, o unico logar proprio para lhe atirar é o dos sobacos, no sitio onde as pontas das orelhas lhe tocam; a bala penetrar-lhe-ha nos pulmões.

Se se achar com a cabeça virada para o caçador, é sómente no peito onde se deve atirar-lhe; n'este caso as orelhas continuam a servir de auxilio ao caçador, para calcular a verdadeira posição do coração que mora na mesma altura a que chegam as pontas d'ellas. A cabeça do elephante é como rocha; a bala pouco ou nada penetra n'ella; só é vulneravel no sitio onde encaixam as pontas do marfim. Basta que a bala penetre ali meia polegada, para elle cair redondamente sem vida; é a parte fraca d'este animal.

Se apparecer com a cabeça virada para o lado opposto ao caçador, este espera que elle a levante um pouco para lhe atirar á nuca; acertando-lhe a bala n'aquelle sitio, o elephante cae logo morto. A qualquer outra parte do corpo é inutil atirar-lhe, ainda que lhe acertassem duzentas balas a um tempo.

Para o caçador chegar perto d'elle precisa partir do lado de sotavento. Embora o elephante o veja, nem foge nem o ataca; se porém sentir o cheiro do corpo do caçador, accommette-o immediatamente: este larga a arma e foge na direcção de umas para outras arvores, as quaes embaraçam o elephante de o colher.

Nos dias em que não ha vento é muito perigoso fazer a caça a este animal, por que, como elle tem o

olfacto muito fino, sente a grande distancia o caçador, e persegue-o logo; porém nos dias em que ha muito vento, não se corre, por assim dizer, risco nenhum em o caçar, por que elle foge, em vez de perseguir. O animal encolerisa-se unicamente com o cheiro do corpo do homem.

Se elle estremecer no acto de receber o tiro, e ficar de pé, é signal de que está ferido mortalmente. O bom caçador não larga mais este elephante; acompanha-o, ás vezes, seis leguas e mais, tornando a atirar-lhe depois d'elle parar: o animal foge ainda, mas já não vae para muito longe. O caçador não cessa de lhe fazer fogo todas as vezes que elle pára. Acontece ser necessario dar-lhe mais de cincoenta tiros, sem se conseguir abatel-o n'aquelle dia; porém no seguinte encontra-se morto.

Se no acto de receber o primeiro tiro cair no chão e se levantar logo, é signal reconhecidamente certo que a bala não lhe offendeu nenhum dos orgãos principaes da vida. É escusado o caçador perseguir este elephante, por que elle, n'aquelle mesmo dia, transportar-se-ha para mais de quinze leguas do logar onde fôr ferido.

Muitas particularidades do genero humano acham-se inherentes ao elephante. Entre todos os animaes selvagens suscitam-se rixas que os levam ao combate. O que se sente mais fraco cede o campo ao vencedor, e este não persegue o vencido. Com os elephantes não succede assim: n'este ponto excedem o homem em capricho. As rixas, que se levantam entre elles, são provocadas pelo ciume unicamente. Dois elephantes que

se acharem em discordia não combatem em presença de outros; vão ambos para um logar muito afastado dos seus companheiros, e ali começam um combate horrendo. O mais fraco não dá nunca signal de cobardia, combate até perecer. Se as forças dos dois são eguaes, morrem ambos geralmente. É com as pontas de marfim que elles combatem, enterrando-as no corpo um do outro. É tal o prodigio da força que empregam, que chegam a partir as pontas. O terreno em que elles combatem fica tão revolvido, como se tivessem n'elle andado muitos homens a fazer escavações.

Em muitas occasiões o elephante ferido agarra o caçador; umas vezes mata-o espetando-o com uma das pontas do marfim; outras, pega-lhe com a tromba e expelle-o a grande distancia, morrendo o infeliz arrebentado; e ainda outras, despedaça-o contra o tronco de uma arvore. Contenta-se porém algumas vezes de lhe pegar com a tromba e leval-o no ar para uma distancia de mais de uma legua, pousando-o então, sem o caçador ter soffrido a mais leve contusão.

Tive um caçador que se chamava *Matanhini*, irmão do *Mabána*, que fora colhido duas vezes pelo elephante, trazendo-o muito tempo no ar. Na primeira vez pousou-o no chão cautelosamente; mas na segunda ao passar por uma grande arvore atirou com elle para cima d'ella. De ambas as vezes o caçador não soffreu damno algum.

## UMA VISITA DE ABUTRES

Não estava ainda o bufalo meio desmanchado, e já se sentia o cheiro da carne assada. Em quanto uns cortavam, outros assavam.

Pouco depois dos pretos principiarem a assar carne appareceu pairando no ar um bando de abutres, que vieram com o maior descaramento pousar nas arvores que ficavam mais perto de nós.

Eram nojentas estas aves de rapina. Tinham o peito totalmente depennado, e a cabeça parecia uma caveira, por ser tambem toda depennada; reunia-se a estas tediosas qualidades o piar rouco e triste que soltavam de espaço a espaço, concorrendo tudo para apresentarem um aspecto sinistro e horrendo. Cada uma d'ellas fazia o volume de dois perús. Os pretos atiravam-lhes com pedaços de ossos, mas ellas não saíam de cima das arvores. Não estavam resolvidas a abandonar a presa que consideravam certa. Pouco lhes ficava para satisfazer a sua feroz rapacidade; apenas o espinhaço e as costellas com pouca carne pegada.

Os pretos comeram quanto tinham na vontade, e eu tambem não lhes fiquei atraz, comendo assada uma porção de carne do lombo, que não tinha menos de quatro arrateis.

Partimos ás dez horas e um quarto. Apenas saímos as aves de rapina cairam a um tempo sobre os restos do bufalo. Era infernal o barulho que faziam, proveniente de luta renhida, que travaram entre si.

Acampámos ás seis da tarde em um valle, onde

havia excellente agua. Deitei-me quasi á meia noite, tendo-me demorado até a esta hora a conversar com os caçadores.

Levantei-me ás seis da manhã e partimos ás sete. Chegámos ás seis da tarde á primeira povoação de *Valoi*, bem conhecida, por ter sido n'ella que o caçador *Nacichacha* ficou tratando-se dos ferimentos que havia recebido do bufalo, e dos quaes escapou felizmente. Não encontrámos ninguem na povoação; e pelos indicios que observámos, desde muito tempo que estava abandonada. Esta circumstancia dava-nos não pouco cuidado e receio.

Depois de comer um pedaço de carne assada e tomar café, fui sentar-me com os caçadores, a fim de discutir com elles o itinerario do dia seguinte. Quando cheguei estavam elles fallando a respeito do abandono da povoação. Depois de larga e prudente discussão, resolvemos definitivamente tomar o caminho da serra do *Messuate*, a fim de nos afastarmos das terras do *Changano*, tributario ao *Mahuéoé*, e das de *Cossa*, aonde, com toda a certeza, havia tornado a guerra; pois só este motivo obrigaria os *valois* a abandonar as povoações.

Partimos no dia seguinte (23) ás cinco horas e meia da manhã em direcção do *Changano*, tributario ao *Messuate*. Passámos por mais duas povoações de *Valoi*, que tambem estavam abandonadas. Acampámos ás seis horas junto a uma vertente do rio *Save*. N'este dia acabou-se a carne do bufalo.

## O MACINDANA EM VEZ DE CAÇA ENCONTRA GENTE

No dia 24 partimos ás seis e meia da manhã. Ás tres da tarde parámos junto a outra vertente do rio *Save*, a fim dos caçadores irem fazer a caça. O Macindana foi o primeiro a partir, e em seguida a elle o Maxotil, que tomou um caminho opposto. O Manóva não foi n'este dia á caça.

Passada uma hora appareceu o Macindana acompanhado de duas pretinhas. Ficámos surprehendidos com o apparecimento das duas creanças n'um logar que consideravàmos e era na realidade deserto. O caçador começou a contar-nos o motivo de tão inesperado encontro.

A distancia de um quarto de legua do logar em que acampámos descobriu pisadas de gente grande e pequena. O caçador, conhecendo que aquella paragem era deserta, suspeitou que havia ali gente escondida. Desde aquelle momento não quiz saber mais da caça; seguiu as pisadas em diversas direcções, a fim de vêr se encontrava alguma pessoa.

Não foram baldadas as suas diligencias, por que observando em uma direcção do rio, que as pisadas eram mais frequentes, foi na pista d'ellas, encontrando as duas pretinhas, que estavam a encher de agua duas panellas. Ficaram muito assustadinhas com a presença do Macindana, que procurou com afagos desvanecer-lhes o susto que ellas haviam tido d'elle. Depois pediu-lhes que lhe mostrassem o logar onde estavam os paes; porém as creanças recusaram-se a isto, temendo

que o Macindana fosse espia de guerra. Tentou o caçador, por muitos modos, fazel-as persuadir de que não era inimigo, mas as pretinhas não acreditaram; estavam resolvidas antes a morrer, do que mostrar o sitio onde se achavam os paes. O Macindana então ordenou-lhes que o acompanhassem, porém as creanças recusavam tambem cumprir esta ordem. Foi necessario empregar a ameaça, para conseguir que ellas o seguissem até ao nosso acampamento.

Desde que ellas me viram ficaram mais satisfeitas, principiando a convencer-se de que o Macindana não era espia. Foi uma descoberta muito importante, pois que ninguem da comitiva conhecia o caminho que se devia seguir para chegar á serra do *Messuate*.

As pretinhas, depois do Manóva as convencer de todo, que tambem nós fugiamos da guerra do *Mahuéoé*, resolveram ir mostrar-nos o logar onde estavam os paes. Fui eu, o Manóva, e o Macindana com ellas. Andámos cêrca de um quarto de legua, entrando depois n'um bosque muito fechado de arvores espinhosas. As pretinhas iam na frente, e o caminho que seguiam era todo em ziguezagues. Andámos n'este gosto mais de um quarto de legua, chegando afinal ao centro do bosque, onde se achavam dez familias

Encontrámos o chefe da tribu e um secretario sentados no tronco de uma arvore abatida. Esta gente era da terra de *Cossa* e estava ali fugida, bem como muitas outras familias da mesma nação, que se achavam espalhadas em differentes pontos. O regulo estava com a maior parte dos seus proximo do rio *Imbélúle*, cêrca de vinte leguas distante d'ali.

Contou-nos o chefe, que o *Mahuéoé* mandára guerra segunda vez á terra d'elle, mas que não encontrára nenhum dos seus compatriotas; por que o regulo, sendo avisado d'isto, não consentiu que ninguem para lá fosse, senão buscar mantimento, que tinham escondido no mato, e retirar logo. Depois d'elle contar as novidades, o Manóva pediu-lhe um homem para marchar comnosco no dia seguinte, a fim de nos ensinar as passagens dos rios, que tinhamos de atravessar até chegar á serra do *Messuate*. O chefe respondeu, que, tanto elle como a sua gente, pouco conhecimento tinham da terra em que estavam, todavia entregar-nos-ia um homem para ir ensinar-nos a primeira povoação do *Changano*, tributario ao *Messuate*, na qual encontrariamos gente competente para nos mostrar o caminho, que pretendessemos seguir.

Agradecemos muito ao chefe o seu favor, entregando-lhe o Manóva, por esta occasião, uma *capelana* de algodão e outra de chella, que eu lhe havia dado no acampamento para este fim. O preto agradeceu a fazenda, chamando em seguida uma mulher, com quem estava fallando em voz baixa. A preta levantou-se e voltou pouco depois trazendo-nos um *cherundo* de milho e uma perna de gazella, morta n'aquelle mesmo dia.

O obsequio que o chefe nos fez, de nos dar, n'um logar deserto, um *cherundo* de milho, era realmente de grande importancia, attendendo á grande distancia que o separava da sua terra.

Significuei-lhe o mais vivo reconhecimento pelo acto generoso que elle praticou comigo, afiançando-lhe, que

se um dia tivesse occasião de me desempenhar do favor que acabava de fazer-me, havia de mostrar-lhe o alto valor, em que o apreciava[1].

Regressámos ao acampamento ás seis horas. A mulher do chefe, acompanhada de um filho foi comnosco levar o *cherundo* de mantimento.

Apenas cheguei reparti o milho pelos pretos, dando metade da carne aos caçadores e um pedaço ao cabo.

O Maxotil havia regressado sem encontrar nenhuma caça, apesar de haver bastante n'aquella parte do sertão. Se elle tivesse sido acompanhado de um pratico que lhe ensinasse as paragens da caça, não teria voltado sem ter morto algum animal.

Deitei-me mais cedo n'esta noite em razão de ter dormido pouco na passada. Levantei-me ás cinco e meia, e passado um instante, chegou o preto enviado pelo regulo para nos ensinar o caminho.

Partimos ás seis e meia (dia 25) com o nosso guia na frente. Ás onze em ponto atravessámos o rio *Save* descançando do outro lado. Á uma continuámos a marcha e ás tres e meia atravessámos outra vez o *Save* para a margem esquerda, em razão das voltas quasi circulares que este rio fazia n'aquella parte. Ás cinco

[1] Passados dois annos (em 1863) o acaso permittiu, que eu tivesse a satisfação de pagar generosamente a este preto o cherundo de milho que me dera no mato. Por occasião da guerra do *Mosila* contra o *Mahuéoé*, toda a gente de Cossa com o regulo estavam nas terras de Lourenço Marques em uma epoca que havia grande fome. Este preto tambem lá se achava com todos os seus; pois durante o tempo da fome, todos os dias lhe dava mantimento para a familia.

e meia chegámos á ultima povoação do *Changano*, tributario ao *Mahuéoé*: estava deserta tambem. Bivacámos fóra da povoação n'um logar em que havia agua. Pouco depois de acamparmos o Maxotil matou um gamo, que tinha vindo beber agua a distancia de cèrca de quinhentos metros do acampamento. Serviu-nos de grande auxilio este animal, pois que não havia absolutamente nada para comer.

Partimos ás seis horas do dia seguinte (26). Ás nove horas atravessámos o *Save* pela ultima vez, e chegámos ás duas da tarde á primeira povoação do *Changano* do *Messuate* na qual havia gente. Pedimos ao chefe um homem para nos ensinar o caminho até á passagem do *Incómáte*, porém elle disse-nos que não precisavamos de guia até uma outra povoação, que ficava um dia de caminho distante da d'elle. Em virtude da indicação do chefe, comprámos mantimento, e partimos, depois de despedir o guia, que tinha ido ensinar-nos o caminho, ao qual dei duas *capelanas*.

## UMA PANTHERA AGARRANDO UMA GAZELLA

Chegámos ás seis horas a uma vertente do *Incómáte*. Ao aproximar-me do rio deparei com uma enorme panthera e um filho, que estavam do outro lado. O pequeno leopardo principiava a aguçar os dentes no corpo de uma gazella, que a mãe tinha feito cadaver n'aquelle instante. Ella estava sentada sobre as ancas, enlevada no objecto querido das suas entranhas. Parei, pondo a arma á cara para lhe atirar, porém como os

pretos, que me seguiam, vinham fallando em voz alta, a panthera espantou-se e fugiu com o filho. Não pude fazer-lhe boa pontaria.

Estas feras teem tanto de ferozes, como de bonitas; o filho estava muito nedio e era lindissimo. Por tres vezes viraram a cabeça para traz, olhando para a presa, que, com grande magoa, se viam obrigados a abandonar.

A gazella estava ainda palpitante. As extremidades das espaduas achavam-se esmigalhadas pelos dentes da panthera, e observava-se no sobaco esquerdo os signaes da dentuça do filho, por onde principiava a abrir-lhe as entranhas. Os pretos levaram o animal para debaixo de uma arvore, onde acampámos.

Estava muito gorda a gazella. Tirei uma perna e uma quarta parte das costellas para mim e para os criados, dei a outra perna ao cabo, e entreguei o resto aos caçadores. Estes guardaram para si as tripas e uma pá, e repartiram o resto da carne pelos carregadores.

## UM BANDO DE LEÕES EM FACE DE UM BANDO DE BUFALOS

Estava sentado em uma esteira a conversar com os caçadores, quando de repente tres estrondosos rugidos de leões atordoaram os nossos ouvidos, e logo após estes muitos outros se fizeram ouvir ao mesmo tempo: o estrepito era tal que a terra estremecia debaixo do corpo. Eram muitos leões que tinham ido ao rio beber agua. Estiveram a rugir incessantemente por

espaço de mais de seis minutos. O enorme estrondo que elles faziam similhava-se ao bramir da tempestade: o troar de muitos canhões de artilheria não produziria mais forte estrepito que o rugido d'elles. Estavam muito perto de nós, talvez não excedesse 150 passos a distancia que nos separava d'elles; todavia nenhum de nós se moveu, nem assustou, por que tinhamos a certeza de que elles não ousariam aproximar-se das fogueiras, pelas quaes todos os animaes selvagens teem profundo respeito. Passados dez minutos não se ouviu mais nenhum rugido. Isto succedeu pelas oito horas e meia da noite.

Estive ainda a conversar com os caçadores até passado das dez e meia, indo então deitar-me.

Alta noite accordei sobresaltado ao ouvir os pretos revolverem-se muito agitadamente nas esteiras. Levantando a roupa de cima da cabeça para ver o que provocava os pretos a agitarem-se por um modo tão estranho, deparei com um espectaculo assustador. Os carregadores estavam acocorados, de azagaias em punho, e os caçadores tirando apressadamente as capas ás armas, que apontavam para a frente. Todos estavam virados para o lado do sul.

Sem indagar nada, lancei mão da minha espingarda, e pondo-a em acção de fazer fogo, perguntei então que novidade havia; porém ninguem me respondeu. O Manóva que estava mais perto de mim apontou para a direita, para a frente e para a esquerda, depois virou-se para o lado do norte e indicou-me a direcção do ribeiro, tornando logo a tomar a primeira posição. Todos estes movimentos foram executados,

sem que fossem acompanhados de uma unica palavra.

O primeiro objecto que se deparou á minha vista foi um bando de mais de vinte bufalos, que estavam do lado do norte áquem do ribeiro, e cêrca de vinte cinco passos distante de nós. Estavam em linha, de cabeças levantadas a olhar para a frente. Em seguida, fixando bem a vista para a parte do sul, fui descobrindo successivamente um leão em cada um dos pontos que o Manóva havia designado. Todos tres, de cabeças levantadas olhavam para os bufalos.

O fogo estava quasi apagado; havia apenas algumas brazas que se achavam escondidas na cinza.

A noite, apesar de não haver já luar, estava clara, permittindo distinguir-se, perfeitamente, os vultos dos leões, que se achavam um pouco mais longe de nós, que os bufalos.

Pertenciam á maior raça. O do centro estava perfeitamente virado para mim em linha horisontal. Comecei a fazer pontaria á espaçosa testa d'este leão, tendo o braço apoiado sobre o joelho; porém quando estava quasi a disparar, o Manóva deitou silenciosamente uma das mãos aos canos da arma, fazendo-a abaixar até ao chão. Não lhe fiz reflexão nenhuma, por que avaliei então o perigo, que necessariamente resultaria para nós todos, se porventura chegasse a fazer fogo, embora abatesse o leão. Os outros dois, e naturalmente outros que não viamos cairiam sobre nós.

Os leões não tinham, de certo, dado pela nossa presença: toda a sua attenção estava ferozmente fixada

sobre os bufalos, aos quaes não se atreviam a accommetter, em razão da attitude ameaçadora que elles tomaram. Uns e outros estiveram mais de um quarto de hora a olharem-se mutuamente. Durante todo este tempo conservámo-nos muito quietos sem fazer o mais pequeno movimento, para que os temiveis animaes não dessem pela nossa presença. Nós eramos uma pequena caça, cercada pélos animaes mais temiveis de Africa. Um d'elles só bastava para nos despedaçar a todos.

Os leões foram os primeiros a retirar, e para nos livrarmos dos bufalos, foi necessario o Manóva ter a feliz lembrança de revolver a cinza com o cabo de uma azagaia. Apenas elles viram scintillar as brazas, correram de tropel para o outro lado do ribeiro.

Todas as vezes que um ou mais leões caem, n'um bando de bufalos, sobre um ou mais, os outros fogem logo; se porém presentirem os leões antes do salto, então não fogem, são elles que investem primeiro com os leões.

Se o acontecimento que presenciámos tivesse succedido de dia, os leões não esperavam, de certo, tanto tempo, por que os bufalos tel-os-iam accommettido immediatamente.

Foi na verdade muito critica a situação em que nos encontrámos n'aquella noite. A circumstancia mais insignificante podia concorrer para sermos despedaçados ou devorados. Em compensação do perigo tive o prazer de presenciar um quadro grandioso e admiravel, que rarissimas vezes se apresenta ao viajante na Africa selvagem.

Creio que os pretos não dormiram mais no resto

da noite. Eu deitei-me outra vez, e dormi ainda até ás cinco horas e meia. O acontecimento havia tido logar das tres para as quatro da madrugada.

Apenas rompeu o dia, os caçadores foram passar revista a ambos os lados do ribeiro, a fim de observar se viam algum animal abatido, porém não encontraram nada. Os leões, apezar de serem muitos, não conseguiram derrubar nenhum dos bufalos, que bem mostraram, quanto estavam vigilantes e decididos a fazer pagar caro o gosto, que os leões tinham da carne d'elles.

Largámos aquelle logar de grandes acontecimentos ás seis horas e meia da manhã (dia 27). Ás onze horas e meia chegámos a outra vertente do *Incómáte* onde passámos a maior força do calor.

## O CAÇADOR DE BUFALOS

Ás quatro e meia chegámos a um pequeno povoado que tinha só sete palhotas, e era habitado por uma unica familia, que se compunha de um homem bastante edoso, quatro mulheres e quatro creanças. O ancião era excessivamente alto e magro, e muito vermelho o seu corpo. Devia regular por um cento o numero de annos que elle tinha; todavia andava desembaraçadamente, ainda que um pouco curvado.

Esta povoação, apesar de pequena, parecia o deposito geral de todos os matadouros de uma grande cidade, em razão da immensa quantidade de chifres que havia dentro e fóra d'ella. Cada um dos tectos das pa-

lhotas era embellezado com um circulo de chifres de gazellas, gamos, e de diversos cabritos selvagens, tendo na frente dois enormes cornos de bufalo, pegados.

Pouco depois de me sentar levantou-se o ancião que estava á porta de uma palhota, e veiu comprimentar-me.

Perguntei-lhe se não havia mais homens na povoação além d'elle: Respondeu-me que tinha um filho e um neto, que haviam ido caçar.

Fiquei satisfeito com a resposta do velho, porque a principio julguei, que elle era o unico homem que ali havia, e n'este caso não tinhamos quem nos ensinasse o caminho.

O preto perguntou-me em seguida se eu pernoitava na povoação; respondi-lhe que sim. Elle então chamou uma das mulheres, e mandou-a aprompṭar quatro palhotas. Depois da preta partir perguntei ao ancião se sabia noticias da guerra do *Mahuéoé*. Eram muito importantes as novidades que elle me contou. A guerra tinha já retirado havia tres dias. A grande novidade era agora o proximo casamento do *Mahuéoé* com uma filha do rei *Messuate*. A ceremonia para este fim já estava concluida; a qual consistia em mandar, cada um dos dois reinantes, uma forte guerra á nação mais poderosa que lhes fosse tributaria. A que o *Mahuéoé* mandou segunda vez á nação *Cossa* foi para este fim. Na mesma occasião, tambem *Messuate* mandou guerra a um regulo *blangella*, seu tributario, pela terra do qual tinhamos de passar. Já estava no *Messuate* uma embaixada do *Mahuéoé* de mais de tres mil *vatuas* para levar a princeza. De *Messuate* devia sair tambem ou-

tra grande embaixada, para acompanhar a futura rainha a casa do seu real esposo.

Quando o velho acabou de contar as novidades, que eram realmente importantes, a preta chamou o Manóva e designou-lhe as palhotas; em uma das quaes mandei recolher a minha bagagem; o cabo com os seus occuparam a segunda, os caçadores a terceira, e a quarta os carregadores.

Depois dos creados accommodarem a bagagem, entrei para dentro da palhota com o ancião, ao qual perguntei se podia vender-me um pouco de mantimento. Elle respondeu-me que não tinha, por assim dizer, nenhum; acrescentando que, n'aquelle anno, cultivára muito pouco, por motivo de grave doença, de que as mulheres haviam sido atacadas; e que algum mantimento que lhe restava, guardava-o para semear. Todavia, ajuntou o ancião, o senhor não hade deitar-se com fome, porque meu filho foi á caça, e elle não costuma recolher a casa sem trazer carne.

—Acredito que vosso filho seja um excellente caçador, disse-lhe eu; a grande quantidade de chifres de animaes diversos, que se observam na vossa povoação, é uma prova do que dizeis; todavia, alguns dias deve haver, em que a caça lhe falhe.

—Não se passa um unico sem que meu filho mate um animal, pelo menos.

—A espingarda com que elle caça deve ser magnifica; não é verdade?

—Meu filho não tem outra arma, além da azagaia! disse o velho sorrindo-se.

—Confesso que me sorprende a singularidade de

vosso filho; e se não fôra attender, que na vossa edade não se exageram as coisas, duvidaria que elle conseguisse, todos os dias, matar um animal selvagem á azagaia.

O velho voltou á sua habitual seriedade, e continuou assim: Melungo, eu não tenho interesse nenhum em exagerar. Vou contar-lhe a razão porque meu filho é excepcionalmente bom caçador. A principal qualidade que possue, é de andar e correr muito: não ha ninguem em todo o sertão, que seja capaz de o acompanhar. Elle atira a azagaia com muita certeza; a vinte e cinco passos de distancia mette-a em um alvo do tamanho da palma da mão; sabe bem fazer espera á caça, e conhece os logares em que, de ordinario, anda. É pela manhã ao nascer do sol, que costuma fazer a caça ás gazellas, que abundam muito n'esta terra. Em as avistando agacha-se, e vae de rojo como a cobra até chegar a trinta passos d'ellas, arremessando uma azagaia á que estiver mais perto. Se o golpe não a faz cair logo, impede-a pelo menos de fugir como as outras; em todo o caso corre immediatamente sobre ella, que em breve alcança, acabando de a matar com a azagaia de mão [1]. Se algum dia succede não encontrar gazellas, vae á caça dos bufalos; n'esta caça é onde elle passa grande trabalho. Aproxima-se de

[1] A azagaia de mão tem o ferro largo e comprido, e é aquella com que os pretos combatem de peito a peito. A de arremesso tem o cabo muito mais delgado e o ferro mais pequeno e fino, que a de mão. Os *vatuas* e os *landins*, a trinta passos de distancia, atravessam com uma azagaia de arremesso o peito de um homem, até o ferro sair todo pelas costas.

um bando d'estes animaes e arremessa com firmeza uma azagaia aos sobacos de um; naturalmente o bufalo ferido foge, e faz fugir os outros. Meu filho corre sobre todos fazendo grande alarido, para os bufalos correrem bastante: não cessa um momento de gritar, para elles não cessarem tambem de fugir. Passado algum tempo o bufalo ferido vae ficando atraz. Em elle conseguindo isolal-o, tem a certeza de o acabar de matar dentro de meia hora. Torna a aproximar-se d'elle; porém o bufalo agora, em vez de fugir, investe furioso sobre meu filho, que foge correndo mais do que elle. Pouco depois o animal pára cançado e desesperado por não o poder alcançar. Meu filho não o deixa tomar folego, volve logo sobre elle, e arremessa-lhe outra azagaia. O bufalo investe ainda, porém as suas forças começam a extenuar-se por causa dos ferimentos, aggravados pelo excesso das corridas. Á terceira ou quarta vez, pára sem poder correr mais. Meu filho então aproxima-se muito perto, e á primeira ou segunda azagaia que a final lhe arremessa o animal cae no chão. Uma só azagaiada de mão é bastante para o acabar de matar. Muitos ha, continuou o velho, que atiram a azagaia com tanta certeza como meu filho; não existe porém nenhum que corra tanto como elle; e sem esta qualidade, não se póde caçar o bufalo á azagaia.

Quando eu era novo tambem caçava assim este animal; mas, em todas as terras que conheço, não ha ninguem mais que seja capaz de supportar as corridas violentas que é necessario fazer atraz dos bufalos, e muito menos quem seja bastante veloz para

escapar na fuga precipitada, que é necessario effeituar todas as vezes que o bufalo investe.

Conhecendo então que meu filho tinha uma construcção forte para supportar as corridas, e observando n'elle grande velocidade, ensinei-o a caçar o bufalo á azagaia; e, com effeito, substituiu-me valentemente.

Ouvi com o maior interesse a narração que o velho me fez do modo singular porque elle e o filho caçavam o bufalo. O Manóva disse-me então que já tinha ouvido fallar d'este celebre caçador de bufalos.

— O meu filho, continuou o ancião, não é só um bravo caçador, é tambem um guerreiro temivel. No tempo em que estas terras eram povoadas, e que o *Messuate* mandava aqui guerra repetidas vezes, meu filho, só, atacava de noite o acampamento do inimigo, fazendo-lhe muitas mortes; e quando retirava, acompanhava-o até tres dias de marcha: embuscava-se no caminho, e quando passava matava um ou dois e fugia. Esta manobra repetia-a elle quatro e cinco vezes por dia. O rei *Messuate* havia promettido cincoenta bois a quem o matasse. Muitas vezes veiu aqui guerra, porém nunca conseguiu encontrar nenhum de nós, porque meu filho estava sempre álerta. Quando o inimigo se aproximava, fugiamos todos para o mato, e entretanto ia elle esperal-o, fazendo-lhe muitas mortes. Já vae para quatro annos que o *Messuate* se cançou de mandar perseguir-nos. Depois da ultima guerra, na qual meu filho matou muitos *vatuas*, este rei mandou aqui dois familiares chamal-o amigavelmente: os quaes lhe disseram, que o *Messuate*, sabendo, que elle juntava á qualidade de guerreiro temivel, a de grande caçador

de bufalos, tinha o maior desejo de conhecer um homem tão valente, e por este motivo estava resolvido a não o perseguir mais, se elle fosse a sua casa.

E vosso filho, atalhei eu logo, foi a casa do *Messuate*? não teve receio que similhante convite e promessa fossem uma traição para o matar?

—Fui eu, respondeu o ancião, o proprio que lhe disse, que podia e devia ir. Conheço perfeitamente quanto os *vatuas* são traidores. Quando elles querem matar um regulo seu subdito, chamam-o a casa a titulo de lhe communicar ordens particulares, e depois de lá o apanharem dão cabo d'elle. Mas assim como são muito traidores, tambem são muito caprichosos. Dão grande apreço ao homem que for muito valente, principalmente se lhe tiver morto muita gente. O *Messuate* teria grande vontade de o matar, mas não o faria nunca pelo cobarde meio de o chamar a casa amigavelmente. Foi effectivamente meu filho a casa do *Messuate*, que o tratou melhor que a um grande regulo; declarando-lhe que podia estar n'esta terra sem obrigação de lhe pagar nenhuma qualidade de tributo; e quando o despediu, deu-lhe quatro vaccas e um boi, dizendo-lhe que podia dispor d'este gado como entendesse. Depois d'isto chamou-o mais duas vezes para assistir ás grandes caçadas de bufalos, que elle costumava mandar fazer, nas quaes morrem muitos *vatuas*.

No momento em que o ancião acabava de contar a historia entrava o filho na povoação. Não se enganava o velho, o grande caçador trazia ao hombro uma formidavel posta de carne de bufalo pendurada n'um pá

e o filho outra quasi do mesmo tamanho. O logar em que elle matou o animal era distante da povoação mais de duas leguas; e como era já tarde para as mulheres e filhos d'elle irem buscar a carne, o caçador antes de partir para a povoação, pendurou-a toda em uma arvore, a fim das hyenas não poderem chegar-lhe; aliás nem os ossos encontraria no dia seguinte.

O caçador era tão alto como o pae, mas não tão magro. Quanto o pae tinha de vermelho, tanto o filho tinha de retinto. O seu rosto era comprido e as feições finas e sympathicas. Tinha os encontros largos e delgada a cintura. Apesar de ser de poucas carnes, os seus musculos denunciavam n'elle grande vigor. As pernas, ainda que longas e finas, eram bem feitas, e a firmeza e decisão com que as lançava demonstravam perfeitamente quanto elle devia ser veloz na carreira e resoluto em seus propositos. Devia ter os seus cincoenta e quatro annos. Chamava-se *Mandissa*, porém ninguem o conhecia senão pelo appellido de *Julámite* [1]. Como elle era muito alto e magro, diziam os pretos que se parecia com a girafa, em virtude d'este animal ter o pescoço extraordinariamente comprido e delgado. Elle depois de entregar a carne ás mulheres entrou na minha palhota; sentou-se no chão e comprimentou-me com maneiras affaveis. Sympathisei logo com o preto pelo modo attencioso com que me fallou. A curiosidade provocou-me a perguntar-lhe, se havia tido muito trabalho em matar o bufalo.

Elle respondeu-me que andára mais de duas horas

[1] Julámite — é uma palavra *vatua* que significa — Girafa.

atraz do animal, o qual, depois de se isolar do bando a que andava aggregado, accommettera-o oito vezes sem lhe permittir occasião de atirar-lhe segunda azagaia; porém á nona investida conseguira metter-lhe uma no peito, que foi tocar-lhe no coração, caindo o bufalo immediatamente morto.

Findos os detalhes da caça, disse-lhe que não tinha nada de comer para dar á minha gente.

O caçador saiu da palhota sem dizer nada, voltando pouco depois com a maior posta de carne, e um pequeno cherundo de milho. *Melungo*, disse elle, sinto muitissimo não poder dar-lhe mais milho que este. O motivo da falta de mantimento já o *Melungo* sabe, por meu pae lh'o dizer; esta carne e este pouco mantimento não satisfarão, de certo, toda a sua gente; porém ámanhã póde mandar os carregadores comigo ao logar onde matei o bufalo, para trazer a carne que quizerem.

Agradeci-lhe muito o presente, aceitando ao mesmo tempo o offerecimento dos pretos irem, no dia seguinte, buscar mais carne. Depois d'elle sair reparti tudo pela comitiva. O meu jantar constou de umas papas e de uma pouca de carne assada nas brazas.

Ás nove horas da noite mandei um criado chamar o caçador de bufalos e o Manóva. Este ultimo foi o primeiro a comparecer: o caçador chegou um instante depois.

Meu amigo, disse-lhe eu, mandei chamar-te a esta hora, para te perguntar se pódes ir ensinar-me o caminho d'aqui para a serra do *Messuate* e d'ali para Lourenço Marques. Devo porém prevenir-te que não

tenho aqui fazendas para te pagar este serviço. Não havia calculado passar por esta terra; todavia se confiares na minha palavra, pagar-te-hei melhor do que se o fizera adiantadamente.

O caçador depois de ficar algum tempo pensativo, disse assim: —*Melungo*, eu tenho boa vontade de prestar-lhe o serviço que exige de mim; porém a occasião é pessima para atravessar a serra. Como já deve saber, uma filha do rei *Messuate* está em vesperas de casar com o *Mahuéoé*. Uma embaixada d'este ultimo já chegou a casa d'aquelle para levar a princeza, a qual deverá ser tambem acompanhada por gente da côrte do pae. N'estas occasiões, os *vatuas* tèem o barbaro costume de roubar as povoações por onde passam e os estrangeiros que encontram no caminho, seja quem for. Isto é o menos que elles fazem; matam tambem quando lhes apraz, e ninguem lhes pede contas por isso; porque todas as vezes que acompanham uma princeza que vae ser rainha, o seu proprio rei não tem direito a reprimil-os.

Reconheço, disse eu ao caçador, o grande perigo que ha em atravessar n'esta occasião a serra do *Messuate;* porém os meus negocios reclamam, urgentemente, a minha presença em Lourenço Marques, por todo o mez de julho. Era necessario esperar aqui mais de um mez, até o caminho da serra ficar desembaraçado das embaixadas dos dois reis; e uma tal demora causar-me-ia prejuizos incalculaveis. Creio porém, que se tivesses vontade de prestar-me este serviço, seria possivel atravessar toda a serra sem encontrarmos os *vatuas;* porque tu saberias conduzir-nos por logares

desertos; e quando chegassemos ao caminho que vae do *Messuate* para o *Mahuéoé*, saberias tambem escolher o momento opportuno de o atravessarmos, sem que fossemos observados.

—*Melungo*, tornou o caçador, não ha duvida que se póde atravessar a serra e o caminho sem se ser observado pelos *vatuas*; eu mesmo já pensei n'isso; todavia ha um obstaculo a vencer quasi tão grande, como qualquer encontro com os *vatuas*; e é o seguinte: O regulo da serra é um *blangella* que tem muitos pretos, os quaes não são melhores que aquelles. O *Messuate* mandou, ha pouco, guerra ás terras d'elle, a fim de consummar a ceremonia tradicional, que os reis *vatuas* costumam praticar todas as vezes que casam uma filha com um rei. Está fugido no mato com toda a sua gente, a qual só recolhe ás povoações, depois da embaixada do *Messuate*, que ha de acompanhar a princeza, regressar de casa do *Mahuéoé*. Ora, assim como os *vatuas*, que fazem parte da comitiva, têem direito de roubar as povoações por onde passam, e a quem encontram no caminho, tambem os *blangellas*, que se escondem, se constituem no direito de roubar os desventurados, que porventura passem por elles. É este o verdadeiro obstaculo que difficulta a passagem pela serra n'esta occasião.

Fiquei realmente desgostoso com a ultima informação do caçador, a respeito dos *blangellas*, que eu sabia já serem tão insolentes como os *vatuas*. Estive muito tempo a pensar no que havia de fazer. A lembrança de ficar ali mais de um mez opprimia-me o coração; preferia antes expor-me ao perigo de me

encontrar com os *blangellas*, do que resignar-me a esperar tanto tempo. Resolvido a arrostar com todas as difficuldades, disse para o caçador. —Meu amigo, eu só considero perigoso o encontro com as embaixadas dos *vatuas*. Com respeito aos *blangellas*, tenho fé, que, chegado o momento de me encontrar com elles, saberei illudir a sua avareza e distrahil-os do proposito de me roubarem, mesmo porque eu pouco ou nada tenho aqui que me roubem. (N'este ponto menti ao caçador, pois levava na minha carteira alguns centos de libras; porém como os pretos, n'aquelle tempo, não consideravam dinheiro senão as fazendas, e como eu não levava nenhumas, não faltei á verdade.) Se pois me afianças de nos conduzir de modo, que, ao atravessarmos o caminho, não vamos encontrar-nos com os *vatuas*, estou resolvido a arrostar com todos os outros perigos, no caso de te resolveres ir ensinar-nos o caminho.

—*Melungo*, respondeu o caçador; repito que seria facil atravessar o caminho sem se ser visto dos *vatuas:* responsabilisar-me-ia pelo bom exito da passagem; porém eu receio muito dos *blangellas*, com os quaes provavelmente nos encontrariamos.

—A respeito dos *blangellas* já te disse e repito; estou decidido a arrostar com o perigo que me resulte do encontro com elles. Finalmente, queres ir ensinar-nos o caminho?

O caçador, após um momento de silencio levantou-se, dizendo que ia consultar o pae, e voltou passados oito minutos—*Melungo*, principiou elle, estou prompto a partir quando quizer. Eu cumpri o meu dever

de lhe indicar todos os inconvenientes, que realmente existem em atravessar a serra n'esta occasião. Se me mostrei perplexo em o acompanhar, não foi pelo receio de me envolver no perigo. Não temo nada por mim, mas sim pelo senhor. Não queria ser eu o proprio de o conduzir por um sitio, onde habitam ladrões. Contei tudo a meu pae, fazendo especial menção da insistencia do senhor em marchar. Elle disse-me que a minha responsabilidade estava salva, e que podia portanto acompanhar o senhor.

—*Julamite*, tenho observado com satisfação, que és dotado de excellente caracter. É nobre o teu procedimento e proprio de um homem valente! Agradeço-te muitissimo o serviço que vaes prestar-me. Se chegarmos a salvamento a Lourenço Marques, mostrar-te-hei que não sou ingrato. Ámanhã mando os meus pretos caçar, e partiremos no dia seguinte.

O caçador declarou, que ficava inteiramente á minha disposição, retirando-se em companhia do Manóva. Eram dez horas e meia.

Após a sahida d'elles, apaguei a luz para dormir; mas apenas a escuridão se estabeleceu, fui assaltado por um exercito de ratos. De cima das paredes e da cobertura da palhota saltavam aos bandos para baixo e corriam por cima do meu corpo e por toda a parte da palhota, fazendo uma chiada infernal. Sentei-me na cama verdadeiramente assustado, e armei-me do cobertor, começando a bater com elle para todos os lados; porém os malditos ratos não attendiam a nada; em parando voltavam logo a passeiar por cima da minha cabeça, pela cara, pelas mãos e por toda a

parte do corpo, chiando cada vez mais. Lembrou-me então accender a véla, que foi a unica cousa capaz de fazer conter os ratos em respeito: apenas a luz brilhou esconderam-se immediatamente. Deixei ficar a véla accesa toda a noite, conseguindo assim dormir sem que fosse mais incommodado pelos malditos ratos.

Acordei muito cedo; ás cinco horas da manhã estava a pé. Pouco depois o Macindana e o Maxotil começaram a preparar-se para a caça, partindo ás seis horas com o amigo *Julamite*, que foi mostrar-lhes as paragens dos bufalos. As mulheres e creanças da povoação e quatro carregadores marcharam depois com o filho do *Julamite* para trazerem a carne do bufalo. O Manóva, acompanhado do ancião, havia partido antes das cinco horas, para a descoberta das gazellas. Os demais pretos seguiram os caçadores. Fiquei eu só na povoação com o cabo e os dois creados.

Ás sete horas, estando a tomar café com o cabo, entrou o Manóva na povoação, trazendo pendurada no cano da arma uma perna de gazella. Vinha chamar gente para transportar a carne. Como não havia nenhum carregador, foram os meus creados. Não era muito longe o logar em que o Manóva havia morto a gazella; pois que, passados tres quartos de hora, estava de volta, elle, o ancião e os creados com a carne. O velho encarregou-se de trazer as tripas, embrulhadas na pelle do animal com os competentes chifres.

Ás onze horas e meia chegaram as mulheres, creanças e os quatro carregadores com a carne, dando noticia dos caçadores terem morto dois bufalos. Os ou-

tros carregadores e os pretos do cabo haviam já partido para o logar da caça. Chegaram á uma hora da tarde, todos bem carregados com a carne. Ficou no mato quasi metade, que as mulheres e as creanças foram depois buscar.

Reinava grande contentamento na povoação: todos assavam carne e comiam. Eu tambem já havia provado um bom pedaço da gazella assado nas brazas.

Quando os animos ficaram mais serenados, o caçador de bufalos, acompanhado do pae e do Manóva, foi consultar o *gagáo*, a fim de saber a linha de conducta, que tinha de seguir na viagem. Foram para debaixo de uma arvore celebrar aquelle acto, pelo qual os pretos votam profundo respeito. O caçador era quem deitava o *gagáo*, e o ancião traduzia as variadas prophecias que elle revelava. O Manóva ficou muitissimo admirado da habilidade e intelligencia que o velho desenvolvia nas suas logicas conclusões a respeito das differentes posições, que as principaes peças occupavam.

Creio que eram boas as prophecias do *gagáo*, porque todos tres se levantaram muito satisfeitos. Seguiu-se depois a ceremonia de implorar á alma do pae do ancião para proteger o neto na viagem, que ia fazer. N'este acto era necessario sacrificar um cabrito, porém como não possuiam este nem outro animal domestico, substituiram a falta com a gazella que o Manóva matou. Concluida a ceremonia, tomou *bafo* o caçador, sendo em seguida ungido com os *santos-oleos*; dos quaes já o leitor tem conhecimento.

Partimos no dia seguinte (29) ás seis horas e meia

da manhã com o nosso valente guia e seu filho. O ancião acompanhou-nos até quasi meia legua da povoação.

Pelas nove horas da manhã começou a apparecer a serra do Messuate. Pernoitámos proximo de uma vertente do *Incómate;* e no dia 30, pelas nove horas da manhã, atravessámos este rio. Era muito largo no sitio em que effeituámos a passagem: a agua chegava-nos á cintura.

Passado o rio, eu, o Manóva e o caçador de bufalos reunimos em conselho, afim de deliberar se deviamos andar pelo mato ou pelo caminho.

## O ENCONTRO COM DOIS BLANGELLAS

O caçador de bufalos era de opinião de marcharmos pelo caminho, em razão dos *blangellas* se acharem escondidos no mato; os quaes se nos encontrassem fóra d'elle haviam de suspeitar que iamos fugidos, e esta idéa provocal-os-ia mais depressa a roubar-nos, e a praticar muitos outros vexames. Em presença das acertadas reflexões do caçador, não hesitámos, partimos pelo caminho que costeava a serra, e fomos pernoitar a uma vertente do *Incómáte,* partindo d'ali no dia seguinte (1.º de julho) ás seis horas da manhã. Ás nove e meia chegámos a uma pequena povoação que tinha cinco palhotas apenas, e aonde encontrámos dois *blangellas*, que se prepararam para sair, logo que nos viram. A pressa que elles tinham de partir, fez-me desconfiar, que pretendiam ir avisar os seus

para nos assaltar no caminho. Sem consultar o Manóva e o caçador de bufalos, chamei os dois pretos, que já estavam de rodellas e azagaias nas mãos, promptos a marchar. Vieram todavia ao meu chamado, e sentaram-se no chão, fazendo-me um comprimento brusco, ao qual correspondi com modo affavel—*Landins*, disse-lhes eu, desejo fallar immediatamente ao vosso regulo; podeis conduzir-nos até ao logar onde elle está?

O Manóva ficou muito admirado e não pouco inquieto da minha inesperada resolução; porém o caçador de bufalos não mostrou a mais pequena mudança na inalteravel serenidade do seu rosto.

Os dois *blangellas* não ficaram menos surprehendidos que o Manóva. Passado um instante de silencio, o mais velho dos dois respondeu-me que o regulo estava muito distante d'ali, n'um logar proximo do *Incómáte.*

—Quando vos dispunheis agora a partir, não ieis para lá? perguntei-lhes eu.

—Não; respondeu o *blangella* mais velho. Nós estamos n'outra parte do mato, muito longe d'aquella em que se acha o regulo.

—N'esse caso dou uma *capelana* a um de vós para me conduzir até á residencia d'elle.

Os dois *blangellas*, depois de fallarem em voz baixa um com o outro, disseram que estavam promptos a conduzir-me á presença do regulo. Em vista da boa disposição dos pretos, tirei da condeça uma *capelana* de algodão branco, que entreguei ao mais velho, pedindo-lhe que esperasse algum tempo, em quanto os meus pretos almoçavam. A este tempo já estavam as-

sando carne, da qual repartiram com os *blangellas*, que foram familiarisando-se, desde que principiaram a saborear a carne. Perguntou-me então o Manóva, em portuguez, por que motivo queria eu fallar ao regulo.

Respondi-lhe que não precisava nem tinha nada que lhe fallar, mas que me parecera necessario imaginar alguma coisa para lhe dizer ou pedir. Manóva, accrescentei eu, quando aqui entrámos, estes *blangellas* preparavam-se para partir, sem nos dizer nada. Suspeitei, e creio que me não enganava, que elles tinham o ruim proposito de ir avisar os seus para nos assaltar no caminho. Desde que nos encontrámos com estes dois homens a nossa situação tornou-se perigosa, e pareceu-me que a salvação de todos dependia em obstar que elles se separassem de nós. Conseguir isto pelo meio da força podia ser a causa da nossa perdição; por isso empreguei o ardil de lhes mostrar grande desejo de fallar ao regulo, ao qual me lembrou pedir um homem para nos ensinar o caminho até á *Matólla*. Creio que esta lembrança deverá produzir bom effeito, por que o regulo, vendo que eu não levo fazendas comigo e movido pela ambição de um bom presente, tratar-nos-ha bem. Os grandes perigos vencem-se logo atravessando-os pelo lado que elles são mais fortes. É o que succede agora. O maior existe onde está o régulo, mas se elle nos tratar bem, ninguem ousará fazer-nos a mais pequena offensa.

O Manóva approvou completamente a minha lembrança, e communicando-a ao caçador de bufalos, este faz-me signal de a approvar tambem. A este tempo já

os *blangellas* estavam em amigavel discussão com o Macindana e o Maxotil.

Partimos, logo que acabaram de comer, com os dois *blangellas* na frente. Andámos cêrca de meia hora pelo caminho que abandonámos depois, inclinando sobre a esquerda, conforme a direcção que os *blangellas* nos iam mostrando. Marchámos pelo mato mais de duas horas e meia, descobrindo então, cêrca de um quarto de legua para a frente, muito fumo. Como os dois *blangellas* nos disseram que era ali onde estava o regulo, apressámos os passos e chegámos lá em dez minutos. Era um bosque todo de arvores de espinho, onde estava o regulo com uns quatrocentos pretos, que cortavam o arvoredo, a fim de fazer uma povoação. Um grande numero d'elles veiu logo ao nosso encontro. Olhavam para mim com muita insolencia, mas ao mesmo tempo denunciavam, contra sua vontade, um certo respeito, que o meu olhar franco e sereno lhes impunha.

O europeu exerce na raça preta, sem o saber, uma superioridade consideravel, que os negros muitas vezes se esforçam para vencer e não podem. Os *vatuas*, ou *zulos* e os *landins* são incontestavelmente os pretos mais valentes de toda a Africa; não obstante a sua força physica e moral, tive muitas vezes occasião de observar, quanto elles se acobardam sempre que o europeu lhes falla encolerisado. Toda a superioridade que este exerce sobre aquelles dimana do seu olhar incomparavelmente mais penetrante e significativo, que o da raça preta.

Os dois *blangellas* que nos conduziram foram logo

fallar com o regulo, e os curiosos, depois de me mirarem muito, disseram para mim — *Sá bónna miungo!* — (Adeus branco!)

Eu respondi-lhes — *E'b'o tinne* — (bem rapazes.)

Os *vatuas* exclamaram muito admirados — *Aó!... ó miungo columa chingóne!* — (Ah!... elle sabe a lingua vatua!) Desde este momento o ar brusco e insolente, que se notava n'elles, substituiu-se por maneiras risonhas e affaveis. Fizeram em seguida muitas perguntas a respeito da viagem. Outros conversavam amigavelmente com os caçadores, e ainda alguns fallavam com o cabo, que não lhes respondia por não saber nem a lingua *vatua* nem a *landina*.

Só passados quatro minutos, deram pela presença do caçador de bufalos, que todos elles conheciam perfeitamente. Apenas o viram todos exclamaram a um tempo — *Aó! aó! aó!... sabonna Julamite! sá bonna indonda! sá bonna mopissa incuio es'inhate!* — (Ah! ah! ah! adeus *Julamite*, homem valente! grande caçador de bufalos!)

O caçador agradeceu-lhes o comprimento risonhamente. N'este momento vieram os dois *blangellas* dizer-me, que podia ir fallar ao regulo.

Levantei-me e segui os dois pretos, acompanhado do Manóva, Macindana, Maxotil, e o caçador de bufalos. O regulo era um rapaz de vinte e seis annos. Estavam com elle tres pretos novos, e dois velhos. Depois de lhe dirigir os meus comprimentos, aos quaes elle correspondeu com maneiras attenciosas, disse-lhe assim — Vou contar-vos o motivo que me fez conduzir até vós — Venho da republica de Transvaal da povoa-

ção de Zoutpansberg com destino a Lourenço Marques. Chegado a *Voloi*, soube que as terras de *Cossa* estavam occupadas por uma guerra do *Mahuéoé*. Em virtude d'esta noticia resolvi tomar o caminho da serra do *Messuate*, que podemos alcançar com o auxilio de guias differentes. De todos o que nos prestou mais valioso serviço foi este; (designei o caçador de bufalos) porém elle, infelizmente, não sabe o caminho d'aqui para diante, circumstancia esta que me obrigou a procurar-vos, a fim de pedir-vos um homem para nos ensinar o caminho até ás terras da *Matolla*, e d'ali seguir para Lourenço Marques, onde eu poderei melhor agradecer-vos este favor, pois aqui só tenho esta fazenda para presentear-vos—O Manóvà entregou-lhe duas *capelanas*, que havia levado para este fim.

—*Melungo*, disse o regulo, sinto muito o incommodo, que tem tido, por ser constrangido a desviar-se do caminho; porém d'aqui para a *Matolla* não é já muito longe, são apenas cinco dias de marcha. O homem que me pede para ir comsigo está prompto a partir quando quizer.

O excellente acolhimento, que o regulo me fez, desvaneceu inteiramente todo o perigo com respeito aos *blangellas*. Como ao entrar do bosque senti o rincho de um cavallo-marinho, pedi-lhe um preto para ensinar-me o sitio onde elle estava. Em vez de um foram muitos.

O rio era alli muito fundo e sombrio, em razão do arvoredo espesso e collossal que havia de um e de outro lado.

O cavallo-marinho só deitou a cabeça de fóra pas-

sados tres minutos. Appareceu um pouco distante de nós para a parte de cima. Disse aos pretos que esperassem alli e fui eu só aproximar-me d'elle, entrando n'um logar entre o arvoredo, d'onde era facil fazer pontaria. O vento estava a meu favor, por que partia do cavallo-marinho para mim; por esta razão o animal não podia dar pela minha presença. Estes amphibios todas as vezes que deitam a cabeça fóra d'agua, apparecem com ella virada para a parte d'onde sae o vento; e esta circumstancia era-me muito vantajosa, por que o animal tinha de mostrar-me a nuca, que é o unico logar proprio para lhe atirar n'agua.

Sordiu duas vezes depois de eu estar sentado, sem que podesse atirar-lhe, por causa dos ramos das arvores que embaraçavam a pontaria; porém á terceira pude ajustal-o bem por entre um claro dos ramos, e disparei. Não vi bater a bala em parte alguma, e a cabeça d'elle ficou immovel, mergulhando depois muito devagar, signal evidente de que estava morto. O Manóva, que havia reparado bem quando dei o tiro, levantou-se logo e veiu a correr dar-me os parabens, por ter morto o monstro amphibio.

Passadas quasi duas horas appareceu o cadaver á tona d'agua. Os meus pretos lançaram-se logo ao rio, e com elles os *blangellas* que alli estavam. O caçador de bufalos foi o unico, que se deteve, por não saber nadar. Trouxeram o animal aos empurrões até o encalhar em terra, gastando n'este trabalho mais de meia hora. A este tempo já alli estava, creio eu, toda a gente que havia n'aquella parte com o regulo. Não eram menos de duas mil e quinhentas pessoas entre homens,

mulheres e creanças. Azagaias, facas e machados caíram inexoraveis sobre o colossal corpo do imperador dos rios. Foi necessario que o regulo, que tambem alli estava, mandasse collocar dois *gens d'armes* junto do cavallo-marinho, a fim de conter a ordem, pois que a grande multidão não o deixava desmanchar convenientemente aos que estavam incumbidos d'isso. Os dois policias fizeram bem o serviço de que o regulo os encarregou, distribuindo valentes cacetadas pelos imprudentes.

Era já sol posto quando acabaram de desmanchar o animal. Os meus pretos tiraram a carne sufficiente que calcularam poder carregar no dia seguinte, entregando-se ao regulo todo o resto, que elle repartiu pelos seus, reservando para si a melhor parte.

Fomos acampar no bosque, no qual os carregadores já tinham feito barracas para dormir. O regulo retirou para o logar onde estavam as mulheres; porém antes d'elle partir, pedi-lhe que mandasse cedo o homem, que devia ir ensinar-nos o caminho. Elle prometteu enviar-m'o antes de nascer o sol. Mandou-me depois por uma mulher, acompanhada de um secretario, uma enorme panella cheia de *ubsua* (papas de farinha de milho cozido) que eu muito lhe agradeci, e da qual tambem comi.

Passava já das nove horas da noite quando acabei de ceiar. Segundo o costume fui conversar com os caçadores, com os quaes o valente *Julamite* estava arranchado. Apenas me sentei disse para o Manóva
—Então que te parece, não foi boa a minha lembrança de vir fallar ao regulo?

—Quando chegámos á pequena povoação em que encontrámos os dois *blangellas*, respondeu o Manóva, e que o senhor lhes pediu para lhe ensinarem onde estava o regulo, o *Julamite* disse para mim — o melungo não podia ter melhor lembrança.

— É verdade Manóva, mas a de lhe pedir um homem para nos ensinar o caminho, ainda foi mais a proposito. Aqui onde estamos não precisavamos do auxilio de ninguem, porém a lembrança do pedido do homem distraiu inteiramente o regulo de qualquer idéa má que elle tivesse contra nós, por que outro pensamento mais importante o dominou; e era a promessa que lhe fiz de retribuir generosamente o serviço que nos prestasse. A nossa fortuna, Manóva, dependeu de encontrarmos os dois *blangellas* na povoação e conseguir que elles viessem mostrar-nos o regulo; se porventura nos tivessem visto de longe, teriam logo corrido a avisar os seus para nos assaltar no caminho.

—É muito certo isso que o senhor diz. A sua esperta lembrança fez annullar o perigo inteiramente. Agora só temos a temer o encontro com as embaixadas do *Mahuéoé* e do *Messuate;* as quaes, segundo os *blangellas* disseram ao Macindana, devem atravessar o caminho ámanhã ou depois; porém o *Julamite* já me disse que podiamos estar descançados a este respeito, por que elle, quando chegarmos a um quarto de legua do caminho, ha de ir espiar uma legua de distancia para o lado do *Messuate*, e no caso de não descobrir ninguem, corre logo a avisar-nos para atravessarmos o caminho immediatamente.

Deitei-me ás onze horas da noite e acordei ás cinco. Pouco depois chegaram dois *blangellas*, enviados pelo regulo para nos ensinar o caminho.

## A MARCHA PELA SERRA DO MESSUATE

Partimos ás seis horas. Depois de uma hora de marcha começámos a subir a serra do *Messuate*. Era um caminho pessimo, todo cheio de seixos soltos. Andámos constantemente pela serra, ora subindo ora descendo até ás cinco e meia da tarde. Acampámos proximo de um ribeiro, por onde corria agua deliciosa por cima de seixinhos. Dormimos todos debaixo de uma grande arvore. Partimos d'aqui ás seis horas da manhã (dia 4) e ás duas da tarde chegámos a um quarto de legua do caminho que ia do *Messuate* para o *Mahuéoé*. Parámos alli, em quanto o caçador de bufalos foi espiar para o lado do *Messuate*. Regressou ás tres e meia, declarando que podiamos marchar sem receio nenhum, por que os *vatuas* haviam já passado n'aquelle mesmo dia. Partimos immediatamente. Ao atravessar o caminho observámos o rasto de muita gente. Andámos constantemente até ás cinco e meia, acampando n'um logar em que havia muito arvoredo.

Partimos ás seis e meia (dia 5).

## TODOS OS PRETOS SE ALEGRAM COM A PERSPECTIVA DAS MONTANHAS DE LEBOMBO

Ás nove horas descobrimos ao longe a serra de *Lebombo.* A alegria desenhou-se em todos os rostos. Era pouco mais de um dia de caminho a distancia d'ali para Lourenço Marques. Ás duas horas da tarde entrámos n'um extensissimo campo, e ás seis acampámos proximo de um caniçal, por entre o qual corria abundancia de agua. N'esta noite os pretos comeram o resto da carne do cavallo-marinho. Estavamos felizmente n'um sitio onde havia immensa caça diversa: não era necessario muito trabalho para matar qualquer animal, porque em marcha viamos a caça de um e d'outro lado do campo.

Partimos no dia 6 ás cinco e meia da manhã. Ás oito parámos para fazer a caça a quatro animaes, que appareciam perto de nós á esquerda: fui eu só atirar-lhes. Chegado a cêrca de oitenta metros d'elles, encostei os canos da arma a uma pequena arvore, e fiz com o auxilio d'ella pontaria a um e disparei; todos os animaes fugiram, porém aquelle a que atirei andou apenas dez ou doze passos e caiu. Alguns pretos correram logo sobre elle, mas quando lá chegaram encontraram-o morto.

Não tinha visto ainda esta qualidade de animaes, aos quaes os *landins* chamam *Chipalapala.* Observado de longe parece um boi; e effectivamente os chifres eram exactamente como os d'este animal. O cabello da pelle era de côr de castanha e curto como o dos

bois. Tinha crina á similhança dos cavallos, porém mais curta. O focinho e as patas eram como os do veado. Distribuiu-se a carne pelos carregadores e partimos.

Ás onze horas parámos proximo de um ribeiro, aonde os pretos fizeram fogo para assar carne. Tambem comi um pedaço, cujo sabôr achei muito inferior ao da carne de bufalo.

Continuámos a marcha á uma hora da tarde, e ás seis acampámos nas abas da serra de *Lebombo*, aonde corria agua em grande abundancia. Os pretos passaram quasi toda a noite a cantar. Parecia que lhes chegava já aos ouvidos o ecco das expressões cheias de affecto do pae, da mãe, da esposa e dos filhinhos. Commoveu-me muitissimo esta lembrança, que era a verdadeira traducção do contentamento e da alegria, que elles manifestavam.

Tambem eu estava satisfeito com a approximação de Lourenço Marques por me considerar salvo dos perigos que atravessei; porém a alegria dos pretos fez nascer em meu peito uma pungentissima saudade de minha terra! Elles estavam contentes e alegres, porque em breve iam ser recompensados dos perigos que atravessaram comigo, com mil afagos e affectos sinceros d'aquelles que os amavam! Mas eu! Quem tinha em Lourenço Marques que me dissesse uma palavra estremecida de affecto, que me fizesse palpitar o coração de agradecido? Ninguem!... Contava apenas com as boas vindas banaes dos habitantes da povoação!... Extremamente commovido, disse comigo mesmo... cala-te coração! tende animo! Se não tens

n'aquella terra de quem ouvir uma palavra de ternura e de sincero affecto, encontrarás n'ella ao menos a esperança de mais facilmente volveres um dia á tua querida patria, e tornares a ver aquelles que se interessam verdadeiramente por ti!

Não fui conversar n'esta noite com os caçadores. Deitei-me com o coração cheio de dôr e acordei ás cinco horas da manhã com o pensamento na minha terra! Levantei-me logo e preparei-me; depois tomei café com o cabo.

Partimos ás seis horas da manhã (dia 7). Ás sete começámos a ascenção da serra, que era n'aquelle sitio muito ingreme, cerca de quatrocentos metros de extensão; depois a subida era doce. Ás seis horas chegámos á primeira povoação da *Matolla*, onde os pretos entraram cantando.

No dia seguinte (8) partimos ás seis e meia da manhã, e chegámos á povoação da rainha regente ás cinco e meia da tarde. D'ali via-se o rio de Lourenço Marques e o sitio da povoação. Encontrámos a rainha com uma formidavel bebedeira de aguardente, porém os secretarios apromptaram-nos logo palhotas, trazendo-me depois um bello cabrito, um *cherundo* de feijão, outro de arroz e dois com batatas doces.

Nenhum dos meus pretos era da *Matolla*, porém alguns encontraram lá parentes. Tanto caçadores como carregadores passaram toda a noite a cantar e a dançar, sendo acompanhados n'este divertimento pelos rapazes e raparigas da povoação. Partimos no dia seguinte ás sete horas, e chegámos finalmente a Lourenço Marques ás nove e meia da manhã do dia 9 de julho

de 1861; tendo gasto no regresso da viagem trinta dias.

Passadas duas horas da minha chegada apresentaram-se-me quasi todos os caçadores, que eu havia expedido da praça do sr. Albazini. O Montanhana e o Tunguene tambem compareceram.

N'este dia despedi os dois *blangellas*, que não foram mal remunerados do serviço que me prestaram e de que eu não precisava. Quatro peças de fazenda e duas garrafas de aguardente para o regulo e uma peça a cada um dos dois.

O caçador de bufalos foi despedido passados tres dias, dando-lhe vinte e cinco enxadas, e dez peças de fazenda sortida, com que ficou extremamente satisfeito.

N'outro livro, que tenciono escrever em seguida a este, será o seu assumpto uma viagem á caça dos elephantes que fiz em 1864 no sertão d'entre Sofála e Inhambane, e a descripção de varios acontecimentos da grande guerra do *Mozila* contra o *Mahuéoé*, a qual durou quatro annos.

FIM.

## LIVRO SEGUNDO